

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE SI, APRENDIZAGENS E REFLEXÕES DE PROFESSORES E GESTORES DA EJA INTEGRADA À EPT

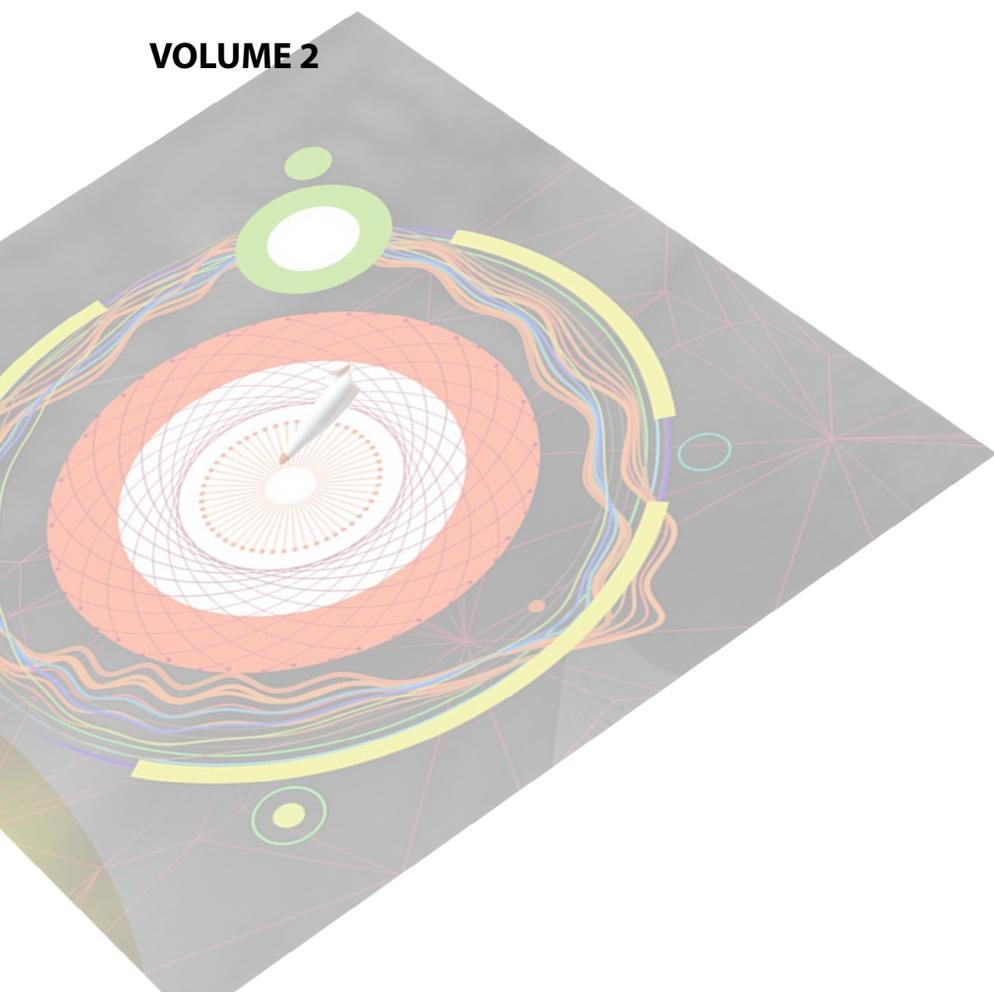
VOLUME II

Maria Adilina Freire Jerônimo Andrade,
Ivoneide Bezerra de A. Santos-Marques,
Patrícia Carla de Macêdo Chagas,
José Roberto Oliveira Santos,
Otávio Augusto de Araújo Tavares.
(Orgs.)

MEMORIAL DE FORMAÇÃO:

NARRATIVAS DE SI, APRENDIZAGENS
E REFLEXÕES DE PROFESSORES E
GESTORES DA EJA INTEGRADA À EPT

VOLUME 2



MEMORIAL DE FORMAÇÃO: NARRATIVAS DE SI, APRENDIZAGENS E REFLEXÕES DE PROFESSORES E GESTORES DA EJA INTEGRADA À EPT

VOLUME 2

Maria Adilina Freire Jerônimo Andrade
Ivoneide Bezerra de A. Santos-Marques
Patrícia Carla de Macêdo Chagas
José Roberto Oliveira Santos
Otávio Augusto de Araújo Tavares (Orgs.)

 editora
CAULE DE PAPIRO®

Natal, 2024

©2024. Maria Adilina Freire Jerônimo Andrade, Ivoneide Bezerra de A. Santos-Marques, Patrícia Carla de Macêdo Chagas, José Roberto Oliveira Santos e Otávio Augusto de Araújo Tavares (Orgs.). Reservam-se os direitos e responsabilidades do conteúdo desta edição aos autores. A reprodução de pequenos trechos desta publicação pode ser realizada por qualquer meio, sem a prévia autorização dos autores, desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Revisão	<i>Ricardo Alexandre de Andrade Macedo</i>
Capa	<i>José Marinho</i>
Projeto Gráfico e Diagramação	<i>Caule de Papiro</i>

Catálogo da Publicação na Fonte.
Bibliotecária/Documentarista:
Rosa Milena dos Santos - CRB 15/847

A554m Andrade, Maria Adilina Freire Jerônimo.

Memorial de formação: narrativas de si, aprendizagens e reflexões de professores e gestores da EJA integrada à EPT [recurso eletrônico] / Maria Adilina Freire Jerônimo Andrade et al. [...] (Orgs.). – Natal/RN: Caule de Papiro, 2024.

2 v. 380 p. : il.

ISBN - 978-65-5477-064-4

1. Formação de professores. 2. Educação. 3. Professor – formação contínua. I. Marques, Ivoneide Bezerra Santos. II. Chagas, Patrícia Carla de Macêdo. III. Santos, José Roberto Oliveira. IV. Tavares, Otávio. VI. Título.

CDU 371.13

Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidio como o próprio tempo.

(JOSÉ SARAMAGO)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
-------------------	----

CAPÍTULO 1

FIO NA AGULHA, AGULHA NO FIO: SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM “EU” PROFESSOR.....	14
---	-----------

NILTON CÉSAR FERREIRA

CAPÍTULO 2

AS MEMÓRIAS DA MENINA QUE SONHAVA À ATUAÇÃO DA EDUCADORA QUE ACREDITA.....	45
---	-----------

VANIA MARQUESINI

CAPÍTULO 3

MEMÓRIAS FORMATIVAS DE UM PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, PRETO E DO CAMPO: O ENTRELAÇAR ENTRE OS SEUS PERCURSOS PESSOAIS, ACADÊMICOS E PROFISSIONAIS.....	69
--	-----------

EVANDRO RIBEIRO BISPO

CAPÍTULO 4

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA.....	98
--	-----------

TALITA SANTANA DE MOURA

CAPÍTULO 5

MEMORIAL DE FORMAÇÃO.....	117
----------------------------------	------------

ROSE CRISTINA BIZERRA TORRES

CAPÍTULO 6

FORMAÇÃO, INFORMAÇÃO E VIVÊNCIAS: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA 136

PAULO DE OLIVEIRA NASCIMENTO

CAPÍTULO 7

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: EXPERIÊNCIAS PARA TODA VIDA..... 161

MARIA DA LUZ DE CASTRO

CAPÍTULO 8

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE SABERES TEÓRICOS E PRÁTICOS 179

LUIZ CARLOS DA COSTA SILVA JÚNIOR

CAPÍTULO 9

TRILHANDO O CAMINHO DO SABER 206

ELINEIDE CLÍMACO DUARTE ARAÚJO

CAPÍTULO 10

REVISITANDO-ME: ITINERÁRIO FORMATIVO DE UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....229

EDUARDO DOS SANTOS DE OLIVEIRA BRAGA

CAPÍTULO 11

(RE) MEMORAR: A AVENTURA DE VIVER NOVAMENTE253

ALTEMAR DOUGLAS BEZERRA DE AZEVEDO SILVA

CAPÍTULO 12

MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA DE UMA PEDAGOGA272

ANNE MICHELINE CAVALCANTI DO RÊGO DUTRA

CAPÍTULO 13

**IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE EM FORMAÇÃO: RESSIGNIFICANDO
POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA À EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS 299**

ANTONIO ALEX DAYSON TOMAZ

CAPÍTULO 14

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS INTEGRADA À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL 319**

HYLLO NADER DE ARAÚJO SALLES

CAPÍTULO 15

**PORTÃO DOS SONHOS: UM MEMORIAL SIMBÓLICO DA MINHA TRAJETÓRIA
ACADÊMICA 337**

JERRY ADRIANE DA SILVA BEZERRA

CAPÍTULO 16

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS SOBRE A TRAJETÓRIA
IDENTITÁRIA DE UM DOCENTE EM CONSTANTE FORMAÇÃO 358**

WENDELL PENHA SIMÕES MACHADO

SOBRE OS ORGANIZADORES 379

APRESENTAÇÃO

Este livro é um sonho materializado, resultado de uma proposta formativa bastante desafiadora para todos nós do Campus Avançado Natal - Zona Leste do IFRN onde nela atuamos.

Livro que é o produto de um projeto idealizado pelo nosso saudoso diretor geral do Campus Zona Leste do IFRN, na época, ainda chamado Campus EaD. No ano de 2018, sementes foram plantadas, para que germinasse um processo de formação continuada que apontava no horizonte. Os fios da nossa memória profissional e afetiva tecem recordações de Aleksandro Paulino de Oliveira (*in memoriam*) entusiasmado, conversando com seu jeito pedagógico tão peculiar de ser, sobre um curso de especialização que acabara de ser pactuado com nosso campus na área de Educação de Jovens e Adultos/PROEJA, com foco em práticas assertivas para dois itinerários de formação, didática e gestão, a ser ofertado pelo IFRN.

No jorro de ideias, em busca de informações para o planejamento, considerando a viabilidade logística para uma oferta de ensino robusta, uma certeza: o campus atendia às exigências e poderia assumir essa experiência pioneira de ofertar, em rede, um curso na modalidade de Educação a Distância, no qual teríamos matriculados mil e quinhentos alunos, distribuídos em 26 polos espalhados de norte a sul do país. Chegando ao término dessa

experiência, podemos afirmar que esse foi de fato um grande desafio por tanta heterogeneidade: conhecimentos, mentes, espaços, regiões, sotaques, saberes, experiências, metodologias, práticas pedagógicas e tantas coisas mais que se emaranharam num movimento formativo dinâmico tal qual as mandalas coloridas assumidas como símbolos do curso. Desde sua origem e concepção, o projeto nasceu de uma força coletiva guiada pelo desejo de contribuir para a melhoria da Educação de Jovens e Adultos de nosso país, contribuindo com a formação continuada de docentes e gestores que atuam nessa modalidade.

Neste livro, apresentamos uma amostra da produção de memoriais de formação escritos por estudantes do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A obra está organizada nos volumes I e II, de modo a contemplar trabalhos escritos nas duas turmas ofertadas no curso, o qual formou 1.487 alunos no período de 2019 a 2022. Neste primeiro volume, temos dezessete trabalhos selecionados por uma banca para ilustrar o que dizem os cursistas acerca de sua formação acadêmica.

Da escrita de si dos profissionais formados pelo curso emergem, a partir de suas memórias, reflexões nas quais podemos observar que sentidos foram atribuídos àquilo que se tornou formador para eles durante o processo de ensino e aprendizagem ao longo do curso. Mais do que isso os memoriais de formação aqui apresentados mostram um tanto de registros das histórias de vida dos cursistas naquilo que diz respeito à sua vida pessoal, escolar, acadêmica e profissional. Pela voz dos produtores desses memoriais o leitor pode resgatar itinerários por eles seguidos e compreender um pouco de seus processos educativos. Podem também recuperar

em suas narrativas aspectos sócio-históricos, culturais e políticos que envolvem a educação brasileira.

Esta obra destina-se a estudantes, educadores, formadores de professores e pesquisadores que atuam na esfera acadêmica, em processo de formação inicial e continuada, contribuindo para orientar a escrita de outros memoriais de formação, gênero discursivo cada vez mais presente no cotidiano desses agentes que atuam nessa esfera social, na medida em que podem, em linhas gerais, ilustrar como se organiza a escrita desse gênero no processo de desenvolvimento do TCC, o que justifica a relevância desta obra.

É oportuno esclarecer que este trabalho não se propõe a teorizar sobre o memorial de formação e a escrita autobiográfica dos estudantes que produziram os memoriais aqui apresentados. Não temos aqui a pretensão de analisar a escrita dos cursistas nem pormenorizar, meticulosamente, o processo de formação desenvolvido. O propósito principal deste primeiro livro é dar a conhecer o que foi realizado, dando voz aos cursistas, sujeitos ativos nesse processo, agentes que se (trans)formaram, no próprio processo formativo, e aqui registram o que de mais singular e subjetivo ficou registrado em sua memória afetiva e profissional, acerca dos saberes construídos nas experiências de formação do curso, considerando possibilidades de que isso possa se reverberar na sua atuação profissional quer seja na condição de docente ou de gestor vinculado à Educação de Jovens e Adultos e à Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Compreendendo que, para navegar no mar do passado, teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, fazemos um convite ao leitor: navegar no mar das memórias de formação de nossos cursistas e conhecer um pouco da experiência aqui partilhada e registrada, graças à memória pessoal de cada um

deles, que conservou as memórias de suas rotas, como disse José Saramago na epígrafe apresentada. Que tal conhecer um pouco daquilo que realizamos nesse curso?

Por ter sido ofertado em um tempo difícil vivido pela humanidade, atingida inesperadamente pela pandemia da COVID-19, consideramos ter sido um grande desafio para o IFRN essa oferta, já que se tornou pioneira na implementação de um curso em nível especialização, ofertado em rede, com tanta gente de diferentes partes do país e, conseqüentemente, com tanta heterogeneidade da qual resultou uma riqueza de saberes construídos com essa rica e valiosa experiência. Tudo isso justifica a relevância desta obra que entregamos a você, caro leitor.

Os organizadores

FIO NA AGULHA, AGULHA NO FIO: SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM “EU” PROFESSOR

NILTON CÉSAR FERREIRA

Orientadora: Profa. Me. Rochele Kalini de Melo

“Há um livro em cada um de nós”, dizem. E talvez daí eu tenha querido expulsar de mim um livro que eu escreveria se para isso talento eu tivesse, e mais a perseverança” (Lispector, ano, página).

Dar início ao processo de escrita de um memorial de formação é muito mais que uma etapa de reflexão, de pura produção acadêmica. Pois ele permite narrar, dialogar, contar, falar do sujeito histórico, poder expressar-se francamente sobre si, dando sustentação e credibilidade na correspondência entre o que diz e o que vive, como se escrevesse um livro de recordações abordando a vida escolar, acadêmica e profissional. Nas palavras de Neves e Salgado (2012), a prática da *parresia*, em uma perspectiva foucaultiana, é uma possibilidade de o sujeito falar de sua verdade e, ao falar sobre o cuidado de si, assumir a coragem da verdade e o risco de dizer a verdade que pensa. E não só! É também a coragem do

interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade que ouve (Foucault, 2011, p. 13). Nesse sentido, o falar de si demanda grande responsabilidade, que perpassa pelo conhecimento de leitura da palavra enquanto leitor e escritor de uma verdade que só pode ser dita sob a condição da abertura sincera do coração, de uma palavra que se torna dona do “eu”.

Não basta, porém, enunciar apenas uma forma de verdade (Foucault, 2011). É necessário que o que se enuncia seja aceito como verdade pelos interlocutores. Falar de si traz sempre o risco da significação, os efeitos que se produzem com essa verdade. Segundo Reinhardt (2016, p. 46), nesse sentido, “a *parresia* é a coragem de independente das circunstâncias e consequências, dizer a verdade ao outro e assim interpelar ao cultivo de si”. É a partir da posição de professor-aluno que o “eu” se constitui no presente memorial formativo. E ao me perceber constituído como tal, é que me vejo diante da experiência de me transformar para “prestar contas de mim mesmo” (Butler, 2005), o que envolve, assim, interpelar o meu leitor/ouvinte retransmitindo a percepção sobre a minha própria trajetória. Eis a razão pela qual é árdua a tarefa de falar de si, pois deve o sujeito suportar esse peso da significação.

Nesse sentido, proponho-me a produzir, no presente memorial formativo, um resgate histórico da minha trajetória estudantil, acadêmica e profissional dialogando com teóricos como Bakhtin (1992, 2000), Foucault (1988, 2011), Orlandi (2000, 2009), dentre outros. Além disso, procuro destacar os estudos que contribuem de modo significativo para a construção da minha identidade profissional, para que futuramente possa responder aos desafios postos pela educação nacional. Procuro também contribuir, como professor vinculado à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, com práticas de leitura e escrita que assegurem a formação da identidade

do sujeito, lembrando que, antes de ousarmos mudar a realidade dos alunos, é preciso que nós, docentes, mudemos a nós mesmos.

Nessa perspectiva, registro no presente memorial de formação as contribuições que o curso de especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA, mais especificamente ao itinerário formativo de Didática, proporcionou para a minha prática como mediador no processo de ensino e aprendizagem no ensino médio, na cidade de Álvares Machado, no interior de São Paulo, onde atuando com o ensino de Língua Portuguesa. Sendo assim, é preciso esclarecer que, no presente trabalho, busco narrar os aspectos da experiência de formação, analisando a importância de trabalhar com um gesto de leitura, onde o político e o simbólico se confrontam. Por esse tipo de estudo, segundo Orlandi (2000, p. 15), “se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se”.

Com base nisso, o presente memorial de formação consiste em uma oportunidade fecunda para verificarmos as percepções de um sujeito professor-aluno sobre a sua própria história. Para tanto, o trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro, faço uma breve apresentação, enfatizando a minha formação acadêmica e profissional; no segundo, destaco a minha experiência formativa no curso de especialização, analisando de forma crítica e reflexiva as contribuições dos conteúdos estudados ao longo do referido curso para a melhoria da minha prática profissional; e, por último, apresento os principais resultados depreendidos das reflexões feitas acerca do processo de formação viabilizado pelo curso de especialização.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

O memorial, segundo Arcoverde (2007), consiste em “um gênero textual rico e dinâmico que se insere na “ordem do relatar”, isto é, gênero que relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas”. Pensando o memorial como um gênero de relato, neste sentido, é possível afirmarmos que ele proporciona afirmações identitárias:

[...] memorial pode ser considerado, ainda, como **um gênero que oportuniza as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória.** É uma espécie de “diário”, **no qual você pode escrever suas vivências e reflexões.** É também um gênero que pode ser usado **para que você marque o percurso de sua prática, enquanto estudante ou profissional, refletindo sobre vários momentos dos “eventos” dos quais você participa e ainda sobre sua própria ação.** (ARCOVERDE; ARCOVERDE, 2007, p. 2, grifos meus)

Iniciar meu trabalho de escrita custou-me horas de pensamento acelerado, ações descontínuas e frases isoladas. A escrita é um ato difícil. Fatos vividos, diz Orlandi (2000, p. 68), “reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, [...] produzindo gestos de interpretação”. Porém mais do que nos movendo na história, “nadamos no passado como o peixe na água, e não podemos fugir disso” (Hobsbawm, 1998, p. 35). Falar sobre mim é dar vida novamente ao vivido, é revelar-me como sujeito capaz de significar a minha própria história. À medida que recordo, dou vida a outro ser no momento em que me observo de fora e atualizo minhas lembranças de outrora. Entra em cena, nesse instante, um “eu” que narra sob outro olhar a trajetória acadêmica

e profissional, nas palavras de Bakhtin (2000, p. 12), “momento em que eu me torno um outro da minha própria história”.

Meu nome é Nilton César Ferreira, tenho 37 anos de idade, sou professor de educação básica, doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, natural de Presidente Prudente, no estado de São Paulo. Vim de uma família evangélica, fui criado em uma igreja evangélica do ramo pentecostal. Vale a pena ressaltar também que eu vim de uma família de educadores, por parte de mãe. Tive uma educação bastante rígida. Em 1997, ingressei no curso de Teologia e o concluí, finalmente, em 2001. Quis compreender mais sobre a fé da minha família, sobre a Bíblia, sobre as práticas religiosas. O mais importante é que eu me encontrei na língua hebraica, na exegese e na hermenêutica dos textos sagrados. Nessa época, eu era professor de escola bíblica dominical, na igreja que a minha família frequentava. Exerci essa atividade bem uns 10 ou 12 anos. Acredito, dessa forma, que a sede de conhecimento já estava incutida em mim de algum modo.

Certa vez, durante o ensino médio, um professor de língua portuguesa, de nome Marcos, enquanto os alunos não estavam nem aí para as atividades propostas, aproveitou para me dar uma aula sobre filologia românica. Nisso, o professor comentou acerca dos objetivos da Faculdade de Letras, estabelecendo uma relação entre esta e o curso de Teologia. Achei fantástica a explicação do professor. Nessa época, eu estava cursando o 3.º ano do ensino médio, na Escola Estadual Monsenhor Sarrion. Acredito que foi essa aula que me direcionou para a Faculdade de Letras. Não apenas, claro, pois, como já mencionei, vim de uma família de educadores, por parte de minha mãe. Vale a pena dizer, então, que o gosto pelos livros, pela leitura, pela escrita e pelo próprio processo de ensino/aprendizagem já estava falando muito alto em mim.

Em 2004, ingressei na Faculdade de Letras, precisamente em uma instituição denominada União das Instituições de Ensino Superior de São Paulo - UNIESP, na cidade de Presidente Prudente, no interior paulista. O meu primeiro contato com a corrente linguística, que ainda hoje trabalho na pós-graduação, ocorreu nessa época. Quando o Centro Universitário migrou para o novo campus, eu ia para a faculdade de ônibus e voltava caminhando para casa. Era, em média, uma hora e meia de caminhada. Quantas vezes fiquei sem dinheiro para comprar algo para comer, estudando o dia inteiro na biblioteca da faculdade. Mas, eu dava muito valor aos meus estudos. Até então, era um privilégio para pobres ingressarem em um curso acadêmico. Graças às políticas públicas desenvolvidas pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006), consegui ingressar em uma faculdade e agarrei a chance oferecida.

Além do desejo de ser professor que me movia, durante os tempos da graduação havia também o anseio por uma garantia no mercado de trabalho, ser independente financeiramente era também um sonho. Segundo Bzuneck e Boruchovitch (2001):

alunos oriundos das classes menos favorecidas da sociedade sofrem de desmotivação, por conhecerem de perto as mazelas sociais, outros sentem na pele os efeitos nocivos da mesma, como: o desemprego, a discriminação social, a falta de assistência médica, a fome, dentre outros fatores. (Bzuneck; Boruchovitch, 2001, p. 13, grifos meus)

Em 2007, peguei as minhas primeiras aulas de substituição na Escola Estadual Marietta Ferraz de Assumpção. Não obstante, eu recebia apenas pelo dia trabalhado, a pontuação era menor, devido a essas aulas serem atribuídas na própria escola. Mais tarde, consegui algumas aulas de substituição na Escola Estadual Arruda Mello. Havia um professor de língua inglesa que faltava muito, o

professor Abdalla, e a escola pediu para que eu substituísse esse professor. Praticamente, eu assumi as aulas desse professor, mas como substituto. Nessa época, eu ficava o dia inteiro na escola e ganhava um salário muito reduzido, apenas pelas aulas dadas. Em 2008, eu me formei na Faculdade de Letras, defendi a minha monografia, em que analisei o funcionamento do discurso religioso cristão, sobretudo pentecostal e católico, observando quais sentidos estão presentes nesses discursos.

Nesse período, eu acabei saindo da igreja dos meus pais, com ajuda da pessoa com que eu me relacionava. Vale esclarecer que o sistema religioso cristão-pentecostal — não sei hoje, talvez tenha mudado —, na época, não via com bons olhos quem gostava de estudar. Todos os meus amigos que estudavam eram vistos como inimigos em potencial da comunidade religiosa. Não seria diferente comigo, pois eu era líder de jovens. Não era bem visto quem faltasse aos cultos semanais, imagine quando se tratava de uma liderança da comunidade religiosa. Acabei saindo da igreja, como tantos outros amigos, para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos. Acredito que essa foi a melhor decisão que tomei. Já não me encontrava mais em uma religião na qual se valorizava o assistencialismo, mas sendo este um pressuposto para se promoverem certas práticas pautadas no radicalismo religioso, na misoginia, no machismo, na homofobia, no classismo e, de sobremodo, no discurso de extrema-direita.

Neste momento de resgate de memórias, percebo a importância das relações humanas para o crescimento e, conseqüentemente, o desenvolvimento do ser humano. A partir das minhas relações com o meio e com o outro, fui concomitantemente me transformando, deslocando, reavaliando a minha visão de mundo, trabalhando a minha desconstrução, o meu desenvolvimento e me constituindo

como um sujeito capaz de (re)significar o mundo e de (re)significar a realidade por mim vivenciada. Tendo como base esse pensamento, Lima (1997) leciona que:

A história humana, a história de vida e a história da sociedade se constituem e se desenvolvem na dinâmica das relações sociais. Este fato é fundamental para se compreender que a organização da sociedade, a existência de classes sociais, **os papéis da educação estão implicados nas formas que as relações sociais vão assumindo pela ação prática concreta dos homens** (Lima, 1997, p. 117, grifos meus).

Hoje, quando colegas me perguntam se consigo tirar algo de bom da minha época de evangélico, depois de tudo o que sofri, do controle social que vivenciei, da minha luta para continuar os meus estudos, digo que o único proveito foi o de ter cultivado o hábito de leitura e que a religião pentecostal me serviu como objeto de pesquisa. Vale dizer que em uma igreja evangélica a leitura é controlada, os sentidos do texto são estancados. A leitura de textos não religiosos era da ordem do “impróprio”. O discurso religioso, nesse sentido, como diz Orlandi (2009, p. 240), é um tipo de discurso autoritário, pois “se caracteriza pela polissemia contida, estancada”. E eu sempre quis mais, nunca me contentei com pouco. Eu não tinha como permanecer em uma religião que silenciava o pensamento crítico. Mais tarde, descobri outras pessoas que tiveram experiências semelhantes às minhas. Vincent Van Gogh, segundo a história, era filho de pastor protestante, até tentou ser pregador, para agradar o pai. Graças a Deus, Van Gogh não se tornou pastor, seguindo, assim, o seu “próprio caminho”.

Em 2009, durante o governo de José Serra, em São Paulo, foram implementadas as provas para o processo seletivo simplificado de professores de educação básica, PEB-II. Graças a essas provas,

consegui as minhas primeiras aulas atribuídas e livres. Até então, para as atribuições, levavam em conta apenas o tempo de serviço. Assim, era muito difícil para um professor recém-formado e, dessa forma, sem pontuação suficiente conseguir pegar aulas livres na Diretoria de Ensino. Havia vantagens apenas os professores com mais tempo de serviço. Com as provas, a minha pontuação mudou drasticamente, bem como a contraprestação paga pelo estado. Passei a receber não apenas pelas aulas dadas, mas também pelos fins de semana e feriados. Até chegar aqui, sofri muito. Mas, agora, as coisas começaram a melhorar.

Em 2013, ingressei-me na Faculdade de Direito, no Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente - CUAETPP, em Presidente Prudente, no interior paulista. Nessa época, conheci, durante as aulas de Sociologia Jurídica, o professor José Artur Teixeira Gonçalves, doutor em História pela Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, campus de Assis, em São Paulo. Descobri que o professor tinha um grupo de estudos e uma linha de pesquisa em que combinava temas sobre direito e religião. Como eu havia defendido a minha monografia, em tempos de Letras, sobre a temática religiosa, de sobremodo analisando essa temática segundo os princípios teórico-metodológicos da Análise do Discurso de orientação francesa, recebi o convite para escrever um artigo em conjunto com Gonçalves (2014), analisando os discursos produzidos durante uma audiência para a Comissão Parlamentar de Inquérito acerca do Sistema Carcerário, em 2009, em que um pastor evangélico defendia a conversão religiosa como a forma mais eficaz para a ressocialização de sujeitos cuja trajetória está ligada ao sistema penitenciário. Por fim, esse pastor foi condenado e cumpre pena, sob a acusação de envolvimento com as milícias e de abuso sexual de mulheres. Mas, lembro que submeti o artigo a

uma revista de Letras, e o trabalho foi bem avaliado, pois combinava conceitos da Teoria do Discurso, do Direito e da temática religiosa.

Em 2017, ingressei no mestrado em Letras, na Universidade Estadual do Oeste do

Paraná - UNIOESTE, no campus de Cascavel, estado do Paraná. Publiquei um artigo junto com Ferrari (2017), analisando o discurso humorístico e sua relação com o inconsciente, e como o humor pode ser o lugar do outro/Outro. O trabalho foi bem aceito. Nesse período, fui convocado a assumir um concurso de professores, que prestei em 2013, mas, na ocasião, precisei declinar, pois estava cursando a pós-graduação em outro estado. Em 2019, enfim, defendi a minha dissertação de mestrado, em que analisei o discurso de mulheres cujas vivências foram atravessadas pela prostituição e que atribuíam o egresso dessa à experiência de conversão religiosa. Assim, a temática religiosa tem me servido como material de análise. Mais tarde, retornei para o interior paulista. Em 2019, voltei a lecionar na rede estadual de educação. Trabalhei na Escola Estadual Teófilo Gonzaga da Santa Cruz, no bairro Humberto Salvador, na cidade de Presidente Prudente. Desenvolvi um trabalho de leitura com os alunos. Tive o suporte da gestão escolar. Mas, não foi fácil, como a comunidade é bastante religiosa, os alunos demonstraram, em um primeiro momento, uma resistência, quando o assunto era sobre a diversidade sexual, étnica, etc. Nesse sentido, senti a necessidade de trazer a comunidade para dentro da escola, procurei conquistar mais os meus alunos. Eu havia saído há pouco do meio acadêmico e descobri que o público não era o mesmo com o qual eu estava acostumado no espaço acadêmico. Passei a envolver os demais professores em um trabalho interdisciplinar, organizar palestras com os colegas de diferentes áreas e debates entre os alunos, envolver mais os

discentes, a ouvi-los mais e a considerar o modo como eles concebem o mundo e a realidade em que vivem. Só então ganhei mais espaço, conquistando o respeito da comunidade e dos colegas. E, assim, o meu trabalho foi gerando resultados. Em 2020, trabalhei na Escola Estadual Fernando Costa, situada na região central da cidade de Presidente Prudente. Na semana que antecedeu o decreto em favor da quarentena, eu perdi praticamente todas as minhas aulas, exceto por uma sala do Projeto Vence. Quando o governador João Dória determinou a quarentena, percebi por um momento a gravidade da situação. Nesse governo, mais alinhado a um discurso contrário ao funcionalismo público, as aulas não seriam suspensas, senão em uma situação que envolvesse extrema gravidade, ou calamidade pública. No entanto, eu acreditava que essa situação fosse durar por pouco tempo. O pior de tudo era estar praticamente sem aulas atribuídas. Se não bastasse, a atribuição de aulas também foi suspensa por prazo indeterminado. Ou seja, o governo paulista já havia enxugado a educação, reduzindo custos, antes de decretar a quarentena. Quanto às aulas, os professores, de sobremodo paulistas, depararam-se, repentinamente, com a educação à distância (EaD). O Google Meet, o Zoom, o Centro de Mídias, dentre outros, passaram a fazer parte, inevitavelmente, da nova rotina dos professores. Compreendo as dificuldades que os professores mais antigos sentiram nesse momento, pois esses recursos tecnológicos e o próprio distanciamento social não foram fáceis, nem mesmo para os mais jovens. A cada dia chegavam informações diferentes e por vezes contraditórias. A coordenação da escola, por vezes, repassava orientações confusas e até conflitantes, o que deixava os professores mais estressados. Não por acaso, nesses tempos de pandemia, muitos professores se aposentaram e outros se afastaram. A pedido da escola, precisei disponibilizar

o número de WhatsApp para os alunos. A escola criou um grupo para cada sala. Quando eu acordava, logo de manhãzinha, havia uma infinidade de mensagens da coordenação, dos pais e alunos. O WhatsApp, antes, era algo tão particular e, agora, passou ao domínio dos alunos.

Mais tarde, a atribuição de professores foi retomada. Atribuíram-me aulas na Escola Estadual Mirella Pesce Desidere. Até que consegui eliminar as aulas da outra escola e ficar em um lugar apenas, o que me foi uma grande bênção. Os professores nessa escola se ajudava mais; e a coordenação, bem mais atenciosa, teve paciência comigo. Nesse período, fui aprovado ao doutorado em Linguística, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Vale a pena dizer que o processo seletivo para o doutorado foi bastante extenso e demorado, e a entrevista ocorreu pelo Google Meet, o que foi uma vantagem, pois economizei com a viagem para Campinas, no interior paulista. As aulas do doutorado foram pensadas para o Zoom, a saber, um recurso midiático para as aulas on-line. Do ponto de vista econômico, as aulas à distância foram bastante proveitosas, sem contar a economia de tempo.

Não obstante, o excesso de grupos no WhatsApp e as inúmeras mensagens de colegas docentes, de pais, alunos, somado aos grupos da universidade, trazem uma sensação de cansaço, de esgotamento psicológico. Sem contar as aulas da pós-graduação pelo Zoom, o que resulta em horas intermináveis em frente ao notebook, ouvindo os professores explicarem, incessantemente, certos temas acadêmicos. Se, por um lado, a tecnologia veio dinamizar o processo de ensino/aprendizagem, por outro, trazem um esgotamento psicológico e físico. Há dias em que as minhas mãos doem muito, pois desenvolvi uma lesão devido aos esforços repetitivos. O distanciamento social vem obrigando as pessoas a

conviverem com elas mesmas, o que não é fácil. Há dias em que eu luto para não cair em um terrível pessimismo. Sinto que colegas professores, já idosos, têm a necessidade de enviar qualquer coisa no grupo de WhatsApp, nesses tempos, apenas para terem com quem conversar.

Tenho um amigo, já idoso, que é professor da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e me liga todos os dias para expressar as tensões geradas pelo isolamento social e a impossibilidade de estar com quem ele gosta: os dois estão na mesma cidade, mas não podem se ver. Conversando com os colegas da pós-graduação, descobri que o estresse, em tempos de pandemia, afetou mais gente. Inclusive, um colega da pós-graduação confidenciou-me que precisou ir à casa do orientador já idoso para auxiliá-lo no uso de novos recursos midiáticos. Nesses tempos de COVID-19, de isolamento social, de distanciamento, de solidão, nunca *O diário de Anne Frank* fez-me tanto sentido, em que a protagonista narra os acontecimentos escondida dentro de um compartimento, de um anexo de um apartamento.

Nesse contexto de pandemia, cursando a Especialização em Práticas Assertivas em Didática da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, encontrei uma janela que me abriu o horizonte, pensando o uso de tecnologias para promover maior acesso ao processo de ensino e aprendizagem, apontando uma possibilidade de oferecer algo novo, necessário para aqueles que não foram meus pequenos, mas passaram a vida negligenciados. Eis-me no curso voltado para a EJA. E sigo! Uma vida escolar, uma vida de dedicação ao outro, sem muitos registros, mas com marcas na memória que reaquecem dia após dia o desejo de ir além levando comigo pessoas que de algum modo eu puder ajudar.

É possível dizer, nesse sentido, que o curso de especialização ora referido tem me possibilitado, mesmo nesses tempos de pandemia, o encontro com o “eu” docente, quando pude perceber que o professor nunca foi tão necessário para a democratização do processo de ensino e aprendizagem. Porém, na trajetória, encontram-se possibilidades ou barreiras na construção desse profissional. Ninguém é inato numa profissão, como afirma Freire (1991):

*Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira, às quatro horas da tarde. **Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador,** permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (Freire, 1991, p. 58, grifos meus)*

É nesse processo de “ver-se como professor” (Pimenta, 2005, p. 20) que a Especialização em Práticas Assertivas em Didática da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA assume papel fundamental na minha formação acadêmica e profissional. Considero, neste sentido, de grande relevância os conhecimentos de Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional, Presencial e à Distância, bem como os estudos de Práticas de Letramento na EJA. Conheci ideias de Freire (1991; 1996), Saviani (1980), e outros, e de que forma suas obras influenciam as teorias da educação e são incorporadas à prática pedagógica, pois sabemos que por trás do trabalho de cada professor estão reflexões sobre o trabalho de educar.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA

Sobre a política do silêncio, Orlandi (2002, p. 105) diz “impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso”. O silêncio é, dessa forma, no registro do real, o impossível de se dizer. No caso do discurso pedagógico, por exemplo, é predominantemente autoritário. O sujeito estaria no cientista, que fala na voz do professor. E, ao se apropriar do discurso do outro, confunde-se com ele próprio (o cientista) sem que fique clara a voz do mediador (Orlandi, 2009). Ainda no discurso pedagógico, o emissor está distanciado do receptor, assim entendidos professor e aluno. E, então, a autora acrescenta que poderia haver indagação sobre o que devem ser aluno e professor, afirmando que o aluno é:

idealmente B, isto é, a imagem social do aluno (o que não sabe e está na escola para aprender), e o professor é idealmente A, isto é, a imagem social do professor (aquele que possui o saber e está na escola para ensinar). É assim que se “resolve” a lei da informatividade e, de mistura, a do interesse e utilidade: **a fala do professor informa, e logo, tem interesse e utilidade. O professor diz que e, logo, sabe que, o que autoriza o aluno, a partir de seu contato com o professor, a dizer que sabe, isto é, que aprendeu.** (Orlandi, 2009, p. 21, grifos meus)

Por conta dessa política de silenciamento, e pensando o discurso pedagógico, o aluno não tem direito a falar de outra formação discursiva, entendida como o que pode/deve ser dito,

pois se encontra censurada. Com efeito, o aluno não é, seu lugar é o que o Outro¹ lhe designa.

[...] se diz “x” para não (deixar) dizer “y”, este sendo o sentido a se descartar do dito. **É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo e uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos.** O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, **determinando conseqüentemente os limites do dizer.** (Orlandi, 2002, p. 76, grifos meus)

Do lugar de pesquisador, de aluno de doutorado, de quem passou anos assentado sobre os bancos da faculdade, de quem trabalhou com análises de dados obtidos por meio de entrevistas, depois de tanto tempo de vida acadêmica, apenas agora deparei com um memorial de formação. Não sabia de onde começar a relatar as minhas experimentações, a contar a minha própria história, pois só agora foi me dada a oportunidade de falar sobre mim mesmo. Não quero dizer, entretanto, que eu tivesse sido impedido de falar (quando digo sobre a política de silenciamento, refiro-me à censura de outra formação discursiva possível), mas de fazer sentido de outra posição-sujeito (que não de aluno) distinta da que a mim foi imposta. Até hoje, a minha trajetória acadêmica esteve “reduzida” a um currículo na Plataforma Lattes.

A professora de Linguística e coordenadora da Faculdade de Letras, a ilustre Dr.^a Rosa Manzoni, era fantástica. Lembro-me das aulas que ministrava, do encantamento como citava o Dr. Sírio Possenti, professor da Universidade Estadual de

1 O inconsciente é o lugar estranho, desconhecido, de onde emana o discurso do pai, da família, da lei, enfim, do Outro e em relação ao qual o sujeito ganha identidade e, logo, este é da ordem da linguagem (Orlandi, 2000).

Campinas-UNICAMP. Até que um dia, ela trouxe o ilustre professor para a Semana de Letras. As pessoas falavam dele como se fosse um “deus” (não que não seja). Eu não imaginava que fosse para tanto. Como eu era ingênuo. Veio gente de tão longe, só para ver a figura ilustre. Os meus professores olhavam para aquela figura, assim como uma epifania. Um “deus” do Olimpo no oeste do estado de São Paulo. Quanta honra para os que conseguiram tocá-lo. Mas, aquela figura que, outrora, parecia tão longe de mim, é meu orientador de doutorado. Como consegui? Não sei. Mas, tem um trecho da música “Anjos”, de O Rappa, que diz “para quem tem fé, a vida nunca tem fim”.

Dito em prosa, nesse sentido, a memória

[...] constitui, por definição, uma faculdade humana, **encarregada de reter conhecimentos adquiridos previamente**. Seu objeto é **um ‘antes’ experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário**. Esse objeto **pode ter valor sentimental, intelectual ou profissional**, de modo que a memória pode remeter a uma lembrança ou recordação; **mas não se limita a isso**, porque compete àquela faculdade o acúmulo de um determinado saber, a que se recorre quando necessário (Zilberman, 2005, p. 1, grifos meus).

No espaço acadêmico, entretanto, deparei-me com cenas de racismo. Lembro-me de uma professora, a Lúcia², de origem italiana que, na ocasião da minha defesa da monografia, disse “Parabéns, o tema do seu trabalho é rico e você o abordou muito bem. Pena que você não entrou no grupo de estudos que eu coordeno. A Giovana já entrou no mestrado. Mas, há boas universidades por

2 Os nomes citados, neste momento do trabalho, foram modificados para preservar a identidade das personagens.

ai”. Acontece que Giovana é “italianinha”, assim como a professora. Note-se que a expressão “italianinha” aqui está para x (de iguais, de branquitude) e em oposição a y (os desiguais, a negritude). Mais tarde, alguém confirmou as minhas suspeitas: “no grupo de estudos coordenado pela Lúcia, só entram pessoas brancas e mais, ela sempre faz comentários pejorativos de pretos”. Memmi (2007, p. 30), nesse sentido, sobre as questões culturais envolvidas no processo de colonização e destacando o racismo como prática colonialista, diz que “os opressores produzem e mantêm pela força os males que, aos seus olhos, tornam o oprimido cada vez mais semelhante ao que precisaria ser para merecer sua sorte”. Quando a professora Lúcia assumiu a coordenação de Letras, lembro-me do semblante triste de um professor, doutorando pela Universidade de São Paulo-USP, fluente em quatro idiomas (alemão, italiano, francês, inglês). E, por ser gay, suas aulas foram tiradas e dadas a alguém com formação inferior. Se não bastasse vitimar negros, a professora perseguia gays também. Segundo Soares (2019, p. 44), “não há passado, presente e nem futuro que signifiquem fora das amarras sexuais. O homossexual é o seu sexo, nada além disso”. E, no caso dos homossexuais, o que foi apagado, censurado, foi o sujeito/discurso homossexual. E, segundo Orlandi (2002, p. 78), “ao se proceder desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos “lugares”, ou seja, proíbem-se certas “posições” do sujeito”, negando, assim, um lugar em que o homossexual seja ele mesmo, e não objeto de outro discurso (da doença, do pecado, enfim).

Sobre sair do silêncio, Orlandi (2002) diz:

Para nosso contexto histórico-social, **um homem em silêncio é um homem sem sentido**. Então, o homem abre mão do risco da significação, da sua ameaça e se preenche: fala. **Atulha o espaço de sons e cria a idéia de silêncio como vazio, como falta**. Ao negar

sua relação fundamental com o silêncio, ele apaga uma das mediações que lhe são básicas. (Orlandi, 2002, p. 37, grifos meus)

Por isto, ter chegado até aqui foi um ato de renitência, de teimosia. Preto e pobre. Tinha de tudo para não ter dado “certo na vida”. Quantas vezes eu ouvia as pessoas dizerem que sou “cabeça dura”. Mas, justamente, por acreditar mais em mim, e por não “ouvir a opinião” das pessoas (quase sempre negativas ou controladoras), cheguei até aqui. Como diz a música “Força estranha”, de Gal Costa, “por isso essa força me leva a cantar”. E tenho levado muito de mim, muito desse canto aos meus alunos. Digo que acredito neles. Digo que é possível alcançar os sonhos. Mesmo cansado, coloco um sorriso no rosto e dou a minha aula. Passo entre os alunos e pergunto como cada um deles está. Peço que avaliem as minhas aulas. Instigo-os a discordarem de mim, a trazerem outras possibilidades de interpretação, ao “esgotamento de leitura”. Acho que tirar do silêncio, enquanto professor, é permitir ao aprendiz falar por ele mesmo, é saber ouvi-lo, é dar a ele “novo estatuto”, um “lugar de fala”.

Acho interessante, os alunos me respeitam muito, sentem-se representados em mim, a saber, um professor que destoa dos demais. A coordenadora, certa vez, veio me questionar “o porquê” de eu dar ainda mais atenção aos alunos pretos, gays, com deficiência, etc. A minha resposta foi que a Constituição Federal, tendo em vista o Princípio da Isonomia, permite que eu trate os desiguais desigualmente, na medida de suas desigualdades. A escola, neste sentido, como diz Orlandi (2008, p. 159), “tem assim que criar a cidadania. Ela não reforça algo que já estaria instalado na história oficial”. Mas, de outro modo, eu percebi que a minha presença em uma escola em que a gestão é, predominantemente,

heterossexual, branca, reacionária, de “bons cristãos”, não menos conservadora, etc., é também um ato de renitência, de resistência.

Sobre a relação entre poder e resistência, Revel (2005) esclarece que:

a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder, assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, **a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação em toda parte** (Revel, 2005, p. 74, grifos meus)

Foucault (1988, p. 89) pontua que o poder está em toda parte, provém de todos os lugares. O poder não é nem instituição, nem estrutura, mas o nome que se dá a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. Em relação de imanência com o poder, representando o outro termo nas relações de poder, estão os diferentes pontos de resistência. Onde há poder, diz o autor, há resistência, sendo necessário reconhecer o caráter estritamente

das relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão. As resistências só existem no plural. E, aplicadas ao contexto do processo de ensino/aprendizagem, nunca foram tão necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício. Elas só podem existir, portanto, no campo estratégico das relações de poder, inscrevendo-se nestas relações como interlocutor irredutível (Foucault, 1988, p. 91).

Nesses tempos sombrios, em que as reivindicações reacionárias, como a volta dos generais e torturadores ao poder, confirmam a ascensão de uma onda conservadora em curso no Brasil, nunca

foi tão urgente uma escola democrática. Mas, em que consiste essa escola democrática? Na perspectiva de confrontar uma escola burguesa, a educação popular é aquela do povo e para o povo. Neste sentido, essa educação popular, como propõe Freire (1991, 1996), torna-se necessária enquanto oportunizadora das condições intelectuais que proporcionem aos oprimidos um lugar próprio para o engajamento e para a participação social. Mais ainda, a educação deve estar para a resistência, dando um “lugar de fala”, um estatuto ao aprendiz. E, pois, sob a condição de que os sujeitos se expressem, que atribuam outros sentidos possíveis aos textos, é que a educação firma compromissos com a democracia.

E, FINALMENTE, AS MINHAS EXPERIÊNCIAS NA EJA

Lembro-me, como se fosse hoje. A primeira aula que ministrei, durante o ano de 2007. Havia sido chamado pela direção. Era uma aula de substituição. Foi-me dado um livro didático. Adentrei a sala de aula. E deu aquele friozinho na barriga. Não sabia o que encontraria pela frente. Tive medo do desconhecido. Enfrentaria, então, os alunos da Educação para Jovens e Adultos. Olhei para os educandos: pessoas com perfis, com faixas etárias, etc., tão diferentes. Era uma aula de Geografia. Mas, meu Deus, o que eu sabia de Geografia? Abri o livro. Folheei-o rapidamente. Encontrei conteúdos diversos que falavam sobre a “luta no campo”, sobre o “êxodo rural”, sobre “os tipos de solo”, etc. Tentava disfarçar o meu nervoso. Ganhava o capítulo que falava sobre o êxodo rural. Olhei mais uma vez para os alunos, e notei que a maioria deles eram pessoas da terceira idade. Imaginei que o êxodo rural certamente atravessasse a história daquelas pessoas. Então, fechei o livro didático.

Resolvi dar início à minha aula. Escrevi na lousa o tema da aula: “O êxodo rural e as origens da luta no campo”. Perguntei quantos deles moraram no campo? É o que eu já pressupunha. Muitos dos alunos da terceira idade vieram do campo. Perguntei por que não tiveram acesso aos estudos? Deixei que falassem. Pronto. Cada um foi contando a sua história. Em seguida, contei a história dos meus avós. De como saíram do campo e como vieram para a cidade. Das desigualdades sociais, dos conflitos no campo, da luta de classes. Vi que aquilo que estava no livro didático, estava tão vivo na minha frente. Eram pessoas que não tiveram acesso aos estudos, pois eram reflexos das desigualdades de que o livro colocava. Fui direcionando o tema, mas sempre estimulando os alunos que falassem. Cada um deles era a história viva. Nada mais justo que falassem. E, para a minha surpresa, eles deram uma aula.

Nesse sentido, falar em Educação Popular é falar impreterivelmente do legado do Educador Paulo Freire (1921-1997) que trouxe importantes reflexões sobre **os sujeitos postos à margem da sociedade do capital**. Por entender **as classes populares como detentoras de um saber não valorizado e excluídas do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade, nos mostra a relevância de se construir uma educação a partir do conhecimento do povo e com o povo provocando uma leitura da realidade na ótica do oprimido, que ultrapasse as fronteiras das letras e se constitui nas relações históricas e sociais**. Nesse sentido, o oprimido deve sair desta condição de opressão a partir da fomentação da consciência de classe oprimida. (Maciel, 2011, p. 328, grifos meus)

Nesse sentido, ensinar a ler é um ato político. Ensinar a ler mais do que a palavra em si mesma. Ensinar a ler criticamente, permitindo ao sujeito significar o mundo e significar a realidade

em que vive. Pressupondo, neste aspecto, que a educação não é neutra, Freire (1996) diz que ela sempre estará a serviço de uma ideologia. A educação e a ideologia “caminham juntas na construção de crenças, valores e representações simbólicas no interior dos processos educativos” (Maciel, 2011, p. 340). Traduz o pensamento de uma sociedade, de uma época ou de um grupo. Mais ainda, traduz as disputas de ideologias entre as classes que visam tanto a conservação como a transformação do sujeito enquanto um ser político, um ser social. Freire (1996, p. 124), neste sentido, afirma que “A qualidade de ser política, é inerente à sua natureza. É impossível, na verdade, a neutralidade da educação”. E, mais ainda, este autor diz: “A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política”.

Considero de grande importância salientar, dessa forma, as contribuições da disciplina de Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional, Presencial e à Distância, uma vez que ela, por meio da professora ministrante Vânia do Carmo Nóbile possibilitou-nos a discussão das concepções, as características e os desafios políticos e pedagógicos na integração EJA com a Educação Profissional Tecnológica (EPT).

No ano de 2003, teve início o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006) e, com ele, a busca por uma nova concepção da educação brasileira teve lugar. Em relação à Educação Profissional e Tecnológica, a busca por essa nova concepção teve como ponto de partida, a construção do documento intitulado Proposta de Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica (Brasil, 2003), no qual ficaram estabelecidos os princípios, os pressupostos e as estratégias para essa nova concepção de organização dessa modalidade:

1. **Articular a Educação Profissional e Tecnológica com a educação básica.**
2. **Integrar a Educação Profissional e Tecnológica ao mundo do trabalho.**
3. Promover a interação da Educação Profissional e Tecnológica com outras políticas públicas. Recuperar o poder normativo da LDB (Artigos 22, 35 e 36; 39 a 42).
4. Proceder à reestruturação do sistema público de ensino médio técnico e da Educação Profissional e Tecnológica.
5. **Comprometer-se com a formação e valorização dos profissionais** de Educação Profissional e Tecnológica (Brasil, 2003, p. 25-29, grifos meus)

Saviani (1980, p. 51), neste aspecto, diz que a função da escola é “ordenar e sistematizar as relações homem-meio para criar as condições ótimas de desenvolvimento das novas gerações [...]”. Portanto, o sentido da educação, a sua finalidade, é o próprio homem,

quer dizer, a sua promoção”. Segundo Saviani (1980, p. 52), promover significa tornar o sujeito “cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação a fim de poder intervir nela transformando-a no sentido da ampliação da liberdade, comunicação e colaboração entre os homens”. Isso implica definir, segundo o autor, objetivos claros e precisos, quer seja, educar para a sobrevivência para a liberdade, para a comunicação e para a transformação.

Saviani (1980, p. 172) defende, assim, a luta pela difusão de oportunidades e pela extensão da escolaridade do ponto de vista qualitativo. Para tanto, o autor considera que a escola deve assumir a função que lhe cabe de dotar a população dos instrumentos básicos de participação na sociedade.

Não se pode desconsiderar, ainda, que o permanente estado evolutivo da sociedade exige da escola o acompanhamento dessa dinâmica. Os envolvidos no processo educacional devem estar atentos para que, desta forma, as aulas sejam mais atrativas, voltadas à realidade dos alunos (Saviani, 1980). Por sua vez, a educação de jovens e adultos constitui-se um desafio às políticas públicas inclusivas no Brasil. Tanto por questões administrativas, de gestão pública e pedagógicas das instituições de ensino, quanto às relativas à inserção e à permanência deste público na escola. Vale acrescentar que a educação de jovens e adultos está voltada a um público com suas peculiaridades históricas e experiências desenvolvidas na prática. Desta forma, Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional, Presencial e à Distância, contribuiu com a minha formação, na medida em que contempla os desafios políticos e pedagógicos da oferta de cursos integrados.

A implantação de duas modalidades educacionais distintas, a EJA e a EPT, com percursos históricos **marcados por descontinuidades também enfrentam desafios nos aspectos pedagógicos: o acesso e a permanência, a evasão, a formação docente, a integração curricular e os aspectos políticos, desde a decisão política da implantação até a gestão e o acompanhamento do curso.** A forma de acesso aos cursos nas diferentes redes de ensino é **muito heterogênea.** **O acesso do jovem e do adulto à forma de ingresso necessita ser pensado de forma** diferenciada a partir das características do público e da regionalidade geográfica e cultural **de cada comunidade** (Baracho, 2020, p. 114, grifos meus)

Considero de enorme relevância salientar também as contribuições da disciplina de Práticas de Letramento na Educação de

Jovens e Adultos, uma vez que ela, por meio da professora Ivoneide Bezerra de Araújo Santos Marques, possibilitou-nos a discussão dos fundamentos teóricos e metodológicos visando ao desenvolvimento de práticas pedagógicas a partir da inserção dos alunos no universo da cultura letrada e o pleno exercício de cidadania. Segundo Kleiman (1995), um professor agente de letramento é:

Um mobilizador dos sistemas de conhecimento pertinentes, dos recursos, das capacidades dos membros da comunidade [...] um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas para que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das diversas instituições. (Kleiman, 1995, p. 82-83, grifos meus)

Portanto, a produção escrita como prática social revela-nos a relevância de ensinar os nossos alunos a utilizar os gêneros discursivos para atender às suas necessidades de participação social e política, contribuindo, dessa forma para a ampliação das possibilidades de formar sujeitos emancipados. Quando falamos, então, em letramento, falamos em leitura crítica. Falamos que o texto é lugar do outro/Outro. Falamos que o discurso não tem um único sentido, mas tantos sentidos possíveis. A questão que se coloca, neste trabalho, é sobre os compromissos assumidos durante o próprio ato de leitura. De qual lugar discursivo/ideológico se faz a leitura? Se para perpetuar os sentidos já estabelecidos pela classe dominante? Se para silenciar outros sentidos possíveis? Se para dar lugar de fala? Se para que o sujeito signifique o discurso e o mundo em que ele vive? Neste sentido, a proposta do letramento flui na mesma direção dos estudos do discurso. Por uma educação que ensine a questionar; e não a obedecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da presente pesquisa, houve a percepção de que o memorial formativo tornou-se uma boa escolha à medida que a abordagem da pesquisa propiciou reflexões pretensamente marcadas na vivência acadêmica. Minha trajetória acadêmica, de forma modesta, seguiu um rumo que parte da literatura classificaria como emancipatória, pois segue um mesmo caminho presente em boa parte da sociedade brasileira até os dias de hoje, incluindo-se aqui a falta de acesso aos bens culturais, à desigualdade, à desmotação e até à discriminação. Arcoverde e Arcoverde (2007, p. 2), neste sentido, dizem que o memorial é uma espécie de “diário”, no qual se escreve suas vivências e reflexões. Entendemos, então, que um homem sem memória é um homem em silêncio. E, tirar do silêncio, não é apenas permitir que o sujeito fale, mas abrir um lugar possível para que se signifique por si mesmo.

A religião, por sua vez, assim como se faz presente em uma parcela relevante do país, serviu, em partes, como forma “poda” ao pensamento crítico e livre em minha trajetória acadêmica. Neste interim tento me distanciar da religião como forma de adquirir/conquistar minha “liberdade de pensamento” (como se o sujeito pudesse ser “livre” e “consciente”), mas vou me perdendo na impossibilidade desta tentativa. Não por acaso, a temática religiosa passou a servir como objeto para as pesquisas que desenvolvi durante o meu percurso acadêmico. Podemos dizer, então, que o sujeito do testemunho se vê na impossibilidade de romper completamente com o seu passado, pois os fatos vivenciados vão retomando aqui a temática religiosa. Neste sentido, sob a égide do discurso, é “efeito de sentido” (Orlandi, 2000), ou melhor, o que se disse noutro lugar, também vai significando aqui neste memorial.

Vale destacar que, segundo Orlandi (2009, p. 240), o discurso pedagógico é um tipo de discurso autoritário. O sujeito estaria no cientista que fala na voz do professor. Emissor e receptor estão separados. Mais vale a palavra do professor que a do aluno. Freire (1991, 1996) aponta para a urgência da educação popular, enquanto oportunizadora das condições intelectuais que proporcionem aos oprimidos um lugar próprio para o engajamento e para a participação social. É possível dizer que a educação de jovens e adultos é um espaço de resistência. É emancipatória para aqueles que não tiveram condições de estudar quando mais jovens e que agora buscam resgatar esta possibilidade. E, nesse aspecto, o professor enquanto mediador do conhecimento deve ter em mente seu papel transformador, abrindo um lugar possível para que o aluno se expresse e para que se torne um cidadão crítico. Dentro do que percebi em minha atuação profissional na EJA ficou evidenciado que a formação não ocorre, nem de longe, apenas dentro da pesquisa, na cadeira acadêmica e muito menos apenas estudando. A EJA consegue mostrar o quanto a prática profissional ensina. Aprendi, dentre outras coisas que preconceito racial e de gênero está presente de forma sistêmica na sociedade, mas é por meio da educação, da informação e de uma postura crítica que será possível combater toda forma de intolerância.

Outro aprendizado importante, que teve muito mais impacto dentro da prática foi perceber como a luta de classes acontece na vida real, longe dos livros a luta de classes está acontecendo agora, vi meus alunos falando sobre conflitos de forma muito mais rica do que víamos nos livros didáticos. Quanto a isso, professores, pesquisadores e acadêmicos que trabalham com a EJA devem compreender que seu trabalho é, antes de tudo, político, pois envolve uma postula diretamente ligada à emancipação de uma

classe oprimida pelo capital, pela ideologia, pela indústria e pela exploração.

Pensando a educação dialógica, conhecer como os alunos aprendem e pesquisar as práticas docentes devem ser características intensas dos professores. A forma como o professor planeja as aulas — seus objetivos, as experiências de aprendizagem e as evidências de aprendizagem — podem fazer com que os alunos se tornem sujeitos críticos e atuantes do processo de ensino e aprendizagem. Aplicada à EJA, a educação dialógica permite promover um diálogo igualitário que respeite a inteligência cultural do aluno, estabelecer sentido por meio das interações e demandas e garantir oportunidades a todos. Para tanto, é preciso que o professor conheça a realidade de seus alunos e utilize seus conhecimentos para envolvê-los nas atividades, avaliações e debates. Nesse sentido, a educação dialógica tem poder transformador e é um instrumento contra a evasão escolar e a falta de interesse dos discentes.

Posto isto, é possível dizer que nós, professores, somos frutos de nossas experiências, vivências e formação. Todas essas influências são o que nos constituem, ao longo da vida, e que nos permite compreender o nosso papel no processo de ensino e aprendizagem. A forma como passamos pela escola e a imagem que construímos de nossos professores, durante a fase escolar, também intervém na nossa prática docente. Todavia, os diálogos, a formação continuada e o desejo de mudar o mundo são o que nos impulsionam a buscarmos diferentes práticas docentes e que estas estejam sempre mais adequadas à realidade dos nossos alunos.

REFERÊNCIAS

- ARCOVERDE, M. D. L.; ARCOVERDE, R. D. L. **Leitura, interpretação e produção textual**. Natal: UEPB/UFRN, 2007.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta de políticas públicas para educação profissional e tecnológica**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2003.
- BUTLER, J. **Giving an account of oneself**. New York: Fordham University Press, 2005.
- BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (org.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FERREIRA, N. C.; GONÇALVES, J. A. T. Testemunhos de conversão de egressos do sistema prisional: discurso, ideologia e religião. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 195-218, jul./dez. 2014.
- FERREIRA, N. C.; SOARES, A. S. F. A representação do homossexual no discurso humorístico: uma análise do canal “Porta dos Fundos”. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 128 2, p. 739-763, abr./jun. 2017.
- FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática docente**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- HOBSBAWM, E. J. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- LIMA, L. O. **Estórias da educação no Brasil: Pombal a passarinho**. 3. ed. Rio de Janeiro: Brasília, 1997.
- MACIEL, K. F. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.
- NEVES, M. S.; SALGADO, R. N. **A prática da parresia na vida de professores de inglês: inspiração para falar de si na contemporaneidade**. Ciências & Letras, Porto Alegre, n. 52, p. 109-128, jul./dez. 2012.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- PIMENTA, S. G. **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- REINHARDT, B. De epifania a método: a teopolítica do testemunho em um seminário pentecostal em Gana. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 44-70, jul./dez. 2016.
- REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez Editora, 1980.
- SOARES, A. S. F. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais: 1985 a 1990**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.
- ZILBERMAN, R. **Memória entre oralidade e escrita**. Relatório de Pesquisa, CNPq. Porto Alegre: PUC/RS, 2005.

AS MEMÓRIAS DA MENINA QUE SONHAVA À ATUAÇÃO DA EDUCADORA QUE ACREDITA

VANIA MARQUESINI

Orientador: Prof. Me. João Kaio Cavalcante de Morais.

O presente trabalho é um memorial de formação, instrumento sugerido como atividade de conclusão do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Natal Zona Leste.

Desenvolvido na modalidade Educação à Distância (EAD), o curso teve início no primeiro semestre do ano 2021, e caminhamos por aproximadamente dezoito meses de estudos divididos em três períodos nos quais foram desenvolvidos quatro módulos.

O Primeiro Período trouxe a segurança da apropriação do Ambiente Virtual com a disciplina Fundamentos EAD e Ambientação Virtual; apresentou as normas para as produções textuais na disciplina Produção de Textos Científicos. Viabilizou conhecimentos básicos e reflexões com as disciplinas Fundamentos

e Políticas Públicas acerca da Educação Integrada EJA/PROEJA nas modalidades presencial e à distância. Ofereceu noções de didática, tão necessárias para quem vai ministrar aulas, mas tanto quanto para quem vai administrar uma instituição.

O Segundo Período mostrou a importância de um sistema organizado, com pautas reflexivas e que o planejamento que deve ser revisitado mediante avaliação institucional. Convidou-nos a conhecer o papel do coordenador pedagógico e quão importante é o processo de letramento, além de desafios para a gestão escolar e orientações indispensáveis aos professores.

Ainda no Segundo Período, pensamos sobre novos desafios: planejamento, gestão e ensino EAD com as tecnologias como facilitadoras nesse processo.

O Terceiro Período trouxe o foco para oficinas de projetos curriculares e gestão da Educação Profissional, além da produção científica aplicada, no caso, este trabalho de conclusão de curso.

MÓDULO I
Fundamentos de EAD e Ambientação Virtual
Produção de Textos científicos
Fundamentos da Educação Profissional Integrada à EJA
Políticas Públicas para EJA integrada à Educação Profissional presencial e à distância
Noções de Didática
Seminário Temático: Fundamentos e Políticas Públicas para a EJA e o PROEJA

MÓDULO II
Organização e normas
Coordenação do trabalho pedagógico
Prática de Letramento

Seminário Temático: A gestão Escolar para novos desafios educacionais em educação profissional integrada à EJA
--

MÓDULO III

Tecnologias Educacionais

Planejamento Educacional em EAD para EJA
--

Gestão da educação à distância

Seminário Temático: A aprendizagem à distância em tempos de comunicação virtual

MÓDULO IV - GESTÃO

Teorias, planejamento e práticas de projetos curriculares pedagógicos

Gestão da Educação Profissional e da EJA
--

Seminário temático – Novas perspectivas para EJA
--

Produção científica aplicada à elaboração do TCC
--

Trabalho de conclusão de Curso

Detalhada toda a abordagem temática, é possível perceber que o itinerário foi planejado de forma acolhedora, delineando uma escalada de assuntos que permitiu a apropriação do conteúdo de maneira gradual e contextualizada.

Com objetivo definido para a formação continuada de profissionais que atuam na Educação Profissional Presencial e à Distância com foco na EJA/PROEJA, a modalidade EAD viabiliza a especialização destes profissionais bem como fomenta reflexões acerca da oferta do Ensino EAD como realidade. E, de fato, a oferta da Especialização no formato EAD tornou possível o acesso a mim, como certamente a outros tantos profissionais que se dedicam em período integral ao trabalho. A modalidade EAD permite a

flexibilização do estudo de acordo com a disponibilidade de cada um. É uma forma de democratização do ensino posta em prática.

Dentre tantos pontos felizes no curso, finalizá-lo com a experiência inusitada da escrita de um memorial trouxe leveza e oportunizou a reflexão sobre “quem sou para a Educação” a partir de “como cheguei até aqui”.

Memorial muito oportuno, por sinal, pois no decorrer dos estudos, fui tocada pela lembrança dos alunos da EJA quando ministrei aulas do 1º ao 4º ano e alfabetização em escola municipal. Reconheci em muitos dos alunos os meus próprios pais que não tiveram oportunidade de estudar devido ao trabalho na roça e a escola rural que oferecia só até o 3º ano do Ensino Primário.

Para além disso, sensibiliza-me o fato de alunos com dificuldades diversas que lhes impediram a formação em tempo regular: barreiras física, biológica ou psicológica não detectadas/diagnosticadas como, por exemplo, déficit na coordenação motora, baixa visão, traumas, além de questões como risco social: alunos negligenciados pelas famílias, depois, pelo Estado.

Optar por um curso voltado para a formação de adultos é mais que o desejo de ampliar possibilidades de atuação profissional. É fazer valer a pena as experiências negativas que tive, mas que de alguma forma culminaram numa pessoa formada, consciente e minimamente preocupada com o bem comum. É tentar ajudar quem viveu a minha história e não teve a mesma sorte.

Desejo planejar e oferecer um projeto junto à Prefeitura Municipal de minha cidade para a oferta de cursos para adultos, visando em especial a autonomia financeira a partir da exploração do turismo rural, da economia criativa, da formação mínima para que o profissional atuante se aperfeiçoe, seja um eletricista, uma

costureira, um pintor, um artesão. Pois a Educação precisa servir ao homem, e este precisa saber se servir da Educação.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Falar de nós mesmos não é uma tarefa simples. Requer exercício de memória e domínio para realizar correta seleção daquilo que tem relevância para o interlocutor. Trazer fatos da história pessoal à tona exige ainda equilíbrio emocional, elemento tão raro nos tempos atuais em que a pandemia da COVID-19 nos abate com o isolamento afetando diretamente nossos sentimentos. Mas vamos lá!

Sou Vania Marquesini, filha de Adailton Marquesini — descendente de italianos, agricultor no município de Pirassununga, Estado de São Paulo — e de Odete Duarte Marquesini — descendente de portugueses, e alemães, filha de colonos da fazenda vizinha ao sítio da família do meu pai.

Nascida no verão de 1976, segunda filha, passei a infância perseguida pelo irmão seis anos mais velho, que atentou contra minha vida algumas vezes. Não teve êxito, obviamente. Coisa de criança crescida em sítio, isolados do mundo numa estrutura em que o desenvolvimento da oralidade era absolutamente desnecessário visto que se só se sobrevivia a partir do trabalho braçal. A italianada só se pronunciava em fim de festa para arrumar intriga. Ah! As festas... Lembrança boa da comida farta. Nisso ser sitiante era bem legal. Em comemoração ao fim da colheita ou em datas tradicionais, a família se reunia: terreiro de chão batido, varridinho com vassoura de galhos, comida, bebida, conversa fiada e risada alta, os primos todos correndo de um lado para o outro. Subir em árvore, brincar de pique, fugir pela terra arada, voltar com joelho

sangrando e carrapicho até no pensamento. Tudo isso era mesmo muito gostoso. Saudades.

Dessa época, o que mais me recordo é da vontade doida de ir para a escola. Achava que lá eu aprenderia o que quisesse. Imaginava que voltaria para casa sabendo costurar, fazer roupas, por exemplo. Que nada! Quando me vi na frente daquela casa grandona de porta larga e mesa para dois, tremi. Era março de 1983, o mesmo março em que eu completava 7 anos, inaugurava minha vida escolar pisando pela primeira vez na primeira série da “Escola Isolada da Fazenda Santo Antônio”. A mesma fazenda em que minha mãe cresceu, mesma escola em que meus pais cursaram até o terceiro ano — pois o quarto ano era estudo para se fazer na cidade, o que não cabia na realidade de quem ganhava a vida tocando terra.

Não tive oportunidade de cursar a pré-escola porque só isso só havia na cidade. E como não era obrigatório, entrei logo no primeiro ano. Ali, segui até a quarta série. Foram três inesquecíveis professoras nessa escola rural: Dona Antônia Elisa, Dona Lorair e Dona Zezé. Com a primeira, aprendi a ler e a escrever. O recurso era a cartilha Caminho Suave na qual ela lia o texto e desenhava na lousa a diferença entre as letras minúsculas “de forma” e “de mão”, pois não se usava letra bastão naquela época, e letra maiúscula a gente só aprendia na segunda série. Lembro que a professora dizia que letra de forma era só a máquina que fazia. Ela lia histórias para a turma. Sentávamos no chão ao redor da sua cadeira. Lia uma página, mostrava as figuras, lia outra página, mostrava as figuras...

A segunda professora, Dona Lorair, era uma professora “musical”. Todas as sextas feiras passávamos as manhãs copiando letras de músicas da lousa, e era uma sala “privilegiada”, pois dispunha de duas lousas que tomavam duas paredes inteirinhas! Os

hits eram do grupo Balão Mágico, Xuxa e umas cantigas folclóricas. Lembro que também fazíamos o “momento cívico” entoando os hinos e em seguida declamando poesias ou apresentando pequenas encenações temáticas muito bem ensaiadinhas. Ela elogiava meu cabelo, perguntava da minha família. Chegou a topar uma caminhada com a turma numa sexta-feira até minha casa para chuparmos jabuticaba. Uma vez perguntou se eu tirava a cutícula, mas eu não sabia o que era isso, ela disse e eu respondi: “não tiro não, eu como mesmo” — um hábito horroroso que carrego até hoje. Faleceu em janeiro de 2019, aos 85 anos, dias após uma queda da própria altura em que bateu com a cabeça.

Eu era magricela, cabelo ruivo e muito liso. Sardas realçadas pelo sol diário do caminho pra a escola. Quase não sorria, tinha vergonha dos meus dentes tortos (coloquei aparelho aos 12 anos). Muito tímida. Tímida, não. Medrosa! Tinha medo de me expor e ser ridicularizada, então falava apenas quando solicitada e sempre me apressava em ajudar a professora em alguma coisa, pois precisava da sua aprovação o tempo todo. De alguma forma, acho que até hoje sou assim.

As minhas colegas eram mais soltas. Moravam na colônia da fazenda. Tinham sempre muitos piolhos. Minha mãe diz até hoje que tenho sangue ruim, pois nunca peguei piolho delas mesmo andando sempre juntas nas rodinhas de cochichos.

Fui para o terceiro ano. A Dona Zezé, era uma professora meio brava, poucos sorrisos, poucas explicações e quase nada de histórias ou músicas, mas muito desenho para pintar em silêncio enquanto ela batia papo no corredor ou permanecia imóvel na sua mesa tecendo peças em tricô. Pela falta de sorte, foi minha professora no quarto ano também, pois sendo uma escola rural, sempre havia poucos alunos. As turmas começavam com sete ou

oito alunos no primeiro ano e terminavam com três ou quatro apenas. A classe acabava se tornando multisseriada.

E assim, recorro do então denominado ensino primário, que é a base para a minha atuação profissional. Aprendi que os alunos têm vida, desejam opinar, contar fatos, cantar as músicas ao invés de apenas registrá-las; desejam saber o que é uma pátria ao invés de ficarem imóveis diante da bandeira nacional; necessitam conhecer as histórias, ao invés de apenas colorir o Saci, a Sereia, o Papai Noel. Aqueles riscos nas cores verde e amarelo nas folhas do meu caderno nunca fizeram sentido. E eu não queria repetir que “o bebê baba”, pois, na verdade, eu morria de nojo daquilo.

Tantas práticas que refletiam exatamente o momento político pelo qual atravessávamos (ditadura militar decadente, mas em vigor), mas que, mesmo na escolinha “do interior do interior”, a Educação se mostrava conservadora, tradicional. A ditadura esmagou o desejo de pensar de muita gente, e eu ficava meio perdida entre copiar tudo, resolver as atividades e depois receber o caderno com riscos em vermelho apontando todos os meus erros — relatei isso à psicóloga durante a terapia há pouco tempo, pois o que eu pensava ser Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) pode não passar de trauma não superado por cobranças exacerbadas.

Na escola eu não corria, não comia merenda porque nunca me ofereceram e achava que era apenas para quem não tinha comida em casa. Tinha medo de ir ao banheiro, não falava e era a melhor aluna por ser tão quietinha. Mas tinha vontade de contar para alguém que, nos dias em que ficava com meu irmão enquanto meus pais estavam na roça, ele me batia e me ameaçava, mas eu nem tinha palavras para falar isso. “Ameaçar” é uma palavra que eu uso hoje. Cheguei a contar que ele me fez passar a mão no pé de pimenta e passar nos olhos, só me chamaram de boba, em

casa e na escola. Queria ter contado mais coisas, mas achei melhor deixar para lá. Apesar do carinho demonstrado pelas professoras, não sentia receptividade e talvez fosse mais importante continuar sendo uma boa aluna permanecendo quieta.

Foram quatro anos estudando de manhã. Saía cedinho de casa a pé, chovesse ou fizesse sol, ventasse ou cruzasse com boiada estourada na estrada — e foram várias vezes, inclusive de búfalos — e caminhava cerca de cinco quilômetros. Destes, um bom tanto fazia sozinha, pois morava mais longe do que todos do mesmo percurso. Cada dia era uma ansiedade só! Teve um dia que o fogo estava dos dois lados da estrada no canavial que eu tinha que atravessar, não conseguia passar porque o vento virava. Eu tinha só oito anos. Foi tão difícil esse dia que às vezes ainda sonho com esses acontecimentos. Passou! Graças a Deus! Vamos em frente!

Ginásio! Ah, o ginásio... Era tudo diferente. A partir daí, as aulas eram pela tarde, mas o dia ficava dedicado à vida escolar, pois eu acordava às 6 ou 7 horas, fazia lição e às 9:30h precisava caminhar cerca de 3 quilômetros até o ponto da condução que me levaria até a escola. As aulas começavam somente às 13h, mas a jornada precisava começar cedo, pois a perua Kombi chegava cheia na escola e os alunos moravam muito distantes uns dos outros.

Quinta série na Escola Estadual “Prof.^a Maria José de Oliveira Jacobsen”. Minhas notas eram apenas satisfatórias. Resultado, pelo visto, do tricô da professora anterior. Só me lembro do que hoje chamamos *bullying*, pois eu era a única que vinha do sítio e debaixo da minha mesa ficava vermelho da terra que carregava no sapato. Certo dia, a servente da escola foi “conhecer” quem se sentava naquela carteira, pediu licença para a professora, entrou, olhou atravessado para mim e deixou vassoura e uma pá atrás

da porta indicando pra eu usar. Passei a varrer a minha sujeira todos os dias.

Para a sexta série, um alívio! A filha do motorista da Kombi começou fazer curso de piano na cidade e por causa do percurso me mudaram de escola. Era uma boa escola, “uma escola forte”, dizia minha tia. E nessa escola, Escola Dr. Jacintho Vieira de Moraes, localizada bem em frente ao Segundo Regimento de Carros de Combate (Companhia do Exército Brasileiro) eu cursei duas vezes a 6ª série — sim, fui retida em 1988 — e cursei ainda na mesma escola a 7ª série do ginásio. De fato, uma escola forte. Fraca era eu: menina da roça perdida na cidade, cujo único contato com a área urbana era a vista ligeira das ruas que meus olhos alcançavam do banco de trás do fusca do meu pai, quando a família precisava ir até a cidade fazer compras, mas eu nunca saía do carro.

Transferida para essa escola mais central, a diferença social entre os alunos era vista nos calçados e na qualidade da camiseta: umas mais surradas, outras muito novas, pois o uniforme era obrigatório. Quem chegava sem uniforme, permanecia na diretoria por todo o período de aula ou até que alguém trouxesse o uniforme.

Para a 8ª série, mudei de escola novamente, pois a filha do dono da Kombi se formou na escola de música e agora dava para fazer outro caminho, então retornei para a periferia em uma nova escola, a Escola “Prof.^a Therezinha Rodrigues”. Senti-me vazia, pois os poucos vínculos de amizade se romperam. Eu era de novo uma menina perdida, recomeçando do zero. Mas nessa escola eu era a melhor! Professores me colocavam como monitora, o diretor, Professor Fernando Villas Bôas Cunha, tinha o sorriso mais acolhedor do mundo! Tadinho, faleceu ano passado de COVID-19.

Mas a vida era mais tranquila na nova escola. O uniforme era solicitado, mas ninguém ficava fora da sala de aula quando

algun imprevisto acontecia. O afrouxamento na rigidez escolar me permitiu fazer mais amigos, especialmente porque nessa escola se concentravam alunos da zona rural, então, pé sujo, camiseta encardida e o cansaço de todo percurso de horas dentro da condução escolar eram padrão. Sem contar que os assuntos refletiam a realidade da maioria: banho de rio depois da pescaria, pé de vento que levantou poeira e deixou a mãe da gente enlouquecida, a festa no Bairro Santo Antônio, bailão no Boa Vista, bingo e procissão no Bairro Retiro, festa dos canoieiros no Taquari Ponte, rebanho de búfalos que estourou e destruiu a plantação de milho dos Rosada...

E começaram as paqueras, os olhares, as cartinhas, correio elegante na festinha da escola.

E por falar em cartinha, eu consegui manter contato com algumas amigas da escola anterior, pois tive a brilhante ideia de deixar o endereço da minha avó Iolanda, mãe da minha mãe que morava na cidade. Então mantive contato com algumas amigas, as mais especiais, Cristiani Cinat, Lissy Garcia Paulielo Galvão de França. Inesquecíveis! Somos amigas até hoje e o acesso ficou fácil com as redes sociais.

Concluído o ginásio, eu nem ia fazer o “colegial”, pois para ficar no sítio não precisava muito estudo, diziam. O irmão mais velho que fez o colegial, entrou para o ramo das joias e estava se dando bem como ourives. E como uma bênção divina, saiu de casa aos 16 anos, foi morar com a avó Iolanda para trabalhar e estudar — eu tive então alguma paz. Para a minha sorte, uma tia que trabalhava na cidade como manicure convenceu meus pais de que eu tinha que continuar estudando, pois a filha dela estava estudando para professora e o Governo ainda pagava um salário a ela. Então foi assim que prestei o “vestibulinho” para ao Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do magistério (CEFAM)

e passei em oitavo lugar! Por conta disso, digo que eu não escolhi nada, foi o magistério que me escolheu.

De carona com a tia Marilda, cursei os dois primeiros anos do CEFAM. Para o terceiro ano, 1994, foi necessário que toda a família se mudasse para a cidade, pois as coisas não estavam muito boas: meu pai estava cada dia pior no vício do álcool, o sítio estava perdido no mato; além disso, o meu irmão mais novo também precisava estudar e trabalhar.

Em 1995 concluí o CEFAM, mas não concebia trabalhar na área, pois, apesar do diploma na mão, não me considerava uma boa professora. Assim, fui trabalhar no supermercado do meu tio e lá fiquei por quase um ano. Depois passei para uma loja de confecção e fui demitida com seu fechamento quase um ano depois. Sem maiores aspirações, casei-me em 1997, e, após um ano, minha filha nasceu. Então, numa tarde de domingo, Gisele — da turma de CEFAM e madrinha da minha filha — falou sobre o concurso para diversos cargos que a prefeitura havia publicado. Fiz inscrição para os cargos de atendente e telefonista. Depois de muita insistência da Gisele, inscrevi-me também para o cargo de professora.

Passei em 17º lugar e, em 9 de março de 1999, eu estava dentro da minha primeira sala de aula, no Jardim II, período da tarde, Escola Prof.^a Zuleika Vélide de Franceschi Velloso, onde permaneci até 2003, quando a sala foi fechada por ocupar espaço em escola Estadual.

Fui para outra escola e sigo há 23 anos a minha vida profissional, sempre cúmplice dos meus alunos, cuidando para ouvir tudo o que têm para dizer, fazendo brotar o que, na inocência, não julgam ser mal. Trazendo à tona crianças violentadas nos mais diversos sentidos pelos familiares de convívio, por aquele primo que vem

no fim de semana ou mesmo aquela vizinha tão prestativa. Pois é de fundamental importância dar voz aos pequenos e protegê-los na fase mais importante da evolução: a infância.

Sou professora de pré-escola e, mesmo podendo, jamais transitei para o ensino fundamental por um amor incondicional que me impulsiona até hoje buscando formação. Tão logo pude, iniciei o curso de graduação em Pedagogia, que concluí em 2002. Mas a minha prática exigia que conhecesse mais para melhor atender aqueles alunos que sem dúvida precisavam de uma atenção mais direcionada. Apesar da inclusão ainda não passar de especulação naquela época, fiz minha primeira especialização em 2007 (Educação Especial e Inclusão). Sempre fui sensível com aqueles que em condições típicas já são vítimas do mundo, ainda mais com as promessas de que tantos estariam saindo das instituições, outros tantos vulneráveis (processo de inclusão nas escolas regulares, desinstitucionalização) que sem dúvida mereceriam um olhar mais profundo. Talvez eu buscasse conseguir oferecer o que na minha infância não tive, a mobilização do profissional para o desenvolvimento global.

A Educação Especial despertou o olhar para as questões legais da Educação, pois era evidente que havia negligência por parte da Secretaria de Educação. Então cursei a segunda especialização em Direito Educacional, o que me trouxe à luz da importância de estarmos sempre a par das legislações e nelas nos pautarmos para a defesa do direito que no papel é garantido, além de buscar incluir aquilo que ainda está à margem. Apesar de pouco conhecer os mecanismos de uma Secretaria de Educação, suas normas, fontes financeiras, o curso me empoderou e por consequência dos meus questionamentos, passei a ser perseguida pelos meus superiores, o que achei que seria apenas uma fase, mas ela jamais passou.

De 2005 a 2013, fui também professora no ensino fundamental, no município vizinho, Porto Ferreira.

De 2006 a 2009 atuei na EJA, Fundamental I. Foi uma experiência muito significativa, pois até então tinha apenas contato com crianças e as exigências para um trabalho com adultos me mobilizaram. Tudo era e precisava ser diferente. Um público bastante diverso: senhores e senhoras de avançada idade que mal escreviam seus nomes, adultos e adolescentes com deficiência intelectual. Também tinha a Lúcia que precisava aprender a ler e entender o que leu para fazer a prova para tirar a carteira de habilitação. Tinha o Carlos que sentiu necessidade de estudar pois na empresa ele chefiava profissionais que já tinham feito faculdade.

O Carlos, a Lúcia e alguns poucos prosseguiram e concluíram o ensino médio. Eu os encontro de vez em quando e acho engraçado me abraçarem e me chamarem de “professorinha”.

Hoje trabalho no período da tarde na mesma escola onde atuei na EJA e (pasmem!) muitos dos alunos são os mesmos. É também por eles que me inscrevi para este curso. É necessário olhar para esses alunos que têm o principal — perseverança — e oferecer algo que de fato os promova não apenas nos estudos, mas na vida.

Em 2013, deixei o trabalho na cidade vizinha e assumi uma Sala de Recursos Multifuncionais (SRM). Agora também professora da Educação Especial no meu município, sigo buscando o melhor para os pequenos da pré-escola e para todos com necessidades especiais. Não é possível parar.

Com a necessidade de explorar as diversas formas de expressão nos atendimentos educacionais especializados, finalizei no último novembro a segunda licenciatura em Artes. A formação contínua é premissa para a atuação cúmplice do processo, mas focada no sujeito. Já fui esse sujeito, e por isso trago a minha

experiência de vida escolar para a prática profissional diária com o objetivo de abreviar histórias ruins, pautadas em silêncio, angústia, rigidez e medo. A escola precisa ensinar, mas para ensinar precisa acolher, ouvir, conhecer a história do aluno vencendo barreiras que ele mesmo traz já tendo desmontado as barreiras que, por ventura, a escola um dia lhe impôs. Não basta uma avaliação diagnóstica para identificar o que o aluno já aprendeu, é necessário saber quem é esse aluno, qual a sua história, pois o que será estudado precisa de mais que uma aula motivadora, precisa estabelecer uma conexão com o que o aluno traz em sua essência.

Neste momento, cursando a sexta especialização *latu sensu*, encontro uma janela que me abre o horizonte apontando a possibilidade de oferecer algo novo, algo bom para aqueles que não foram meus pequenos, mas passaram a vida negligenciados. Eis-me no curso voltado para a EJA. E sigo! Uma vida escolar, uma vida de dedicação com o outro, sem muitos registros, mas com marcas na memória que reaquecem cotidianamente o desejo de ir além, sempre carregando comigo todas as pessoas que de alguma forma eu pude ajudar.

FORMAÇÃO ACADÊMICA, FORMAÇÃO PARA A VIDA

Não estou professora da EJA, mas estive por alguns anos, e revendo esse período com o olhar de quem focou estudos por meses através desse curso, faço uma leitura muito clara do que a EJA representa na Educação em minha cidade: quase nada.

Para professores efetivos, EJA é sinônimo de insegurança, pois no primeiro semestre há alunos; para o segundo semestre, talvez. Essa instabilidade é temida por todos. Então, o que sobra para a EJA são professores como eu fui: um “quebra-galho” a

título de substituição, sem vínculo com aquela escola ou com aquela turma, pois eu trabalhava numa pré-escola pela manhã na minha cidade, tinha outra turma também de pré-escola na cidade vizinha no período da tarde, e pela noite retornava para a minha cidade para o terceiro turno, para a EJA. Cansada, exausta. Por isso e por tanta coisa observada na Educação para as minorias — e aqui eu falo da EJA e da Educação Especial — consigo afirmar que estar professor aqui na EJA é fazer um bico ou, no máximo, a oportunidade de conseguir dobrar jornada conciliando atuação como professor em outras cidades.

Não há cursos para formação contínua para esses professores que se aventuram na EJA, pouco se fala em EJA. O termo PROEJA, por exemplo, foi novidade para todos que me ouviram falar desse curso ao longo desse ano e meio, e nem demonstraram interesse. Mas durante esse período de estudos esbarrei com a possibilidade de caminhar rumo a ideias que me rodeiam há tempos, pois sempre fui sensível à EJA e ser apresentada ao PROEJA com sua formatação tão coerente fez com que reavivasse meu desejo dar visibilidade a estes estudantes, dar importância a eles através de cursos pensados para eles.

Retomando meu percurso... Uma caminhada de vida de quem sempre foi (e sempre será) apaixonada pela escola no seu sentido máximo de ser. Não olho para uma escola e enxergo um prédio, eu vejo um templo, pois tudo o que acontece ali dentro certamente vem do sagrado.

Reflexões acerca dessa caminhada, do percurso da minha vida escolar enquanto estudante dão ênfase ao sistema educacional opressivo na época do ensino primário, caminhando para a formação como professora num período de maior abertura política. A ditadura estava para “acabar”, e, em 1988, chegou a Constituição

Federal Brasileira. Esse importante documento aborda de alguma forma o direito à educação de jovens e adultos:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - ensino fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições de acesso e permanência na escola.

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer formas de discriminação. (Brasil, 1988)

É necessário um certo esforço para enxergar o público da EJA nesses artigos, mas eles estão aí, e temos nos esforçado até hoje para que ganhem visibilidade, dada a importância que têm como cidadãos comuns dotados de direitos e deveres.

Mais adiante, década de 1990, a Educação tem a legislação remodelada no corpo da Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96) que chega com avanços, ainda que tímidos. E mesmo antes dela, no curso de formação para o magistério (CEFAM), o eixo dos estudos era o Construtivismo que trouxe o aluno para o centro do processo de aprendizagem, retirando do professor a função de transmissor de conhecimento. O professor passa a ser o mediador, aquele que cria situações de aprendizagem onde o ator é o aluno. Ótimo seria se meu curso primário tivesse sido assim!

Vejo de grande importância tratar do Construtivismo, pois foi o primeiro porto seguro para a minha atuação como docente. E nesse caso, Nunes (1990) afirma que “o Construtivismo é uma teoria sobre a origem do conhecimento que considera que a criança passa por estágios para adquirir e construir o conhecimento e tem como objeto de estudo da alfabetização a língua escrita”.

O melhor de tudo é que vinte anos depois, ou seja, na metade da minha carreira profissional, Fossile (2010) corrobora com o conceito apresentado por Nunes ao afirmar que o Construtivismo é a evolução do aluno a partir do seu aprendizado — que é uma construção pessoal —, e que o professor é um importante mediador desse processo, pois a aprendizagem não pode ser entendida como resultado do desenvolvimento do aluno, mas sim como o próprio desenvolvimento do aluno, o que me mantém certa de que o trabalho realizado até aqui está de acordo com as bases que carrego comigo.

O magistério me impregnou dessa ideia e da ideia de que a sala de aula deve promover atividades que suscitem discussão, reflexão e tomada de decisões, pois os alunos são os responsáveis pela defesa, pela justificativa e pelas ideias.

Mas por que estou trazendo tudo isso para meu memorial?

Porque perseguir esse modelo de Educação e levá-lo para todas as modalidades de ensino é reconhecer que o sujeito se apropria do conhecimento em qualquer idade, independentemente de sua condição cognitiva, desde que haja o investimento necessário do mediador em promover situações de aprendizagem e que elas sejam significativas. E se isso não estiver intimamente conectado com a EJA e com a minha vida escolar, nada mais faz sentido aqui. Minha aspiração em ser uma profissional da Educação se fortaleceu nesse ponto! E a minha busca pessoal pela formação

contínua se funda na garantia da oferta coerente de boas situações de aprendizagem.

Inserir-me nesse curso de formação de gestores foi um passo maior rumo ao comprometimento com um dos segmentos mais segregado na Educação, os adultos. Por maior que seja o meu envolvimento atual com a Educação atuando nas modalidades Infantil e Especial, trabalhar numa unidade escolar que tem turmas de EJA me mostra quão imenso é o abismo que há entre a EJA e todas as outras modalidades. Esse abismo se dá no tempo destinado ao planejamento, à resolução de problemas administrativos e pedagógicos; a EJA, por exemplo, não tem sequer um profissional que lhe sirva o lanche aos alunos — quando há lanche — ou alguém responsável pelo período noturno: são apenas o professor e os alunos, ninguém mais. Lamentável, eu sei.

Tudo isso somado ao conhecimento que a Especialização em Práticas Assertivas em Gestão voltada para a Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA trouxe, reforçou o desejo de desenvolver um projeto dotado de um planejamento bem organizado, com significação, trazendo o aluno para o centro, seja voltado para a inserção desse público no mercado de trabalho, seja auxiliando no aperfeiçoamento daqueles que já atuam numa determinada área mas que podem melhorar o desempenho mediante formação específica e continuada. Mas principalmente, oportunizando que o aluno se reconheça cidadão e se aproprie do mundo a que tem direito.

Essa especialização contribuiu muito apresentando de forma clara os diversos tipos de planejamentos, as diferentes concepções de currículo e todos os princípios de organização. Tudo isso fortaleceu em mim o desejo de beneficiar pessoas que precisam reconhecer o poder que têm, além daquelas que necessitam reinventar

a atuação profissional para manterem o mínimo de equilíbrio financeiro da família.

O estudo da trajetória da EJA aponta a realidade e a necessidade de voltarmos a formação de adultos em benefício deles mesmos. Dentro do curso, o aprofundamento sobre as legislações e suas finalidades na estrutura organizacional da modalidade EJA oportunizaram refletir sobre os momentos históricos em que a modalidade já esteve submetida. É notório que a trajetória da Educação tem servido aos interesses político e social: formação de mão de obra, capacitação, especialização, formação compulsória, enfim, leis, decretos pareceres entalhados pelas mãos da economia nacional.

Hoje nos vemos enredados pela tecnologia. E na introdução deste curso, mesmo nós, alunos de andado percurso escolar, focamos na apropriação do ambiente virtual. Foi tão necessária! E é pertinente que reconheçamos que, apesar da internet nos servir cotidianamente, nem todos dominamos um ambiente de estudos e às vezes pode levar tempo para nos familiarizar. Tanto mais alunos da EJA/PROEJA cujas ferramentas virtuais podem ser mais estranhas. Esse olhar cuidadoso deve estar presente ao estruturarmos um curso, por menor que seja seu período de duração.

“É necessário que somos chamados a repensar nossas práticas pedagógicas e buscar novas tecnologias e formas para a reorganização curricular. O professor de jovens e adultos, mais ainda, pela própria natureza e particularidade do seu público-alvo, é requisitado a assumir uma atitude colaborativa de construção do conhecimento, a incentivar a proatividade e a visão empreendedora desses estudantes.” (Queiroz, 2018, p. 10)

Mais simples seria fugir da tecnologia! Fixar normas? Focar em aulas presenciais? Mas “nem sempre o mais fácil é o mais pedagógico. As normas nivelam tudo, coisificam as pessoas e desfiguram identidades e diversidades humanas e pedagógicas”. (Arroyo, 2011, p. 14)

É preciso aliançar as novas tecnologias à necessidade do homem, pois só assim daremos sentido ao que denominamos Educação. Ou seja, o avanço tecnológico deve ser recurso para a Educação, pois se o primeiro chega para transformar a vida das pessoas, por que a Educação haveria de ficar de fora se ela é a alma de toda transformação?

Retomando os passos desta especialização e trazendo um pouquinho de tudo o que com ela aprendi, preciso citar a expressiva importância da disciplina Organização e Normas Aplicadas à Administração, ao Planejamento e à Avaliação Institucional. Abordou o processo de gestão, funções administrativas de forma direcionada para o sistema educacional: planejamento, organização, direção e controle. Sem essas bases, o todo não funciona, pois implica também nas relações humanas dentro de toda a engrenagem. E se uma roldana está frouxa, compromete todo o desempenho da máquina.

Disciplinas voltadas para a questão didática também tiveram relevância para mim, que optei por Gestão, mostrando que ninguém consegue direcionar uma equipe se não tiver experiência acerca do trabalho final, a sala de aula. Aliás, todo o percurso de planejamento, se não estiver alinhado à prática pedagógica direta, não terá sentido.

Estar sensível à realidade EJA foi imprescindível para assimilar os conteúdos deste curso. Foi como uma prática de estágio, pois à medida em que os módulos foram apresentados, nascia a

aplicabilidade de toda aquela bagagem na perspectiva de construir um projeto coerente com a estrutura social do redor, as perspectivas da comunidade e suas potencialidades, enfim, ter vivido a EJA possibilitou uma visão mais ampla. A tendência é então, construir um projeto que faça a Educação viver sua função: educar para a vida e para o trabalho, partindo da premissa dada por Freire (1963):

A concepção freireana consiste em conhecer a realidade do educando para a partir dela, lançar base para a alfabetização. Neste contexto, fica claro que o mais importante para essa concepção é que ele não surja de pessoas ou alfabetizadores que pensem pelos futuros alfabetizando, pois não seria uma educação dialógica, mas, uma educação arbitrária. (Freire, 1963, p. 22)

Então vou e volto na minha trajetória acadêmica que mostrou que minha experiência escolar enquanto estudante foi desconectada da vida. Uma escola que ensinou a decodificar o mundo, mas que não me encorajou a tomar posse dele. Muito pelo contrário. Só conheci o quanto o mundo também era meu quando mergulhei nas especializações. No início buscava por políticas públicas que alicerçaram os propósitos de inclusão de alunos com deficiência. Foi quando me vi na minoria proveniente da escola do campo que precisava de uma Educação que fizesse jus à minha comunidade local.

Indo e vindo, reflito sobre esse ano e meio nesta especialização que abriu portas extraordinárias e sem dúvida reforçou em mim o desejo de fazer a diferença junto à Educação de Jovens e Adultos no meu município. Oportunidade de oferecer ferramentas para que muitos sejam encorajados a se apropriarem de um mundo que enxergam, mas que talvez não compreendam o quanto fazem parte dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desfecho deste Memorial se assemelha a uma luz que se apaga para que outras tantas possam passar a brilhar.

Assim é na Educação. Encerramos um curso de formação de tamanha grandeza para que cada um possa seguir o seu caminho que pode ser o mesmo, mas certamente com passos mais seguros; mas também pode ser um caminho diferente, com propósitos mais ousados. Eu ainda estou definindo como será o meu caminhar.

Uma das reflexões que levo comigo é sobre quem a Educação me tornou. Quais modelos tive na minha trajetória de Educação Primária, quais modelos carrego comigo até hoje, sejam eles bons ou nem tanto. E o principal: que modelo eu sou hoje? É possível me tornar um modelo melhor? Quais modificações serão necessárias para a adoção de uma postura mais democrática, conciliadora, acolhedora?

O propósito de um curso de formação nunca se encerra em si mesmo. Com este curso estou apta a compor uma equipe de uma escola EJA/PROEJA, mas também me instrumentalizou a pensar em possibilidades prósperas para a minha cidade/comunidade, auxiliar na busca por políticas públicas que venham ao encontro das necessidades locais, das pessoas da localidade.

Por fim, tecer a minha vida num memorial, aos 46 anos, quando eu já imaginava que esse passado não tivesse mais graça ou razão para ser recontado, mostrou o quanto as entrelinhas da vida pacata de uma menininha franzina que emergiu da terra vermelha do canavial ainda faz tanto sentido na vida desta educadora em constante transformação.

E sigo.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre**. Imagens e autoimagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 19.
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- FOSSILE, D. K. **Construtivismo versus sociointeracionismo**: uma introdução às teorias cognitivas. Revista Alpha, Patos de Minas, UNIPAM. 2010. Disponível em: http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/23730/construtivismo_versus_socio_interacionismo.pdf. Acesso em: 05 jul. 2022.
- FREIRE, P. **Conscientização e Alfabetização: uma Nova Visão do Processo**. Recife, Estudos Universitários, p. 22. Junho 1963.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1981, p. 79.
- NUNES, T. **Construtivismo e alfabetização**: um balanço crítico. Educ. Revista, Belo Horizonte, 1990. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-46981990000200004&script=sci_arttext. Acesso em: 05 jul. 2022.
- QUEIROZ, R. S. P. **Teoria e planejamento de práticas e projetos curriculares**. Unidade II. (Livro eletrônico). Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=8169>. Acesso em: 27 jun. 2022.

MEMÓRIAS FORMATIVAS DE UM PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, PRETO E DO CAMPO: O ENTRELAÇAR ENTRE OS SEUS PERCURSOS PESSOAIS, ACADÊMICOS E PROFISSIONAIS

EVANDRO RIBEIRO BISPO

Orientadora: Profa. Me. Edilma Costa Negreiros Vasconcelos.

A escrita do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, se consolida como um dos momentos mais significativos do percurso acadêmico de um aluno de pós-graduação. A sua importância não se justifica apenas pelo fato de o estudante estar concluindo mais uma etapa de sua formação, mas pela consolidação de um percurso que, de alguma maneira, converte o então estudante em um profissional mais consciente e reflexivo de sua práxis.

É nesse sentido que o trabalho em tela, denominado Memorial Formativo do curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, ofertado pelo Instituto Federal

de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, evidencia a sua relevância. A sua importância está no fato de assumir um caráter formativo, por possibilitar aos estudantes/professores analisar e reconstruir suas práticas a partir de uma reflexão sobre o seu percurso de vida pessoal, estudantil e profissional, colaborando, para a construção de uma identidade profissional.

Assim, afirmo que a natureza deste trabalho apresenta como finalidade narrar, ainda que de forma breve, as minhas experiências durante o curso de especialização, correlacionando-as às vivências pessoal e profissional. Passeggi e Barbosa (2008), afirmam que o memorial possibilita a reflexão sobre a trajetória acadêmica, de forma reflexiva, fazendo uma autoavaliação desse percurso formativo." Nesse sentido, este produto torna-se relevante por possibilitar a reflexão sobre o meu processo formativo e prática docente e, a partir dessa reflexão, traçar novas rotas que sejam necessárias aos afazeres da docência.

A título de contextualização, a especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada à EJA ocorreu na modalidade de Ensino à Distância - EAD, conforme é proposto no Projeto Político Pedagógico do curso e encontra-se organizado em duas ênfases: Gestão e Didática, tendo as suas atividades iniciadas com a aula inaugural, ocorrida em 18 de março de 2021. O curso foi ofertado em 11 polos, distribuídos em diferentes estados brasileiros.

A oferta do curso de especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA visa contribuir para a elevação da qualidade da educação pública, formando especialistas, por meio de um processo de apropriação e de produção de conhecimentos científicos e tecnológicos, capaz de contribuir com a formação

humana integral e com o desenvolvimento socioeconômico da região articulado aos processos de democratização e justiça social.

Considerando a necessidade de entender e de se apropriar dos processos que envolvem a gestão da educação no contexto da Educação de Jovens e Adultos - EJA, o itinerário formativo escolhido por mim foi o de Ênfase em Gestão, este que propõe ao profissional egresso, dentre outras competências, ser capaz de: Promover projetos educacionais e curriculares de formação profissional integrada à EJA, bem como avaliar propostas de formação em prática, para atualização pedagógica e técnica de formação; Avaliar propostas pedagógicas, materiais didáticos, utilizando tecnologias educacionais para a Educação Profissional integrada à EJA e EaD; Promover, de forma coletiva, a elaboração de PPC de cursos da Educação Profissional integrada à EJA.

Para melhor compreensão deste trabalho, é importante situar o leitor quanto a sua organização. Sendo assim, ele se encontra estruturado em 4 capítulos: o primeiro, denominado de *Introdução*, tem como objetivo apresentar de que se trata o trabalho, definindo o gênero discursivo que o caracteriza, além disso no capítulo introdutório é apresentado o curso de especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Articulada à EJA, informando o seu objetivo, a sua estrutura, a modalidade em que foi ofertado e o itinerário formativo escolhido pelo autor.

O segundo capítulo, intitulado de *Narrativa Autobiográfica*, tem como finalidade fazer uma breve apresentação do autor, com informações pessoais, acadêmicas e profissionais, trazendo as trajetórias e histórias de vida desde a sua infância até o momento atual, em que cursa a presente especialização.

O terceiro capítulo, o qual tem como título *Reflexões sobre a formação e a experiência profissional na EJA/PROEJA*, tem como

propósito apresentar a experiência formativa adquirida no curso de especialização. Desse modo, é apresentada uma análise reflexiva e as contribuições que foram estudadas e aprendidas nas diversas disciplinas, destacando aquelas que foram mais relevantes para a formação pessoal e profissional.

Não menos importante, o quarto e último capítulo, denominado de *Considerações Finais*, no qual são apresentadas as contribuições e a importância do curso para o desenvolvimento pessoal e profissional.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

A escrita desta seção consiste em uma das tarefas mais desafiadoras. Não pela exigência e rigorosidade da escrita científica e acadêmica, mas pelas lembranças a que serei conduzido. Entendo que revisitar o passado é necessário, principalmente para compreendermos o nosso lugar de origem, o nosso ponto de embarque e o tempo presente, porém, em alguns momentos, isso causa nostalgia, dor e sofrimento.

Os relatos que aqui serão postos são constituem-se de alguns retalhos de situações que consegui captar durante a minha trajetória. Importa dizer que não conheço a minha história em sua totalidade, existem fatos que eu talvez nunca conheça. Há uma resistência por parte da minha mãe em relatar alguns acontecimentos que demarcam as nossas vidas, as nossas origens e os nossos passados.

Posto isso, prossigo, afirmando que sou um jovem preto, filho de Dejanira Ribeiro da Silva e Edvaldo Bispo da Natividade¹, nascido no campo, especificamente na Fazenda Rio Preto no município de Varzedo - Bahia. Posteriormente minha família (eu, minha mãe e minhas irmãs) se estabeleceu na Fazenda Cana Brava, no mesmo município, localidade na qual cresci, cursei as primeiras letras e morei até o ingresso na universidade.

Sou oriundo de uma família simples, desprovido de qualquer privilégio econômico, social, cultural e educacional. Filho caçula, sendo o quinto de uma mãe solteira que, como sinaliza a expressão popular, “lutou por cima de paus e pedras” para oferecer aos seus filhos uma vida “digna”, não nos deixando faltar alimentação e moradia, conforme suas possibilidades e condições. Ser preto e viver no campo é viver nessas condições, é ser explorado, ignorado, sem privilégios. É como diz Lélia Gonzalez (1984, p. 225) “Nós negros estamos na lata do lixo da sociedade brasileira, pois assim determina a lógica da dominação”.

Nos itinerários da vida, passamos por momentos bastante difíceis. Nesses percursos, o campo sempre foi o nosso aliado, pois por meio dele encontrávamos o nosso meio de subsistência, mesmo que tudo que ali era produzido não nos pertencesse integralmente, uma vez que éramos meeiros², e a colheita da produção agrícola deveria ser dividida com o dono daquela propriedade rural.

Essa condição de meeiro é bastante perversa, pois conduz o homem e a mulher do campo a viver numa condição de escravidão. As terras se concentram nas mãos de algumas poucas pessoas que exploram as demais, e esse processo é histórico, conforme tenciona

1 Edvaldo Bispo Natividade é apenas meu pai nos documentos, pois ele não assumiu a sua função paterna. Apenas engravidou minha mãe, abandonando-a em seguida.

2

Sauer e Perdigão (2017, p. 250) “Essa distribuição desigual da terra pode ser dimensionada do ponto de vista histórico e social [...]” e acrescentam que a alta concentração fundiária no Brasil é histórica e a origem dessa estrutura concentrada e excludente remontam os tempos coloniais.

As condições da casa que morávamos eram precárias. A casa era construída de taipa, coberta de sapé/palha, de chão batido, sem banheiro. Não havia energia elétrica nem água, a luz provinha das velas ou candeieiros e, para ter acesso à água, tínhamos que nos deslocar para um lugar distante. Tudo isso revela as marcas das desigualdades sociais, econômicas e culturais e a penosa realidade das muitas famílias que vivem no campo brasileiro.

De maneira diferente de minha mãe e de minhas irmãs, tive a oportunidade de acessar à escola e progredir nos estudos. Elas, quando crianças, tiveram que interromper os estudos, realidade bastante comum no campo. As interrupções dos estudos no campo normalmente ocorrem por duas questões: pela falta de oportunidades educacionais — ausência de escolas nesses espaços que permitam o prosseguimento dos estudos — ou pela necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família.

As interrupções dos estudos pelas minhas irmãs ocorreram devido à necessidade de trabalhar para ajudar a minha mãe. Fora reservado para elas a condição de serem empregadas domésticas, ofício que exerceram durante um longo período de suas vidas. Ao ler o livro *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada*, escrito pela rapper, historiadora, turbantista, modelo e influenciadora digital Preta-Rara, publicado em 2019, fez-me refletir sobre a realidade cruel a que essas pessoas sucumbem ao exercerem tal atividade.

O livro, composto dos relatos de mulheres, todas negras, de todos os cantos do país, oriundas do campo e das periferias da cidade, revela a dureza de ser mulher e preta, sob condições em que lhes era negado, na maioria das vezes, o direito à alimentação, dormiam em quartos minúsculos, isolados das casas (algumas comparavam os quartos à casinha dos cachorros), eram escravizadas e muitas delas eram estropadas, tendo que satisfazer os desejos sexuais dos seus patrões, que as tinham como propriedade. Sobre como essas trabalhadoras são vistas, Gonzalez (1984, p. 230) diz que “Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas”.

Como mencionado anteriormente, tive a oportunidade de acessar os estudos. Recordo que sempre gostei da escola e mesmo não tenho a idade adequada para ser matriculado acompanhava a minha irmã mais nova em suas idas à escola. Aos 6 anos, já com a idade apropriada para frequentar uma escola, fui matriculado na Escola São Marcos, onde cursei o ABC e a Cartilha — séries atualmente denominadas de Educação Infantil — tendo como Professora Maria Marlene dos Santos, que exercia múltiplas funções: dona de casa, agricultora e docente. A escola funcionava na sua residência da própria professora, e na maioria das vezes as aulas ocorriam ao ar livre, debaixo de uma árvore, defronte à casa.

Após a conclusão do ABC e da Cartilha, migrei para outra escola e nela cursei as três séries iniciais do ensino fundamental. A escola se chamava Prédio Escolar Otávio Andrade de Jesus e se localizava na comunidade rural da Cana Brava, na qual eu residia. A escola para mim tinha um grande significado, a relação com os professores e colegas eram bastante afetuosas. Nesse período começava também a contribuir nos pequenos serviços do campo,

estudando pela manhã e indo à tarde para a roça ajudar minha mãe e minhas irmãs no plantio e cultivo da terra.

Quando avancei para a 4ª série, houve uma mudança significativa na minha trajetória escolar, pois fui matriculado em um estabelecimento de ensino localizado na zona urbana de Varzedo - BA, na Escola Manuel José de Souza. Ali, tudo era novo para mim, foi um longo processo de adaptação, de dores e de descobertas, pois até aquele momento eu não tinha experimentado a realidade da cidade. É nesse contexto que começo a visualizar o racismo, o preconceito e a discriminação por ser preto e da roça, pois impera a visão equivocada do homem do campo como um sujeito abobado, ingênuo, sem cultura, sem conhecimento, não civilizado, o demarcado como o Jeca Tatu, personagem de Monteiro Lobato em sua obra *Urupês*. Sobre essa visão, Gonzalez (1984, p. 238) nos diz: “É engraçado como eles [sociedade branca elitista] gozam a gente quando a gente diz que é “Framengo”. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado”.

Na mesma cidade, especificamente na Escola Monsenhor Gilberto Vaz Sampaio, cursei as séries finais do Ensino Fundamental e posteriormente cursei o ensino médio na modalidade normal — antigo magistério — no Colégio Estadual Nossa Senhora da Conceição. Optei pelo curso de magistério por amar à docência, não tinha dúvidas que queria ser professor, sabia que por meio desta profissão poderia mudar vidas, inclusive a minha, pois a educação muda a vida das pessoas, conforme tenciona Freire (1987, p. 87): “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Após o término do ensino médio, tive a oportunidade de participar do Projeto Universidade Para Todos. Por meio desse projeto e também do programa de ação afirmativa no ensino superior

que prevê a política de cotas para estudantes afrodescendentes oriundos de escolas públicas e de famílias de baixa renda, tive a oportunidade de ingressar na Universidade Pública. Dessa forma, ingressei no curso de Licenciatura em Letras - Língua Espanhola e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

A partir desse momento, minha vida começa a tomar novos direcionamentos, uma vez que surge a oportunidade de ter acesso ao conhecimento acadêmico e também dou o primeiro passo profissional. Na mesma ocasião em que ingresso na universidade, saio do campo e vou morar na cidade. Tal decisão decorre da dificuldade no deslocamento, uma vez que na localidade em que eu morava não havia transporte que me permitisse frequentar diariamente as aulas no Campus V - UNEB, em Santo Antônio de Jesus - BA.

Logo no início da graduação, tenho a primeira experiência na docência, substituindo professores que se encontravam em gozo de licença. Iniciei lecionando em turmas da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Atuar nessa modalidade de ensino me fez reviver a minha história, devido ao fato da maioria dos alunos morarem no campo — meu lugar de origem e de pertencimento, onde nasci, cresci e me constituí enquanto sujeito. Em nossas trocas, os alunos sinalizavam as angústias, as dificuldades e os preconceitos as quais eram submetidos por morarem no campo.

Costumo dizer que a minha relação com a Educação de Jovens e Adultos existe antes mesmo de me tornar professor dessa modalidade de ensino. Minha mãe quando criança não teve a oportunidade de continuar os estudos, ela apenas sabia assinar o seu nome, ler e escrever algumas poucas palavras, porém tinha o desejo de ampliar os seus conhecimentos. Essa possibilidade surgiu para ela quando tinha aproximadamente 60 anos, por meio de alguns programas assistencialistas de alfabetização para adultos

e idosos. Lembro que acompanhava minha mãe nas aulas e ficava fascinado com aquele universo, as histórias, as experiências. Os “causos” que eram compartilhados pelos alunos adultos e idosos me despertavam sensações e aprendizados maravilhosos.

Durante o período da graduação, além do vínculo com a docência, tive a oportunidade de estar em contato com diversas atividades acadêmicas, participando de cursos de atualização, extensão, congressos, seminários e, também atuando como monitor do curso pré-vestibular Universidade Para Todos (curso do qual fui aluno e que me permitiu o ingresso ao ensino superior) e também do laboratório de línguas na própria universidade.

A conclusão do curso de magistério e da Licenciatura em Letras representa um grande marco na minha trajetória de vida. Essas conquistas são marcadas por momentos bastante difíceis, uma vez que o acesso à educação, embora seja direito de todos conforme legitimado na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 1996, não foi pensada para o filho de uma mãe solo, campesina e preta, que por muitas vezes realizou trabalhos pesados, como “dar dia” nas roças dos fazendeiros dividindo esses espaços com homens machistas, abdicando dos seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus.

Alguns anos após a conclusão do curso de Letras - Língua Espanhola e Literaturas, ingressei e concluí o curso de Licenciatura em Pedagogia. A opção em realizar o curso de Pedagogia ocorreu devido à possibilidade do ingresso no mercado, uma vez que não havia vagas na área de Letras/Espanhol. Para além disso, segui buscando a formação continuada e realizei a especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Devido a minha aproximação pessoal e a atuação profissional na Educação de Jovens

e Adultos, esse tema converteu-se em objeto de pesquisa dos trabalhos de conclusão de curso apresentados na licenciatura em Pedagogia e na especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino.

Em seguida, participei do processo seletivo de professores no município de Santo Antônio de Jesus - BA e, por meio dele, tive a oportunidade de continuar atuando na EJA. No primeiro ano, atuei como Articulador Pedagógico na Secretaria Municipal de Educação e, nos anos seguintes, como professor nas turmas do Estágio III (6º e 7º anos) e Estágio IV (8º e 9º anos) em uma escola na comunidade rural do referido município. Na função de articulador pedagógico, colaborava junto à Coordenação Técnica e Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos visitando as escolas, organizando e participando dos encontros pedagógicos e formativos.

Ainda atuando nos espaços mencionados, continuei buscando novos conhecimentos e oportunidades. Comecei a me dedicar aos estudos para concursos públicos, prestei o concurso público da Prefeitura Municipal de Alagoinhas - BA e obtenho êxito, sendo aprovado para o cargo de Professor na área de Pedagogia. E assim, passei a atuar como professor em duas escolas do campo: em uma delas, sou professor da turma do 4º ano; e na outra, leciono em uma turma multisseriada na Educação de Jovens e Adultos.

Percebe-se que a EJA faz parte da minha vida, da minha trajetória, e amo ser professor dessas turmas. Os múltiplos sujeitos, contextos e culturas me constituem como ser humano. Infelizmente, esses múltiplos sujeitos continuam sendo os mesmos, assim como descreve Arroyo (2011, p. 29) ao dizer que, desde que a EJA é EJA, os estudantes são os mesmos (pobres, desempregados, negros) no limite da sobrevivência. O mesmo autor ainda acrescenta que

esses sujeitos são jovens e adultos populares que fazem parte dos mesmos coletivos sociais, raciais, étnicos, culturais.

Ao tempo que me dedicava aos estudos para concursos públicos, começava a pensar também em ingressar no mestrado, porém não era qualquer mestrado. Eu almejava um programa em que pudesse continuar pesquisando sobre a Educação de Jovens e Adultos no contexto do campo. Após algumas pesquisas e trocas, constatei que no Programa de Mestrado em Educação do Campo, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, haveria essa possibilidade. Então, no período 2021.1 ingressei como aluno regular. É importante pontuar que esse é o único Programa de Mestrado em Educação do Campo existente no Brasil.

O ingresso no mestrado constituiu-se como um divisor de águas em minha vida. Por mais que desejasse ou vislumbresse a possibilidade de me tornar mestrando em uma universidade pública federal e em um programa com discussões tão caras, para mim era um sonho impossível de realizar, uma vez que o acesso à educação básica para quem é preto, empobrecido e do campo é um privilégio para poucos, Ainda mais em se tratando do ensino superior e/ou ainda um programa de mestrado.

Nesse mesmo período, tive conhecimento da Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada à EJA, ministrada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN com oferta no Polo EAD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA. Participei da seleção e ingressei no curso fazendo parte da ênfase em Gestão. A escolha pelo curso ocorreu da necessidade de aprofundar os conhecimentos acerca da EJA, e ressalto que tais conhecimentos foram e são imprescindíveis para a reflexão da minha prática enquanto educador dessa modalidade de ensino, bem como me

preparar para os desafios futuros. Por exemplo, atuar na gestão da Educação de Jovens e Adultos.

Desse modo, encerro a escrita desta seção que trouxe informações relacionadas a minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/ PROEJA

As abordagens que serão tecidas nesta seção se pautarão na reflexão das contribuições que as disciplinas que compõem a Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada à EJA com ênfase em Gestão trouxeram para a minha formação e atuação na Educação de Jovens e Adultos, porém é importante sinalizar que a minha atuação enquanto professor nessa modalidade de ensino não se encontra atrelada à Educação Profissional e nem ao PROEJA.

Posto isso, para melhor compreensão do texto em tela, apresentarei de forma sintética como foram organizados os componentes e as aprendizagens adquiridas no decorrer do curso de especialização. É importante deixar claro que as abordagens aqui pontuadas ocorrerão de forma sucinta, não sendo possível abarcar ou dar conta de refletir e analisar todos os conhecimentos construídos nos componentes cursados, logo serão selecionadas as disciplinas que julgamos mais relevante para a formação pessoal e profissional.

O curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à EJA com ênfase em Gestão encontra-se organizado em 4 módulos e as disciplinas foram ofertadas em 3 períodos letivos. O primeiro período, 2021.1, contemplou os

componentes que fazem parte do módulo 1, o qual tem como eixo a “Qualificação em Educação de Jovens e Adultos”.

Os componentes que integram esse eixo e foram ministrados no período 2021.1 são: Fundamentos de EAD e Ambientação Virtual; Produção de Textos Científicos; Fundamentos da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos; Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Presencial e à Distância; Noções de Didática e o Seminário Temático “Fundamentos e Políticas Públicas para a EJA e o PROEJA”.

Enquanto docente da Educação de Jovens e Adultos, considero importante entender o processo histórico que envolve tal modalidade de ensino, ter conhecimento das políticas públicas que foram criadas para a EJA ao longo dos anos, como também se apropriar da organização pedagógica que norteia o trabalho na EJA. Nesse sentido, destacam-se as disciplinas que sustentaram tais discussões: Fundamentos da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional Presencial e à Distância e Noções de Didática.

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil encontra-se vinculada aos acontecimentos históricos, sociais e políticos ocorridos no país. O modelo de educação destinado à população adulta sempre esteve posto a uma intencionalidade, como por exemplo: aculturação dos povos, a lógica do mercado de trabalho dentre outras. Posto isso, a disciplina Fundamentos da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, ministrada pela professora Doutora Maria das Graças Baracho, teve como objetivo principal possibilitar a compreensão histórica, política e social da Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional e

Tecnológica a partir da década de 1940, destacando as características essenciais dessas modalidades de ensino.

Diante do objetivo explicitado acima, Baracho e Nóbile (2020) destacam a importância dessa disciplina em proporcionar para os gestores, professores e técnicos administrativos que trabalham com a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional:

Uma compreensão sobre os fundamentos que embasam a construção de uma política educacional comprometida com a formação do aluno, não se limitando, apenas, ao mercado de trabalho, mas ampliando e aprofundando os conhecimentos para uma formação comprometida com a cidadania e com a autonomia a partir de uma perspectiva histórica e crítica (Baracho; Nóbile, 2020, p. 14).

Nessa disciplina, estudamos a retrospectiva da história da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Profissional e Tecnológica a partir da década de 1940; a base legal da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil a partir da década de 1990; os princípios norteadores de um currículo integrado e os aspectos da formação do educador.

O componente Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional Presencial e à Distância, ministrado pela professora Mestra Vânia do Carmo Nóbile propôs apresentar e discutir políticas públicas formuladas e implementadas para a Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional de forma a colaborar na formação de gestores, docentes e técnicos para atuarem numa proposta de oferta de educação integrada com essas duas modalidades educacionais.

Ao discutir a temática das políticas públicas para a EJA, as professoras autoras do livro base, que sustentou as discussões propostas na disciplina nos levaram a refletir sobre o que significa

a EJA. Para além do significado da sigla, a EJA, segundo Baracho e Nóbile (2020, p. 24), trata de um grande público que sofreu e ainda vem sofrendo o processo de evasão, repetência e segregação socioescolar.

Para Arroyo (2011, p. 19), a Educação de Jovens e Adultos situa-se num campo ainda não consolidado no que diz respeito, inclusive, às políticas públicas e diretrizes educacionais. Durante décadas, os educandos da EJA foram olhados e reconhecidos a partir de suas trajetórias escolares incompletas. Porém, há necessidade de se pensar as políticas de educação sem a finalidade de suprir carências de escolarização.

Para reverter esse quadro de evasão, repetência e segregação que gera o analfabetismo, a disciplina procurou apresentar e discutir alguns marcos regulatórios e políticos que, nas últimas décadas, vêm sendo responsáveis ou têm influenciado a formulação e a implementação de políticas públicas educacionais no nosso país. Nesse contexto, elencam-se as Conferências Internacionais de Educação de Adultos - CONFINTEAS que foram realizadas nas últimas seis décadas e também o Plano Nacional de Educação - PNE, que enfrenta um longo desafio quanto ao cumprimento de suas metas e estratégias.

Vale destacar a relevância dessa disciplina para a nossa formação, uma vez que ela permitiu a compreensão da importância das políticas públicas para a consolidação da EJA. Entendemos que as políticas públicas criadas para a EJA ainda são insuficientes para atender todas as demandas que perpassam essa modalidade de ensino. É preciso olhar a Educação de Jovens e Adultos como um campo de possibilidades, priorizando a formação do professor e um currículo que esteja associado às vivências e especificidades do sujeito da EJA.

Ainda nesse contexto, destaca-se também a importância dos conhecimentos adquiridos a partir do componente Noções de Didática. A referida disciplina, ministrada pela professora Doutora Christine Meyrelles Felipe da Fonseca, tratou-se de uma disciplina fundamental para a nossa formação, uma vez que ela nos forneceu subsídios teóricos e práticos para a compreensão do processo de ensino e de aprendizagem. Diante disso, aprendemos que a educação deve estar pautada em um processo de formação para a cidadania, emancipação e transformação social dos sujeitos. Para isso, a função social da escola deve se embasar em uma formação que considere o desenvolvimento do indivíduo em todas as suas dimensões humanas, visando formar um cidadão independente, crítico e partícipe do meio no qual está inserido.

Esse processo educativo depende de um trabalho docente bem planejado e organizado. Desse modo, compreender os elementos que constituem o planejamento e que norteiam o seu trabalho pedagógico é essencial para se atingir o objetivo a que se quer chegar. Essa disciplina ainda nos possibilitou compreender que a prática educativa está vinculada aos objetivos; que ela fornece direcionamento a uma ação sistêmica e intencional, e que os conteúdos, os métodos e a avaliação devem ser selecionados sempre no intuito de se atingirem os objetivos. Isto é, todos os elementos constitutivos do planejamento devem estar correlacionados aos objetivos a que se pretende alcançar.

O segundo período, 2021.2, integrou os módulos 2 e 3. O módulo 2 teve como eixo a “Qualificação em Organização e Gestão da Educação Profissional integrada à EJA” e contemplou as seguintes disciplinas: Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional; Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA;

Práticas de Letramento na EJA e o Seminário Temático “A gestão escolar para novos desafios educacionais em Educação Profissional integrada à EJA”.

Já as disciplinas Tecnologias Educacionais aplicadas à EP integrada à EJA; Gestão da Educação à Distância; Planejamento Educacional em EAD para EJA e o Seminário Temático “A aprendizagem à distância em tempos de comunicação mediada pelas tecnologias virtuais de comunicação” compreenderam o módulo 3, que apresentou como eixo a “Qualificação em EAD para EJA”.

As disciplinas que compõem os módulos e os eixos pontuados acima, assumiram um papel importante no processo de formação de nós profissionais que atuamos na docência, gestão e coordenação na EJA. As disciplinas desse período propuseram suas discussões para as questões relativas à coordenação pedagógica, letramento e tecnologias educacionais.

Nesse rumo, a disciplina Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional Integrada à EJA, ministrada pela professora Doutora Edneide da Conceição Bezerra, teve como objetivo discutir o papel da coordenação pedagógica para a construção do trabalho pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA e na mediação das relações interpessoais na escola. Nessa disciplina, estudamos os contextos históricos e legais da coordenação pedagógica; a coordenação pedagógica e elaboração da proposta pedagógica da escola, EJA e do PROEJA; o coordenador pedagógico e a formação de professores na escola; e a coordenação pedagógica e a mediação das relações interpessoais na escola.

A partir dos estudos dessa disciplina foi possível compreender que o coordenador pedagógico é o profissional que cuida e articula a organização de todo trabalho pedagógico junto à comunidade interna da escola (professores, profissionais da educação e

estudantes) e a comunidade externa (pais, responsáveis, sociedade). Dentre as suas atribuições, o profissional que assume a coordenação pedagógica tem como incumbência fazer a mediação entre a comunidade interna e a externa, favorecendo os processos de aprendizagens de todos os participantes da escola, potencializando os processos educativos dos estudantes e, conseqüentemente, aprimorando o fazer pedagógico dos professores.

Importa dizer que sempre existiu o coordenador pedagógico. O que mudou no decorrer do tempo foi a nomenclatura (orientador pedagógico, supervisor pedagógico etc.) e a sua função. Enquanto em tempos passados esse profissional exercia uma atividade mais burocrática e/ou administrativa, atualmente ele desenvolve um trabalho pedagógico direcionado para a prática educativa e para a construção do projeto pedagógico da escola, no sentido de alcançar a qualidade da educação e as aprendizagens dos estudantes. Bezerra (2020) pontua:

O lugar do coordenador pedagógico ainda se encontra em construção, pois é lugar de conquista de espaço. Um terreno fértil para discussão ou para construção. Desse modo, um lugar para, a partir dele, se pensar orientações legais de atuação. O que hoje é assumido pela coordenação pedagógica foi, ao longo da história da escola, ocupado por outros profissionais. Esse lugar não é novo, mas é um vir a ser de um novo jeito de articular a comunidade escolar (Bezerra, 2020, p. 32).

No contexto da EJA/PROEJA, o papel da coordenação pedagógica na construção da proposta pedagógica é ainda mais amplo e desafiador, principalmente pela diversidade que compõe esse público: diversidade de gênero, raça, cultural, geracional etc. Nesse rumo, o seu principal papel é pensar e conceber uma proposta

política e pedagógica que dialogue com as especificidades e realidades desses estudantes (jovens, adultos e idosos), tornando-os sujeitos emancipados, críticos e autônomos. Ainda, importa dizer que, na perspectiva da Educação Profissional integrada à EJA, o trabalho como princípio educativo e o currículo integrado deve ser compreendido como elementos norteadores no processo de elaboração da proposta pedagógica.

Em suma, os conhecimentos acessados nessa disciplina contribuíram para a compreensão da importância do coordenador pedagógico para a concretização da proposta pedagógica de uma instituição. Permitiu compreendermos que o trabalho do coordenador não está atrelado apenas às questões burocráticas com o professor e o aluno. Ele é o responsável por mediar a prática educativa, construir coletivamente a proposta pedagógica, desenvolver atividades de interação e integração com o grupo.

Enfim, a disciplina permitiu que se lançasse um olhar mais atento para as necessidades e especificidades dos alunos e que, para conceber uma proposta pedagógica é necessário, mais que nunca, ouvi-los, principalmente no contexto da PROEJA, uma vez que a formação profissional deve ocorrer em um processo formativo intelectual, social e político.

O componente Práticas de Letramento da EJA, ministrado pela professora Doutora Ivoneide Bezerra de Araújo Santos-Marques, propôs uma discussão dos fundamentos teóricos necessários a uma abordagem sócio-histórica da linguagem como subsídio para o trabalho com práticas de letramento na Educação de Jovens e Adultos. Algumas categorias que estão intimamente ligadas à realidade do público da EJA demarcaram as discussões deste componente, a saber: alfabetização, letramento e variação linguística.

Apropriar-se do estudo dessas questões é necessário, uma vez que é importante a abertura para as diferentes experiências de vida dos educandos da EJA, tendo em vista que a linguagem utilizada por eles encontra-se vinculada a fatores históricos, políticos, sociais, culturais, regionais dentre outros. Assim, depreendemos por meio deste componente que o conteúdo sobre variações linguísticas é relevante e deve ser tratado de maneira especial e cuidadosa, considerando os contextos em que esses alunos estão inseridos. Muitos estudantes da EJA são oriundos de locais marginalizados, lugares onde os falares não pertencem à norma culta. É natural, pois, que eles utilizem outras palavras e expressões.

Santos-Marques (2020, p. 33) pontua que “convém a escola ficar atenta para não acentuar diferenças sociais as quais podem se estabelecer pelos usos linguísticos”. A mesma autora ainda acrescenta que essa atenção deve ocorrer especialmente na EJA, tendo em vista que geralmente esses alunos são oriundos das classes sociais mais pobres, o que influencia nos seus modos de falar e escrever. Assim, faz-se necessário que a escola estabeleça uma concepção de linguagem que esteja atrelada às questões do respeito à diversidade de falares, de modo que combata o preconceito linguístico.

Do mesmo modo, é de fundamental importância compreendermos os processos que envolvem a alfabetização e o letramento no contexto da Educação de Jovens e Adultos. É importante considerar que os processos de alfabetização e letramento, embora sejam distintos, são indissociáveis. Para Santos-Marques (2020, p. 131) esses processos se diferenciam quanto às habilidades cognitivas envolvidas, implicam formas de diferentes aprendizagens, mas não são processos concomitantes e interdependentes entre si.

Infere-se a partir dos pressupostos de Freire e Macedo (1990) que alfabetizar não se limita aos processos de codificação e decodificação, uma vez que a alfabetização de adultos tem como finalidade promover e despertar a conscientização acerca dos problemas que estão no entorno dos estudantes, de modo que eles compreendam o mundo, conheçam a sua realidade social, para transformá-la. O processo do letramento se desenvolve ao longo da vida, e a alfabetização é uma das práticas do letramento.

As práticas de letramento são importantes no processo de ressignificação do ensino para a Educação de Jovens e Adultos. Kleiman (2005, p. 12) considera que a prática de letramento se refere a “um conjunto de atividades envolvendo a língua escrita para alcançar um determinado objetivo, numa determinada situação, associadas a saberes, às tecnologias e às competências necessárias para a sua realização”.

Dentre as diversas práticas de letramento, podem citar: a escritura de uma carta, uma ficha de prontuário de um posto de saúde, uma ficha de solicitação de emprego, por exemplo. Essas práticas, segundo Santos-Marques (2020), constituem em atividades humanas concretas, ou seja, produções sociais que envolvem não somente o que as pessoas fazem, mas o que elas sabem e pensam sobre aquilo que fazem.

Em síntese, a partir da disciplina, destacamos que o papel da escola vai além do cumprimento dos conteúdos que integram os planos de curso. Ela deve se abrir para combater o preconceito linguístico, valorizar as experiências de vida dos alunos e oportunizar um ensino da leitura e da escrita que possam contribuir para ajudar os alunos a usarem essas práticas no cotidiano, no trabalho, na escola e em outros espaços sociais.

O módulo 4, ofertado no terceiro e último período, 2021.3, apresenta como eixo a “Qualificação em Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA” e possui os seguintes componentes: Teorias, Planejamento e Práticas de Projetos Curriculares Pedagógicos; Gestão da Educação Profissional e da EJA; Oficina de Projetos Curriculares em EJA e PROEJA e Produção Científica Aplicada à Elaboração do TCC. Nesse módulo, as contribuições foram direcionadas ao perfil do gestor, partindo do entendimento de que as bases teóricas e metodológicas do planejamento e organização curricular envolvem os dinâmicos processos do ensinar e do aprender.

As disciplinas que integram o módulo 4, com exceção das que os estudos foram para o processo de elaboração do memorial formativo, trataram de temáticas específicas do planejamento e da organização curricular, que se materializam no trabalho pedagógico relacionadas à prática no contexto escolar, assim como do conhecimento crítico-analítico, acadêmico e profissional sobre gestão educacional, através da relação teoria e prática.

Destacam-se no componente Teorias, Planejamento e Práticas de Projetos Curriculares Pedagógicos, ministrada pela professora Edilene Gomes, o significado e as diferentes concepções de currículo, que fundamentam o planejamento em seus aspectos teóricos e metodológicos. Queiroz (2020) destaca que não há uma única concepção de currículo, visto que esse é um produto social e, conseqüentemente, contextualizado por natureza.

Segundo Sacristán (2001), o currículo é um processo que envolve uma multiplicidade de relações, abertas ou tácitas, em diversos âmbitos, que vão da prescrição à ação e das decisões administrativas às práticas pedagógicas. Na concepção de Silva (2010), o currículo é lugar, espaço, território, relação de poder,

trajetória, viagem percurso, texto, discurso, documento, documento de identidade.

Cada tempo histórico apresenta um tipo de sociedade, de concepção de homem, de educação e, por consequência, de prática pedagógica. Dessa forma, Queiroz (2020) afirma que cada tempo histórico, cada sociedade, em seus propósitos e significados compartilhados, são responsáveis e autores/atores do currículo.

Estudamos sobre as diferentes tipologias de planejamento, bem como a importância da reorganização dos saberes, superando os modelos psicopedagógicos, numa perspectiva ativa de construção do conhecimento. Segundo Queiroz (2020), cada tipo de planejamento remete a um conjunto de ideias, até porque tanto a educação quanto o ato de planejar são produtos sociais e históricos vinculados, a princípio, a uma concepção de homem e sociedade. Como existem diferentes tipos de planejamento, a sua elaboração não deve seguir um roteiro rígido, mas contemplar os elementos que são fundamentais para a execução da atividade. De acordo com Padilha (2017 *apud* Queiroz, 2020, p. 6), citam-se algumas tipologias de planejamento: planejamento educacional, planejamento curricular, planejamento de ensino, planejamento escolar, plano de curso, plano de ensino, plano de aula etc. A disciplina também trouxe contribuições no campo do currículo integrado e a sua fundamentação no trabalho como princípio educativo. Além disso, tratou sobre a necessidade de integração e contextualização dos conhecimentos e dos saberes, através da interdisciplinaridade e os seus desafios. Vimos questões relacionadas à formação de docentes na EPT e a concepção de escola para jovens.

Por último, na disciplina Gestão da Educação Profissional e da EJA, ministrada pela professora Abigail N. B. Silva, pudemos estudar e analisar os principais conceitos e tipos de gestão da

educação brasileira, buscando explicitar que ela se realiza em prol da qualidade do ensino-aprendizagem, socialmente referenciada e realizada nas instituições educacionais, a partir de formas e/ou modelos específicos de organização que melhor representem e sistematizem os princípios da educacional nacional e os objetivos e as necessidades delineados pelos sujeitos partícipes do projeto educacional.

Também realizamos nessa disciplina a análise das principais regulamentações legais sobre a gestão da EJA e da EP, pois as práticas de gestão educacional devem se alinhar às previsões e às determinações jurídico-político-legais da unidade federativa em que são desenvolvidas. De forma mais concreta, aprofundamos os conhecimentos sobre os mecanismos de realização da gestão nos sistemas de ensino e nas instituições escolares, considerando que, conforme previsto legalmente na LDB nº 9.394/1996, os principais mecanismos para tal são os conselhos educacionais e os projetos.

Essas informações evidenciam a importância que cada disciplina que componente da Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à EJA com ênfase em Gestão trouxe para a nossa formação, pois entendemos que a formação continuada constitui um processo fundamental para a consolidação de um trabalho pedagógico que esteja articulado com a realidade e a necessidade dos educandos. Desse modo, pensando e materializando uma educação libertadora, crítica e emancipatória no ideal defendido por Freire.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero importante sinalizar na escrita desta seção que este texto, materializado em um memorial de formação, apresentou

como escopo narrar as minhas vivências pessoais, acadêmicas e profissionais entrelaçando-as com a trajetória realizada durante o curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada à EJA. Nesse sentido, fazer uma reflexão sobre os conhecimentos e aprendizagens adquiridos e desenvolvidos ao longo do curso tornou-se relevante, por me fazer compreender a importância da formação continuada.

Os conhecimentos oriundos do curso de especialização que se entrelaçaram com o meu percurso profissional tornou-se relevantes, uma vez que pude correlacionar as discussões propostas em cada disciplina com a minha prática docente. Assim, pontuo que a especialização em Práticas Assertivas não permitiu apenas o acesso ao conhecimento científico e teórico, mas possibilitou o questionamento, a reflexão e a avaliação do ser educador em turmas de jovens e adultos, que retornam à escola resgatando o direito de acessar o conhecimento, mas que também levam para esse espaço suas histórias, dilemas e expectativas.

Desse modo, a escrita deste memorial e a reflexão sobre as contribuições das disciplinas fizeram perceber a importância da formação do professor para a consolidação de uma educação que está preocupada com a formação integral dos estudantes. Visto que, enquanto professor, não me cabem apenas a mediação e a transmissão de conteúdos de forma isolada, mas sim construir coletivamente conhecimentos que sejam capazes de emancipar e despertar a criticidade dos estudantes, sobretudo dos que estão na EJA.

Por fim, entendo que a escrita deste produto foi além de uma produção burocrática exigida como critério de avaliação para a obtenção do título de especialista em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada à EJA. Ele foi capaz de promover

um retorno as minhas memórias pessoais, acadêmicas e profissionais, ao mesmo tempo que me conduziu a uma reflexão sobre a minha experiência docente, possibilitando a gestação de um novo professor, deixando-me aberto a novas experiências, vivências e recomeços.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In*: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 19–50.

BARACHO, M. G.; NÓBILE, V. C. **Fundamentos da Educação Profissional Integrada à EJA**. Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/316817/mod_resource/content/1/M_I_Li_vro_3_Fund_Ed_Prof_EJA_FINAL.pdf. Acesso em: 28 de jun. 2022.

BARACHO, M. G.; NÓBILE, V. C. **Políticas públicas para a educação de jovens e adultos integrada à educação profissional**. Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/316131/mod_resource/content/1/M_I_Li_vro_4_Pol%C3%ADticas_Publicas_EP_EJA_FINAL.pdf. Acesso em: 28 de jun. 2022.

BEZERRA, E. C. **Coordenação do trabalho pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA**. Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/332656/mod_resource/content/7/M_II_Li_vro_2_Coord_Trab_Pedagogico_FINAL%20%281%29-1.pdf. Acesso em: 28 jun. 2022.

DANTAS, E. F. **Os meeiros do cacau do sul da Bahia: trabalho, corpo e documentação**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGA, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

FONSECA, C. M. F. da. **Noções de Didática**. Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/320784/mod_resource/content/3/Livro_5_Unid_1.pdf. Acesso em: 28 jun. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura da palavra, leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. *Revista Ciências Sociais Hoje*. ANPOCS. p.223-244. 1984.

IFRN. **Projeto Pedagógico do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos na modalidade à distância (Pós-Graduação Lato Sensu)**. Natal: IFRN, 2018. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/ensino/cursos/cursos-de-pos-graduacao/lato-sensu/especializacao-em-praticas-assertivas-em-didatica-e-gestao-da-educacao-profissional-integrada-a-educacao-de-jovens-e-adultos-na-modalidade-de-educacao-a-distancia/view>. Acesso em: 03 jun. 2022.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: Cefiel/Unicamp; MEC, 2005.

SANTOS-MARQUES, I. B. A. **Práticas de letramento na EJA**. Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1967>. Acesso em: 28 jun. 2022.

PASSEGGI, M. C. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. (org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 43-58.

QUEIROZ, R. S. P. **Teorias, planejamento e práticas de projetos curriculares pedagógicos**. Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/348843/mod_resource/content/1/Apresenta%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 28 jun. 2022.

RARA, P. **Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada**. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 209 p.

SACRISTAN, G. J.; PEREZ GOMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SAUER, S.; CASTRO, L. F. P. DE. **Lutas pela terra no Brasil: sujeitos, conquistas e direitos territoriais**. Abyayala: Revista sobre Acesso à Justiça e Direitos nas Américas, v. 1, n. 2, p. 245-272, 30 ago. 2017.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA

TALITA SANTANA DE MOURA

Orientadora: Profa. Dra. Ulisséia Ávila Pereira

O exercício do olhar para dentro de si e definir-se é demasiado complexo. É comum ouvir que é mais fácil definir os outros do que a si próprio. É mais simples olhar o outro e defini-lo em poucas palavras do que escolher em si o lado que se quer mostrar, uma vez que todos nós somos um conjunto das experiências que vivemos, das escolhas que fizemos, dos nossos gostos e excentricidades.

Neste trabalho, buscarei contar, por meio de uma perspectiva científica, um pouco sobre mim e como cheguei aqui, resgatando minha história de vida, lembrando quem esteve comigo e suas influências no meu eu atual, bem como os caminhos que escolhi seguir até findar neste momento, quando escrevo este memorial.

O memorial conceitua-se como um gênero discursivo utilizado na esfera acadêmica no qual a pessoa que escreve disserta e reflete acerca de sua própria formação acadêmica e profissional, assinalando as situações que vê como significativas para sua jornada. Sua relevância está em proporcionar a quem escreve uma reflexão sobre sua jornada. Por meio do exercício da escrita, lembra

e interpreta os fatos que viveu, lançando um olhar analítico da sua trajetória, percebendo que não seria o que é se não fossem esses fatos. Nas palavras de Santos-Marques (2022, p. 05): “Na produção de um memorial de formação, os saberes construídos no processo de formação emergem em memórias.”

Este memorial refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Práticas Assertivas em Didática da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, ofertada pelo Campus Natal-Zona Leste EaD, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), em parceria com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação. A modalidade de ensino adotada para o curso foi a educação à distância e o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle. Dentre os vários polos em que esse curso é ofertado no país, faço parte do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM.

De acordo com seu Projeto Político Pedagógico, o curso tem por objetivo:

Oferecer formação a gestores, docentes e demais profissionais da educação que atuem nas esferas municipal, estadual ou federal, que busquem se aprofundar na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, proporcionando momentos de reflexão acerca da realidade da educação profissional pública integrada a EJA no país e da ação docente em sala de aula, de forma a incentivar a implementação de novas práticas pedagógicas (IFRN, 2018, p. 9).

Esse curso está organizado em quatro módulos temáticos, totalizando uma carga horária de 480 horas (640 h/aulas), sendo 450 horas (600 h/aulas) destinadas às disciplinas e 30 horas (40 h/aulas) ao trabalho de conclusão do curso. Utiliza recursos virtuais

para o desenvolvimento das atividades, para tornar mais dinâmicos os processos de aprendizagem em dois itinerários formativos: didática e gestão desenvolvidos de acordo com suas naturezas de formação e do perfil final a ser alcançado. Para isso, escolhi o itinerário formativo de didática, por se relacionar com minha atuação e perspectivas em sala de aula.

Portanto, neste memorial terei inclusive como aporte teórico alguns autores fundamentais ao relato crítico-reflexivo que faço sobre as experiências que vivenciei ao longo do meu processo de escolarização até a minha formação no Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

MINHA INFÂNCIA

Nasci na cidade de Manaus, no Amazonas, no ano de 1996, em uma família humilde, mas muito amorosa. A família é a primeira instituição na qual uma pessoa é inserida, e as relações e acontecimentos que experimentei nela se refletem em minha personalidade até hoje. Na infância, fui uma criança calma mais feliz como todas as outras ao meu redor. Um pouco quieta também, talvez contrapondo os outros integrantes da minha casa, personalidades fortes.

Meus pais sempre foram muito trabalhadores, minha mãe exerceu funções diversas na área do comércio e meu pai trabalhava e ainda trabalha como marceneiro. Desde cedo, eu soube que o esforço deles, era necessário para que eu pudesse seguir meus estudos, até porque, na realidade socioeconômica em que nasci, sem familiares

influentes ou ricos, uma criança tem maiores oportunidades se seus pais investirem na sua educação, o que significa boa parte da economia da família. Isso remete à credibilidade do ensino público que estamos observando no país há algumas gerações, em comparação com o ensino privado, tido como superior. Também nos remete ao sacrifício que muitas famílias fazem para permitir que suas crianças tenham uma educação de qualidade. Apesar de nunca ter estudado em escola particular, meus pais puderam pagar aulas de reforço para mim durante boa parte da minha educação básica.

Lembro que meu pai frequentemente conversava comigo sobre a importância dos estudos, não somente para alcançar uma situação financeira melhor, mas também para refletir acerca da sociedade em que vivemos. Hoje, percebo essa insistência de meu pai como uma esperança de que eu tivesse uma realidade mais estável que a dele, um homem que pouco estudou e, por esse motivo, não teve muitas oportunidades profissionais.

Figura 1 - Eu e meus pais



Fonte: elaboração própria, 2022.

Cresci ao lado do meu irmão, sete anos mais velho que eu, e minha prima, que tenho como uma irmã e cuja idade é próxima a minha. Com ela passei boa parte do meu tempo quando criança. Usávamos roupas iguais, ganhávamos os mesmos brinquedos, estudávamos na mesma escola, fazíamos as mesmas coisas. Nossas personalidades, apesar de muito distintas, nunca nos fizeram opostas, mas com certeza complementares e permitiram que eu tivesse experiências que, sozinha, provavelmente não teria. Como quando ela teve a ideia de brincarmos de misturar os itens da cozinha como “cientistas”. Além de divertido, permitiu que eu descobrisse reações químicas antes mesmo de saber o que era isso. Nunca fui uma pessoa de muitos amigos. Mesmo na adolescência, já tinha minhas dificuldades em socializar, mas graças a minha prima-irmã muito popular consegui construir alguns laços de amizade.

Minha tia, mãe da prima, também foi uma figura muito importante da minha infância, diariamente me acompanhando na realização das atividades enquanto minha mãe trabalhava. Recordo-me que, enquanto eu fazia as tarefas de casa, ela fazia palavras cruzadas ao meu lado, hábito que acabei adotando na adolescência.

Figura 2 - Eu, minha mãe, meu irmão, minha tia e minha prima



Fonte: elaboração própria, 2022.

Vejo hoje minha família como a grande incentivadora das minhas conquistas, sejam pessoais, profissionais ou acadêmicas. Apesar de somente minha mãe possuir graduação, todos em casa sempre zelaram pela importância do conhecimento e do apreço pelas artes, mesmo sem saber. O senso comum tem as artes como atividades caras, pouco prazerosas e inalcançáveis. Lembro do meu pai tocando seu violão, minha mãe dançando suas músicas preferidas, meu irmão como um entusiasta da culinária e meu avô contando suas histórias do tempo no sertão. Algo ali, em cada um deles, influenciou a mim de forma positiva.

MINHA TRAJETÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Todo meu percurso estudantil se deu em instituições públicas, desde os primeiros anos até a pós-graduação que realizo atualmente, fato ao qual sou grata e me motiva no meu fazer pedagógico, uma vez que hoje sou professora da rede estadual de ensino.

Entre os anos de 2003 e 2009, fiz o ensino fundamental na Escola Estadual Homero de Miranda Leão, que ficava muito próxima da casa na qual passei minha infância, na zona norte de Manaus. Minha melhor recordação dessa escola é minha primeira professora, Luciana. Com ela e meus pequenos colegas de turma, na até então primeira série, aprendi a ler, escrever e vivi ótimas experiências. Era muito visível o prazer da Profa. Luciana em estar na sala de aula, mediando os processos de ensino e aprendizagem com métodos lúdicos e dinâmicos. Hoje, como professora, tenho ciência que essas atitudes proporcionam uma aprendizagem mais qualitativa para o educando.

Adentrando o ensino médio, em 2010, mudei para a Escola Estadual Senador João Bosco Ramos de Lima, localizada também na zona Norte da Cidade de Manaus. O ensino médio foi, com certeza, um marco para minha escolha profissional, o período em que escolhi que seguiria pela área da Educação. Os projetos escolares com temas multidisciplinares focados em obras da literatura e da cultura brasileira permitiram que, não somente eu, mas toda a escola se envolvesse nas atividades escolares. Esse envolvimento por parte dos alunos e o que a escola promove, torna os conteúdos ministrados mais significativos e põe em prática conceitos antes abstratos.

Foi observando os professores e a equipe escolar planejando e aplicando metodologias diferenciadas que me interessei pelo

mundo da educação, e logo tive o apoio da minha família. Apesar disso, recebi também críticas de uma das professoras da escola, que quis fazer um alerta sobre como poderia ser difícil a vivência docente. As críticas dela vinham na verdade de uma frustração em não ter seguido a profissão que gostaria, o que infelizmente vi com frequência na faculdade.

A FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Ingressei no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, na Universidade Federal do Amazonas no ano de 2014, através do Sistema de Seleção Unificada SISU, usando a nota do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM.

Figura 3 - Eu e os colegas do curso de Pedagogia



Fonte: elaboração própria, 2022.

No segundo período do curso de Pedagogia, na disciplina de Projeto de Pesquisa, eu me vi perdida entre tantos temas e recebi orientações da Profa. Dra. Ágida Santos, que me ajudou a escolher pela Educação de Jovens e Adultos, tema que mais tarde iria me envolver ainda mais. Com a Profa. Ágida também tive aulas de História da Educação, objeto de estudo do seu doutorado. Por meio dos estudos mediados por ela, logo no início do curso, constatei que os impasses vividos hoje no âmbito educacional no Brasil partem de uma problemática estrutural cuja origem vem desde os primeiros registros educacionais do nosso país.

Aprofundei-me um pouco mais na EJA durante meu Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), orientada pela Profa. Me. Edla Cristina, com um recorte para os Centros Socioeducativos de Manaus. Usando a metodologia de análise bibliográfica, por meio dos documentos oficiais que normatizam a EJA nesses espaços e o projeto político-pedagógico da escola responsável, foquei nos processos de gestão e trabalho pedagógico, no quais foi constatado que, apesar de em teoria possuir diretrizes educacionais, na prática ainda faltam recursos materiais e pessoais, além de um olhar mais direcionado por parte do Governo.

Nas etapas finais do curso, segui com a pesquisa que desenvolvi ao longo de boa parte da minha jornada na faculdade, dentro da temática da EJA e dos centros socioeducativos, e fiz meu trabalho de conclusão de curso baseado nele, orientada pela Profa. Dra. Marinês Souza, com o qual concluí o curso, em 2019.

Figura 4 - Defesa do meu TCC



Fonte: elaboração própria. 2022.

Ainda sobre a faculdade, ressalto algumas disciplinas que me marcaram e agregaram muito na minha vida pessoal e profissional, como a disciplina “A Criança e As Artes”, ministrada pelo Prof. Me. Márcio Bernardo, cujas teorias e práticas uso atualmente em sala de aula, buscando envolver, mesmo para as crianças mais novas, conceitos artísticos, além de ter levado para minha vida pessoal alguns exercícios de pintura e desenho. Também a disciplina Literatura Infantil, ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Rubens, que proporcionou o deleite de grandes obras infantis que hoje eu utilizo em sala de aula.

Figura 5 – Atividade de Artes em sala de aula



Fonte: elaboração própria, 2022.

Logo após a conclusão da faculdade, no ano de 2020, ingressei como professora dos anos iniciais na rede estadual de ensino, ano em que a pandemia de COVID-19 estourou no Brasil. Minha atuação começou, então, quase que ao mesmo tempo em que tivemos o decreto do *lockdown* e iniciamos o ensino remoto.

O ensino à distância é um grande desafio, principalmente pelo fato de não ter havido um tempo para formação que auxiliasse no desenvolvimento de um fazer pedagógico mais qualitativo com crianças pequenas diante das condições em que estávamos. A partir dessa experiência, desenvolvi interesse maior pela Educação a Distância, modalidade que experimentei do outro lado, como estudante, durante a Especialização que finalizo com este memorial.

Hoje, busco fazer minha prática em sala de aula não somente baseada nas teorias que estudei na faculdade, mas tento também

trazer os exemplos que vi ao longo da minha jornada até aqui, como a minha tia me ajudando nos deveres de casa; a Profa. Luciana, da primeira série, que teve tanta paciência comigo nos dias em que demorei para entregar as atividades; a Profa. Ágida Santos, cujas orientações valiosas me conduziram ao curso de pós-graduação que faço hoje; além de outros educadores que conheci. Em todos procuro uma inspiração para fazer da sala de aula um ambiente formador, acolhedor e prazeroso.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/ PROEJA

A EJA NA GRADUAÇÃO

Minha relação com a Educação de Jovens e Adultos ainda caminha no espaço teórico, no qual busco me aprofundar nos fundamentos que permeiam essa modalidade de ensino. A EJA sempre me despertou interesse por suas características pedagógicas próprias, além dos desafios que tanto diferem do ensino regular, por atender a um público já experiente e vivido que delinea os traços de desigualdades sociais dos quais temos ciência, que permeiam nosso país, mas parecem distantes quando vistos de dentro das bolhas sociais em que escolhemos viver.

Nesse sentido, Pinheiro e Falcão (2009, p. 2) corroboram ao afirmar que a EJA “caracteriza-se por uma possibilidade de garantir o direito à educação de pessoas jovens e adultas que foram excluídas do processo de escolarização em idade escolar”.

Como dito anteriormente, minha relação com a EJA começa no Programa de Iniciação Científica (PIBIC), que fiz durante a Licenciatura em Pedagogia. Assim, por meio da Profa. Edla, eu,

até então sem ideias para um trabalho científico, voltei o meu olhar para essa modalidade, trazendo um enfoque para os Centros Socioeducativos.

Os Centros Socioeducativos são os espaços destinados aos jovens e adolescentes que cometeram atos infracionais e, portanto, cumprem medidas socioeducativas, a fim de repararem seus atos e serem reintegrados à sociedade.

De acordo com o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), essas medidas podem variar entre uma advertência ou até mesmo a internação em estabelecimento educacional (Brasil, 2012). Diante disso, a EJA é a modalidade de ensino ofertada nesses espaços.

Durante a pesquisa que desenvolvi, percebi que a carência educacional é uma realidade na vida desse público. Pessoas que ainda muito novas tiveram contato com a criminalidade, às vezes por necessidade, às vezes por influência, são as que agora habitam os Centros Socioeducativos.

Dentre as muitas dificuldades percebidas, a continuidade nos estudos é um grande desafio, uma vez que muitos desses jovens abandonaram ou nunca frequentaram o ambiente escolar, e esses Centros muitas vezes não conseguem ou demoram até organizarem a documentação necessária para que esses jovens sejam matriculados na escola responsável pela oferta escolar nesses espaços. Outra questão importante observada foi a formação do docente que atua nessas escolas. Há ausência em cursos que preparem o educador não somente para atender essa demanda mais vulnerável socialmente, mas também para elaborar um projeto voltado para a EJA.

Essa questão da formação docente permeou minha graduação principalmente durante esse projeto de iniciação científica e, ao

término dela, avancei ainda mais nessa direção, buscando por um curso que continuasse nessa via, até encontrar a Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos-EJA/PROEJA.

A EJA NA PÓS-GRADUAÇÃO

O referido curso de especialização, voltado para a formação de profissionais que atuam nas esferas públicas de ensino, traz um enfoque na EJA com um olhar para a educação profissional de forma integrada, tanto de forma presencial quanto à distância, tratando desde a fundamentação teórica que baseia a EJA no Brasil, até atividades práticas de elaboração de projetos de ensino.

Assim, pude compreender, por meio da disciplina de Fundamentos da EAD e Ambientação Digital, o conceito de EaD e como ela é um forte instrumento “no combate as distorções provocadas pela ineficiência dos sistemas tradicionais de ensino presencial” (Almeida, 2020, p. 25), além de ver como surgiram as Tecnologias da Informação e da Comunicação, as TICs, que são ferramentas indispensáveis quando se trata dessa modalidade de ensino.

A disciplina Fundamentos da Educação Profissional Integrada à EJA, trouxe um levantamento histórico, trazendo desde o processo de industrialização, quando surgiu a necessidade de qualificar a mão de obra que atuaria nas fábricas. Nessa perspectiva, a EJA surge, então, para atender uma demanda do mercado de trabalho, sem haver uma formação na perspectiva crítico-reflexiva.

Com o surgimento do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos- PROEJA, em 2006, vê-se a

formação de um currículo para EJA, comprometido não somente com o mercado de trabalho, mas também para a inclusão social. Nas palavras de Baracho (2020, p. 95), “o PROEJA se empenha em oferecer educação básica a jovens e adultos que não tiveram acesso a ela, bem como àqueles que enfrentam diversos desafios para a continuidade dos estudos.”

Por outro lado, a disciplina Noções de Didática, que dialoga com o itinerário formativo que escolhi nessa especialização, abordou as diversas tendências e concepções pedagógicas que determinam o fazer docente.

De acordo com Fonseca (2020), a perspectiva adotada influencia na relação entre professor, aluno e os conteúdos a serem ministrados em sala de aula. Torna-se necessário, então, definir uma abordagem que não veja o professor como detentor do saber, aquele que “deposita” os conteúdos nos alunos, como é visto na educação bancária, mas ir no caminho que proporcione situações de estímulo a um pensamento crítico e à formação de indivíduos que contribuam socialmente, relacionando os aspectos estudados com as situações cotidianas.

A partir dessas compreensões, compreendi como desenvolver um trabalho pedagógico que dialogue com essa abordagem.

Já na disciplina Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional Integrada à EJA, foram discutidas formas de traçar estratégias metodológicas que contemplem as particularidades do público da EJA, que é mais autônomo e maduro, e demanda metodologias diferentes da Educação Básica, para que sejam orientados nos seus processos de construções intelectuais, procedimentais e atitudinais.

Porém não somente isso é necessário, mas que a instituição proporcione meios para que a equipe docente logre êxito nesse

sentido. Para isso, cabe também ao coordenador pedagógico lidar com o corpo docente diretamente, seja fomentando ações que possibilitem a formação continuada dos professores, seja auxiliando na construção de meios que possibilitem o planejamento e a implementação dessas estratégias, bem como na utilização de materiais adequados, seja gerindo as relações interpessoais nesse ambiente.

O coordenador, antes de tudo, é um educador que media as relações na escola. Esse é outro importante desafio dessa função, uma vez que lidar com pessoas de diferentes opiniões muitas vezes requer equilíbrio. Por meio dessa disciplina, compreendi que o diálogo, o respeito às diferentes opiniões e a aceitação de que nem sempre um indivíduo deve concordar com o outro, são chaves necessárias para um ambiente de trabalho saudável. Ainda o coordenador é quem vai administrar esses processos, reforçando na equipe os benefícios de uma postura coletiva de harmonia, ao mesmo tempo que compreende a individualidade de cada um.

Por fim, destaco os aprendizados da disciplina Gestão da Educação à Distância com ênfase em Didática, em que foram discutidos os principais desafios para a formação de educadores para a EJA na era do conhecimento mediado pelas TICs, que vão desde as dificuldades com o manuseio de recursos digitais até a aplicação desses recursos em atividades significativas em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendo que a realidade da educação brasileira é árdua, e nos tempos em que se nega o conhecimento científico em favor de “achismos” sem fundamento, idolatria a figuras que prezam

pelo ódio às minorias, aos oprimidos e aos necessitados, o fazer docente foi ainda mais afundado em desvalorização. Mas apesar das vicissitudes, acredito que o conhecimento é a porta para a mudança social, uma vez que a educação se constitui um processo de ampliação e de desenvolvimento humano.

Ainda sobre as questões sociais que permeiam a educação, é importante reforçar que o estudante da EJA, por carregar consigo uma carga de vivências, percebe e produz opiniões sobre essas situações, de forma a fornecer momentos para discussões sobre assuntos atuais, que gerem além da reflexão, o respeito pelos diversos pontos de vista.

Dentro da EJA, se lida com a realidade de pessoas que foram, de alguma forma, cerceadas do seu direito ao estudo, por motivos que variam tanto quanto se pode imaginar. Diante disso, o educador da EJA deve levar consigo a consciência de sua responsabilidade, enquanto mediador do processo de transformação social do educando, na perspectiva de deter o conhecimento que pode contribuir para mudar sua realidade. Desta feita, construir uma didática dinâmica, que atraia o seu público, é fundamental, focando em atividades que interrelacionem a teoria à prática, cuja culminância seja relevante para a vida do educando. Durante o Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, pude refletir acerca da importância do educador da EJA para elaborar as atividades pedagógicas em consonância com a demanda dos estudantes, bem como para fomentar a participação deles na elaboração do planejamento escolar, favorecendo momentos de autonomia, nos quais se vejam valorizados ao demonstrar seus anseios e expectativas escolares.

Ainda compreendi que, ao proporcionar práticas pedagógicas significativas, que respeitem e valorizem as particularidades do estudante da EJA, o professor volta seu olhar para a construção de valores éticos concomitantes à formação do saber. Em suas práticas diárias, torna-se também relevante propor a reflexão sobre questões e problemáticas sociais, nas quais a escola está inserida.

Finalmente, percebo que a escrita desse memorial me permitiu o entendimento da minha trajetória como profissional docente, ainda longe de findar, em busca do aprimoramento do meu fazer pedagógico e de tornar as experiências em sala de aula mais significativas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. F. C. **Fundamentos da EAD e ambientação virtual**. Natal: IFRN, 2020. Livro eletrônico.
- BARACHO, M. G.; NOBILE, V. Fundamentos da educação profissional integrada à EJA. *In: Fundamentos da educação profissional integrada à EJA*. Natal: IFRN, 2020. Livro eletrônico.
- FONSECA, C. M. F. Noções de Didática. *In: Noções de Didática*. Natal: IFRN, 2020. Livro eletrônico.
- PASSEGGI, M.C. Memorial de formação. *In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.
- PINHEIRO, M. G. S. P.; FALCÃO, N. M. Políticas Públicas e Poder Municipal: direito à educação de jovens e adultos. *In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO NORTE E NORDESTE (EPPENN)*, 19, 2009, João Pessoa. **Anais**. João Pessoa, 2009.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. Projeto Pedagógico do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, na modalidade a distância (Pós-Graduação Lato Sensu). Natal: IFRN, 2018.
- SANTOS-MARQUES, I. B. A. **Memorial de formação: notas de aulas**. Natal: IFRN, 2022.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

ROSE CRISTINA BIZERRA TORRES

Orientador: Prof. João Batista de Morais Neto

O memorial é um gênero formativo que possibilita ao autor da escrita registrar sua trajetória de vida e seus percursos de formação, fazendo uma reflexão e autorreflexão acerca destes. De acordo com Araújo, Gaspar e Passeggi (2011), o memorial de formação é um tipo de escrita de si, uma narrativa descritiva e reflexiva sobre uma trajetória de vida e de formação, em outras palavras, o autor deverá demonstrar a habilidade de articular as experiências de sua prática pedagógica às suas experiências de formação, destacando neste caso, é claro, os momentos significativos da pós-graduação.

Neste âmbito, a oportunidade de apresentar minha trajetória acadêmica em um memorial proporcionou-me uma análise sobre a caminhada percorrida até aqui, bem como suas consequências. Com essa finalidade, evidencio, no transcurso da escrita, os acontecimentos que pondero como mais significativos e relevantes, tendo em vista o meu momento presente, a partir da minha compreensão de vida atual, ou, como bem disse Magda Soares, em seu Memorial: “Procuro-me no passado e outrem me vejo, não encontro a que fui,

encontro alguém que a que foi vai reconstruindo com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora” (Soares, 2001).

Neste contexto, procurei descrever no presente trabalho as memórias e reflexões da aprendizagem em todo o meu processo formativo, incluindo os vivenciados ao longo do curso de Especialização em Práticas Assertivas, da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), cujo compromisso é a formação continuada de gestores e professores que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional presencial e a distância articulada à EJA nas esferas federal, estadual e municipal (IFRN, 2018).

O curso de Especialização em Práticas Assertivas é uma pós-graduação *lato sensu*, na Modalidade de Educação a Distância (EaD), referente à área de Educação, ofertado pelo Campus EaD do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) em parceria com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC), que visa

melhorar a qualidade do ensino público em todo o país (IFRN, 2018).

Durante o curso, foram desenvolvidos dois itinerários de formação (Didática e Gestão), os quais eram constituídos por módulos. O itinerário da Didática foi a opção que escolhi. Os módulos percorreram os seguintes temas: qualificação em Educação de Jovens e Adultos - EJA; qualificação em organização e gestão da educação profissional integrada à EJA; qualificação em EaD para EJA e qualificação em Didática da Educação Profissional integrada à EJA (IFRN, 2018).

A Especialização em Práticas Assertivas em Didática da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA tem a finalidade

de transformar os profissionais em agentes disseminadores de novas concepções e práticas que elevem a educação reflexiva, a partir de uma postura capaz de perceber a escola, as relações humanas e os procedimentos inerentes à educação de modo crítico e construtivo. Este trabalho tem como objetivo narrar as experiências vivenciadas ao longo do processo de formação, articulando, respectivamente, o presente com o passado; analisar a relevância do curso de especialização para a atuação profissional na EJA ou PROEJA e elencar os aprendizados e os desafios, por meio de uma visão crítica e reflexiva.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Na narrativa autobiográfica, o autor e o espectador estão reunidos na mesma figura, o que me fez refletir e me enxergar como sujeito ativo do meu próprio processo. Freitas e Galvão (2007) explicam que as narrativas autobiográficas possibilitam perceber como se dá o processo de construção profissional dos sujeitos pesquisados ou até mesmo dos pesquisadores. Neste contexto, apresento a seguir uma narrativa do meu caminho percorrido até aqui.

Meu nome é Rose Cristina Bizerra Torres, tenho 38 anos, sou natural da cidade de Chapadinha - MA. Sou a quinta de sete irmãos, minha infância foi bem divertida, pois morei integralmente no interior até os meus sete anos, onde tinha liberdade para brincar de subir nas árvores, de casinha, de esconde-esconde, de tomar banho de chuva, entre outros jogos e brincadeiras infantis, em convívio familiar, brincava quase sempre com minhas irmãs e primos. Mas o que eu mais gostava de fazer era tomar banho e

pescar no riacho que passa no quintal de casa, o que adoro fazer até hoje, quando visito os meus pais.

Comecei a estudar no “Grupo Escolar Siqueira Campos”, uma escola localizada em São José, na zona rural de Chapadinha – MA. Ingressei com sete anos na 1ª série, era uma sala multisseriada, onde o professor atendia todas as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental I, sem nenhuma formação específica e com muitos desafios no planejamento pedagógico para atender as diferentes realidades no contexto escolar. A escola era pequena, tinha apenas duas salas médias e um banheiro. A hora do recreio é uma das poucas lembranças que tenho dessa época, a gente corria no mato, subia nas goiabeiras que ficavam nos fundos da escola para comer as goiabas e brincávamos no riacho que passava em frente à escola.

No ano seguinte, minha mãe e meu pai decidiram que deveríamos estudar na cidade, porque onde morávamos o ensino só ia até a antiga 4ª série (hoje 5º ano) e minhas irmãs mais velhas tinham que continuar os estudos. Então, minhas irmãs, mamãe e eu passamos a morar na cidade durante a semana, no período letivo, e aos fins de semana e nas férias retornávamos para o interior, o que era bem cansativo, visto que viajávamos a pé durante quatro horas para ir do interior para a cidade nas segundas-feiras de manhã para chegar a tempo de ir para a escola, assim como retornar da cidade para o interior nas sextas-feiras à tarde para ajudar o nosso pai na lavoura.

Na cidade, estudei na Escola Municipal Tancredo de Almeida Neves, onde permaneci por dois anos, sendo depois transferida para a escola municipal Professor Oliveira Roma, onde finalizei o ensino fundamental I e II. Tenho poucas lembranças dessa época, mas lembro de algumas professoras que me marcaram, seja

positivamente ou não. A professora Maria de Lurdes é a única que eu lembro do fundamental I, já do fundamental II, lembro muito da professora de Matemática, Mariângela, pois morria de medo quando tínhamos de corrigir os exercícios e ela nos chamava para ir à frente responder. Era uma escola enorme, tinha quadra de futebol e um pátio imenso, as salas de aula eram grandes e acolhedoras, os alunos se sentavam em filas e a mesa da professora ficava à frente, próximo ao quadro de giz.

O ensino médio foi realizado no Centro de Ensino Raimundo Araújo, onde fiz o primeiro ano normal e tive a oportunidade de conhecer e conviver com o professor Furtado, que me fez gostar de Matemática graças à sua didática e paciência de ensinar. No segundo ano, por estar “atrasada” para a minha idade segundo a escola, fui obrigada a fazer o Telecurso 2000, “curso de aceleração de estudos”, onde tive a oportunidade de conhecer o professor Maximiliano, que me incentivou a ler quadrinhos, revistas, jornais, romances, poesias, contos, entre outros, para assim descobrir os estilos literários dos quais mais gostava, e, conseqüentemente, melhorar a minha leitura e escrita, que eram precárias, já que eu não tinha o hábito de ler. Com o seu incentivo, comecei a buscar algo para ler, foi então que descobri o gosto pela leitura e pelos livros de romances, os quais amo ler até hoje. A conquista da leitura aumentou a minha interação social e desenvolveu a minha linguagem, escrita e pensamentos, proporcionando a descoberta de um mundo novo e fascinante, o que corrobora com a afirmação de Rosa (2005), que relata: “a imaginação não possui limite de espaço e tempo, podemos viajar pela Idade Média ou ir até Marte, tudo depende da história que se está lendo”.

Finalizei o ensino médio em 2002 e como não tinha faculdade na minha cidade, comecei a trabalhar como vendedora em uma

sapataria. Em 2006, prestei o vestibular para tentar ingressar na primeira turma da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Campus IV Chapadinha, inaugurado recentemente, porém como estava há muito tempo fora da escola não fui aprovada. No ano seguinte, prestei de novo o vestibular para entrar no primeiro semestre e novamente não fui aprovada.

Neste meio tempo, comecei a ter como clientes na sapataria os alunos da faculdade, e isso me incentivou a querer ser um deles e estudar em uma Universidade Federal, então comecei a estudar em casa e iniciei um cursinho pré-vestibular à noite. Em 2007, houve outro processo seletivo para o ingresso de alunos no segundo semestre, tornei a prestar o vestibular e desta vez consegui realizar o meu objetivo: “ingressar na Universidade Federal do Maranhão”, proporcionando uma grande alegria aos meus pais e familiares.

A felicidade era tão grande que nem havia me dado conta dos desafios que viriam pela frente. Comecei com muito entusiasmo, mesmo que, às vezes, as pessoas me perguntassem: “Mas por que Zootecnia? Onde você vai trabalhar?” Ao passar alguns meses, compreendi que cursar uma faculdade não é fácil, mas nos faz construir, pensar e criar conceitos sobre a educação de todos e, mais ainda, a nossa própria educação. Descobri que a faculdade nos abre espaços que, muitas vezes, em toda a caminhada da escola, não foram propostos para nós, aprendi muitas coisas e vivenciei experiências inesquecíveis, tive a oportunidade de conhecer outras cidades, outros estados, participei de Projetos de Extensão, Projetos de Iniciação Científica, de congressos, feiras agropecuárias, entre outros eventos. Convivi com professores doutores e mestres que sempre me incentivaram a continuar, mesmo quando muitas vezes

me achei incapaz de aprender, pois eu era uma das mais velhas da turma, com apenas vinte e três anos.

Finalizei o curso no final de 2012 e no início de 2013 mudei para São Paulo em busca de oportunidades de trabalho como Zootecnista, porém não consegui nada na área, e como a minha irmã trabalhava na área da educação no Estado de São Paulo, me incentivou a trabalhar como professora contratada de Matemática, Química ou Física. Nesse mesmo ano, comecei a lecionar Química na escola Zimbres, onde tive a oportunidade de trabalhar e conviver com excelentes professores e ter minha primeira experiência como docente e professora da modalidade EJA, o que foi um enorme desafio, já que não tinha nenhuma experiência.

Como consequência, fiz uma complementação pedagógica em Matemática, buscando capacitação profissional, o que me levou a cursar Pedagogia, dado que já estava na área da educação. Formei-me em Pedagogia no final de 2016, em março de 2017 comecei a lecionar na C.E.I Selmo Martins, onde aprendi muito com as professoras ali presentes e com a convivência com as crianças. Devo confessar que o meu primeiro dia de trabalho na Educação Infantil foi aterrorizante, pensei em desistir da educação naquele momento, devido a um sentimento de insegurança com o fato de não saber como atuar com crianças pequenas, mas, no final do dia, conversei com a minha irmã e ela me incentivou a continuar, até hoje não me arrependo da minha decisão, pois a vivência na Educação Infantil é desafiante e, ao mesmo tempo, maravilhosa, uma vez que nos proporciona aprendizagens relevantes.

Em seguida, realizei mais um grande objetivo, passei no concurso público para Educação Infantil da prefeitura de Osasco, em 2019, onde atualmente leciono no berçário I. Considerando que a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, é o início e

a base do processo educacional, portanto, é o momento ideal para a construção de novos conhecimentos, sejam eles sociais, afetivos ou cognitivos, iniciei uma pós-graduação em Ludopedagogia e Educação Especial, a qual finalizei em 2020, procurando me atualizar para responder às demandas educativas impostas por cada cenário educacional. Segundo Freire (1996, p. 58), ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática. Ou seja, a identidade e construção profissional não estão restritas apenas ao âmbito da formação inicial do professor, mas intrinsecamente articuladas a suas histórias de vida, de vivências no contexto escolar, da formação acadêmica, de experiências profissionais e de trocas entre os pares, tudo isso define e influencia o docente, interferindo diretamente na sua atuação.

Durante todo o meu período escolar e, principalmente, no decorrer da minha experiência como professora no ensino Médio/EJA e na Educação Infantil, pude perceber as dificuldades matemáticas que muitas pessoas possuem. Sendo assim, em 2020, tive a oportunidade de buscar novas ferramentas e metodologias que pudessem tornar o ensino matemático prazeroso e prático, aprofundando meus conhecimentos ao ingressar no curso de pós-graduação *lato sensu* de Especialização em Ensino de Matemática, pelo Instituto Federal do Maranhão (IFMA), e no curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA, pelo IFRN, os quais finalizei em janeiro e agosto de 2022, respectivamente.

Estes cursos contribuíram muito para moldar a minha formação e serviram para eu refletir sobre a minha atuação docente, sobretudo, como professora da EJA, em que cada aluno tem suas

particularidades, tem pensamentos diferentes, tem um ritmo de aprendizagem diferente e possui habilidades e competências diferentes, as quais devem ser respeitadas. Portanto, eu, como professora da Educação Infantil e futura docente da EJA, preciso rever constantemente a minha metodologia, meus processos e minha prática, buscando metodologias diferenciadas, com bases teóricas sólidas, para ter condições de planejar e oferecer atividades significativas.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/ PROEJA

A formação continuada dos docentes por meio da Educação a Distância visa levar oportunidade a um número crescente de pessoas, melhorando a qualidade do ensino e da aprendizagem, pois a formação do professor deve ser um processo contínuo. Para Freire (2006), a prática pedagógica só se viabiliza com a formação docente, que deve ser um processo contínuo. Segundo o autor, ensinar exige consciência do inacabamento, predisposição à mudança, aceitação do diferente e humildade pedagógica (Freire, 2002, p. 55). Isso implica reconhecer, individual e coletivamente, os desafios do trabalho com o PROEJA e, a partir das potencialidades dos envolvidos, avançar em práticas pedagógicas coerentes com as concepções e princípios do programa. Com essa visão, de inconclusão, de inacabamento e buscando sempre aprofundar meus conhecimentos, permitindo assim uma atuação mais eficaz no âmbito profissional, iniciei a Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Durante o curso, os conteúdos apresentados pelos professores foram bastante amplos e enriquecedores, contribuindo para que as leituras e escritas me fizessem compreender vários aspectos relacionados ao EJA/ PROEJA. Vale mencionar que esta Especialização, com ênfase em Didática, foi estruturada em quatro módulos, cada um com suas respectivas disciplinas, com conteúdos amplos e enriquecedores. Neste contexto, não tem como analisar todos eles, porém, vou refletir sobre alguns pontos considerados relevantes para a minha formação profissional, que serão postos em prática na Educação Infantil, área em que estou trabalhando, e poderão ser aproveitados em uma futura atuação no ensino da Educação Profissional e na Educação de Jovens e Adultos.

No primeiro módulo, estudamos as disciplinas: Fundamentos de EAD e Ambientação Virtual; Produção de Textos Científicos; Fundamentos da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos; Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional Presencial e a Distância; Noções de Didática; e Seminário Temático: fundamentos e políticas públicas para a EJA e o PROEJA, pensadas de modo a abordar conteúdos significativos para o aprendizado e visão no ensino da EJA, bem como sobre os principais recursos disponíveis para ampliar as possibilidades de aprendizagem nesta modalidade de ensino tão importante e especial (IFRN, 2018).

Os componentes curriculares ofertados no Módulo I oportunizaram discutir sobre o processo de evolução das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), identificando as suas principais características, compreendendo o seu papel nos processos de ensino aprendizagem aplicados na EAD, reconhecendo suas possibilidades e limitações no âmbito pedagógico. Neste módulo, debatemos sobre como desenvolver uma postura de pesquisadora

da educação, aprendendo a identificar as características dos gêneros científicos, assim como produzir textos de natureza científica e acadêmica conforme os preceitos e normas técnico científicas, ou seja, de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), já que elas estabelecem os requisitos de apresentação e os critérios básicos para a elaboração de um texto.

Ainda no Módulo I, nas disciplinas de Fundamentos da EJA e de Políticas Públicas para a EJA, destaco como foi importante a retrospectiva da história da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Profissional e Tecnológica a partir da década de 1940, mostrando-nos que há décadas lutamos contra o analfabetismo e buscamos soluções para sanar essas falhas, e mesmo que várias propostas tenham sido realizadas tendo como meta a elevação do nível de escolaridade dessa parcela da população, considerada excluída, essas propostas não conseguiram atingir as metas estabelecidas e que, independente do refluxo da oferta do PROEJA, após o período de sua implantação, nota-se que o mesmo ainda continua sendo um desafio, pois perdeu espaço e apoio financeiro para outros programas.

Nesse cenário, realço a importância de Paulo Freire, precursor da alfabetização de jovens e adultos, que lutou por décadas no combate ao analfabetismo, por uma educação libertadora que desenvolvesse uma consciência crítica nos educandos, enfatizando a importância da cultura popular e sua difusão, ou seja, para o autor devemos alfabetizar com aquilo que nos rodeia, a escola precisa ensinar o aluno a “ler o mundo.” Neste contexto, o professor deve proporcionar um ensino dinâmico, atrativo e acessível para os alunos da EJA, considerando as peculiaridades e pluralidade dos alunos, pois, assim como aponta Soares (2006, p. 22), “não é qualquer jovem e qualquer adulto. São jovens e adultos com rosto,

com histórias, com cor, com trajetórias sócio étnico-raciais, do campo, da periferia”.

Com relação ao Módulo II, foram ofertados os componentes de Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional; Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional Integrada à EJA; Prática de Letramento na EJA, Seminário Temático – a gestão escolar para novos desafios educacionais em Educação Profissional Integrada à EJA, que oportunizaram estudar a Administração Pública e suas características, assim como discutir o papel da coordenação na construção do trabalho pedagógico na educação profissional integrada à EJA e na mediação das relações interpessoais na escola (IFRN, 2018). Das disciplinas cursadas neste módulo, todas contribuíram de alguma forma para uma construção mais dinâmica na minha prática docente, porém a disciplina Prática de Letramento na EJA me deu maior embasamento em relação à diversidade linguística que há no ambiente escolar, e que, no Brasil, a mesma ainda é sinônimo de discriminação, de exclusão social e um poderoso instrumento para a violência simbólica que é tão naturalizada na nossa sociedade, o brasileiro que a pratica nem sequer percebe que a está praticando. Segundo Geraldi *et al.* (1997), “a variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem”. Em outras palavras, a língua é espelho da sociedade, e as mudanças que acontecem na sociedade, também acontecem na língua conforme a necessidade comunicacional, sendo assim, o professor deve trabalhar as variedades linguísticas, valorizando a linguagem de cada aluno, fazendo-os ver que não existe uma língua ou um modo de falar/escrever melhor ou superior ao outro, mas, sim, a possibilidade de adquirir conhecimentos linguísticos

que os possibilitem a usarem a linguagem adequada de acordo com o contexto social no qual estiverem inseridos, evitando assim o preconceito linguístico. Por essa razão, o letramento crítico trabalha com a perspectiva de que o conhecimento deve ser significativo e, portanto, a escola deve abordar conteúdos aos quais os alunos sejam capazes de atribuir sentidos, que tenham significação para suas vidas dentro e fora da escola (Jordão, 2016, p. 52).

Já no Módulo III, foram debatidas as disciplinas de Tecnologias Educacionais Aplicadas à Educação Profissional (EP) Integrada à EJA; Planejamento Educacional em EAD para EJA; Gestão da Educação a Distância; e Seminário Temático: a aprendizagem a distância em tempos de comunicação virtual, por meio das quais foi debatida a relação entre as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e a educação, enfatizando o uso das tecnologias digitais voltadas à educação no processo de ensino e aprendizagem, apresentando a dualidade presente nessa relação, já que o surgimento da virtualidade traz tanto consequências positivas como também alguns problemas que precisam ser superados com uma reflexão crítica sobre o papel das tecnologias e, principalmente, quanto ao trato da informação veiculada por seu intermediário. Neste contexto, conforme o conteúdo debatido, para melhor planejar as suas aulas, o docente precisa conhecer as especificidades do público da EJA, aproveitar as habilidades e interesse que eles possuem por tecnologias e utilizá-las para aproximá-los dos assuntos abordados em aula, sempre considerando que cada tecnologia é criada e configurada segundo critérios pedagógicos e técnicos específicos e, como tal, precisa ser conhecida nessas duas dimensões para saber se, de fato, pode ser utilizada no ambiente escolar. Contudo, essa realidade está distante do ideal, visto que a maioria das escolas não está preparada para essas mudanças,

em que as tecnologias avançam de forma rápida enquanto sua introdução e utilização no processo educativo acontece de forma lenta.

E, por fim, no Módulo IV, foram discutidas as ementas: Didática e Avaliação da Aprendizagem Aplicada à Educação Profissional Integrada à EJA; Práticas Pedagógicas na Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos; Produção Científica Aplicada à Elaboração do TCC; Seminário Temático – novas perspectivas para EJA; e Trabalho de Conclusão de Curso. Dentre os conteúdos abordados nesse itinerário, um tópico que merece ser lembrado é a relação entre o texto “Quando a Escola é de Vidro”, da autora Ruth Rocha, com a formação docente e a construção da identidade profissional do professor e o sujeito da EJA e os componentes da organização do processo de ensino.

A autora utiliza-se da metáfora do vidro para representar as barreiras invisíveis presentes na escola em seus vários aspectos, começando por não prestar atenção nas diferenças individuais, nas interações humanas; na exclusão social, nos aspectos pedagógicos, dentre outros, evidenciando como a escola tradicional se centra na figura do professor, em que ele fala e o aluno ouve, o professor traz o conteúdo pronto e o aluno absorve sem questionar, é o que Paulo Freire chama de educação bancária. Ou seja, no modelo tradicional de ensino não há liberdade para questionamentos, a relação social estabelecida é vertical, da autoridade intelectual/moral, do professor, para o aluno.

Nessa temática, cheguei à conclusão de que todos os aspectos observados no texto de Ruth Rocha continuam arraigados na prática escolar de muitas escolas, que persistem em trabalhar com vidros metafóricos, onde os programas resumem-se aos livros-texto, com muitos conteúdos e informações conceituais, o estudo de algumas

disciplinas que possibilitam ao educando pensar e fomentar novas ideias é reduzido a resumos e “decoreba”, com instrumentos de avaliação mal utilizados, e os alunos, em seus vidros.

Contudo, nós, professores, devemos buscar práticas pedagógicas para estimular o aluno a adquirir e desenvolver as condições e/ou recursos que precisarão para enfrentar qualquer situação, e, para isso, é necessário um melhor preparo na formação inicial e continuada dos educadores, que sempre esteve ligada com o desenvolvimento da sociedade, e já que ela está a todo o momento evoluindo, é necessário que o professor procure se atualizar para responder às demandas educativas impostas por cada cenário educacional.

Portanto, o professor da EJA precisa rever constantemente a sua metodologia, os seus processos e a sua prática, buscando, por si só, metodologias diferenciadas, com bases teóricas sólidas, para ter condições de planejar e oferecer atividades significativas, com situações do dia a dia dos alunos, fazendo a ligação entre os textos e a realidade da sociedade, trabalhando o contexto, a história, e os costumes da comunidade, evitando colocar o aluno no “vidro”, pois conforme os módulos abordados no curso, os conteúdos serão assimilados bem mais facilmente se o conhecimento for associado com a vivência dos alunos, diferente da escola tradicional, onde é utilizado o método da “decoreba”.

Em suma, eu, como discente do curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática da Educação Profissional Integrada à EJA/PROEJA e futura professora da EJA/PROEJA, devo entender que cada aluno é um ser diferente; tem pensamentos diferentes, tem um ritmo de aprendizagem diferente e possui habilidades e competências diferentes e devem ser respeitadas, portanto, preciso utilizar a criatividade para buscar metodologias diferenciadas e

construir materiais didáticos que facilitem a compreensão dos conteúdos, pois alguns temas são mais fáceis de serem compreendidos quando os alunos têm a oportunidade de trazer para a realidade, visualizando a sua aplicabilidade. Em outras palavras, devo procurar sempre inovar e adequar a minha forma de ensinar, de modo a melhorar o processo de ensino aprendizagem, seja exercitando a minha criatividade, criando metodologias novas, seja buscando-as em fontes variadas através do resultado de outros pesquisadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O memorial de formação, como vimos anteriormente, é um gênero discursivo onde o autor registra, a partir da escrita reflexiva e autorreflexiva, aspectos de sua formação profissional intercalados com as vivências e experiências da vida cotidiana. Dessa forma, ao se analisar as experiências expostas no decorrer deste memorial posso afirmar que cada disciplina, cada leitura realizada, cada atividade desenvolvida completava o conteúdo anterior, somando conhecimentos de forma linear com uma sequência cronológica, resultando em uma aprendizagem significativa, que me estimulava a repensar a minha prática em sala de aula.

Durante o curso, os módulos foram marcados por atividades que visavam, passo a passo, a construção de novas experiências, gerando novos aprendizados e diferentes expectativas. Logo, foi possível ponderar sobre as leis educacionais, em especial as que falavam sobre o EJA/PROEJA, refletir sobre a importância das práticas pedagógicas em cursos de Educação Profissional integrada à EJA, discutir sobre as novas metodologias e formas de organização curricular, debatendo o papel do professor nos

processos de ensino e aprendizagem em espaços formais e não formais, assim como as técnicas de ensino e recursos didáticos utilizados no contexto da EJA, visando a melhoria na prática pedagógica e o favorecimento da aprendizagem.

Nesta perspectiva, foi possível elencar muitos pontos importantes dessa experiência no que concerne aos conhecimentos apreendidos com a minha breve vivência como professora da EJA, e uma delas foi perceber que a profissão de professor sempre esteve presente no meu cotidiano, seja na escola, seja em casa, já que minha mãe é professora e todas as minhas cinco irmãs seguiram o mesmo caminho. Outro ponto importante foi lembrar o meu primeiro contato com a EJA, que se deu no início da minha atuação como professora de química no ensino médio, onde a maioria dos alunos tinha perfil geracional plural, com histórias de vidas singulares e idades diversas, porém com um aumento significativo de jovens com até 18 anos, fazendo com que as características e as estratégias metodológicas utilizadas por mim e pelos outros professores necessitassem ser amplamente readaptadas, ou seja, foi possível observar, com o passar dos dias e com as indagações dos alunos e atitudes de alguns docentes, que, para trabalhar com essa modalidade, o professor deve ir além da mediação do processo de ensino e aprendizagem, ele precisa considerar a trajetória e saberes dos alunos e garantir que, ao apresentar propostas, estas sejam significativas, o que é fundamental para alcançar êxito na realização das atividades. Portanto, ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também em como ter uma prática educativa (Freire, 2011, p. 63).

Esta formação também me permitiu ter uma concepção mais ampla sobre a Prática de Letramento na EJA e sua relação

com a diversidade linguística no universo escolar. Foi possível compreender a importância do professor e da formação continuada que estes necessitam para estarem capacitados para atuar na EJA/PROEJA, ou seja, a didática desse curso me proporcionou um entendimento claro sobre a necessidade de uma formação continuada, que forneça aos professores os saberes essenciais para desenvolver os conteúdos, e sobre a forma mais apropriada de explorá-los, permitindo assim uma reflexão através de bons fundamentos teóricos e de uma metodologia que permita uma aprendizagem de qualidade.

Diante dessas reflexões, percebo que os conhecimentos construídos ao longo da Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA enriqueceu minha formação profissional como professora da Educação Infantil e futura docente da EJA, ao proporcionar conhecimentos e ferramentas que foram essenciais na minha formação profissional e que me despertaram para novas possibilidades de ensino com a utilização das tecnologias.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. F.; GASPAR, M. M. G. S.; PASSEGGI, M. C. Memorial – gênero textual (Auto) biográfico. *In: ANAIS do VI SIGET – Anais do SILEL*, n. 1, 2011, Uberlândia.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 32.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, F.; GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**, v. 12, 2007.

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto pedagógico do curso de especialização em práticas assertivas em didática e gestão da educação profissional integrada à educação de jovens e adultos**. Natal: IFRN, 2018.

ROCHA, R. Quando a Escola é de Vidro. *In: ROCHA, R. Este Admirável Mundo Louco*. ROSA, R. F. **Formando leitores na escola**. FACOS, 2015.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 2013, Uberlândia. **Anais**. Uberlândia: EDUFU, 2013.

SOARES, M. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, L. J. G. **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

FORMAÇÃO, INFORMAÇÃO E VIVÊNCIAS: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA

PAULO DE OLIVEIRA NASCIMENTO

Orientador: Prof. Paulo Cesar Puga Barbosa.

Contar a nossa própria história pode ser um exercício interessante, especialmente porque precisamos buscar em nossa memória os acontecimentos que consideramos mais relevantes. É disso que trata esse texto: um memorial de formação, gênero discursivo que versa necessariamente o processo de rememoração de um processo formativo.

Já foi dito que “a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas” (Le Goff *apud* Silva, 2009, p. 275). Ir à escola, (re)conhecer colegas, conhecer novas pessoas, aprender a ler, escrever o próprio nome, ser elogiado pelas boas notas, saborear os deliciosos lanches, sentir o cheiro da malva verdinha da manhã e pisar no orvalho são algumas das boas memórias que ainda guardo dos meus “tempos

de escola”. Mas a memória também guarda lembranças dolorosas, tal qual a fome na escola (quando não tinha merenda), que insistia em “competir” com a fome de casa, ou a “perseguição” de alguns colegas, sem motivo aparente — talvez a palavra mais adequada nos dias atuais para descrever aquelas situações seja “bullying” — e outras situações de violência física e psicológica são alguns dos acontecimentos que tentamos esquecer ou ao menos silenciar, nos termos dados por Pollak (1983).

Daqueles tempos até os dias de hoje, são muitas memórias, esquecimentos e silenciamentos. Neste memorial de formação, trataremos apenas das “boas” Memórias que constituem o nosso itinerário formativo no âmbito da pós-graduação em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, ofertada na modalidade Educação à Distância - EaD, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN/ Campus Natal - Zona Leste e com o polo de formação alocado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM/Campus Manaus Zona Leste.

Considerando a necessária oferta de uma educação pública e de qualidade para jovens e adultos que não foram escolarizados “na idade certa”, julgamos ser de fundamental importância o curso que ora concluímos. Isso se dá especialmente em função dos objetivos didático pedagógicos traçados em nível institucional e pela condução dos trabalhos formativos, tanto pela equipe docente quanto pelo pessoal de apoio, sempre no sentido de promover a reflexão sobre as idiosincrasias do público-alvo da Educação de Jovens e Adultos - EJA e do quanto se faz necessário que nós, educadores, tenhamos cada vez mais consciência da nossa responsabilidade em garantir os direitos de aprendizagem daqueles sujeitos.

Esse memorial de formação constitui-se, portanto, num registro escrito sobre os conhecimentos adquiridos e experiências formativas para a realização de um trabalho docente significativo com os discentes da EJA - EPT. O texto constitui-se de duas partes principais, sendo que a primeira delas diz respeito ao relato autobiográfico de nossa formação acadêmica, numa perspectiva de “ego-história” (SILVA, 2015); intitulado “Da ‘Serra do Bom Bocadinho’ a Eirunepé: um relato autobiográfico”, esse trecho vai abordar justamente os momentos mais relevantes do nosso processo de escolarização, num recorte espaço-temporal compreendido entre 1987 e 2019, “Das terras onde passei/Andando pelos sertões/E dos amigos que lá deixei (...)” (Cordovil; Gonzaga, 1953) até os momentos que antecedem o início da pós-graduação que estamos concluindo.

Assim como Alvo Percival Wulfrico Brian Dumbledore se dirigiu à Hermione Granger ao deixar-lhe em testamento os contos de Beedle, o Bardo (Rowling, 2008), eu tenho a esperança que essa leitura seja divertida e instrutiva para aqueles que se embrenhem pelas veredas do “Grande Sertão” que ainda habita a minha mente e meu coração, e que se refletem nesse texto.

DA “SERRA DO BOM BOCADINHO” A EIRUNEPÉ: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Como já sabem, o meu nome é Paulo de Oliveira Nascimento e me dado pela minha avó materna Olívia, a quem chamávamos carinhosamente de “Mãe Olívia” — as minhas poucas e boas memórias da tenra infância têm, quase sempre, a sua presença. Nasci por volta das 17h do domingo, em 27 de setembro de 1987. O parto foi, segundo a minha mãe, tranquilo. A parteira chegou e

logo fez o parto, sem maiores problemas. Apesar de oficialmente ter sido registrado como “filho natural” de Picuí -PB, nasci na Serra do Bom Bocadinho, “um lugarzinho no meio do nada”, situado entre os municípios de Barra de Santa Rosa e Cuité, ambas cidades do interior da Paraíba, que fazem divisa com o Rio Grande do Norte. A seguir, a vista que se podia ter de dentro da nossa casa.

Figura 1 – Vista para o Vale, abaixo da “Serra do Bom Bocadinho”



Fonte: NASCIMENTO, 2016.

Ainda criança, nós nos mudamos para o Sítio Lagoa de Pedra, no município de Picuí - PB. Foi nessa época que fui registrado oficialmente, o que explica em parte o fato de haver uma disparidade entre o oficial e o real da minha origem. Nesse período, chamavam-me de “Cristiano”, apelido dado em razão de eu ter uma irmã mais velha, chamada “Cristina”; o “Paulo” só iria aparecer mais à frente, na escola, quando somos chamados pelos nomes oficiais. Cresci nesse Sertão, imerso em um cotidiano marcado pela seca, rodeado de plantas xerófilas, pedras e animais peçonhentos,

quase que mimetizando-me com o meio. A imagem a seguir é uma representação dessa fase.

Figura 2 – Da esquerda para a direita, Luciana (amiga), Eu, Karina (irmã caçula) e a minha mãe



Fonte: NASCIMENTO, 2020.

Foi nesse período que iniciei a vida escolar, tendo sido matriculado numa “escola improvisada”, na casa da Professora, a quem chamávamos carinhosamente de “Tia Valdenora”. Era uma turma formada com poucas crianças, sendo a maioria deles filhos de um mesmo pai, um político importante na região, que havia articulado com o poder público municipal para que a turma fosse formada e, por isso, incentivou a nossa mãe a matricular a mim e à minha irmã Cristina (talvez se não fosse isso, ainda hoje não teríamos entrado na escola). Nas imagens 3 e 4, temos uma visão de como estão hoje a casa e a estrada por onde passávamos. Na estrada, aprendi a andar de bicicleta, meio de transporte e de trabalho, com o qual pudemos prover parte do sustento familiar indo buscar ração para

os porcos ou levando lenha para vizinhos. Na casa, aprendi a ler e a escrever, ferramentas que me possibilitaram ter esperanças de superar a minha condição de pobreza, fome e escassez.

Figura 3 – Vista Frontal da Casa de “Tia Valdenora”



Fonte: MACEDO, 2021.

Estudamos a Alfabetização e a 1ª Série nessa escola; nesse período, essas eram as respectivas nomenclaturas para o 1º e 2º anos do Ensino Fundamental I de hoje. Olhando o meu histórico escolar para a realização dessa atividade, acabo de descobrir que essa “escola improvisada” na qual iniciei os meus estudos era, na verdade, uma extensão da “escola de verdade”, a E.M.E.F Antônio Ferreira de Lima, para a qual fomos transferidos em 1997, quando aquela “escola improvisada” foi fechada, em razão da aposentadoria da nossa professora “Tia Valdenora”.

Figura 4 – Vista do Alpendre da Casa



Fonte: MACEDO, 2021.

Rememorar essas experiências, a partir de uma comparação com a documentação disponível para o período — em especial, o nosso Histórico Escolar do Ensino Fundamental e Médio (Imagem 5) — nos traz lembranças muito significativas. Uma delas diz respeito à forma como nos sentíamos em relação à “escola de verdade”. Eu, a minha irmã e os demais alunos não havíamos ingressado na E.M.E.F. Antônio Ferreira de Lima no tempo regular e, por causa disso, as pessoas nos questionavam o fato de estarmos estudando “fora da escola”. Essa situação teria criado uma ideia de que não teríamos sido “aceitos” na escola por alguma razão, fazendo com que nos sentíssemos inferiorizados.

Figura 5 – Histórico Escolar do Ensino Fundamental e Médio

ANO	SÉRIE	ESTAB. DE ENSINO	CI	MAIORES	NOTAS
1996	1 ^o	E. M. E. F. Associação E. M. Lúcia		Pérola	100
1997	2 ^o	E. M. E. F. Associação E. M. Lúcia		Pérola	100
1998	3 ^o	E. M. E. F. Associação E. M. Lúcia		Pérola	100
1999	4 ^o	E. M. E. F. Associação E. M. Lúcia		Pérola	100
2000	5 ^o	Escola Municipal Lúcia J. A. J. A.		Pérola	100
2001	6 ^o	E. M. E. F. Lúcia J. A. J. A.		Pérola	100
2002	7 ^o	Escola Municipal Lúcia J. A. J. A.		Pérola	100
2003	8 ^o	Escola Municipal Lúcia J. A. J. A.		Pérola	100
2004	1 ^o	E. M. E. F. Associação Lúcia		Pérola	100
2005	2 ^o	E. M. E. F. Associação Lúcia		Pérola	100
2006	3 ^o	E. M. E. F. Associação Lúcia		Pérola	100

Fonte: NASCIMENTO, 2021.

A análise do nosso histórico, percebemos uma outra coisa: o nosso primeiro ano, o da “Alfabetização”, não foi registrado. Sabemos que esse primeiro ano dizia respeito ao momento de ambientação da criança na escola, num primeiro contato com a escrita e com a leitura. Atualmente, essa fase é chamada de 1º ano e ainda prevalece a ideia de colocar as crianças em contato com a leitura e escrita, mas com maior ênfase na ludicidade (Aranha, 2021). Para nós, a ludicidade aparecia na hora do intervalo, um tempo muito importante para a nossa socialização com os colegas, para as brincadeiras (livres ou orientadas) e para as disputas, que podiam ou não desembocar em “brigas”; foi durante esses intervalos que eu aprendi a andar de bicicleta. Lembro-me, ainda, das atividades de “leitura” e “escrita”, que incluíam “cobrir” as letras, sílabas, além das “cópias” que fazíamos. Concluído o ano de 1995, passamos para a 1ª série, ano em que “descobri” como se dava o processo de decodificação da palavra escrita, quando copiava o cabeçalho

da aula e, ao escrever a palavra “data”, percebi que se eu juntasse o “d” com o “a” e depois o “t” com o outro “a”, a palavra “data” se formava. Daí, passei a decodificar todas as outras palavras, o que me levou ao mundo da leitura e transformou a forma como eu percebia a escola. Daí, todos os exercícios, todas as tarefas, todas as leituras passariam a fazer sentido. A partir daí, comecei a me “afastar” dos meus colegas e aprender os conteúdos escolares. Também comecei a ler textos literários e ter acesso às sinestrias estéticas, que me ajudaram a “sobreviver” ao que viria depois.

Os anos escolares que se seguiram à 1ª e 2ª séries podem ser divididos em períodos. O primeiro deles diz respeito ao período que estudamos efetivamente na E.M.E.F. Antônio Ferreira Lima, a partir da 3ª série. Não podemos nos esquecer de que concluímos a 2ª série com outra Professora, Dona Vitória, porque “Tia Valdenora” aposentou-se no meio do ano letivo, quando fomos transferidos para o Posto Médico próximo ao prédio da “escola oficial”.

Concluída a 2ª série, passamos efetivamente ao prédio da “escola oficial”, onde estudamos a 3ª e 4ª séries. Nesse período, quando contava entre 11 e 12 anos, aprendi muitas coisas na escola, muitas das quais ainda estão guardadas na memória, algumas inúteis informações, outras importantes e necessárias. Recebíamos livros didáticos e éramos levados a usar cada vez mais o nosso cérebro para assimilar conhecimentos que seriam importantes para as nossas vidas. Nesse período, fui aluno da Professora Edileuza, alguém que teve papel fundamental na minha formação, especialmente pelo fato de ter sempre incentivado o meu progresso escolar.

Imagem 6 – Turma da 3ª série, 1998



Fonte: MACEDO, 1998.

Docente experiente, impunha respeito não pela força, mas pela carreira que construía desde cedo e pelos bons resultados que apresentava para a comunidade. Também era uma espécie de “fotógrafa oficial” da comunidade, motivo pelo qual temos a imagem 6 (acima) e a imagem 7, abaixo:

Imagem 7 – Turma da 4ª série, 1999



Fonte: MACEDO, 1999.

O final desse período foi marcado pelas expectativas de ir estudar “na rua”, ou seja, em Picuí - PB, na medida em que não havia a oferta da 5ª série na zona rural. Nessa nova fase, teríamos contato com novos conhecimentos, mas o que nos deixava mais empolgados era o fato de podermos ir e vir todos os dias para a cidade, aquele lugar misterioso e desafiador, que permitiriam novas experiências e novas liberdades.

Ingressamos na 5ª série no Complexo Educacional Cônego José de Barros, em 2000. Ir e vir todos os dias para a cidade logo se mostraria uma tarefa desafiadora e, em muitos casos, cansativa. Viajando de pau-de-arara, éramos submetidos à poeira e aos buracos da estrada. Tínhamos que dispensar atenção às aulas e lidar com a pressão de uma escola com mais de mil alunos, das mais variadas idades, séries e localidades. Já não estávamos mais no “Sítio Urubu”. Nesse período, tive o meu primeiro contato mais denso com a História, área do conhecimento que acabaria se tornando a minha escolha profissional, anos mais tarde. Interessava-me pelas tramas do passado e a forma como os homens e mulheres viviam. A escravidão foi um tema marcante nesse ano.

No ano seguinte, 2001, fui transferido para a E.M.E.F. Felipe Rodrigues de Lima, em Baraúna - PB. Fazia a 6ª série e vivi experiências dolorosas naquela escola, durante aquele ano. Iniciei a 7ª série na mesma escola, mas transferi-me para a antiga escola, em Picuí - PB, ainda no primeiro semestre, para viver e trabalhar com a minha irmã Margarida. Acreditava que seria mais fácil, o que acabou se mostrando mais doloroso — não na escola, mas na convivência com a minha irmã e o marido abusivo dela.

Logo no primeiro dia de retorno, percebi que a antiga escola não era a mesma. Havia mudado de prédio — aliás, as mudanças dos espaços físicos das escolas parecem ter sido uma constante

na minha formação — e estávamos no prédio da antiga Escola Cenicista Ana Maria Gomes. Aí, encontrei alguém que se tornaria minha parceira e amiga no melhor estilo “da escola para a vida”; Joana Melo, a quem chamávamos de “joaninha”, é uma escorpiana forte, estudiosa, guerreira, fofa, linda, empoderada; na época, era muito irritante. Passamos pela 7ª e 8ª séries, firmes e fortes, até chegarmos ao 1º ano do ensino médio, na E.E.E.F.M. Professor Lordão.

O ano era 2004. Sabíamos que não seríamos bem recebidos na nova escola, pois “éramos do Complexo”, ou seja, alunos que não haviam cursado o Ensino Fundamental no elitista “Professor Lordão”. Foram bons tempos. Conheci pessoas importantes. Aprendi coisas novas. Desfilei no 7 de setembro (Imagem 8).

Figura 8 – Desfile de 7 de setembro, 2005



Fonte: Autor não identificado.

Nesse período, decidi que me tornaria Professor. A dúvida era se me tornaria Professor de Geografia ou de História. Na hora

de escolher, durante a inscrição para o vestibular da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, quase marquei “Geografia”, mas na última hora, escolhi “História”. Afinal, havia ficado obcecado pelo Faraó Tutancâmon quando vi a sua máscara mortuária (Imagem 9) pela primeira vez num livro didático de História, na 7ª série.

Imagem 9 – Máscara Mortuária de Tutancâmon



Fonte: Google Imagens.

Em 2006, tivemos um ano agitado. Em primeiro lugar, tínhamos que nos preparar para a prova do vestibular da UEPB, o que requereu uma maratona de leituras do programa. Nesse ano, ingressamos via concurso público na Prefeitura Municipal de Baraúna - PB, para atuarmos como Técnico Administrativo da E.M.E.F. Felipe Rodrigues de Lima, a mesma na qual havíamos estudado em 2001. E para concluir, tínhamos que concluir o 3º ano, o que significava “passar nas provas” e se preparar para a formatura, o que requereu tempo, dinheiro e muitas emoções. Foram tempos muito intensos. O ano de 2007 se iniciou com as

saudades dos colegas de turma e com a notícia de que havíamos ficado em 5º lugar e que, a partir daí, cursaria História no Campus I da UEPB, em Campina Grande - PB, cidade que ficava a 120 km de onde residíamos.

A Graduação foi o momento em que entramos num contato mais efetivo com aquilo que viria a ser o cerne de nossa formação e da conseqüente atuação profissional. A Licenciatura Plena em História ofertada pela UEPB compunha-se, na ocasião, de dois eixos principais. O primeiro deles dizia respeito aos componentes curriculares ligados ao Ensino de História, com importantes disciplinas que versaram sobre esse campo do Saber Histórico.

Um outro eixo marcante dessa grade curricular era o da Historiografia sobre os principais períodos históricos. Em contrapartida, pouca ou nenhuma atenção era dispensada à Pesquisa em História, o que acabou por se revelar um desafio para aqueles de nós que desejávamos imergir nesse campo de atuação, para além da docência. O contato significativo com a História Cultural — especialmente em razão do Corpo Docente do período — nos levou à uma imersão nas inter-relações entre Clio e Calíope, as musas inspiradoras da História e da Literatura.

Figura 10 – Remanescentes da Turma 2007.1.



Fonte: Autor não identificado.

A fotografia acima foi tirada no último dia de aula do componente curricular Tópico Teórico-Metodológico em História, ministrado pela Professora Manuela Aguiar Araújo de Medeiros; suas leituras, sugestões e observações foram significativas para as escolhas que fizemos no campo da História Cultural, o que nos levou a elencar a Literatura como fonte privilegiada para nossas reflexões e investigações. Disso, ingressamos no mestrado do Programa de Pós-Graduação em História - PPGH da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, não sem antes concluir a Licenciatura, já em 2012 (Imagem 11).

Figura 11 – Formatura na UEPB, em 2012



Fonte: Autor não identificado.

O Mestrado em História representou um outro importante momento da nossa formação. Iniciado em 2012, num momento em que ainda concluíamos o trabalho de conclusão de curso - TCC na UEPB (Nascimento, 2012), debruçamo-nos sobre a literatura de um autor picuiense, do que resultou uma análise das representações da cultura popular na chamada “poesia matuta” (Nascimento, 2014), defendida em 2014 (Imagem 14).

Figura 12: Da esquerda para a direita, Marinalva Lima (Orientadora), José Otávio e Helder Pinheiro



Fonte: Autor não identificado.

Entre o final de 2014 e início de 2015, prestamos concurso para atuarmos como Professor EBTT no IFAM/Campus Eirunepé, onde atuamos daquele ano em diante até 2019, quando nos licenciamos para realizar Doutorado em História, no PPGH/UFPE. Mas essa é uma outra história.

INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO PARA EJA - EPT: UMA NOVA EXPERIÊNCIA

O meu ingresso no curso de pós-graduação em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/PROEJA deu-se em razão de nossa atuação, a partir de 2019, na turma do PROEJA do IFAM/Campus Eirunepé. Considerando as idiossincrasias da turma, houve uma necessidade de entendermos — do ponto de vista do saber pedagógico — quem eram aqueles sujeitos, diferenciados tanto em relação aos discentes das outras turmas de EPT — em idade

escolar adequada às respectivas faixas etárias — quanto em relação aos alunos de graduação e pós-graduação, com os quais tínhamos outras experiências. Diante dessa percepção, tive a oportunidade de ingressar nesse curso, optando justamente pela ênfase em Didática, no qual pudemos aprender mais, para melhorar as nossas práticas didático-pedagógicas junto ao público-alvo da EJA - EPT.

A minha experiência no curso se iniciou com o Componente Curricular Fundamentos de EaD e Ambientação Virtual (Almeida, 2020). Considerando que esse foi um primeiro curso nessa modalidade educacional, a experiência proporcionada foi mais significativa, à medida em que pudemos aprender não apenas sobre os conceitos de Educação à Distância, mas também a “navegar” através do Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA, no qual o meu curso estava alocado. Esse componente nos permitiu refletir sobre os limites e possibilidades das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs na Educação, bem como os usos possíveis — e quase ilimitados — que a internet tem desempenhado nesse processo. Tal experiência ampliou as nossas perspectivas em relação às aprendizagens possíveis nos dias atuais.

Com o segundo componente curricular — Produção de Textos Científicos (Cavalcante, 2020) — foi possível retomarmos conhecimentos sobre as especificidades da leitura e produção de textos acadêmicos. Nesse componente, tive contato com o gênero textual “memorial de formação”, apresentado como uma possibilidade para uma “escrita de si”, naquilo que se entende enquanto um relato formativo, a ser apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. Sobre esse gênero, destaca-se a possibilidade de reflexão sobre a (re)construção de nossos conhecimentos, durante os nossos processos formativos.

Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional (Baracho; Nóbile, 2020) foi o componente curricular que se seguiu, no nosso processo formativo. Nele, iniciamos efetivamente os conhecimentos voltados para a EJA, percebida enquanto uma política pública gestada a partir das necessidades de um grupo social bastante específico, diga-se, jovens e adultos que não foram alfabetizados na “idade certa”. Esse componente curricular nos permitiu vislumbrar os embates traçados entre o Estado brasileiro enquanto um espaço de poder ocupado por uma elite — e segmentos da sociedade que demandavam e/ou demandam por ações voltadas à promoção do direito à educação integral e de qualidade para todos os cidadãos.

No componente curricular seguinte, intitulado Fundamentos da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (Baracho; Nóbile, 2020), foi possível compreender — a partir dos vários diplomas legais que regem a EJA - EPT — o movimento de (re)construção da oferta de educação profissional para jovens e adultos, numa perspectiva histórica que remonta a primeira metade do século XX. Nesse componente, foi possível verificar as mudanças em relação a essa modalidade de educação, especialmente na gestão enquanto um direito de todos e um dever do estado brasileiro, para além dos interesses do capital.

No componente seguinte — Noções de Didática (Fonseca, 2020) — foi possível retomar aspectos de nossa formação anterior, naquilo que diz respeito aos métodos e técnicas do “ato de ensinar”. A novidade, nesse momento, deu-se justamente em função das especificidades do público-alvo de EJA, naquilo que requer abordagens diferenciadas em relação às aprendizagens desses sujeitos. A partir das leituras e atividades propostas, foi possível

pensarmos na necessidade de um planejamento específico, que tenha como norte o perfil das turmas nas quais será aplicado.

Com o componente Organização e normas aplicadas à administração, ao planejamento e à avaliação institucional (Rocha, 2020) tive a oportunidade de compreendermos aspectos do planejamento e execução da EJA — enquanto uma política pública — bem como os agentes envolvidos nesse processo e os espaços de poder dos quais emanam as principais decisões político-administrativas em relação à EJA.

No componente curricular seguinte — Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA (Bezerra, 2020) — foi possível compreender o papel que o coordenador pedagógico, enquanto auxiliar do docente, tem um papel fundamental no desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem dos alunos de EJA. Desde a concepção da proposta pedagógica até o efetivo trabalho em sala de aula do professor, o coordenador tem um papel ativo na reflexão e na proposição de ações e práticas que possam garantir os direitos de aprendizagem daqueles sujeitos.

Em Práticas de Letramento na EJA (Marques, 2020), tivemos contato com a abordagem sociológica da linguagem, naquilo que diz respeito à relação entre linguagem, língua, grupos sociais e relações de poder. Esse componente curricular chamou a atenção para a necessidade dos professores e professoras de EJA partirem do universo sociolinguístico dos seus alunos e alunas, tomando as suas “falas” como “motes” para o trabalho de alfabetização e letramento, sempre na perspectiva de uma formação integral embasada nas vivências e experiências dos educandos.

As TICs e a sua aplicação na educação foram o tema principal do componente curricular Tecnologias educacionais aplicadas

à Educação Profissional integrada à EJA (Silva; Almeida, 2020). Os conhecimentos dessa disciplina nos permitiram ter acesso às inúmeras possibilidades que as tecnologias oferecem nos processos de ensino e aprendizagem. Aplicadas à EJA, tais tecnologias podem ser ferramentas importantes para instigar os sujeitos aprendentes em seus processos, além de criar ambientes educacionais de aprendizagem colaborativos e potencializar as experiências discentes.

Seguindo-se ao anterior, o componente curricular Planejamento Educacional em EaD para EJA (Silva, 2020) tratou também da relação entre TICs e educação, uma vez que abordou especificamente a modalidade Educação à Distância. Destaque precisa ser dado àquilo que se entende por “planejamento”, tanto no campo pedagógico quanto político-administrativo, em torno da oferta educacional, considerando nesse caso a modalidade educacional acima mencionada. Esses aspectos requerem uma maior atenção quando são voltados para a EJA, naquilo que já discutimos a despeito das especificidades do público-alvo.

Em Gestão da Educação à Distância (Sena Neto, 2020), aprofundi os conhecimentos dos componentes anteriores naquilo que dizia respeito à relação entre tecnologia e educação. Nesse sentido, vislumbrei os limites e possibilidades no planejamento e oferta da modalidade EaD, principalmente no que diz respeito à infraestrutura necessária para a empreitada, manutenção da oferta, avaliação, dentre outros.

Didática e Avaliação da Aprendizagem Aplicada a Educação Profissional integrada à EJA (Martins; Barros, 2020) foi talvez um dos mais tocantes e reflexivos componentes curriculares. Isso se deu na medida em que os temas e atividades abordados nesse componente provocaram uma reflexão profunda em relação ao papel da escola e dos professores, naquilo que diz respeito à formação dos

sujeitos. Destaco as atividades propostas e realizadas — sobre as “bolas de vidro” e o “tipo” de professor que deveríamos ser — e o quanto se faz necessário não engessarmos os processos de ensino e aprendizagem ofertados juntos aos discentes, especialmente os de EJA, cujas experiências precisam e devem ser levadas em consideração no planejamento e execução dos projetos didático-pedagógicos para essa modalidade.

O penúltimo componente curricular do curso intitula-se Práticas Pedagógicas na Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA (Martins; Barros, 2020). Considerando o foco desse componente — planejamento e práticas pedagógicas — foi possível termos contato com as nuances da práxis pedagógica na EJA. Nesse componente, pudemos vislumbrar o “Plano de Aula” enquanto um importante instrumento no processo de ensino e aprendizagem não apenas na EJA, mas em outras etapas e modalidades educacionais. A partir de aspectos como os objetivos, conteúdos, metodologias, recursos didático-pedagógicos, formas de avaliação da aprendizagem e outros, foi possível vislumbrar o quanto o planejamento, a execução e a reflexão sobre o processo são importantes e necessárias para que os objetivos educacionais sejam alcançados.

Por fim, tive o componente curricular memorial de formação, destinado exclusivamente a nos preparar para a composição desse texto. E aqui chegamos — numa espécie de metanarrativa — tratando do nosso processo de formação, desde os primórdios até os dias atuais. Confesso que o exercício me permitiu vislumbrar aspectos importantes da minha formação tanto pessoal quanto profissional, especialmente em razão desse momento específico da minha vida, cuja força motriz tem sido a busca pelo (re)conhecimento do meu “Eu”, por meio do acesso àquilo que está no

inconsciente, mas que marca profundamente a minha condição humana. O texto que ora apresento é o reflexo direto desse processo de busca, encontros, desencontros e reencontros!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir uma “escrita de si” pode ser um exercício “traícoeiro”, seja em razão dos perigos do autoelogio, seja em função da necessidade de rememorar, um exercício que pode ser a um só tempo prazeroso e/ou doloroso. Todavia, as circunstâncias o exigiram.

Tanto o Curso quanto a construção desse Memorial Formativo se mostraram experiências relevantes para o meu processo de (re) invenção profissional enquanto Professor de História que atende a alunas e alunos da EJA. Tanto as leituras empreendidas quanto à realização das atividades me projetaram para todo um “universo” no qual estão imersos os sujeitos que compõem as salas de aula dessa modalidade. Para mim, sempre foi um privilégio poder conduzir — no sentido etimológico do termo “pedagogo”, “aquele que conduz” — processos de ensino e aprendizagem do/no campo do Saber Histórico. A partir de agora, essa experiência torna-se muito mais significativa e interessante, especialmente em razão das possibilidades de diálogo entre professor e alunos.

Encerro dizendo o seguinte: (...) O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (Rosa, 1994, p. 293).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. F. C. **Fundamentos da EaD e Ambientação Virtual**. Natal - RN: IFRN, 2020.
- ARANHA, S. **A antiga 1ª série e o atual 1º ano do Ensino Fundamental de 9 anos**. Disponível em: <https://www.soniaranja.com.br/a-antiga-1a-serie-e-o-atual-1ano-do-ensino-fundamental-de-9-anos/>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- BARACHO, M. G.; NÓBILE, V. C. **Políticas Públicas para a educação de jovens e adultos integrada à educação profissional**. Natal - RN: IFRN, 2020.
- BARACHO, M. G.; NÓBILE, V. C. **Fundamentos da Educação Profissional Integrada à EJA**. Natal - RN: IFRN, 2020.
- BEZERRA, E. C. **Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA**. Natal - RN: IFRN, 2020.
- BUARQUE, C. **Sonho impossível**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/86054/>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- CAVALCANTE, I. F. **Produção de textos científicos**. Natal - RN: IFRN, 2020.
- CORDOVIL, H.; GONZAGA, L. **A vida de viajante**. [1953]. Disponível em: <https://www.recife.pe.gov.br>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- FONSECA, C. M. F. **Noções de Didática**. Natal - RN: IFRN, 2020.
- MARQUES, I. B. A. **Práticas de Letramento na EJA**. Natal - RN: IFRN, 2020.
- MARTINS, F. I. B. B.; BARROS, R. B. **Didática e avaliação da aprendizagem aplicada à Educação Profissional Integrada à EJA**. Natal: IFRN, 2020.
- MARTINS, F. I. B. B.; BARROS, R. B. **Práticas Pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional**. Natal: IFRN, 2020.
- NASCIMENTO, P. O. **“Escutando a ‘Voz de um Homem Rude’”**: Representações da Cultura popular na obra de Antônio Henriques Neto. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Campina Grande - PB, 2014.

NASCIMENTO, P. O. **Picuí, capital mundial da carne de sol: entre o costume e a tradição.** Monografia (Licenciatura em História). Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Campina Grande - PB, 2012.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, 1989, v. 2, n. 3, pp. 3-15.

ROCHA, F. A. F. **Organização e normas aplicadas, ao planejamento e à avaliação institucional.** Natal - RN: IFRN, 2020.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, o Bardo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SENA NETO, B. G. **Gestão da Educação à Distância.** Natal: IFRN, 2020.

SILVA, A. N. B.; ALMEIDA, E. F. C. **Tecnologias educacionais aplicadas à Educação Profissional integrada à EJA.** Natal - RN: IFRN, 2020.

SILVA, A. N. B. **Planejamento Educacional em EaD para EJA.** Natal - RN: IFRN, 2020.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, W. C. L. Para além da ego-história: memoriais acadêmicos como fontes de pesquisa autobiográfica. **Patrimônio & Memória**, 2015, v. 11, n. 1, p. 71-95.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: EXPERIÊNCIAS PARA TODA VIDA

MARIA DA LUZ DE CASTRO

Orientadora: Profa. Janilde de Jesus Dutra Pinto

O memorial de formação é gênero textual que narra a vida da pessoa que escreve, podendo abranger a vida pessoal, profissional ou acadêmica, o que permite ao autor as reflexões necessárias sobre todo o seu processo e resultados obtidos, servindo como base para analisar o seu progresso num determinado período. O autor também é o escritor/narrador/personagem nessa narrativa e apresentará todos os fatos e situações importantes na sua trajetória, tornando-se um texto crítico e reflexivo.

Sendo assim, por meio deste memorial resgatarei de forma linear e sistematizada o histórico da minha vida acadêmica desde a educação básica, aprofundando com meu desenvolvimento profissional, discursando até adentrar em sua trajetória formativa, profissional, acadêmica e pessoal, perpassando as memórias da sua infância até as experiências profissionais vivenciadas ao longo da carreira, ainda aquelas vivências nos processos formativos, em que eu me sentava do lado oposto para assistir às aulas tanto

nos cursos de pós-graduação como nos encontros e formações escolares, treinamentos e cursos de aperfeiçoamentos.

Para tanto, alguns relatos deste memorial trarão inúmeras reflexões acerca de uma significativa construção profissional apreendida durante todo um percurso de aprendizado na educação pública no processo de formação acadêmica e pessoal, pois a escola é fundamental para exercer grandes influências na vida de cada um. Na fala de Severino (2001, p. 175) “o memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva”. Por isso o desenvolvimento de um memorial nos traz a possibilidade de documentar, através da escrita discursiva e reflexiva, memórias e fatos importantes que ocorreram na nossa vida pessoal, acadêmica e profissional.

O curso foi realizado na especialização de Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, e me faz destacar sua grande relevância em minha trajetória durante o período em que me dediquei a estudá-lo e executar as tarefas que foram a nós direcionadas. Ressaltando ainda a grande ressignificação do curso no meu aprendizado em demonstrar as várias possibilidades para se trabalhar com os alunos do EJA/PROEJA, o que me serviu de base para aprimorar ainda mais os conhecimentos como professora do ensino fundamental I. Também me possibilitou aprender a rever algumas situações em sala de aula e a replanejar mediante o aprendizado ou não aprendizado dos alunos.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

No memorial deve-se apresentar os mais relevantes e importantes acontecimentos vividos por nós ou por alguém que nos influenciou a escolher determinado curso ou profissão. O processo de escrita de um Memorial é muito mais uma etapa de reflexão e de produção acadêmica.

Para Arcoverde (2007), o memorial “é um gênero textual rico e dinâmico que se insere na “ordem do relatar”, isto é, gênero que relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas”. Como o memorial é um gênero de relato, podemos afirmar que ele proporciona afirmações identitárias:

Memorial pode ser considerado, ainda, como um gênero que oportuniza as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória. É uma espécie de “diário”, no qual você pode escrever suas vivências e reflexões. É também um gênero que pode ser usado para que você marque o percurso de sua prática, enquanto estudante ou profissional, refletindo sobre vários momentos dos “eventos” dos quais você participa e ainda sobre sua própria ação (Arcoverde, 2007, p. 2).

Ele admite narrar, dialogar, contar, falar do sujeito histórico “eu” como se estivesse escrevendo um livro de recordações abordando a vida escolar, acadêmica e profissional. Início a minha apresentação e toda narrativa da minha vida até a atualidade, Maria da Luz de Castro, nascida em 03 de abril de 1976, em São Vicente Ferrer - MA, filha de Joana Batista de Castro e Felipe Aguiar, morei pouco tempo nessa estimada cidade. Quando eu tinha 5 anos, minha mãe decidiu largar meu pai que era alcoólatra

e não nos dava uma boa vida, e viemos viver em São Luís. Aqui passamos por muitas dificuldades em virtude de não termos casa própria na época e, por esse motivo, precisarmos morar na casa de parentes com os quais ainda não tínhamos convivido.

Começa aqui toda a história da minha vida. Inicialmente comecei a estudar em uma escola comunitária no anjo da guarda, época em que fui morar com o tio Antonio, (já falecido) e sua esposa Isabel. Não tenho muitas recordações, talvez porque elas não tenham sido boas. Lá eu tinha os privilégios que toda criança gostaria de ter, pois eles não tinham filhos, mas depois de um determinado tempo eu era privada de fazer muitas coisas, e eles começaram a me maltratar. Passados alguns anos, eu não quis mais morar com eles e retornei para casa da minha mãe no bairro do Coroadinho. Concluí o ensino fundamental com êxito, sem qualquer reprovação. Em 1993, comecei o ensino médio na Escola Centro de Ensino Médio Gonçalves Dias, onde passei longos três anos estudado no turno noturno. Mesmo com todas as tribulações, sempre me destacava na turma, sempre falante, atenciosa e estudiosa, não faltava as aulas, até mesmo porque a escola era a fuga para as situações vividas no dia a dia. Então, após concluir o ensino médio, comecei a trabalhar para minha própria sobrevivência.

Minha mãe doméstica trabalhava em casa de família, por anos trabalhou em uma única casa, depois percebeu que como diarista ganharia melhor e teria mais tempo para ficar em casa. Arrumou um novo marido e teve mais um filho, depois teve mais duas filhas de um terceiro casamento, já éramos um total de seis. Dona Joana, minha mãe, não deu certo com os cônjuges que arrumara, com isso os filhos acabaram sendo deixados nas casas de parentes para que ela pudesse trabalhar. Dois dos irmãos foram dados para as avós criarem, eu morei em alguns lugares

diferentes por anos, mas sempre tive claro em minha mente que o estudo é a principal arma do ser humano e a única forma dele alcançar uma vida melhor intelectual e financeiramente.

Não tive uma infância muito feliz, não convivi com minha mãe na íntegra e muito menos com meu pai, que há anos é falecido. Depois que vim embora para a cidade, devo tê-lo visto umas três vezes pelo menos, então não tive afeto por ele e acho que nem ele por mim. O tempo que mais morei com minha mãe de que me lembro foi entre 13 e 18 anos, entre idas e vindas das casas de parentes e casas de famílias nas quais trabalhei.

No ensino médio, o Colégio Gonçalves me proporcionou momentos muitos felizes, tinha uma turma do bairro, e íamos juntos para casa. Apesar de estudarmos em salas diferentes, a nossa amizade era forte, sempre esperávamos uns aos outros na saída para pegarmos o ônibus todos juntos. Em relação aos conteúdos, eu sempre fui uma estudante de muita atenção e dedicação, concluí o ensino médio no período de três anos, não fiquei reprovada em nenhum dos anos que estudei, sempre participava dos grupos de estudos, sou muito falante e com isso sempre era escolhida para apresentar os trabalhos.

Nessa época não havia tantos projetos voltados para alunos da rede pública, mas sempre que a escola realizava algum evento, eu participava. Os melhores eram as gincanas feitas para que os alunos ganhassem notas, diferentemente de hoje, que há feira de ciências, olimpíadas de matemática, projetos interdisciplinares entre outros. Terminei o ensino médio sem muitos acontecimentos, apenas trabalhando e estudando.

Em 1994, cursando o 2º ano do ensino médio, fiz uma entrevista para ser voluntária em uma entidade filantrópica sem fins lucrativos chamada CEPEC - Centro Educacional e Profissional do

Coroadinho — entidade esta que tinha um apoio financeiro de uma outra entidade chamada GAAC - Grupo de Apoio as Comunidades Carentes do Maranhão — para trabalhar um expediente e receber apenas uma ajuda de custo. Essa entidade GAAC era apoiada pelos franceses que mandavam recursos para serem trabalhados com entidades de vários bairros de São Luís e cidades do Maranhão. E eles sempre visitavam as entidades fazendo reuniões e observando o andamento dos projetos, que tinham como prioridade os menos favorecidos da comunidade do Coroadinho.

O projeto tinha a responsabilidade de oferecer para comunidade cursos profissionalizantes como: corte e costura, cabeleireiro, manicura, serigrafia, datilografia, cozinheiro, padeiro, mecânica de automóvel, mecânica de bicicleta e mecânica de moto. Esses eram os cursos mais procurados da época, quando fazer uma faculdade era um privilégio para poucos. Os cursos também eram patrocinados pelo SENAC e SENAI, vinham para a comunidade com um valor bem irrisório, somente para custear manutenção dos equipamentos, os professores eram pagos pelos próprios órgãos SENAC e SENAI.

Nessa instituição fiquei por um período de 10 anos, fiz vários cursos, conheci muitas pessoas e fiquei muito conhecida no bairro, aprendi a fazer projetos, lidar com pessoas de diferentes níveis e conheci praticamente todas as ruas do bairro, pois nessa época não tínhamos acesso a telefones celulares e poucos possuíam telefone residencial e aparelho de orelhão. Quando os alunos faltavam ao curso, era eu quem visitava a casa; ou quando os alunos faziam inscrição, eu também tinha que fazer visita para saber se o que tinham colocado na ficha era verdadeiro e se preenchiam os requisitos do curso, que era voltado para pessoas muito carentes. Fiz uma boa jornada no tempo que permaneci.

Nesse período de 10 anos, muitas coisas foram acontecendo, e eu me qualificava cada vez mais. No fim do ano de 1994, conheci um rapaz chamado Erivaldo Amorim Coelho que, dois anos depois, seria o pai das minhas três filhas. Em 1996, fui morar com o senhor Erivaldo e tive minha primeira filha, Deborah Christina (formou-se em Nutrição); depois de 5 anos, tive a segunda, Hyngrid Hevelyn (estudante de Engenharia Elétrica-IFMA); por fim, a terceira, Grazielle (estudante do ensino médio). Voltei a trabalhar no CEPC como professora de informática e fiquei por mais um ano. Durante os anos que passei nessa entidade, participei de vários projetos e cursos, entre eles: o primeiro curso de datilografia, corte e costura, o primeiro curso de microcomputador do bairro (assim que era chamado o curso de informática na época), computação gráfica, treinamento para ser instrutora de informática. Saí da entidade para cuidar das meninas, afinal é complicado encontrar alguém que cuide três crianças. Então parei para refletir: não queria que elas passassem pelo que passei, na casa de um e de outro. Nesse intervalo, cuidando da casa, das meninas e do esposo, comecei a trabalhar no próprio negócio em casa.

Não tive influência de ninguém para fazer faculdade, surgiu de mim mesma. Achava muito bonito uma pessoa dizer que tinha nível superior, na minha família ninguém até então havia feito faculdade, desde novinha eu tinha no meu pensamento me formar e trabalhar, mas os imprevistos que a vida nos impõe fizeram com que eu realizasse meu sonho um pouco mais tarde, pois somente aos 29 anos consegui prestar vestibular e ser aprovada.

Comecei o curso de Pedagogia no ano de 2005, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, e logo no primeiro ano de estudo fiquei grávida de minha terceira filha. No entanto nada me abalou ou tirou meu foco em relação ao estudo, continuei

frequentando até os nove meses de gravidez sem faltar nenhum dia, todos admiravam a minha persistência e força de vontade, participava de todos os projetos, trabalhos e apresentações. Em 2006 dei à luz a Grazielle, e em 15 de resguardo retornei à sala de aula para me apresentar e levar a documentação exigida para que eu pudesse desenvolver os trabalhos acadêmicos em casa.

Fiz estágio na Escola João Lima Sobrinho no parque Timbiras, sem muitas surpresas, tendo em vista que já conhecia a comunidade, trabalhava os conteúdos do planejamento da professora e assim fui me desenvolvendo, criando minhas habilidades, e experiências, não fui reprovada em nenhuma disciplina, concluí meu curso com muita dedicação, produzi meu TCC, fiz uma boa defesa, obtive nota 9,5 e continuei a vida acadêmica participando de vários cursos, seminários e palestras, sempre buscando aperfeiçoar meus conhecimentos pedagógicos.

A luta por dias melhores continuava e a responsabilidade de cuidar das três crianças também, deixei um pouco de lado tudo que havia planejado para me dedicar às três meninas, em 2012, fiz o curso de Psicopedagogia, com a supervisão da Professora Quaresma, professora da Universidade federal do Maranhão pela Instituição FAMA - Faculdade Atenas Maranhense, depois fiz o curso de Libras básico e intermediário no colégio COLUN, através do Projeto do Governo Federal PRONATEC.

Em 2013, fiz uma prova para o seletivo da Prefeitura Municipal de São Luís para a área do Coroadinho, para lecionar nas Series Iniciais do ensino Fundamental, eram apenas 20 vagas eu fiquei na quinta posição, fui chamada para assinar contrato, comecei a trabalhar em fevereiro de 2014, e estou exercendo minha função de professora até a atualidade.

Nesses 8 anos de jornada, já desenvolvi vários projetos interdisciplinares na sala de aula, datas comemorativas e planejamentos. Fui escolhida pela escola para participar de dois importantes projetos da Prefeitura Municipal de São Luís, Projeto de Intervenção Pedagógica - PIP, projeto que tinha como objetivo a intervenção pedagógica para alunos dos anos iniciais, alunos estes que no 4º e 5º anos ainda não estavam alfabetizados e nem acompanhando os conteúdos do nível dos demais alunos, o projeto teve a duração de um ano. Percebendo a importância do projeto e a eficácia no ano seguinte trabalhou-se com as crianças do 2º e 3º, com o objetivo também de alfabetizar as crianças que ainda não haviam alcançado o nível adequado para suas séries.

Com o surgimento e avanço da COVID-19 e a necessidade de medidas de distanciamento social, todas as escolas tiveram que parar, e a internet assumiu um papel importante para possibilitar que ao menos parte de nossas atividades rotineiras pudesse ser mantida remotamente durante esse período. Após mais de um ano do início da crise sanitária, os alunos ainda viviam as consequências do fechamento parcial ou total das escolas. Assim, governos e comunidades escolares adotaram alternativas para a continuidade do ensino no contexto da pandemia, à medida que milhões de pessoas passaram a depender como nunca da internet e das tecnologias digitais. Mesmo entre a população com acesso à internet, uma parcela importante pode não dispor do conhecimento ou das habilidades necessárias para usar as tecnologias com eficiência; aliás, boa parte da população tem utilizado essas novas ferramentas pela primeira vez. Nesse sentido, o avanço no letramento digital da população é de fundamental importância para obter resultados nesse cenário.

A internet, somada às plataformas digitais que nela ela operam, foi a grande boia de salvação para um sem número de atividades no prolongado cenário da pandemia COVID-19. Para as pessoas que exercem as mais diversas funções em escritórios, trabalhar a partir de casa se tornou a regra.

Na educação não foi diferente, após uma breve interrupção de poucos meses, quando ainda nos iludíamos, como sociedade, sobre o caráter passageiro do vírus, as atividades escolares foram guindadas para as plataformas. Em geral, quase sem nenhuma adaptação; cada instituição do seu jeito, sem muito contato ou coordenação, quase sempre a solução mais “fácil”, mais à mão, ignorando realidades locais, sociais e de classe, até que frustradas e reformuladas por sua evidente ineficácia. A pandemia se configura, então, como uma oportunidade de aceleração para o solucionismo tecnológico na educação. Para Bonilla e Pretto (2015, p. 515), “o grande desafio está sendo o de integrar o uso social das tecnologias às práticas escolares”. Sobre esse contexto Amorim (2015) nos diz:

Por isso, defendemos que toda inovação educacional deve promover nos alunos marcas legítimas e significativas que gerem a formação de atitudes positivas e que contribuam para a formação de um ambiente pedagógico duradouro, consolidando a criação de uma cultura escolar aberta, movida pelo interesse científico pela experimentação curricular, que contribua para o surgimento de projetos variados e eficazes, para serem institucionalizados no espaço educativo e social (Amorim, 2015, p. 4).

Com o impedimento sair às ruas e mesmo de retornar ao trabalho, iniciou-se uma grande virada nos meios digitais. Nada disso seria um dia imaginado pelas pessoas, que tudo seria feito por meio de aplicativos e plataformas. E assim começou uma corrida

desesperada para que o mundo não parasse, as pessoas tendo que aprender tudo rápido, as empresas demitindo pessoas e investindo em novas tecnologias, as escolas se adequando e as pessoas em casa se adaptando a um novo mundo e a um novo modo de viver para poder sobreviver. Com a explosão dos meios digitais sendo usados por tudo e todos, houve também a explosão de cursos de extensão e pós-graduação, a maioria gratuitos.

E foi justamente nesse meio digital que me deparei com o curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. O meu objetivo em participar dessa pós-graduação era o de adquirir conhecimento e aprender como trabalhar com os jovens da EJA/PROEJA, pois esse público carece de uma abordagem diferenciada, com muita dedicação eles enfrentam vários problemas no dia a dia, e a escola às vezes é seu ponto de fuga e de acolhimento. Para recebê-los e motivá-los, os professores precisam ter metodologias adequadas para que esses jovens se sintam interessados pelo conteúdo, na maioria das vezes mal elaborado e massacrante, fazendo com que o aluno perca o interesse em participar das aulas e acabe abandonando a escola.

Esses problemas podem comprometer a existência e permanência dos discentes nas escolas nos diversos níveis de ensino, até mesmo nas universidades, e torna-se fundamental refletir sobre o resgate da humanização e subjetividade dos sujeitos envolvidos no processo educacional, sem isso que venha a interferir na qualidade da educação do país. Sobre o processo de aprendizagem, Moran (2000) afirma que:

Aprendemos pelo pensamento divergente [...] quando perguntamos, questionamos [...] quando interagimos com os outros e o mundo e depois, quando interiorizamos, quando nos voltamos para dentro, fazendo nossa própria síntese, nosso reencontro do mundo exterior com a nossa reelaboração pessoal (Moran, 2000, p. 23).

No ano de 2020, participei do projeto da AVANT-VALE, todo realizado em ambiente digital e que tinha por objetivo divulgar não somente os trabalhos desenvolvidos por vários professores de várias escolas da rede Municipal de São Luís, mas também as metodologias utilizadas, seu desenvolvimento em sala de aula e a meta alcançada. Esse projeto já foi publicado com o objetivo de divulgar esses trabalhos e pode servir de referência para que outros professores os reproduzam em suas salas de aula.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/PROEJA

Inicialmente farei um breve comentário sobre a Educação à Distância, que o curso me proporcionou conhecer mais profundamente. Sem ela, seria impossível participar desta pós-graduação, uma modalidade repleta de ferramentas tecnológicas que, em sua maioria, eu desconhecia até o momento, apesar de já serem usadas há muitos anos. Foi preciso a ocorrência de uma pandemia para que as tecnologias digitais se tornassem populares entre as classes A, B, e C, pois todos estão fazendo uso dessas tecnologias, tanto para o ambiente profissional como para o acadêmico, dando a oportunidade para quem tem pouco tempo de frequentar cursos em aulas presenciais.

Crescer como profissional significa ir localizando-se no tempo e nas circunstâncias em que vivemos para chegarmos a ser um ser verdadeiramente capaz de criar e transformar a realidade em conjunto com os nossos semelhantes para o alcance de nossos objetivos como profissionais da Educação (Freire, 2001, p. 35).

Ao ler a epígrafe acima, percebe-se, mais uma vez, que se faz necessário refletirmos sobre como é importante sempre nos atualizarmos em cada profissão que escolhemos desenvolver. A especialização me deu a oportunidade de conhecer todo o histórico da revolução dos meios digitais e sua grande importância para a humanidade, percebendo assim que é quase impossível não utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Segundo Tot Lab (2012), elas correspondem a todas as tecnologias que interferem e medeiam os processos informacionais e comunicativos dos seres. O curso apresentou em sua primeira disciplina, A Modalidade EaD: Limites e Possibilidades, neste disciplina pudemos conhecer a evolução tecnológica e como cada etapa da evolução foi importante em nossas vidas. O ambiente virtual de aprendizagem foi uma ferramenta muito bem elaborada para que os alunos utilizassem de todo material digital e todo material que também pudesse ser impresso. Esse ambiente é uma ferramenta que oferece infinitas possibilidades de acesso aos materiais — que nunca serão perdidos — aumentando assim a oferta de cursos à distância.

Na disciplina Produção de Textos Científicos, aprofundei meus conhecimentos acerca dos diferentes textos científicos e como elaborar cada um, a forma de escrever, as normas a simplicidade de como fazer e para quem fazer, os diferentes leitores que precisam compreender o que leem. Para tanto, a escrita precisa ser inserida na linguagem dos gêneros acadêmico-científicos, porém também precisa ser simples, objetiva e ter clareza de compreensão.

E assim fui percorrendo todo o curso, passando por Fundamentos da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, módulo esse que foi muito importante para que eu pudesse me embasar no histórico da educação de jovens e adultos e da educação profissional, sobre as quais, até então, eu tinha apenas um conhecimento superficial. Para Cortella (2014, p. 21), “a Formação tem de nos levar para cima, para aquilo que não temos, para não ficarmos nos repetindo, aprisionados naquilo que já sabíamos”. O conhecimento é a nossa maior arma, pois, é através dele que podemos acessar as mais maravilhosas histórias de nossas vidas, do passado e do presente e podemos assim discorrer sobre elas.

Todos os módulos e disciplinas me trouxeram um grande impacto de conhecimento e me mostraram que estudar não tem limite, e que quanto mais nos aprofundamos, mais queremos descobrir. Assim, foi de grande relevância a disciplina Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional, para conhecer e compreender o significado de Estado e Governo, entendendo a estrutura do Estado brasileiro com os poderes da união e as atribuições de cada um .

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar nos forma e nos transforma... esse é o saber da experiência: o que se adquire no mundo, como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece... por isso ninguém pode aprender da experiência de outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (Jorge Larrosa).

O memorial deste curso é um exemplo de que esta especialização foi muito significativa, pois lembro-me dos detalhes de cada passagem, de cada nota, da correria para entregar tudo dentro do prazo, pois a responsabilidade é uma das grandes virtudes que o ser humano pode ter. Dessa forma, unem-se conhecimentos científicos apresentados no ambiente acadêmico que nos auxiliarão na construção da nossa capacidade crítico-reflexiva, nossas vivências e as nossas emoções que fazem parte da leitura de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário apresentar os principais resultados apreendidos das reflexões feitas acerca do processo de formação viabilizado pelo curso de especialização, destacando expectativas e propostas para atuar na EJA/PROEJA a partir das contribuições do curso para seu desenvolvimento profissional. Além disso, é fundamental destacar o que se aprendeu no processo de escritura do memorial de formação, mostrando em que medida as atividades de leitura e de escrita realizadas para produzir seu memorial contribuíram ou podem contribuir para desenvolver sua competência de leitor e escritor, bem como melhorar sua formação acadêmica e profissional.

Desde 2020, foram iniciados vários cursos on-line por causa da pandemia do COVID-19: cursos de formação continuada, de extensão, pós-graduação, treinamentos, palestras e cursos motivacionais, aulas ministradas através do AVA, plataformas on-line, aulas ao vivo no Youtube, aulas gravadas que lhe dão a possibilidade de assistir de acordo com a sua disponibilidade de tempo, além das atividades interativas por meio de chat e games, tudo isso acontecendo e dando oportunidade de muitos fazerem suas atividades onde e como queiram. A tecnologia veio em forma de

desafio para todos, principalmente professores e alunos que ainda não detinham conhecimentos desses meios tecnológicos para interagirem uns com os outros por meio das atividades educacionais. Cada pessoa, então, teve de se reinventar nessa contemporaneidade.

Através desse curso, pude conhecer mais de perto os grandes desafios que temos a cada dia com o descobrimento do novo que agora fará parte da vida de cada um. Diante da experiência adquirida no curso, observo que é possível fazer uso dos vários recursos tecnológicos e se adaptar aos que ainda irão aparecer, principalmente no que diz respeito a programas e aplicativos, teremos sempre a oportunidade de estarmos nos aprimorando, não poderemos como profissionais da educação ficar sem interagir e conhecer os meios digitais e tecnológicos, pois, estes favorecem muito os docentes e discentes trazendo novos laços para ensinar e aprender em novos espaços de conhecimentos.

Esses novos conhecimentos nos proporcionaram enriquecimentos extraordinários que contribuíram para compartilhar os conhecimentos adquiridos. Aprendi diferentes dinâmicas para desenvolver em sala de aula, além de obter conhecimento necessário para desenvolver trabalhos de forma fundamentada. Os desafios impostos pela pandemia nos trouxeram um olhar diferenciado para o aprender de forma on-line que antes era visto como um aprendizado superficial. Agora, porém, essa forma de estudar se tornou igual para todos diante das dificuldades que o cenário nos apresentou, tornando-se assim um meio de grande importância no âmbito profissional e acadêmico. A educação, sozinha, não tem condições de atender a demanda da sociedade atual sem se aliar as tecnologias e a realidade do acesso às tecnologias e a realidade do acesso às tecnologias não soluciona os atuais desafios nesse âmbito. É preciso saber aplicar as tecnologias no processo de ensino-aprendizagem para

que sejam alcançados resultados que garantam a qualidade de ensino (Nunes, 2008).

Com essa afirmação, destaca-se que o professor deva planejar atividades de ensino que envolvam tarefas nas quais o aluno possa realizar seu autodesenvolvimento. O docente precisa ser um facilitador do aprendizado, tendo as tecnologias digitais como parcerias nesse processo para enriquecer a sua didática educacional. É relevante ressaltar a importância das tecnologias a favor da educação, mesmo com algumas limitações.

Nesse sentido, a educação é considerada um dos pilares do desenvolvimento econômico. A escola, enquanto instituição social, tem a finalidade de promover a formação integral dos educandos, enquanto sujeitos sociais. Formação essa que deve ocorrer na perspectiva da formação do cidadão, que vai muito além do desenvolvimento cognitivo dos sujeitos (Zabala,1998).

Diante das observações e experiências nos estudos, é possível aproveitar e explorar os novos recursos apresentados, que favorecem os discentes na oportunidade de praticarem o novo, explorando, conhecendo e praticando esses novos horizontes do aprendizado. Portanto precisamos pensar, refletir no sentido da vida, através da leitura, da escrita/leitura de mundo, as vivências, experiências, buscando desenvolver sempre o pensamento crítico-reflexivo, fazendo com que o professor possa também aprender ensinando aos alunos; e que os alunos possam explorar as ferramentas digitais, desenvolvendo as habilidades para a transformação na aprendizagem, tornando todos nós protagonistas do saber.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. B. C. Conceituando Alfabetização e Letramento. *In*: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (orgs.). **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Revista Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 8, n. 3, 2020.
- ANTUNES, I. **Muito Além da Gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.
- ANTUNES, I. **Aula de Português**: encontro & interação. 2. ed., Parábola, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BOSI, A. A escrita e os excluídos. *In*: BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.
- BAUMAN, Z. **Globalização**: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAVARESCO, A.; BARBOSA, E.; ETCHEVERRY, K. M. (org.). **Projetos de filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. (Livro eletrônico). Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/projetosdefilosofia.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KOEHLER, C. **Ambientes virtuais de aprendizagem**. Graduação em Tecnologia Educacional Licenciatura. Secretaria de Tecnologia Educacional Universidade Federal de Mato Grosso. Ministério da Educação – Universidade Aberta do Brasil, 2020.
- LUCK, H. **Liderança em gestão escolar**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE SABERES TEÓRICOS E PRÁTICOS

LUIZ CARLOS DA COSTA SILVA JÚNIOR

Orientadora: Profa. Maria de Fátima Abrantes

O exercício de rememorar impõe àquele que se debruça a fazê-lo o desafio de resgatar experiências que integram a trajetória de vida do indivíduo. Tal tarefa traz à tona fatos, circunstâncias e eventos que ao serem recuperados pela memória, coloca o sujeito numa posição de reflexão sobre o caminho formativo que percorreu/percorre ao longo do seu agir e estar no mundo, sendo capaz de escrever sua história e atuar conscientemente na realidade em que se encontra inserido. Nesse sentido, o movimento dialético imbuído nessa dimensão profunda de pensar o “eu” conduz à análise das próprias condições existenciais que nos modela enquanto sujeito histórico-cultural.

Este trabalho resulta da conclusão de mais uma etapa que integra meu processo formativo, desta vez em nível de pós-graduação *lato sensu*. Trata-se do curso em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens

e Adultos - EJA/PROEJA ofertado na modalidade à distância, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN. O referido curso acontece mediante dois itinerários formativos: didática e gestão. Conforme consta no seu Projeto Pedagógico de Curso - PPC, objetiva-se proporcionar uma formação continuada pautada nos valores éticos e humanos, levando em consideração os princípios de gestão democrática, a abordagem das novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), as especificidades referentes à prática curricular e pedagógica nas modalidades Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), respaldada pelas epistemologias que explicam o processo de aprendizagem do adulto, de modo a oferecer pressupostos teórico-práticos com ênfase na gestão educacional e na ação didática dos profissionais das redes federal, estadual e municipal (IFRN, 2018).

Nessa perspectiva, o meu ingresso no curso supracitado se deu no primeiro semestre do ano de 2021, no qual fui contemplado em uma das vagas por mim almejada no processo seletivo. Conforme optei desde o ato da inscrição, segui o itinerário formativo voltado à didática que me permitiu construir novos aprendizados e, sobretudo, repensar minha prática docente, apesar de não ter atuado até o presente momento na Educação Profissional e Tecnológica, nem na Educação de Jovens e Adultos. Aproximando-se do término dessa experiência de formação acadêmica, cá estamos nós, cursistas, cumprindo o desafio de produzir este texto que mescla subjetividades, aprendizados, conhecimentos e relatos considerando as relações interpessoais e intrapessoais estabelecidas por professores e alunos ao longo do curso.

Assim, o presente texto trata-se de um memorial de formação, gênero discursivo ao qual recorreremos com o objetivo de narrar

experiências relevantes que evocam vida e formação enquanto dimensões que confluem para um mesmo sentido. Enfoca, principalmente, as contribuições oriundas do curso de especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA. Sobre memorial de formação, Abrahão (2011) conceitua que no âmbito desse gênero o narrador cumpre o exercício de rememorar reflexivamente fatos, momentos e eventos relacionados a vida pessoal, profissional e a formação acadêmica e humana, atribuindo-lhes novas significações por meio da narrativa oral ou escrita.

Tomando como válidas estas proposições, inferimos que a relevância desse trabalho se justifica em função de nos proporcionar uma tomada de consciência da trajetória de formação vivenciada para a consolidação de conhecimentos teórico-práticos para uma atuação profissional com mais seguridade e proficiência. E, ainda, para atender as necessidades formativas do público das modalidades da Educação Profissional e Tecnológica e da Educação de Jovens e Adultos, com vistas a investir em uma perspectiva questionadora das práticas históricas e culturais tanto por parte de docentes como discentes no sentido de contribuir para a excelência da educação pública.

Além disso, encarar o desafio de produzir o gênero discursivo memorial de formação, torna-se uma atividade formativa em potencial à medida em que as práticas de leitura e escrita são tomadas como aporte para registrar de maneira sistemática e dialógica vida, formação acadêmica e prática profissional como territórios em constante ressignificação, bem como vindo a contribuir para o aprimoramento da competência discursiva leitora e escritora através de uma situação de comunicação específica e autêntica.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

A trajetória de vida do ser humano é um caminho permeado de marcas que muito revelam valores, ideologias, comportamentos, subjetividades que vão contribuir para a constituição da personalidade de cada indivíduo. Todavia, entendemos que esses aspectos não são estanques e, portanto, tornam-se passíveis à mudança ao longo da vida. Em razão disso, aí se encontra o motivo pelo qual estamos a aprender algo novo sempre, pois a realidade é dinâmica e está a se transformar a todo momento.

Embasados nestes pressupostos, ao pensar a profissão docente logo nos remetemos a compreensão de que o ofício de ensinar é dinâmico e sofre grandes influências do contexto mais amplo, exigindo do profissional docente uma postura perspicaz e apta às inovações que emergem no exercício da profissão, adotando como itinerário

[...] a formação continuada como proposta intencional e planejada, que visa a mudança do educador através de um processo reflexivo, crítico e criativo, conclui-se que deva motivar o professor a ser ativo agente na pesquisa de sua própria prática pedagógica, produzindo conhecimento e intervindo na realidade (Falsarella, 2004, p. 50).

A perspectiva de formação continuada assumida por Falsarella serve-me de sustentáculo para confirmar a minha concepção de que a formação do professor nunca se finda e, tendo em vista o próprio teor que existe nessa afirmação, desvela-se a constante necessidade de atualização profissional por parte do professor que, enquanto componente, só é possível pelo viés da formação continuada.

Desse modo, o que ora pretendo com este memorial, é justamente discorrer de maneira reflexiva sobre minha trajetória de vida e formação acadêmica como resultado de um processo permanente e pertinente à minha profissão. Aliás, muito prazer, leitor! Chamo-me Luiz Carlos da Costa Silva Júnior, tenho 25 anos de idade, nasci no município de Martins, cidade localizada na região Alto Oeste do estado do Rio Grande do Norte. Sou licenciado em Pedagogia e exerço a função de coordenador pedagógico da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental na minha cidade. Sou o segundo filho do casal Luiz Carlos da Costa Silva e Maria Valda da Costa Silva, a quem muito me honra tê-los como pais.

Quando pequeno, na primeira infância, tive um problema de saúde diagnosticado por bronquite asmática, complicação que limitava meu contato com o meio natural, além da minha interação com outras crianças, isso porque, sempre que tinha oportunidade de brincar livremente com os amigos, era certeza uma recaída na complicação que eu enfrentava, pois não podia ficar muito exposto ao sol e nem ao frio; quando isso acontecia, se intensificava a sensação de cansaço respiratório e o excesso de tosse e coriza, principalmente no período noturno. Essa dificuldade foi sendo tratada com base em orientações médicas, os profissionais da saúde, nas várias consultas que passei, sempre alimentavam nos meus pais a esperança de que chegaria o dia em que eu venceria definitivamente aquela complicação, previsão que se confirmou após eu completar meus sete anos de idade.

É importante salientar que essa fase em minha infância foi dura e de difícil aceitação, uma vez que, assim como para qualquer outra criança da minha idade à época, o brincar se constitui como a melhor maneira de desbravar o mundo externo, bem como

contribui para o estabelecimento de laços afetivos entre pares que vão incidir na construção da personalidade e do imaginário infantil. Óbvio que eu não tinha a mínima consciência dessa importância naquela época.

Nas palavras de Vygotsky (1987),

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (Vygotsky, 1987, p. 37).

Apoiado na concepção de brincar defendida por Vygotsky, compreendo a infância como uma idade da vida em que o ser humano inicia o processo de constituição da identidade pessoal com o auxílio dos estímulos que recebe do meio natural e cultural que participa, trazendo implicações para seu desenvolvimento cognitivo e para a dimensão do ser social. As contribuições de Vygotsky oferecem conhecimentos necessários para que eu possa discorrer sobre minha trajetória de escolarização.

Dessa forma, minha introdução na vida estudantil se deu no pré-escolar, etapa que integra a educação infantil, na qual fui matriculado na escola Unidade X Padre Carlos, atualmente denominada de Centro Educacional Padre Carlos. Na educação infantil, lembro-me que minha adaptação quanto à questão de passar a frequentar a escola, foi marcada por choro e gritos, pois eu não queria aceitar o fato de ter que participar daquele novo ambiente. Depois que superei esses conflitos interiores, recordo-me bem que a abordagem do processo de aprendizagem meu e de meus colegas era baseado em brincadeiras, cantigas populares e de roda e rodas de contação de histórias, principalmente acerca

dos contos infantis clássicos: chapeuzinho vermelho, branca de neve, pinóquio, entre outros. Sobre as professoras da educação infantil, Francisca de Assis e Maria José, lembro-me que ambas resguardavam uma postura bem pedagógica, demonstrando gestos de afeto e sempre priorizando a disciplina para conosco.

Na etapa de estudos seguinte, ou seja, os anos iniciais do ensino fundamental, nesta mesma instituição de ensino supracitada, cursei de 1º ao 5º ano. Desse período, rememoro a conquista da alfabetização que ocorreu no 2º ano, aos 07 anos de idade; do ponto de vista pedagógico recordo-me que a professora Tânia Oliveira trabalhava muito sílabas e formação de palavras e, com elas, a construção de frases e pequenos textos. Nesse contexto, foi que me apropriei da aprendizagem da leitura e escrita. Lembro-me com primazia do meu encantamento em poder ler o que via pela frente, principalmente as placas de sinalização, as faixadas dos prédios e as ofertas nos estabelecimentos de comércio da cidade.

Nesse sentido, Soares (2004) argumenta em favor da necessidade de que a aprendizagem das habilidades de leitura e escrita deva transcorrer de modo a considerar os usos e funções que tais práticas cumprem no contexto em que circulam socialmente. Uma vez que, ler e escrever tratam-se de tecnologias largamente difundidas na contemporaneidade que tende a permear as relações homem-sociedade em algum e/ou vários momentos da vida das pessoas.

Sendo a aprendizagem da leitura e escrita um divisor de águas na vida de todo aprendiz, inclusive vindo a se assumir como fator determinante para a continuidade nas etapas de estudos posteriores. Prosseguindo no meu percurso educacional enquanto aluno, chego aos anos finais do ensino fundamental, segmento que corresponde de 6º ao 9º ano, cursado por mim na Escola Estadual

Almino Afonso; desse tempo às lembranças que me vêm à mente voltam-se ao aprofundamento de conhecimentos a serem assimilados para promover maiores formas de participação no mundo concreto, além do grande incentivo que recebíamos dos professores, quando, de maneira proposital, éramos convidados a debater a respeito das temáticas que envolviam as disciplinas do currículo escolar. Como fruto desse período, despertei para a capacidade valorativa da qual dispomos para atribuir significado às coisas, fatos e eventos, foi um momento em que descobri que opiniões se formam, e não necessariamente precisam ser reproduzidas.

No que se refere ao ensino médio, cursei-o na Escola Estadual Dr. Joaquim Inácio, época essa que nos reporta a ideia de que estamos mais próximos da realização dos projetos que idealizamos. O que há de mais marcante para mim desse período diz respeito à escolha da profissão que eu desejava seguir, pois desde muito cedo estava convicto de que a docência era a profissão que me fascinava, aspiração que se confirmou ainda mais no ensino médio, através das aulas de literatura da professora de língua portuguesa Aline Xavier, que me deixava encantado com sua forma didática de incentivar a construção do conhecimento pelos alunos. Em sua metodologia de ensino, ela propunha oficinas literárias em que socializávamos poesias e prosas dos autores clássicos da literatura, aquela troca de conhecimentos me fazia sentir muito motivado a tornar-me professor por opção.

Tendo em vista a conclusão do ensino médio, prestei vestibular para o curso de Pedagogia e consegui conquistar uma vaga na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no campus sediado na cidade de Patu/RN. Como o curso era presencial e noturno, havia a necessidade minha e de outros colegas de deslocarmos-nos para a universidade, onde a distância que

percorríamos diariamente ao longo da semana era de mais de 60 quilômetros para assistirmos as aulas da graduação. Íamos no ônibus escolar disponibilizado pela prefeitura da cidade na qual residíamos, pois se eu, particularmente, tivesse que custear as viagens para chegar a universidade, não teria condições financeiras para cobrir as despesas e, conseqüentemente, teria que abandonar o curso que eu tanto sonhava.

Durante os anos da graduação, sempre busquei intensamente absorver ao máximo os conhecimentos aos quais tinha acesso, e agarrar as oportunidades que a mim chegavam, a fim de alcançar como resultado uma formação sólida e comprometida a enfrentar os desafios que a educação nos propõem enquanto educadores. Precisamos entender que

[...] o espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola (Freire, 2015, p. 95, grifos do autor).

Com base nas palavras do autor, presume-se que a autonomia do professor é uma dimensão a ser conquistada e, como tal, requer uma relação baseada no diálogo e na cordialidade, em que o professor muito longe de apresentar-se de forma autoritária, prefere conduzir sua prática de maneira humanizada e comprometida com a conscientização e emancipação dos aprendizes, ele não impõe sua posição ideológica, mas sim possibilita a construção de pontos de vistas que primem pelo bem comum.

Uma educação com esta frente só é possível se adotarmos a formação continuada como componente fundamental à profissão docente, permitindo a reformulação das práticas pedagógicas para

atender as exigências que emergem nos vários espaços onde a educação é promovida. Vislumbrando essa perspectiva, no período da graduação tive a oportunidade e o privilégio de participar de ações formativas com enfoque na pesquisa científica, atuando como aluno da iniciação científica, contando com o auxílio de bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), experiência que me rendeu valiosos conhecimentos, possibilitando-me construir saberes e intervir na realidade de maneira mais sistemática e racional, hoje, enquanto profissional mobilizo esses saberes ao longo do meu exercício profissional.

Sobre as atividades de pesquisa e ensino Freire (2015) defende que

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo (Freire, 2015, p. 30-31).

Depreende-se, assim, que as atividades de ensino e pesquisa estabelecem relação de interdependência entre elas, portanto, exigindo daquele que se dedica a educação e assume a docência como profissão, desenvolver um perfil de pesquisador em busca de potencializar meios para a ressignificação das práticas pedagógicas. Nessa dimensão formativa, os conhecimentos científicos servirão de subsídios e instrumentos para promover a mudança, a conscientização e a emancipação de educandos e educadores para intervir nas problemáticas detectadas na realidade.

Vislumbrando as contribuições de Freire (2015) ao discutir ensino e pesquisa de forma correlacionada, contemplando o potencial que tais pressupostos podem trazer para a profissão docente, busco nutrir minhas atividades profissionais na condição de coordenador pedagógico sob este enfoque, como forma de investir na perspectiva da formação continuada tão necessária e defendida nos estudos que abordam a formação de professores, uma vez que a educação só é transformadora quando somos desafiados a transgredir a realidade imediata do objeto.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/PROEJA

A educação como instrumento de humanização e emancipação do indivíduo, e a defesa da tese da formação continuada como requisito à profissionalização docente, enquanto processo permanente que (re)configura as práticas pedagógicas e contribui para a construção dos saberes e da identidade profissional do professor em caráter contínuo, constituem-se de temáticas que têm ganhado notoriedade nos estudos da área da educação.

Nesse sentido, apoiadas nas contribuições de Ramalho; Nunêz; Gauthier (2003); Tardif (2002); Pimenta (2007); Nóvoa (2009); Barros (2016) que discutem os saberes e a profissionalização docente, as autoras Martins e Barros (2020a, p. 42) vêm reforçar esse entendimento ao ressaltarem que

[...] os saberes da docência são plurais e advêm de fontes diversas. São saberes conceituais, integradores e pedagógicos, que definem e influenciam a construção da identidade docente, interferindo diretamente na atuação dos professores. Dessa forma, os professores constroem os seus conhecimentos e

saberes, principalmente, a partir de suas histórias de vida, de vivências no contexto escolar, da formação acadêmica, de experiências profissionais e de trocas entre os pares.

Nas palavras das pesquisadoras, implica dizer que a profissão docente constitui-se de um processo de aprendizagem que é contínuo, no qual a socialização passa a ser entendida como veículo para a promoção de novos aprendizados, onde o professor tende agregar novos conhecimentos e práticas, inicialmente em nível interpessoal abrangendo as situações em que busca articular teoria e prática nas relações com seus pares, evoluindo para um aprendizado cada vez mais intrapessoal, em que cujo profissional é capaz de mobilizar os saberes apreendidos para a resolução dos problemas nas novas oportunidades de intervenção que estão sempre a surgir, ampliando sua capacidade de autonomia significativamente (Vygotsky, 1987).

Respalado por estas teorizações, buscarei socializar a experiência de formação adquirida fruto da minha participação enquanto cursista da especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA. A princípio, reporto-me ao contexto em que tomei conhecimento do processo seletivo para ingresso no referido curso, que se deu através de uma ex-professora da graduação, Dra. Edilma Braga; estava eu em expediente de trabalho na sede da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Martins/RN quando recebi uma mensagem remetida pela professora Edilma Braga por meio da rede social WhatsApp, ela enviou-me o edital normativo que regia a seleção de ingresso de novos alunos no curso supracitado. Ao realizar uma leitura rápida do edital, logo fiquei entusiasmado com a oportunidade que surgia

naquele momento, principalmente pelo fato do curso ser ofertado pelo IFRN, instituição pública de referência e excelência por sua qualidade nos serviços educacionais prestados à sociedade. De igual modo, o sonho de cursar uma pós-graduação em uma instituição pública era algo que estava nos meus planos, por isso não poderia jamais deixar aquela oportunidade passar. Submeti-me, então, ao processo seletivo e para honra e glória de Deus consegui ser selecionado para uma das vagas ofertadas.

Tendo em vista minha aprovação, estava convicto de que não seria uma tarefa fácil conciliar uma rotina de trabalho e estudos, uma vez que minha função de coordenador pedagógico ocupa uma parte considerável do meu tempo ao longo do dia. No entanto, tinha em mente que eu não poderia deixar a oportunidade escapar principalmente já tendo assegurado a vaga que tanto almejava. Sabendo que viriam muitos desafios pela frente, fui à luta e posso afirmar que até os dias atuais não tem sido fácil cumprir os prazos das atividades referentes as disciplinas da especialização, mas, para minha alegria, tenho conseguido este feito com muito esforço e dedicação.

Cabe salientar, que até o presente momento não disponho de nenhuma experiência de atuação profissional na Educação de Jovens e Adultos, nem na Educação Profissional e Tecnológica, mas devo reconhecer que a formação proporcionada por essa especialização, possibilita aos cursistas uma qualificação muito satisfatória a tornar-nos capazes de encarar com profissionalismo os desafios e lutas envolvidos nos processos pedagógicos inerentes a essas modalidades.

Sabemos que a defesa de uma educação de qualidade para todos é uma bandeira de luta a ser conquistada no interior de uma conjuntura histórico-político-social onde disputam forças

administrativas, políticas, pedagógicas e sociedade civil pondo em pauta a efetivação dos direitos sociais básicos, sendo a educação um deles. Isso conclama a todos a somar esforços para buscar políticas públicas educacionais mais justas e transformadoras que tragam efeitos significativos para a melhoria da qualidade de vida da população. Inserindo-se neste contexto, a especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA apresenta-se como uma iniciativa substancial ao assumir o desafio de promover a formação continuada de educadores das redes federal, estaduais e municipais em todo o território brasileiro no âmbito das ênfases didática e gestão (IFRN, 2018).

Por acreditar que a sala de aula é uma espécie de passaporte para a mudança qualitativa na vida dos sujeitos, optei por seguir o itinerário formativo voltado à didática, cuja trajetória de formação perpassando no âmbito das disciplinas consideradas mais significativas para mim, será descrita reflexivamente a seguir.

No transcurso do primeiro módulo da especialização, partimos da disciplina Produção de Textos Científicos, que foi lecionada pela formadora Profa. Dra. Ivoneide Bezerra de Araújo Santos-Marques com o auxílio das professoras mediadoras Francimone de Carvalho Simão e Maria das Graças de Oliveira Pereira. Nela, tive a oportunidade de aprofundar conhecimentos relativos à escrita acadêmica, cuja linguagem deve resguardar princípios fundamentais, estes são: clareza, precisão, comunicabilidade e consistência (Cavalcante, 2020).

Aprendi que o bom uso da linguagem com a finalidade de socializar conhecimentos científicos é aquele que mais se aproxima da objetividade, a fim de atender ao propósito comunicativo pretendido através da tipologia textual a que se recorre. Desse modo,

embora a linguagem acadêmica seja orientada por normas, “[...] ela não precisa ser complicada ou difícil de ler pelos leitores que não pertencem ao mundo acadêmico” (Cavalcante, 2020, p. 27).

Como forma de praticar aquilo que estudamos no campo teórico dessa disciplina, foi solicitado que produzíssemos um relato autobiográfico abordando vida e formação acadêmica, de maneira a atender as características da tipologia textual memorial de formação, pois este último seria o gênero a ser utilizado como trabalho de conclusão de curso. Vale ressaltar, que tanto no início do curso, época em que tive um contato prévio com a escrita de tal gênero discursivo, quanto agora que estou tendo a missão de aperfeiçoar e concluir o processo de produção escrita desse texto, o desafio de empreender as práticas de leitura e escrita no contexto de produção do memorial de formação, tem revelado o caráter formador que a escrita é capaz de proporcionar ao transpor reflexão em formato de texto.

Dando sequência aos estudos do curso, seguimos para a disciplina Fundamentos da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, conduzida pela formadora Profa. Dra. Maria das Graças Baracho que contou com a mediação da Profa. Dra. Edneide da Conceição Bezerra. Nesse componente curricular, fui levado a refletir sobre os aspectos históricos e as bases legais que fundamentam as modalidades Educação Profissional e Tecnológica e Educação de Jovens e Adultos sob o enfoque da integração entre ambas.

Assim, pude compreender que apesar dos dispositivos legais e as proposições teóricas conceberem a educação como direito universal e subjetivo, percebi que as condições de acesso e permanência de forma a ser garantidas a todos, incluindo, inclusive, os cidadãos que não tiveram acesso e/ou não puderam dar continuidade aos

estudos em idade regular, apresenta-se como uma pauta de luta em constante processo de reivindicação e conquista, contexto esse que deu origem ao PROEJA enquanto programa que tem gerado efeitos positivos.

Baracho e Nóbile (2020) argumentam acerca de quais frentes a Educação Profissional e Tecnológica integrada à Educação de Jovens e Adultos precisa incorporar ao currículo quando ressaltam

[...] contribuir para superar a fragmentação dos conhecimentos, o estudante estará indo ao encontro de uma formação humana integral, cujo objetivo é possibilitá-lo enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual de forma consciente e, sobretudo, crítica, adquirindo uma formação profissional embasada em saber sistematizado e legitimado pela sociedade capitalista, ainda negada para muitos brasileiros (Baracho; Nóbile, 2020, p. 138-139).

Nesse sentido, é fundamental a proposição e manutenção de políticas públicas que possam corroborar para o alcance da perspectiva da formação humana integral para os sujeitos, eles que assumem o papel de cidadãos-estudantes-trabalhadores como é o caso do público do PROEJA, sendo vislumbrada do ponto de vista concreto, e não de maneira utópica. Esta deve ser uma preocupação e prioridade por parte dos governos que, por representarem publicamente o Estado, tem o dever de buscar meios para implementar uma educação com mais equidade e inclusão social.

No que se refere à disciplina Noções de Didática, que esteve sob a responsabilidade da Profa. Me. Christine Meyrelles Felipe da Fonseca e mediação pedagógica da professora Dra. Edneide Bezerra, fui instigado a refletir sobre a ação didática do professor no contexto das práticas de ensino escolares. Nesse sentido, revisitei aspectos históricos, filosóficos e conceituais em torno da didática

de acordo com as correntes de pensamento vigentes em cada época, cujos pressupostos, por sua evolução no campo de estudo da Pedagogia, acabam por conferir à didática a incumbência de investigar as complexidades do ensino e suas intencionalidades como resposta as necessidades de formação do homem enquanto ser que vive em sociedade.

Ressalto ainda que, em meio aos estudos sobre as tendências pedagógicas, pude compreender que o professor no desenvolvimento de sua prática pedagógica busca recorrer em algum momento do seu exercício profissional a cada uma das tendências existentes, tanto as que englobam a Pedagogia Liberal, a saber: pedagogia tradicional, pedagogia renovada progressista, pedagogia não-diretiva, pedagogia tecnicista; quanto as que abrangem a Pedagogia Progressista, sendo elas: pedagogia libertadora, pedagogia libertária, pedagogia crítico-social dos conteúdos.

Nessa perspectiva, a opção por uma abordagem pedagógica a ser seguida pelo professor no processo de ensino e aprendizagem vai depender das motivações e pretensões que emergem no contexto da prática educativa, também assumida como prática social. Essa ideia é corroborada por Fonseca quando nos diz que

[...] assim como a educação é uma prática social, histórica e dinâmica, as tendências também são. Em outras palavras, sua materialização não acontece de forma rígida — há momentos que se completam, outros que divergem entre si (Fonseca, 2020, p. 50).

Dessa forma, o fato de o professor ter que fazer escolhas revela a autenticidade do argumento de que a educação é também um ato político.

No segundo módulo, cursei a disciplina Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA,

conduzida pela formadora Profa. Dra. Edneide Bezerra com o auxílio da professora mediadora Maria de Fátima Abrantes. Nela, compreendi que a atuação do coordenador pedagógico está centrada na busca pelo alinhamento das práticas pedagógicas à proposta pedagógica da instituição escolar, principalmente por este documento constituir-se das expectativas a serem concretizadas, das intencionalidades do ensino e das posições filosóficas e pedagógicas assumidas, elementos esses que irão se incorporar ao currículo a ser implementado por meio do trabalho pedagógico escolar. Além disso, o coordenador pedagógico deve articular a formação continuada dos professores promovendo momentos de reflexão sobre a prática (Bezerra, 2020).

Na disciplina Práticas de Letramento na EJA, lecionada pela formadora Profa. Dra. Ivoneide Santos-Marques com a colaboração da professora mediadora Dra. Edneide Bezerra, ampliei minha compreensão acerca da questão da alfabetização de adultos enquanto desafio que é histórico e, como tal, sendo necessário refletirmos sobre a conquista das práticas de leitura e escrita por parte de muitos cidadãos ainda ignorados.

Compreendi que, ainda que um indivíduo não domine a competência leitora e escritora, mas pelo fato de estabelecer contato com práticas de leitura, escrita e oralidade em seu cotidiano, isso faz dele um sujeito letrado, pois é capaz de interagir com a leitura, escrita e oralidade em situações reais de uso. Santos-Marques (2020, p. 125) enfoca encaminhamentos teórico-metodológicos em relação ao ensino de leitura e escrita na abordagem do processo de aprendizagem do adulto, a autora coloca que

Na EJA, ou em qualquer modalidade de ensino, ensinar a ler e a escrever exige que pensemos as práticas de letramento, de forma situada, levando em consideração as situações e o contexto social dos

eventos em que se usam a leitura e a escrita. Assim, as aulas de leitura e de escrita, as quais podem ser desenvolvidas em todas as disciplinas e não apenas em língua portuguesa, precisam ser planejadas, tendo como ponto de partida as práticas sociais, mediadas pelos gêneros discursivos.

Seguindo essa perspectiva, tomei ciência da necessidade de propor um ensino de leitura e escrita que considere e valorize o uso dessas práticas no contexto das vivências do aprendiz, pois um primeiro estágio da aprendizagem dessas habilidades deve implicar na compreensão do sujeito de que a leitura e a escrita como práticas sociais com relevância consagrada, exercem grande influência nas relações em sociedade, o que impõe o domínio das tecnologias do ler e escrever como condições fundamentais para a ampliação dos canais de participação na vida social, e para emancipação dos sujeitos em potencial. Nesse contexto, aparecem os projetos de letramento como alternativa didático-pedagógica substancial.

Chegando ao terceiro módulo do curso, estudamos a disciplina Gestão da Educação à Distância, lecionada pelo formador Prof. Me. Bernardino Galdino de Sena Neto com a mediação pedagógica da professora Edneide Bezerra. Através desse componente curricular, refletimos sobre os pressupostos que embasam a gestão educacional na modalidade à distância, dimensão na qual o gestor ocupa um lugar de centralidade, dentre outras atribuições, torna-se

[...] responsável pelo direcionamento das equipes de trabalho, tem o papel de articulador dos vários interesses, levando-se em consideração tanto o perfil da instituição como também o perfil do seu público-alvo, qual seja, o dos alunos a serem atendidos (Sena Neto, 2020, p. 30).

Assim, em seu exercício profissional, o gestor precisa incorporar um perfil crítico, criativo e comunicativo que possa se refletir na mobilização da equipe no sentido da promoção de práticas pedagógicas propositivas que possibilitem a consecução de metas, princípios e missão da instituição, conforme estabelecido coletivamente na proposta pedagógica escolar.

Na disciplina Planejamento Educacional em Educação à Distância, conduzida pela formadora Profa. Me. Abigail Noádia Barbalho da Silva com o auxílio da professora mediadora Erika Roberta, revisei concepções de planejamento educacional, tanto em nível macro quanto micro, nos moldes da educação à distância. A partir disso, ficou claro que as configurações do planejamento e seus possíveis desdobramentos na estrutura educacional, se evidenciam como uma atividade norteadora, e precedida de “[...] uma ação reflexiva que leva em consideração os objetivos que se deseja alcançar, as condições para alcançá-los e as ações específicas que garantam o sucesso de toda a trajetória” (Silva, 2020, p. 19). Essas reflexões vêm reiterar minha compreensão acerca da importância do planejamento como ação orientadora do trabalho pedagógico, que dão lastro para o trabalho de gestores, coordenadores e professores quanto a tarefa de projetar meios e fins para a educação.

No quarto e último módulo, ao cursar a disciplina Didática e Avaliação da Aprendizagem aplicada à Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, ministrada pela formadora Profa. Dra. Vânia Nóbile com o apoio pedagógico da professora mediadora Erika Roberta, reforçamos os estudos sobre os aspectos históricos e filosóficos da didática, bem como pelas tendências pedagógicas. Além disso, estudei sobre os saberes docentes e a identidade profissional do professor enquanto dimensões que se constroem continuamente.

Com foco nos componentes da organização do ensino e na avaliação como processo contínuo e amplo, pude evidenciar que o ensino por ter natureza dinâmica e histórica requer a mobilização de saberes específicos que se imbricam na transposição didática realizada pelo professor, isso traz repercussões para a construção do conhecimento na relação recíproca entre educandos-educadores, movimento dialético que possibilita um refazer contínuo que irá influenciar a identidade profissional e os saberes do professor.

Sobre essa questão, Martins e Barros (2020a, p. 44) tecem considerações que vêm agregar em minha reflexão quando ressaltam que

[...] todo o processo formativo, desde a formação inicial até a formação contínua, que deve ocorrer ao longo da vida, colabora para a formação profissional do professor e contribui para a construção da identidade docente. Porém, para que a formação tenha significado e se materialize no domínio da profissão docente, é preciso reconsiderar os saberes necessários à docência, colocando a prática pedagógica e o próprio docente como objeto de análise, por meio de um contínuo processo de reflexão-ação-reflexão e da investigação.

Significa, de acordo com os pesquisadores, dizer que a formação inicial é uma condição básica que introduz o professor nas premissas teóricas que dão sustentação a sua atuação profissional. No entanto, torna-se necessário complementar tal formação adotando a formação continuada como direção a seguir, assim como refletir de maneira crítica e permanente sobre a prática docente, fazendo da profissão um campo investigativo rico e possível de ser ressignificado.

Chegando a disciplina Práticas Pedagógicas na Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, lecionada

pela formadora Profa. Dra. Rejane Bezerra Barros com o auxílio da professora mediadora Dayse Patricia Pereira Barbosa, compreendi que a materialização das práticas pedagógicas perpassa por fatores de ordem pedagógica e social, uma vez que a educação não acontece unicamente nos espaços das instituições de ensino, como educação formal. Ela é promovida em todos os contextos de atuação humana, tanto nas relações oriundas das vivências em comunidade, como naquelas em que a educação encontra-se mais oculta nas ações pessoais e informais.

Além disso, nessa disciplina, foi solicitado como atividade avaliativa a produção de um projeto pensado para o público da EJA. Tal tarefa foi bastante significativa por ter me impulsionado a trabalhar a temática da proposta de projeto através da abordagem interdisciplinar, isso se mostrou bastante desafiador, pois tive que propor algo com base em uma metodologia que respeitasse as especificidades dos sujeitos e considerasse seus conhecimentos prévios de mundo, mas também que os levassem a se apropriar dos conhecimentos científicos. Para mim, foi um momento de pôr em prática uma situação problema hipotética, embora somente no âmbito discursivo do projeto, de tudo aquilo que foi teorizado. Tornando-se mais nítida a perspectiva de que “A educação se concretiza por meio das práticas pedagógicas, enquanto ações intencionais e comunicacionais facilitadoras do processo de ensino e de aprendizagem” (Martins; Barros, 2020b, p. 32).

Após muito discorrer e refletir com ênfase em minha trajetória de vida e formação acadêmica no âmbito desse memorial de formação, sinto-me nutrido por aquilo que nos remete Ibiapina (2004, p. 127) quando diz que “[...] a educação contínua deve representar um investimento feito pelos professores no sentido de aprimoramento das suas ações docentes, ao longo de toda carreira

pessoal e profissional”, em uma busca permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários às práticas pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomar nota das contribuições que o percurso formativo dessa especialização foi capaz de importar para o meu fazer pedagógico, possibilitou-me dialogar com a perspectiva de que o professor é um profissional em constante aprendizagem mediante as inúmeras situações e vivências que lhe impõe articular teoria e prática para a resolução das problemáticas nas quais se defronta.

Diante dessa perspectiva, compreendi que o professor nunca está pronto e acabado em função da educação se constituir de um fenômeno dinâmico, estando sujeita à mudança. Isso exige ao educador adotar uma postura reflexiva para lidar com as inconclusões que se depara em seu desenvolvimento profissional. Através do curso, ficou claro que a atuação do professor demanda a mobilização de saberes específicos, os quais para sua aquisição se tornam necessárias tanto a formação inicial enquanto base para sua inserção na profissão, quanto a formação continuada como espaço de constante atualização profissional.

Sabendo que essa segunda dimensão que envolve a formação exerce efeito complementar à primeira, o professor precisa compreender e assumir seu processo de formação profissional como espaço propício para a ressignificação de suas práticas pedagógicas, somente encarando dessa forma se aproximará de um perfil de professor pesquisador e crítico de sua realidade.

Conceber o educador nesses moldes, é considerá-lo também um profissional criativo e interdisciplinar no campo de sua atuação, apto aos desafios da sala de aula, da coordenação pedagógica ou

da gestão escolar, pois muito longe de um reproduzidor de modelos pré estabelecidos, ele encontra firmamento nos subsídios teóricos para orientar sua prática de forma a ressignificá-la para intervir no contexto real onde sua prática pedagógica se realiza.

Nesse movimento dialético, baseado no exercício de reflexão-ação-reflexão, o educador se insere num processo de autoformação, em que as situações das quais participa e intervém por meio da ação intencional teórico-prática, parte de ações em nível inicialmente interpessoal para a construção de uma aprendizagem cada vez mais individual e, por isso, de caráter intrapessoal.

Como é o caso desse memorial de formação, no qual descrevo fatos, circunstâncias e eventos relacionados a minha vida pessoal, acadêmica e profissional, estes ao serem enfocados e abordados reflexivamente, revelam concepções, saberes e aprendizagens construídas ao longo da sucessão dos acontecimentos por mim vivenciados, nos diversos momentos em que a educação no sentido amplo do termo se fez processo em minha trajetória de vida.

Por essa razão, pôr em palavras os vestígios de minha formação apresenta-se como uma tarefa um tanto quanto desafiadora, mas significativa pelo fato de ter que me servir das práticas de leitura e escrita para evocar vida e formação no contexto do gênero discursivo memorial de formação, oportunidade que me permitiu não apenas a introdução e execução nesse novo gênero, mas contribuiu para a ampliação da minha competência leitora e escritora, pois a escrita é sempre um caminho de descoberta e de autodescoberta.

Desse modo, ao chegar ao fim do curso, posso afirmar que produzir esse memorial de formação tem rendido muitas reflexões acerca do meu processo de construção de saberes e de identidade profissional, uma vez que sou convidado a autorrefletir sobre a

profissão docente e vislumbrar novos caminhos que sou capaz de tomar. Assim, quando penso na possibilidade de atuar na Educação Profissional e Tecnológica integrada à Educação de Jovens e Adultos, tenho consciência de que o papel do educador vai além da transmissão de conhecimentos, uma vez que se trata de um trabalho de natureza humanitária, no qual encontra-se em jogo a promoção de sujeitos, na maioria das vezes, com histórico de exclusão escolar e social, por vezes desacreditados até por si mesmo, mas que buscam na educação novas oportunidades de construir um futuro.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. **Memoriais de formação: a (re)significação das imagens lembranças/recordações-referências para a pedagogia em formação. Educação.** Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, mai./ago. 2011.
- BARACHO, M. G; NÓBILE, V. C. **Fundamentos da educação profissional integrada à EJA.** Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1934>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- BEZERRA, E. C. **Coordenação do trabalho pedagógico na educação profissional integrada à EJA.** Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1966>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- CAVALCANTE, I. F. **Produção de textos científicos.** Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1933>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- FALSARELLA, A. M. **Formação continuada e prática de sala de aula: os efeitos da transformação continuada na atuação do professor.** Campinas/SP: Autores Associados, 2004.
- FONSECA, C. M. F. **Noções de Didática.** Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1936>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- IBIAPINA, I. L. M. **Docência universitária: um romance construído na reflexão dialógica.** 2004. 389 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Especialização em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), na modalidade de Educação à Distância Pós-Graduação Lato Sensu.** Projeto aprovado pela Deliberação nº 14/2018-CONSEPEX/IFRN, de 26/07/2018 e pela Resolução nº 25/2018-CONSUP/IFRN, de 17/08/2018. Natal/RN, 2018.
- MARTINS, F. I. B. B; BARROS, R. B. **Didática e avaliação da aprendizagem aplicada à educação profissional integrada a educação de jovens e**

adultos. Natal: IFRN, 2020a. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/2091>. Acesso em: 04 abr. 2022.

MARTINS, F. I. B. B; BARROS, R. B. **Práticas pedagógicas na educação profissional integrada à educação de jovens e adultos**. Natal: IFRN, 2020b. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/2092>. Acesso em: 04 abr. 2022.

SANTOS-MARQUES, I. B. A. **Práticas de letramento na EJA**. Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1967>. Acesso em: 19 jun. 2022.

SENA NETO, B. G. **Gestão da educação a distância**. Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1969>. Acesso em: 27 fev. 2022.

SILVA, A. N. B. **Planejamento educacional em EaD para EJA**. Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1970>. Acesso em: 27 fev. 2022.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 25, jan./abr., p. 5-17, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

TRILHANDO O CAMINHO DO SABER

ELINEIDE CLÍMACO DUARTE ARAÚJO

Orientadora: Profa. Maria das Graças Baracho

O ato de escrever é uma tarefa exclusivamente humana, que requer um imenso empenho de energia intelectual. É preciso permitir que haja um despertar da criatividade pessoal e que essa, na junção das ideias e dos vocábulos selecionados, consiga comunicar algo a alguém. Portanto, deve-se cuidar de ser proficiente no uso da linguagem escrita, para que se faça compreensível em sua criação textual. Adicione a todo esse emaranhado de palavras e pensamentos, o aspecto de escrever sobre si. Relatar experiências, revelar valores, dar voz às inquietações da alma e refletir sobre o fazer vivido, colocando-se em toda essa construção de saber propositadamente.

Essa é a proposta do gênero discursivo que pretendo fomentar neste itinerário escrito, que é o memorial de formação. Uma verdadeira reflexão sobre a prática acadêmica e profissional na EJA - Educação de Jovens e Adultos, organizada numa produção narrativa peculiar. De acordo com Prado e Soligo (2005, p. 55), pode-se dizer que o memorial de formação é “[...] uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões que vem

se mostrando imprescindível, [...] para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano”.

Para dar continuidade a esse construto, é indispensável contextualizar o curso de formação, no qual a veiculação de saberes contribuiu para essa produção genuína. O curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, é ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, com o objetivo principal de desenvolver “[...] uma formação continuada de profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional, presencial e à distância, articulada à Educação de Jovens e Adultos” (IFRN, 2018), na rede federal, estadual e municipal. O curso que apresenta duração de 18 meses e carga horária de 640h, foi disponibilizado no período de 18/03/2021 a 10/08/2022, na modalidade de ensino EaD, na qual optei pela ênfase em Gestão.

Essa escolha vem permeada pela minha vivência como docente de Química, no ensino médio regular e na EJA. Durante meu curso de Licenciatura em Química, não tive a oportunidade de estudar nenhuma disciplina que abordasse, especificamente, o ensino da EJA e me deparei na primeira atuação profissional, com o desafio de lecionar para este público. Tive que me reinventar na sala de aula, com todas as demandas e peculiaridades, que se desenhavam na realidade do turno noturno, em turmas de aceleração. Senti a necessidade de recorrer a uma formação acadêmica, que se propusesse a analisar este sujeito da EJA, a proposta legal dessa modalidade de ensino e disponibilizasse condições de desenvolver um conhecimento voltado para as questões vivenciadas por esse sujeito, que lhe permita ingressar no mercado de trabalho e viver melhor.

Por isso, aceito o desafio de assumir a palavra, nessa experiência de produção do memorial, avançando mais alguns passos na arte de escrever. Mobilizando sentimentos, percepções, desejos e crenças, para reviver memórias e argumentar como elas contribuíram para a construção da minha caminhada profissional, pessoal e acadêmica. Te convido a, nas próximas páginas, conhecer minha narrativa autobiográfica, reflexões sobre a minha formação acadêmica e experiência profissional na EJA e a que considerações marcantes toda essa experiência gerou em mim. Vamos juntos trilhar o caminho do saber!

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Tudo começou bem antes de mim. Meus pais se conheceram nos corredores da escola Edgard Santos, situada no bairro do Garcia (Salvador/Bahia), durante o ensino médio. Foi neste ambiente do saber, que tanto objetiva nos transformar em conhecedores do mundo, que eles se olharam, se falaram, se conheceram e se casaram. Pouco tempo depois, no ano de 1981, eu entrava em cena para ser a primogênita de quatro irmãos. Minha família, de origem simples, sempre voltou-se para a importância da educação. Os meus pais alcançaram conhecimentos em cursos técnicos de nível médio, entretanto todos seus filhos possuem graduação, e alguns já alcançaram a especialização também. Tudo isso, graças aos incentivos e cobranças que recebemos deles.

Lembro-me que ao completar três anos de idade, olhava da janela de casa as crianças levando suas mochilas e lancheiras, caminhando em direção à escola. Aquilo me encantava, e eu pedia todos os dias a minha mãe para que me colocasse na escola. Seis meses depois, no início do ano letivo de 1985, meu pequeno sonho

se realizou. Eu e meu primo Daniel, fomos matriculados na Escola Batista na mesma turma. Eu tinha a incumbência de convencê-lo a ir para a escola, nem que fosse para brincarmos juntos no recreio. Eu não entendia porque ele chorava tanto, para não ficar num ambiente tão encantador. Eu amei a escola!

Nos anos que se sucederam, eu troquei várias vezes de escola: Santíssimo Sacramento (1986), Joanna de Ângelis (1987), Cachinhos de Ouro (1988), Escola Shalom (1989), Escola Tio Ito (1990), Centro Educacional Paraíso de São Francisco (1991/1992), Centro Educacional Nova Geração (1993), Colégio Estadual D. Leonor Calmon (1994) e Centro Educacional Avante (1995/1996). Todas essas mudanças foram motivadas, porque meus pais buscavam manter todos os filhos na mesma escola, e na maioria das vezes a minha série não era oferecida pela escola em que meus irmãos estavam matriculados, ou porque eles se mudavam do bairro que residiam.

Minha mãe era quem se ocupava de me acompanhar nas lições de casa, e cumpriu essa tarefa até eu alcançar a 4ª série do ensino fundamental. Em paralelo, minha infância ia sendo desenhada através de encontros e desencontros, olá e adeus. Todos os momentos foram vividos com intensidade suficiente para permitir a construção de vínculos de amizades que mantenho até hoje, me proporcionando experiências diversas e complexas no âmbito das relações sociais. Quando eu iniciei a 8ª série do fundamental, no Centro Educacional Avante (1996), as perguntas sobre minhas pretensões profissionais se tornaram mais frequentes e mais vigorosas. Contudo, eu não conseguia fornecer uma resposta definitiva, apesar de ter restringido a cinco opções a minha lista de interesse pessoal: psicóloga, dentista, pedagoga, professora e médica.

Nesse mesmo período, surgiu a oportunidade de estudar um curso técnico profissionalizante integrado ao ensino médio,

através do CEFET - BA, atualmente conhecido como IFBA. Recordo que havia nove opções de cursos, todos voltados para atuação na indústria, dentre eles o curso técnico em Química. A possibilidade de obter uma educação de qualidade pesou muito forte. Eu me inscrevi para o curso de Química e fui aprovada no processo seletivo.

Posso resumir minha experiência no IFBA, como os melhores anos de minha vida. Ao chegar fiquei deslumbrada com a imensidão do ambiente, era tão extenso, com tantas novidades, que eu fiquei meio sem saber por onde começar. A infraestrutura das salas de aula, laboratórios, quadras, ginásio de esportes, vestiários, refeitório, biblioteca, serviço médico-odontológico, salão de dança, ateliê de pintura, sala de coral, sala de música, sala de artes marciais, etc. Tudo isso era fantástico. Minha turma se tornou o time de handebol feminino e masculino, e a turma inteira participava como torcida dos jogos. A possibilidade e a liberdade para escolher fazer algo além dos estudos, algo que gostasse, que contribuísse para sua formação pessoal, além da acadêmica e profissional, não pode ser mensurada, nem traduzida em palavras.

Pude entender, porque todos diziam que o ensino no IFBA era igual ao de uma faculdade. Os livros eram técnicos, ou de nível superior, ou mesmo em outras línguas, e era assim que a gente estudava, sem facilidades. Todos éramos iguais naquela farda azul, tratados como futuros profissionais, que precisavam ser responsáveis pelos seus atos, e ter sempre em mente: segurança em primeiro lugar.

Por incrível que pareça, a disciplina que mais me marcou não tem relação com o conhecimento específico da área. Contudo, vem me auxiliando ao longo da minha caminhada, foi a disciplina de Inglês. Era oferecida em apenas um ano, mas ensinava um método

de leitura através das imagens, gráficos, verbos principais, que permitia extrair a essência do texto, mesmo quando sua leitura na íntegra não era possível. Eu não tinha condições financeiras de manter um curso de inglês e a opção do IFBA foi fundamental para minha formação.

Em 2000, estava cursando o último ano no IFBA e o período de estágio curricular chegou. Estagiei em duas empresas diferentes: Monsanto (6 meses) e Oxiteno (1 ano), ambas situadas em Camaçari e no Polo Petroquímico de Camaçari, respectivamente. Neste período pude colocar em prática o conhecimento adquirido e consolidar experiências profissionais, diferenciar os ambientes escolar e trabalhista, desenvolver autonomia na busca de soluções efetivas para dificuldades reais.

Infelizmente, os estágios não evoluíram para uma contratação, e eu voltei novamente para os livros, numa tentativa de ser aprovada no vestibular. Nos dois anos seguintes estudei no Curso Pré-Vestibular Análise (2001) e no Projeto Social O Tempo Não Para (2002), buscando sanar algumas carências na área de Humanas. Deu certo! Em 2003, fui aprovada para o curso de Licenciatura em Química na UNEB e Psicologia na UFBA, simultaneamente. Naquela época não havia nenhuma lei que proibisse cursar duas faculdades públicas ao mesmo tempo, então me matriculei nas duas e segui cursando as duas ao mesmo tempo. De manhã estava na UFBA e pela tarde na UNEB.

Comecei o curso de Química imediatamente. Lembro de ouvir meus colegas reclamarem muito da complexidade do conteúdo, do ritmo acelerado das aulas e da dificuldade em acompanhar o desenvolvimento do processo acadêmico. Eu fiquei sem entender aquela situação, até que conversando com uma amiga, ela me disse que eu não tinha dificuldade porque vinha do IFBA.

No mesmo instante, reconheci a excelente qualidade da educação que recebi, o horário de aulas era o mesmo (das 13h às 18:50h), grade curricular com 4h/aulas seguidas da mesma disciplina, três a quatro disciplinas práticas com relatórios para serem entregues na mesma semana, livros técnicos, livros estrangeiros, mega infraestrutura, tempo de formação de 4 anos, e sala de aula com 50 estudantes, todos vindos de lugares diferentes, contribuindo com suas individualidades para um todo mesclado. Nada era estranho para mim, eu já havia passado por aquela experiência antes, e compreendi que havia adquirido conhecimento para a vida toda.

Durante o 3º semestre, consegui uma oportunidade de ser monitora da disciplina de Química Geral I, por um período de um ano. Aprendi a ser professora aqui, organizava as aulas práticas, roteiros experimentais, listas de exercícios, tirava dúvidas da turma caloura e compartilhava experiências com as Professoras

Doutoras e Mestras. Ao encerrar a monitoria, ingressei na iniciação científica através de uma bolsa de pesquisa da Fapesb. Aqui aprendi a ser pesquisadora, me tornei fascinada pelo desconhecido e pela possibilidade de descoberta do novo, com solução para problemas antigos.

Antes de concluir o curso, fui aprovada no concurso do Estado da Bahia, para professora de Química da Educação Básica e lotada no Colégio Estadual 15 de Novembro, trabalho no qual atuo até hoje. Foi nos corredores da UNEB, que conheci meu esposo Alan, estudante de Química da turma de 2002. Nos olhamos, nos falamos, nos conhecemos e nos casamos logo após a formatura (2007). A universidade transcende sua função de formação e nos proporciona encontros, vivências e experiências, que dia após

dia vão nos fomentando e nos auxiliando a construirmos nossas diversas identidades na sociedade.

Continuo minha narrativa com o curso de Psicologia que começou com um ano de atraso (em 2004), devido às greves anteriores ao meu ingresso. Quando as aulas começaram já estava no 3º semestre de Química, isso favoreceu a organização para cursar dois cursos de áreas distintas simultaneamente. Em alguns momentos foi difícil cursar 12 disciplinas. Porém, minha maior dificuldade era me deslocar de ônibus de uma faculdade para outra. O curso era maravilhoso, e seu conteúdo se tornava cada vez mais sedutor para mim. Recordo que no final do primeiro semestre, a minha visão de mundo sofreu uma intensa transformação. Comecei a encarar fatos cotidianos com outra perspectiva e me posicionar de modo mais eficaz em diversos contextos.

Meu maior impacto na UFBA foi estar em uma turma 90% feminina, o ambiente da Química sempre foi misto, e na indústria era predominantemente masculino, era difícil conviver com muitas estrelas querendo brilhar ao mesmo tempo em um ambiente só. Tranquei a faculdade no meio do curso, para finalizar o curso de Química e o estágio curricular. Logo após a formatura em Química, eu retomei os estudos em Psicologia, e ao mesmo tempo comecei a lecionar na cidade de Camaçari, em um curso de EJA noturno, do TELECURSO 2000.

Uns seis meses depois eu casei e fui chamada para assumir um concurso na cidade de Salvador. De manhã eu estudava Psicologia, a tarde trabalhava em Camaçari e a noite em Salvador. A situação ficou insustentável quando eu engravidei, então tranquei o curso de Psicologia novamente. Precisava diminuir o ritmo. Ao retomar para Psicologia estava com minha primeira bebê Isabelle. Foi mais complicado administrar esse novo contexto da minha

vida pessoal, acadêmica e profissional. Finalmente, me formei em Psicologia (2013), e a paixão pela área organizacional me levou a fazer alguns concursos públicos, porém não consegui êxito.

Eu investi no curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional, no CESAP (2014), que permitiu uma maior conexão do curso de Psicologia com a área educacional com a qual trabalho, como professora de Química para as séries do ensino médio e na Educação de Jovens e Adultos.

Realizei vários cursos de extensão na área de Educação e de Química, e todo este conhecimento reunido, me auxiliou a realizar um projeto de pesquisa com meus alunos e participar da exposição de trabalhos da FECIBA - 2014. Toda escola se sentiu representada pelos seus colegas, num evento tão grandioso. Em 2015, comecei a expandir o projeto, todavia um acidente pessoal me forçou a me afastar de minha atividade profissional por dois anos, para poder me recuperar totalmente. Ganhei minha segunda bebê Aline, que trouxe um banho de alegria e me fortaleceu para superar as dificuldades que eu enfrentava na época.

Em 2018, retornei ao trabalho no segundo semestre, e percebi que precisava me atualizar. Fiz um curso para Gestão Escolar (SEC/2019) e fui aprovada. Conheci o curso de Mestrado Profissional PROFEPT (MEC) e me inscrevi para o processo seletivo. Entretanto, a pandemia da COVID-19 alcançou nossas vidas e adiou a prova da turma de 2020. Posteriormente, o edital foi mudado e eu fui preterida por não ter publicações de artigos, capítulos e livros, ou algum produto educacional em plataformas digitais. Faz-se muito no chão da escola, contudo a divulgação é mínima e diversas vezes ainda depende de conhecer as pessoas influentes em determinados setores administrativos.

Assim que tomei ciência do curso de pós-graduação, Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão, enxerguei a oportunidade de expandir meus horizontes, para a elaboração de um projeto de pesquisa que possa favorecer meu ingresso no mestrado, ainda que seja em outra instituição. Até aqui, me esforcei para manter a excelência na qualidade das minhas produções e lograr sucesso nesta nova etapa que se desenrola cada dia.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/ PROEJA

Prosseguindo nessa jornada, avanço nessa narrativa refletindo um pouco sobre minha trajetória de formação no curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos na modalidade de educação a distância, entrelaçando-a com minha trajetória profissional na EJA.

Como já relatado, em 2007 eu concluí o curso de Licenciatura em Química. Quando estava cursando o 6º semestre, houve um edital de concurso para professor de Educação Básica na Rede Estadual da Bahia, providenciei me inscrever, prestei o concurso, fui aprovada em 3º lugar e logo fui convocada para assumir o cargo, sendo indicada para trabalhar no noturno, com 03 turmas de EJA.

É aqui que começam os verdadeiros desafios da jornada profissional. Vou listar alguns que me deparei, ao longo de 14 anos de experiência, lecionando para 42 turmas de EJA. Trata-se de uma análise pessoal, baseada em vivências com os educandos em sala de aula e reuniões semanais com o grupo de professores da mesma área do conhecimento que a minha — Ciências da Natureza e Matemática. Não há nenhuma documentação registrada desses

aspectos que realço aqui, apenas minha leitura dos acontecimentos. São estes os desafios que identifiquei na EJA: turmas formadas por adultos e idosos, com vários anos afastados do ambiente escolar, que viveram um outro momento educacional já extinto; repertório cultural construído, os adultos já viveram o suficiente para ter estruturado suas crenças e valores, o que fomenta uma heterogeneidade de pensamentos nas turmas; responsabilidades da fase adulta — trabalho, casamento, filhos, pais idosos; baixa autoestima dos educandos e falta de perspectiva para o futuro; dificuldades com aspectos da leitura, escrita e interpretação textual; currículo pedagógico das disciplinas compilando 03 anos em um ano só; falta de materiais didáticos específicos (livros didáticos); frequência irregular devido ao cansaço físico ou pela dificuldade em conciliar o horário entre trabalho e estudo, muitas faltas no decorrer do ano letivo; índice de evasão escolar muito elevado — uma turma que começava com 40 estudantes finalizava o ano letivo apenas com 10 estudantes; a juvenilização das turmas causada pela elevação da taxa de distorção série/idade — se antes uma turma tinha em média 03 jovens na faixa de 18 anos, atualmente as turmas têm entre 25 a 30 alunos nesta faixa etária —, esse fenômeno é bem recente e vem causando muitas mudanças no perfil comportamental dos sujeitos da EJA.

Agora, imaginemos tudo isso em uma sala de aula, personificado em 40 a 50 estudantes/trabalhadores, todos com sua história e individualidade consolidados, compondo um todo heterogêneo. A necessidade de buscar um conhecimento mais específico para trabalhar com este público veio à tona. Contudo, era muito difícil de se encontrar qualquer curso ou formação que apresentasse a EJA como foco.

O curso de Especialização chega para mim como uma luz no fim do túnel, possibilitando um novo recomeço, permeado por novas experiências. Acredito que não daria conta de expressar em palavras o quão valioso é este curso para minha jornada pessoal e profissional, por isso optei por trazer um breve relato das principais contribuições que as disciplinas cursadas trouxeram para minha formação e o quanto delas levo comigo no meu fazer, repartindo com meus alunos.

Seguindo uma ordem cronológica, começo pelas disciplinas do Módulo 1, que em sua essência, trazem a estrutura e fundamento da Educação Profissional (EP) integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Destaco a disciplina de Fundamentos da EP integrada à EJA, por meio desta pude desenvolver a compreensão de como se configurou a história política e social da EJA e da EP, e como foi concebida aqui no Brasil, a partir da década de 1940. Segundo Baracho e Nóbile (2020, p. 23), neste período ocorreu a “[...] intensificação da chamada grande indústria, estabelecendo-se a base técnica eletromecânica com seu processo de mecanização e automatização”. Assim, o propósito inicial da EJA/EP estaria voltado para atender a crescente mercantilização industrial, habilitando os trabalhadores com técnicas mais atuais. Posteriormente, a legislação da EJA/EP se expande para as áreas do comércio e agricultura, e assim segue atendendo os interesses mercadológicos por 30 anos, outros programas visavam apenas a alfabetização.

Na década de 1970, os ensinamentos da EJA começam a se voltar para uma problematização existente: a distorção série/idade. Somente na década de 2000 é que surge a possibilidade de integrar a EP/EJA, através do Decreto nº 5.478/2005 que cria o Proeja, pensando num currículo que permita a compreensão do mundo e sua inserção no mercado de trabalho. Educar para a cidadania,

integrando trabalho, sociedade, tecnologia e cultura para uma formação profissional e humana.

[...] essa formação poderá ser fortalecida à medida que a prática pedagógica desempenhada por gestores e professores se torne uma realidade, priorizando estratégias de ensino capazes de contribuir para levar a efeito um trabalho interdisciplinar, articulando e integrando conceitos e princípios dos diversos recortes de conhecimentos que compõem o currículo (Baracho; Nóbile, 2020, p. 138).

Refletir sobre os princípios anunciados na base legal educacional me permitiu entender a lógica estrutural da educação. Isso me fez ter um novo olhar sobre os discentes que promovem o processo de juvenilização da EJA e sobre aqueles que enxergaram a necessidade de retorno à escola, depois de muitos anos afastados. A minha prática profissional agora segue no intuito de superar a fragmentação do ensino e apresentar uma proposta de currículo integrador.

Associada com a disciplina de Políticas Públicas para a EJA integrada a EP presencial e a distância, minhas aprendizagens se formaram sobre a disposição da legislação nacional, estadual e municipal acerca da educação. Esta disciplina em especial, despertou inquietações sobre como vem sendo escrito o processo educacional em documentos legais e o que vem sendo posto em prática como ações em cada unidade escolar. Principalmente, quando se fala em oferta de cursos da EJA integrada à EP, ainda se encontra diversos entraves para a autenticação do PROEJA como uma política pública perene, apesar deste ser “[...] o primeiro programa a pensar, de forma integrada, a formação profissional com a educação básica para jovens e adultos [...]” (Baracho; Nóbile, 2020, p. 143).

Em relação ao Plano Nacional de Educação (2001-2011), podemos verificar que as duas temáticas que dizem respeito a nossa análise — EJA e EPT — apresentaram, de forma separada, com metas que não se integravam e refletiam as concepções daquele período histórico, uma EJA muito preocupada ainda com a erradicação da alfabetização e uma EPT ainda centrada na formação profissional com a participação das empresas e financiamento não apenas público (Baracho; Nóbile, 2020, p. 80).

“Para que esse cenário mude para melhor, cabe, ainda, aos cidadãos e, principalmente, aos profissionais da educação [...] o acompanhamento, no seu nível de atuação, [...] da implementação do PNE [...]” (Baracho; Nóbile, 2020, p. 81), somente estabelecendo este acompanhamento conjunto é que vislumbraremos ações mais efetivas no âmbito educacional da EP integrada à EJA. Ainda sobre o Módulo 1, a disciplina Noções de Didática trouxe em si os desassossegos de conhecer as diferentes ideias defendidas pelos filósofos educacionais, verificando suas influências nos fundamentos da prática escolar.

Pois ela nos fornece elementos e reflexões para um bom desempenho docente. Ela nos direciona a questionamentos como: qual o meu papel, enquanto docente, no processo de ensino-aprendizagem? Que objetivos quero alcançar? Que assuntos irei trabalhar? Por que trabalhar esse assunto? Qual a importância de determinado assunto para o aluno? Como posso desenvolver esse assunto? (Fonseca, 2020, p. 17).

Sua contribuição foi imensurável no que diz respeito à escolha e elaboração do currículo escolar e sua função social. Pois, me permitiu embasar o pensamento pedagógico, numa tentativa de contribuir para a construção de uma formação cidadã do educando,

que favoreça o processo emancipatório e de transformação social. É o planejamento para o inusitado, lembrando “[...] sobre o fato de a práxis não ter receita pronta, podendo variar de acordo com o tempo e o espaço que nos permitem vivências diferentes” (Fonseca, 2020, p. 17).

Avançando para o Módulo 2, baseada na opção que realizei pela ênfase em Gestão, a disciplina de Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional foi de fundamental relevância para meu aprendizado como gestora. O material didático esquadrinhou como está organizada a administração pública e as funções de cada segmento interligados a ela, como é gerenciado os recursos financeiros que irão suprir as necessidades vividas no chão da escola.

De acordo Rocha (2020, p. 10), “[...] com um planejamento e execução de atividades que motivem a permanência e o sucesso do aluno, considerando os diferentes contextos vivenciados pela clientela atendida em cada turma/escola”, é possível diminuir a taxa de evasão escolar na EJA. Entretanto, o êxito desta aposta depende da formação continuada dos docentes e de uma gestão democrática no sistema escolar. A efetivação de um planejamento precisa ser avaliada e redimensionada a fim de cumprir seu propósito de manter a qualidade do ensino.

A disciplina de Coordenação do Trabalho Pedagógico na EP/EJA modificou minha visão acerca da atuação destes profissionais na escola. Sempre enxerguei o coordenador pedagógico como uma espécie de supervisor da gestão, até mesmo pela postura adotada pelos profissionais com os quais trabalhei. Hoje, contudo, compreendi que esta função é imprescindível para o crescimento da unidade escolar, quando este se propõe a atuar como um mobilizador

das ações, projetos e atividades desempenhadas pelas muitas áreas de conhecimento no âmbito pedagógico.

Conforme Bezerra (2020, p. 105), “nas relações interpessoais, somos, muitas vezes, pegos levando para essa relação nossa subjetividade e nossa afetividade, querendo, inconscientemente, que o outro pense como a gente”. O coordenador torna-se um construtor e ao mesmo tempo um mediador dessas relações interpessoais, é o articulador na interlocução com os educandos, educadores e gestão escolar, é aquele responsável por trançar os vários fios para fortalecer a corda. Mudança de pensamentos e postura me encontraram aqui.

Toda vez que ouvia falar em letramento na EJA, associava imediatamente a prática de alfabetização de adultos. No decorrer da disciplina de Práticas de Letramento na EJA ocorreu uma ampliação desse significado, para a atividade de sala de aula voltada para a leitura e escrita. Cabe aqui uma pergunta bem provocativa: “[...] quais textos são mais importantes para subsidiar a agência do aluno na comunidade escolar, na sua própria comunidade e na sociedade mais ampla?” (Santos-Marques, 2020, p. 101). Estudos sobre o letramento,

[...] ampliam o olhar sobre o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, deixando de ser discriminatório, quando têm como preocupação compreender o que o sujeito faz quando recorre à palavra escrita e por que ele faz o que faz (não se ele fala certo ou errado, seguindo a norma-padrão), em consonância com os estudos da linguagem, os quais evidenciam as variedades da língua no processo de leitura e produção de textos (Santos-Marques, 2020, p. 102).

Agora compreendo que o letramento é um aprendizado ao longo da vida. É a fomentação para o pensamento crítico, vivência

da cidadania e melhoria da qualidade de vida dos educandos. Transcende o ato de ler e escrever apenas.

Caminhando para o Módulo 3, temos 03 disciplinas que para mim se completam: Tecnologias Educacionais Aplicadas a EP Integrada à EJA, Planejamento educacional em EaD para EJA e Gestão da EaD. Um dos entraves que dificultam o desempenho na EJA é a frequência irregular da turma. Todavia, essas disciplinas trazem uma perspectiva inovadora, ao propor a estruturação de cursos EP/EJA na modalidade à distância. Assim, o corpo discente poderia programar seu horário de estudo conforme sua disponibilidade pessoal, sem haver necessidade de sacrificar uma vaga de emprego, por exemplo.

A EaD é uma modalidade de ensino que possibilita formação a uma parcela significativa da população que não dispõe de tempo para as aulas presenciais, sendo a construção do conhecimento sustentada pelas tecnologias educacionais voltadas, na contemporaneidade, ao uso da informática e da internet (Sena Neto, 2020, p. 20).

Em conformidade com Sena Neto (2020, p. 20) “[...] é preciso pensar a gestão do conhecimento como um processo que requer novas alternativas e novas ferramentas capazes de ampliar as possibilidades de difusão do saber”. Nunca havia cogitado essa ideia de a educação básica ocorrer pela EaD, contudo percebo que a gestão da educação por intermédio das mídias digitais é uma realidade cada vez mais promissora e pode facilmente ser colocada estruturada dentro das instalações da unidade escolar. Além de que, as tecnologias educacionais favorecem a expansão do conhecimento,

“[...] considerando as mais variadas demandas de estudantes como o deficiente físico, o deficiente mental, o

jovem, o adulto, o profissional da educação pública ou corporativa com interesses e acesso a essas tecnologias de maneira particularizada (Sena Neto, 2020, p. 34).

Trilhamos agora para o Módulo 4, aqui houve o direcionamento específico dos estudos para a ênfase em Gestão, e duas disciplinas singulares sobressaíram em minha experiência pessoal: Gestão da Educação Profissional e da EJA e Teorias, Planejamento e Práticas de Projetos Curriculares Pedagógicos.

Aprendi que a gestão da educação é uma instância político-administrativa desenvolvida pela esfera governamental, regulamentada pela legislação federal, estadual e municipal, com o objetivo primordial de desenvolver as bases e orientações gerais que irão viabilizar a qualidade e a eficiência dos sistemas de ensino e das escolas.

Já a gestão escolar é exercida pelo diretor e vice-diretor, com o intuito de mobilizar os diversos atores da escola, professores, coordenadores, colaboradores, estudantes e pais, e consolidar mecanismos de participação democrática dentro da escola. Neste tipo de gestão, “[...] a organização parte da coletividade de sujeitos, os quais compõem a escola ou o sistema de ensino, considerando as diferentes

intenções, interesses, objetivos e relações no contexto em questão” (Motta, 2020, p. 28). Assim, a função do gestor é de gerenciar as atividades administrativas junto aos atores escolares, através da aplicação das políticas públicas e diretrizes educacionais, implementando o Projeto Político Pedagógico e favorecendo uma formação integral e cidadã para os educandos.

Sua atuação é imprescindível para a melhoria contínua do processo de alocação dos recursos humanos, físicos e financeiros, acompanhamento e intervenção imediata, quando os resultados

se mostram insuficientes. Além de favorecer e estimular os bons desempenhos, tem que promover oportunidades nas quais docentes e demais funcionários da escola possam aprimorar suas habilidades e competências em formações continuadas e em vivências práticas na comunidade.

Para que toda essa perspectiva se consolide é indispensável partir de um bom planejamento, com “[...] capacidade de prever a organização dos passos necessários para a realização de uma atividade” (Queiroz, 2020, p. 14) bem sucedida. Para superar os desafios inerentes a EP/EJA, uma estratégia que pode ser empregada é a aplicação de metodologias ativas em sala de aula.

As metodologias ativas fundamentam-se em estratégias de ensino baseadas nas concepções pedagógicas reflexivas e críticas, onde se pode interpretar e intervir sobre a realidade, promover a interação entre as pessoas e valorizar a construção do conhecimento, os saberes e as situações de aprendizagem (Menezes, 2018).

Aplicada na EJA/EP, “a metodologia ativa tem como intuito buscar favorecimento na motivação autônoma do aluno, extraindo o potencial do mesmo, despertando curiosidade para descobrir novos conceitos” (Menezes, 2018) e fomentando sua formação socioprofissional.

O mundo do trabalho quando trazido para a sala de aula e atrelado às novas metodologias ativas promovem: maior interação, flexibilidade, visão crítica e reflexiva, desenvolvimento de autonomia, apropriação dos conteúdos e preparação para desafios reais.

Tornar o estudante em um construtor ativo de seu conhecimento é proporcionar possibilidades reais e exclusivas para cada projeto de vida esquematizado pelos educandos. Conectar conteúdos disciplinares à realidade social é promover a aprendizagem

significativa e potencializar habilidades e aptidões imprescindíveis para uma formação cultural, social e profissional, ou seja, integrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando à reta final! Viva! A realização de um propósito! Quando iniciei esta caminhada pela trilha do saber, buscava uma atualização dos conhecimentos para favorecer a elaboração de um projeto de mestrado. Não imaginava quantas lacunas estavam instaladas em meu repertório, aguardando a chegada de novos pilares de saber, principalmente, acerca da construção da Educação de Jovens e Adultos e sobre sua integração com a Educação Profissional.

A escrita deste memorial de formação foi o instrumento que proporcionou a reflexão sobre o aprendizado que foi construído, através dos estudos e atividades realizados em cada disciplina, da participação dos seminários temáticos e de cada pesquisa realizada para o desenvolvimento de planejamentos e projetos. Entretanto, sigo impactada por aquilo que foi desconstruído, por aquilo que precisou ser removido para dar lugar e forma a uma configuração cognitiva mais atual e avançada. Minha evolução pessoal, acadêmica e profissional.

Deixo registrados nessa narrativa meus objetivos de vida, emoções, indagações, reflexões e críticas. Registro também aqui, meu esforço e dedicação para construir um novo acervo de experiências intelectuais e atitudinais. Ainda que permeado por decaimentos e progressos ao longo da jornada, lembrando-me que os erros cometidos geraram acertos melhores e as limitações superadas geraram sucesso. O importante é ter alcançado o aperfeiçoamento de minha capacidade criativa e a expansão da habilidade de leitora e escritora em formação.

O processo de formação viabilizado pelo curso de especialização me despertou para a implementação de mudanças na prática curricular e pedagógica da Educação de Jovens e Adultos, melhorando a qualidade da educação pública disponibilizada na escola que leciono. Tornou-se um espaço interacional, no qual as teorias estudadas focalizaram as imensas contribuições que o uso das mídias educacionais e tecnologias da informação e comunicação agregam as construções pedagógicas em sala de aula.

Todas as expectativas afloradas foram contempladas e cederam espaço para novos potenciais, despertou possibilidades de como fazer uma gestão democrática e eficiente na EJA/EP, transformou-me numa multiplicadora, difusora, expandindo esse conhecimento para toda a comunidade escolar na qual exerço meu papel identitário.

REFERÊNCIAS

BARACHO, M. G.; NÓBILE, V. C. **Fundamentos da educação profissional integrada à EJA** (livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/315435/mod_resource/content/2/Livro_3_Unid_1.pdf. Acesso em: 09 jul. 2022.

BARACHO, M. G. NÓBILE, V. C. **Políticas públicas para educação de jovens e adultos integrada à educação profissional** (livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/316131/mod_resource/content/1/M_I_Livro_4_Pol%C3%ADticas_Publicas_EP_EJA_FINAL.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

BEZERRA, E. C. **Coordenação do trabalho pedagógico na educação profissional integrada à EJA** (livro eletrônico) Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/332656/mod_resource/content/7/M_II_Livro_2_Coord_Trab_Pedagogico_FINAL%20%281%29-1.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

BRASIL. **Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/proeja#:~:text=O%20Proeja%20foi%20criado%20inicialmente,Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Jovens%20e%20Adultos>. Acesso em: 09 jul. 2022.

FONSECA, C. M. F. **Noções de Didática** (livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/320784/mod_resource/content/3/Livro_5_Unid_1.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

IFRN. **Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos na modalidade de educação a distância**. Natal: IFRN, 2018. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/ensino/cursos/cursos-de-pos-graduacao/latu-sensu/especializacao-em-praticas-assertivas-em-didatica-e-gestao-da-educacao-profissional-integrada-a-educacao-de-jovens-e-adultos-na-modalidade-de-educacao-a-distancia/view>. Acesso em: 09 jun. 2022.

KING, M. L. Autores: Martin Luther King. **Pensador**. Disponível em: www.pensador.com. Acesso em: 08 jun. 2022.

MENEZES, N. **Ensino e aprendizagem por meio das tecnologias ativas!** IPOG, 2018. Disponível em: <https://blog.ipog.edu.br/educacao/metodologias-ativas/> Acesso em: 15 maio 2022.

MOTTA, T. C. **Gestão da Educação Profissional e EJA** (livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/348753/mod_resource/content/2/Unidade%20I.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

PRADO, G.; SOLIGO, R. **Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação**. Campinas, SP: Graf, 2005. p. 47-62. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf. Acesso em: 08 jun. 2022.

QUEIROZ, R. S. P. **Teorias, planejamento e práticas de projetos curriculares pedagógicos** (livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/348786/mod_resource/content/3/Unidade%20I.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

ROCHA, F. A. F. **Organização e normas aplicadas à administração, planejamento e avaliação institucional** (livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/324905/mod_resource/content/1/Unidade%20I.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

SANTOS-MARQUES, I. B. A. **Práticas de letramento na EJA** (livro eletrônico) Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/337420/mod_resource/content/1/M_II_Livro_3_Pratica_Letramento_FINAL-20-50.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

SENA NETO, B. G. **Gestão da educação a distância** (livro eletrônico) Natal: IFRN, 2020. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/340896/mod_resource/content/1/Unidade%20I.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

REVISITANDO-ME: ITINERÁRIO FORMATIVO DE UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

EDUARDO DOS SANTOS DE OLIVEIRA BRAGA

Orientador: Prof. Carlos Moisés de Oliveira

Este memorial de formação se apresenta como trabalho de conclusão da especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA). A especialização é oferecida pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), em parceria com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC), na modalidade de Educação a Distância (EaD), por meio de dois itinerários formativos: o da gestão e o da didática da Educação Profissional integrada à EJA. Por atuar na EJA integrada à Educação Profissional, interessou-me seguir o segundo itinerário, pois vislumbrei nele a possibilidade de refletir sobre minha própria prática, além de aprofundar meus conhecimentos teóricos sobre essa específica modalidade de ensino, (re)conhecendo seu histórico de

luta e reivindicação dos direitos que historicamente foram negados aos sujeitos que a compõe.

Por isso, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação pública no Brasil, a especialização cumpre com o seu compromisso de implementar mudanças na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional presencial e à distância, interligada à EJA nas redes federal, estadual e municipal por meio da formação continuada de gestores, professores, tutores da EaD e técnicos educacionais. Tal compromisso se estabeleceu não só na oferta do curso, mas principalmente no envolvimento que ele nos possibilitou por meio das reflexões teóricas e práticas oportunizadas por cada disciplina, live e atividade realizada. Como culminância desse processo reflexivo, que se mostrou dialógico e em ação constante ao decorrer do curso, apresento este memorial de formação com o objetivo de narrar os aspectos da minha formação profissional e acadêmica, entrelaçada diretamente às vivências desta especialização, resgatando memórias que me marcaram e que me constituem como professor de matemática da EJA.

O memorial de formação, que é o gênero discursivo deste trabalho, pode ser entendido, segundo Souza e Dourado (2014, p. 38), como um gênero “em que os sujeitos expõem sua formação profissional entremeada com as vivências e experiências da vida cotidiana, possibilitando assim, a ressignificação da prática em sala de aula”, e pode ser definido como um “texto acadêmico autobiográfico no qual se analisa de forma crítica e reflexiva a formação intelectual e profissional, explicitando o papel que as pessoas, fatos e acontecimentos mencionados exerceram sobre si” (Passeggi, 2010, p. 1).

No (re)lembrar as memórias que me constituem, na produção deste memorial de formação, os saberes que foram construídos no

processo da minha formação nesta especialização e anterior a ela, forjaram em mim lembranças do que me foi ensinado, estudado e transformado em conhecimento em todo o meu processo de ensino, como professor de matemática da EJA, e de aprendizagem, como estudante do curso em questão em articulação com outras formações e com a minha vida (família, escola, amigos, etc.).

Com isso posto, este trabalho está estruturado por uma breve introdução, duas seções, mais as considerações finais. Na seção “narrativa autobiográfica”, apresento um recorte das minhas memórias pessoais, acadêmicas e profissionais, não só com o intuito de me apresentar ao leitor, como também de significar quem sou eu e justificar, a partir das minhas experiências, a escolha por esta especialização e pelos estudos em EJA. Já na seção “Reflexões sobre a formação acadêmica e experiência profissional na EJA/ PROEJA”, trago à memória minha relação mais direta com a EJA e com as experiências oportunizadas por meio desta especialização. Com isso, este trabalho de conclusão de curso (TCC) se finca em um exercício de me desvelar ao outro, e, nesse exercício, desvelo-me para mim mesmo ao rememorar o próprio percurso. Contudo, cabe destacar que, no caminho das memórias, de acordo com Bergson (1999) e Halbwachs (2004), não escapa também o fato de que, também as constituem, os esquecimentos, os silêncios e os sentidos não ditos, a não dizer e os silenciamentos.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Objetiva-se, nesta seção, narrar a minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional. De acordo com Larrosa (2002, p. 27), “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” e, nesse caminho de apropriação,

atento-me para uma escuta e autorreflexão que me possibilitaram revirar as memórias que me constituem e narrar as experiências que me passam, que me acontecem e que me tocam.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toques, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p. 24).

Eu sou morador de Mesquita, cidade da baixada fluminense do Estado do Rio de Janeiro, onde nasci e cresci. Formei-me no ensino fundamental em uma escola de bairro e, apesar de não ter muitas lembranças do início da minha trajetória escolar, meus pais sempre me disseram que eu amava estar naquele ambiente, bem como fazer parte das atividades curriculares e extracurriculares. Meu amor pela escola foi tamanho que, com o passar do tempo, qualquer profissão que eu almejava ter sempre recaia nos braços da docência. Por exemplo, no ensino médio iniciei o curso técnico em enfermagem, pois imaginei que faria carreira acadêmica em alguma área da saúde. Estudei música com o objetivo de lecioná-la; por um tempo, inclusive, por intermédio do ambiente religioso que sempre frequentei, pude lecionar música a diversos grupos de crianças, jovens e adultos, mais especificamente teclado básico, interpretação e canto. Desde criança sempre estive envolvido com

as artes. As experiências da Educação Básica me trouxeram as artes cênicas como paixão, e o meu ambiente religioso, a música.

Cursei o ensino médio no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET), campus Nova Iguaçu. De posse do excelente ensino proporcionado por tal Instituição, consegui aprovação em Universidades Públicas, dentre as quais escolhi a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) onde me graduei em Licenciatura em Matemática no Instituto Multidisciplinar, em Nova Iguaçu. A ideia de me tornar professor já estava bem estabelecida para mim, porém a matemática veio após eu perceber, no último ano do curso técnico em enfermagem, muito por conta do estágio, que a área da saúde não era, naquele momento, a mais adequada para o meu perfil profissional como futuro professor. Enquanto que a matemática sempre foi uma paixão, muito por conta de como ela me permitia enxergar o mundo e enxergá-la nos diferentes lugares.

Minha trajetória acadêmica na Licenciatura em Matemática foi marcada, principalmente, pelas disciplinas de Ensino de Matemática. Desde o início da graduação tive a certeza de que me debruçaria no estudo sobre o ensino das ciências e, em particular, sobre as questões que envolvem a formação do professor de matemática. Essa certeza ganhou ressonância nas minhas participações em eventos e congressos do Ensino de Matemática e também no período em que fui bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid/UFRRJ), coordenado pela professora Carla Regina Gomes, quando tive a oportunidade de escrever um capítulo de livro que retrata as experiências vivenciadas no projeto, junto aos coordenadores do programa (Gomes; Siqueira; Braga, 2014).

Também na licenciatura, durante uma disciplina optativa de Educação Infantil, recebi o convite da professora Flávia Miller Naethe Motta a integrar o Grupo de Pesquisa Infâncias até Dez Anos, que desenvolve o projeto intitulado “Educação da infância de 0 a 10 anos: as transições das crianças no cotidiano das instituições educacionais”, coordenado por ela e pela professora Anelise Monteiro do Nascimento. Neste grupo de pesquisa, pude conhecer e discutir alguns dos desafios do professor ao lecionar matemática na primeira infância. Nesse sentido, todas as discussões a respeito do ensino e práticas pedagógicas para a sala de aula de matemática fizeram-me ter a certeza do que eu realmente gostaria de fazer para o resto da vida: comunicar matemáticas como professor, pesquisar sobre o seu ensino e discutir, expor, conhecer práticas pedagógicas, aplicando-as em minhas aulas.

Objetivando seguir neste caminho, procurei por programas que atendessem a esses interesses e conheci o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) onde cursei a especialização em Ensino de Matemática. Os estudos nessa especialização fizeram-me conhecer e aprofundar-me em assuntos pedagógicos muito além dos que eu já conhecia. Esses estudos realmente impactaram o que eu penso sobre a prática e o saber do professor que ensina matemática e, também, impactaram a minha prática docente na escola básica. Destaco a disciplina Tendências em Educação Matemática por meio da qual conheci os estudos sobre a utilização das Tecnologias Digitais no Ensino da Matemática. Interessado por esse assunto, busquei maiores conhecimentos. Foi, então, que cursei a especialização a distância ofertada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Novas Tecnologias no Ensino da Matemática e também o curso de extensão em Tutoria em EaD: Teorias e Práticas. Essa

especialização me proporcionou refletir sobre o uso das Tecnologias Digitais no Ensino de Matemática e conhecer softwares e estratégias de seu uso no chão da escola. Já o curso de extensão me revelou o histórico da EaD no Brasil, algumas teorias e práticas pedagógicas no ensino a distância.

Nesse mesmo período, ingressei no Mestrado Profissional em Matemática, na UFRJ. Foi seguindo as inspirações que me moviam nas formações anteriores que realizei uma análise de pesquisas que tratam das Resoluções de Problemas amparadas pelas Novas Tecnologias no Ensino da Matemática no qual foi visto que o resultado da pesquisa pode trazer significativas contribuições à prática dos professores e enriquecer as aulas de matemática (Braga, 2017).

Após o mestrado, ingressei no doutorado em Ensino de Ciências pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) campus Nilópolis. Após meu primeiro ano de estudos nesse doutorado, realizei o sonho de me tornar professor de uma Instituição Federal e iniciei minha carreira acadêmica no próprio IFRJ campus Duque de Caxias lecionando matemática para o curso de Ensino Médio Técnico em Manutenção e Suporte em Informática (MSI), que é um curso na modalidade EJA. Logo me envolvi em diversas atividades que se relacionam a essa modalidade de ensino, tornando-me membro do Fórum EJA do IFRJ (FEJA) e membro do grupo de pesquisa “Práticas, Tecnologia Digital e Inclusão na EJA” (IFRJ). Além disso, ingressei também nesta especialização, a fim de aprofundar meus estudos sobre EJA, especialmente com relação à didática da Educação Profissional integrada à EJA, que foi o itinerário escolhido por mim para seguir na especialização.

Voltando às memórias anteriores a minha formação como professor de matemática, desde o ensino médio, em concomitância

com as aulas de música que ministrava a grupos religiosos, trabalhei informalmente com aulas particulares de matemática. Durante a licenciatura fui monitor de escolas particulares e também participei como bolsista do Pibid. Findando a licenciatura, trabalhei como professor de matemática no Estado do Rio de Janeiro, como tutor do Pré-Vestibular Social e mediador da graduação da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cederj) .

A minha identificação com os estudantes da EJA vem desde a minha passagem por essa modalidade de ensino como professor de matemática do Estado do Rio de Janeiro. Minhas memórias dessa experiência me revelam que as turmas da EJA pelas quais passei se tornaram as mais prazerosas e acolhedoras durante todo o período em que estive por lá. Essa experiência me proporcionou lecionar para a EJA, refletir sobre suas especificidades e buscar formações com relação à essa específica modalidade de ensino que, ao me tornar professor da EJA do IFRJ, me ajudaram muito.

De tudo o que foi narrado até aqui, pego-me refletindo que cabem ainda três importantes considerações: 1) o meu itinerário formativo aliado à minha história profissional são fatores importantes para análise e implicação na escolha da EJA como campo de pesquisa e na

consequente escolha desta especialização; 2) ao tornar pública esta minha narrativa autobiográfica, coloco-me em uma intenção política de contribuir com o processo formativo de outros professores, na intenção audaciosa de que se (re)inventem e se (re)descubram; e 3) foi importante estar aberto ao novo e ao desconhecido para que eu pudesse vivenciar as experiências e, a partir delas, rever trajetórias ou mesmo interconectá-las desafiando as fronteiras que, por vezes, podem nos cercar em um mesmo lugar. Nessas

conexões, a EJA se tornou, então, central nas minhas reflexões, práticas e memórias. Por isso, a seguir, apresento reflexões sobre minhas experiências na EJA, a partir da minha prática profissional, das minhas formações e pesquisas acadêmicas.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/ PROEJA

“De costas voltadas não se vê o futuro / Nem o rumo da bala / Nem a falha no muro / E alguém me gritava / Com voz de profeta / Que o caminho se faz / Entre o alvo e a seta” (Pedro Abrunhosa, XXXX).

Em meio as possibilidades de temas para pesquisas ao decorrer da vida acadêmica, foi a minha real prática que trouxe efetivamente o caminho a seguir, revelando-me a soberania do campo de pesquisa. Foi por meio do meu contato com a EJA em uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro e hoje no IFRJ que meu caminho se entrelaçou a EJA e não mais se desamaranhou. No trecho da canção apresentada acima, Abrunhosa diz que “o caminho se faz entre o alvo e a seta”; e, nesta seção, destaco desse caminho as minhas memórias e experiências com este curso de especialização, bem como o seu impacto na minha prática profissional e destaco também as minhas experiências com a EJA tanto como professor de matemática de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro, quanto como professor do IFRJ campus Duque de Caxias. Antes de seguir, porém, importante ressaltar que esse caminho entre o alvo e a seta é composto de diversas paradas, conexões e parcerias que me impulsionam afirmar hoje que a perseguição pelo alvo é apenas uma metáfora que me faz não querer encontrá-lo para que eu possa estar num constante

caminho caminhando, conforme cita Freire (2013, p. 128, grifo nosso): “É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar”.

Uma das conexões a que me refiro acima é justamente este curso de especialização. De forma potente, o curso me pôs a refletir-agir de maneira a problematizar minha prática na EJA e a propor alterações para ela. Descrevo isso pois, ao rememorar meu início neste curso, lembro me das inquietações que pairavam as minhas reflexões com relação não só à modalidade EJA, mas à possibilidade de articulá-la a Educação Profissional. Por meio das disciplinas, especialmente do primeiro módulo do curso (como, por exemplo, fundamentos da Educação Profissional integrada à EJA e políticas públicas para EJA integrada à Educação Profissional Presencial e a Distância), pude refletir sobre a minha atuação no curso de Ensino Médio Integrado ao Técnico em Manutenção e Suporte em Informática (MSI), entendendo que a formação humana e para a vida não deveria se restringir, mesmo em um curso técnico profissional, à formação para o mercado de trabalho. O material do curso me fez aprofundar em estudos sobre o tema e a buscar outras produções que pudessem complementar minhas leituras e vivências. Com isso, em diálogo com os autores utilizados no curso (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2005; Paiva; Machado; Ireland, 2006; Oliveira, 2016), encontrei aconchego também nas pesquisas de professores que atuam na EJA do IFRJ e que conhecem bem a realidade vivida pelos estudantes e pela Instituição (Abreu-Júnior, 2017; Viana, 2017; Alves, 2018; Gouveia, 2018) .

O módulo 2 do curso foi marcado para mim, principalmente, pela disciplina de práticas de letramento na EJA e pela oportunidade de conhecer o projeto de letramento “Hora de votar: cidadania e

participação política em questão”. Nascido no Campus Natal Zona Norte, o projeto é uma experiência exitosa na EJA do IFRN que muito me incitou a investigar outras práticas

não só de letramento, mas também de numeramento na EJA. Com isso, pude conhecer o trabalho de Souza e Fonseca (2010) que, em uma análise sobre práticas de numeramento de mulheres e homens, as autoras constataram que tais práticas se produzem marcadas pela violência contra a mulher.

Conhecer tais trabalhos me possibilitou alterar rotas na minha prática profissional e realizar um trabalho com as(os) estudantes da EJA no sentido de compartilharmos histórias de importantes mulheres na matemática, bem como suas lutas por reconhecimento e sobrevivência. Há que se destacar que os estudos do campo desta modalidade evidenciam que seus estudantes são em sua maioria mulheres, negras e pobres (Arroyo, 2001; 2005; 2006). Essa ação fez com que as minhas estudantes da EJA pudessem realizar pontes entre suas vidas e a vida dessas mulheres que fizeram história, porém foram silenciadas, maltratadas e não (re)conhecidas. Além disso, essa ação me reafirmou a reflexão de que, “ensinar, por essência, é uma forma de intervenção no mundo, uma tomada de posição, uma decisão, por vezes, até uma ruptura com o passado e o presente” (Freire, 2019a, p. 123).

O módulo 3 se aproximou das pesquisas que eu já vinha realizando ao refletir sobre o uso das tecnologias educacionais aplicadas à EJA. Contudo, este módulo me suscitou algumas outras reflexões para além do uso esporádico das tecnologias digitais em sala de aula, mas me levou a problematizar a possibilidade da EJA ser ofertada na modalidade EaD, levando-me a refletir sobre a gestão da EaD e o planejamento da EaD para a EJA. Por conta da pandemia de COVID-19 e do distanciamento físico necessário para

contenção do vírus, o ensino remoto passou a integrar a minha realidade profissional. Durante esse tempo, pude perceber na prática as dificuldades e os anseios dos estudantes com relação ao uso das tecnologias digitais e, com isso, perceber o quanto o acesso ao ensino remoto na EJA pode ter reforçado a desigualdade social, uma vez que o domínio de técnicas, níveis de letramento digital, alfabético e espaço habitacional com estrutura adequada não se dão de forma aligeirada e compulsória. Por fim, o quarto módulo do curso me trouxe para mais próximo das práticas pedagógicas na Educação Profissional Integrada à EJA. Portanto, tendo como inspiração todo o curso, especialmente este último módulo que diz respeito diretamente ao itinerário formativo que optei por trilhar, apresento abaixo algumas experiências que me marcaram na EJA durante o tempo em que estive professor de matemática de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro e, posteriormente, as experiências vivenciadas no Campus Duque de Caxias - IFRJ, durante o período da especialização.

Segue abaixo registro da minha primeira turma da EJA, que me traz recordações encantadoras. Era uma turma bastante heterogênea, com trabalhadores de diferentes idades e sonhos. Foi nessa turma que aprendi o que adverte Fonseca (2020) que devemos ser sensíveis com as especificidades da vida adulta dos estudantes da EJA e que devemos ir além de uma atitude generosa de professor-pesquisador de abrir-se ao outro e acolhê-lo. Trabalhar na EJA é mais que isso, pois perpassa a disciplina da observação, do registro, da escuta, da autorreflexão e da reflexão na/sobre a prática pedagógica, possibilitando ao professor (re)conhecer melhor seu estudante e exercitar-se na compreensão do ponto de vista que esse estudante pode construir com relação aos conhecimentos escolares e à vida. Nesse sentido, corroboro com as reflexões de

Freire e Vieira (2019, p. 7) de que é compromisso do professor de matemática

educar matematicamente esses jovens e adultos para que possam compreender, questionar e atuar de forma consciente e crítica frente as situações do seu dia a dia, pois quando o professor os ensina não levando em conta a realidade matemática que os envolve, o aluno como cidadão que são, acabam por serem conduzidos pela sociedade sem nenhum senso crítico.

Figura 1 - primeira turma da EJA do professor pesquisador no Estado do Rio de Janeiro



Fonte: arquivos do professor, 2016

Essa compreensão de (re)construção dos saberes matemáticos com a vida e as artes, nessa turma, foi encaminhada por meio do incentivo à prática da escrita e do protagonismo discente em experiências físicas e matemáticas a outros sujeitos da EJA e a comunidade escolar como um todo (Figura 2). Essa foi uma experiência bastante significativa do tempo em que estive professor desses jovens e adultos. Nela, os sujeitos da EJA protagonizaram a apresentação de experiências físicas e matemáticas para outras turmas da escola. A produção escrita dos estudantes foi o caminho trilhado nessa atividade pois, com ela pode-se refletir o imaginário social, as trajetórias e a transformação dos sujeitos autores

envolvidos na prática em questão. E as experiências físicas e matemáticas possibilitaram a criação de um cenário desafiador, reflexivo, colaborativo e dialógico entre as diferentes disciplinas e atividades propostas aos estudantes, com expressão de suas realidades e interação, levando em consideração, nas apresentações e trocas, que

toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada pelo fato que procede alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro (Bahktin, 2014, p. 117).

Figura 2 - Turma da EJA apresentando experiências físicas e matemáticas a comunidade escolar



Fonte: arquivos do professor, 2016

Após as minhas experiências como professor de matemática em uma escola pública do estado do Rio de Janeiro, tornei-me

professor do IFRJ. Nele, atuo em toda a matemática do Curso de Ensino Médio Integrado ao Técnico em Manutenção e Suporte em Informática (MSI) do campus Duque de Caxias; um curso na modalidade EJA. As memórias que me constituem nesse espaço são recentes, pois ingressei nessas turmas no início do ano de 2020. Com isso, minhas experiências são predominantemente dos tempos em que estivemos no ensino remoto, por conta da pandemia de COVID-19. Nesse período, três ações impulsionaram minhas práticas na EJA, a saber: acolhimento/busca ativa, visibilidade e protagonismo discente.

O acolhimento foi necessário e mútuo. Fui acolhido pelos estudantes e os acolhi em tempos difíceis; acolhemo-nos. Especialmente porque muitos deles, mesmo no auge da pandemia, precisaram continuar trabalhando, sem direito a se isolar, enquanto o vírus matava muitos, e outros perderam seus empregos e, para se sustentarem, encontraram na informalidade o caminho da sobrevivência em tempos duplamente difíceis. E, por muitas vezes, esse acolhimento se deu no exercício da atenta escuta do que esses estudantes tinham para dizer e ensinar, corroborando com Freire (2019a, p. 83) quando cita que “o fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve”.

Dar visibilidade a EJA também é compromisso da minha atuação, muito por conta das inspirações que recebi na especialização e por conta das leituras do que autores como Arroyo (2006), Fonseca (2020), entre outros me incitaram em reflexões e ações. A visibilidade na EJA é uma importante ação quando refletimos sobre o histórico dessa modalidade de ensino e sobre a sua luta por direitos silenciados, negados e invisibilizados, como bem

mostrou as disciplinas da especialização em fundamentos e em políticas públicas para a EJA, e como bem visibilizou a EJA as práticas exemplificadas ao decorrer do curso como, por exemplo, o já citado projeto “Hora de votar: cidadania e participação política em questão”.

Esse movimento de visibilidade potencializou a minha pesquisa de doutorado, cujo objetivo foi investigar as relações entre os conhecimentos matemáticos e a produção de vídeos de matemática, na perspectiva das Performances Matemáticas Digitais (PMDs), estabelecidas pelos meus estudantes da EJA. Com essa pesquisa, minha prática durante o ensino remoto se voltou para a produção de vídeos que articulassem as artes (performáticas) e as tecnologias digitais à Educação Matemática Crítica; prerrogativas das PMDs. Com esses vídeos, disponibilizados no canal do Youtube da monitoria de matemática da EJA do IFRJ campus Duque de Caxias (Braga; Souza; Barreira, 2019), visibilizamos os sujeitos dessa específica modalidade de ensino.

Além dessa visibilidade, é compromisso da minha prática, a partir das pesquisas que venho realizando, oportunizar que os estudantes da EJA sejam audiência e protagonistas dos vídeos pensados para eles e realizados por eles e, com isso, conforme cita Freire (2019b), fazer com que os próprios sujeitos da EJA sejam educandos e educadores na produção do conhecimento matemático e na sua relação com os mais diversos espaços e meios como a vida e a arte. E, dessa maneira, contribuir para que os estudantes da EJA se apropriem de um discurso crítico, com participação cada vez menos ingênua na sociedade. O que vem ao encontro de acreditar na possibilidade de esses estudantes, conforme cita Freire (2019a), assumirem aquela que é considerada sua característica ontológica: a de “serem mais” dentro de uma coletividade marcada

por relações complexas. A seguir, seguem algumas imagens dos vídeos produzidos pelos estudantes (Figura 3).

Figura 3 - Protagonismos dos estudantes da EJA na produção de vídeos matemáticos por meio das artes e tecnologias digitais



Fonte: arquivos do professor, 2022

A seguir, no Quadro 1, segue um resumo de cada prática protagonizada pelos estudantes da EJA, a partir das minhas experiências com eles no período de ensino remoto.

Quadro 1 - Quatro práticas vivenciadas com os estudantes da EJA do Campus Duque de Caxias - IFRJ

NOME DA PRÁTICA	OBJETIVO DA PRÁTICA	REFERÊNCIA DO VÍDEO
MathNews	Conscientizar a população, especialmente de Duque de Caxias onde a maioria dos estudantes moram e trabalham, da necessidade de isolamento social e das medidas de prevenção contra o coronavírus, por meio da matemática (função exponencial).	BRAGA <i>et al.</i> , 2021
Por trás da cortina de fumaça...	A partir de uma pesquisa realizada com os estudantes da EJA sobre o consumo de cigarro por eles de forma ativa e/ou passiva, essa prática teve por objetivo discutir os impactos do fumo para a saúde, natureza e finanças dos estudantes.	MIRANDA <i>et al.</i> , 2021
Linha Matemática Direta: a Matemática da fome	Discutir a problemática social da fome que tem assolado muitas famílias, especialmente em tempos de pandemia de COVID-19 com a escancarada desigualdade social. Utilizando-se, para isso, da matemática, como regra de três, porcentagem, tabela e tipos de gráfico, objetiva-se, com o vídeo, criar um alerta sobre o tema e estimular a reflexão crítica da audiência.	FRANCISCO <i>et al.</i> , 2021
O valor do R\$ 0,01	Denunciar o quanto deixamos de exigir nossos direitos em cada ida aos estabelecimentos comerciais brasileiros. Além disso, trazer a reflexão crítica do quanto as grandes empresas podem lucrar quando não nos valemos do código de defesa do consumidor para exigir nossos direitos.	SOUZA <i>et al.</i> , 2021

Fonte: elaboração própria, 2022

As três ações que impulsionaram minha prática na EJA reverberam em mim memórias que me fazem acreditar que, por mais árduo e difícil que possa parecer o caminho, há sempre esperança de que as sementes distribuídas por ele o faz/o fará florescer. Resgato aqui uma frase citada por Ramos (2011, p. 116), a partir dos estudos realizados pela autora na proposição de práticas matemáticas em uma turma do Proeja, que diz: “Enquanto

houver expectativas e esperanças, haverá a possibilidade de os estudantes estabelecerem a aprendizagem como ação e colocarem suas intenções na aprendizagem”. E finalizo, portanto, esta seção com Freire (1992) ao dizer que é preciso termos esperança, mas não esperança do verbo esperar, mas sim do verbo esperarçar que significa levantar, ir atrás, construir, juntar-se a outros para de outros modos fazer e não desistir. Desejo a todos os que com práticas potencializam a EJA e seus sujeitos, tempos de esperarçar nos caminhos que seguem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da modalidade EJA na educação brasileira precisa ser constantemente discutida, muito por conta de sua história ser marcada por uma educação aligeirada, excludente e alijada. Nesse sentido, a especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à EJA e ao Proeja é, sem dúvidas, uma potente formação que nos convida a não só construir de maneira coletiva e colaborativa conhecimentos em EJA por meio das leituras e debates estabelecidos, mas também a modificar as rotas de nossa prática com os sujeitos que a compõe. Essa última reflexão se fortalece e se revela aqui, principalmente, por conta do gênero discursivo deste TCC: o memorial formativo.

Relembrar as memórias da minha vida acadêmica, profissional e pessoal, (des)construí-las e refletir sobre elas é voltar-se para as possibilidades de discussão sobre a EJA como forma de resistência para existência e proposição de caminhos humanos, críticos e amorosos para a autoformação e formação de cidadãos e cidadãs jovens e adultos trabalhadores. Além disso, é mostrar, por meio das próprias memórias que me inquietam, me alimentam e me

impulsionam a seguir que o caminho é de estudos, de experiências, de renitência e coragem.

Ao término desse registro memorial, tenho a impressão de não mais ser o mesmo de antes. No exercício de revisitar-me, desvelei-me para mim mesmo mostrando que no trajeto seguido tudo contribuiu para que eu pudesse construir novos saberes e produzir conhecimentos com os estudantes da EJA. Produção de conhecimento esse a favor da libertação a partir do momento em que jovens e adultos tiverem a oportunidade de pesquisa e de vivenciar experiências coletivas, conhecimentos, autoconhecimentos, diálogos e descoberta de novas expressões capazes de os fazerem sonhar e se inspirar com os caminhos que a escola pode traçar mais próximos de suas realidades e inquietações; realidades essas com todas as suas contradições e em constante transform(ação).

Termino esse memorial com a sensação de que esse formato de escrita me proporcionou liberdade, conhecimento e articulação direta entre os autores que conheci por meio da especialização e os que a minha própria formação na EJA me levou a conhecer através da minha vida e prática profissional, de maneira criativa, libertadora e responsável. Considero, portanto, está narrativa como um interessante caminho para estimular outros sujeitos a conhecer as experiências de um professor de matemática na EJA, bem como me proporcionar (auto)conhecimento e me possibilitar momentos de escuta das memórias que latejam em mim possibilidades de ser muitos, ancorado numa perspectiva de que não me constituo por apenas um eu, mas sou a construção dos eus que me atravessam também como professor da EJA. As memórias aqui compartilhadas fizeram das minhas inquietações de vida um seio de novas possibilidades e descobertas. Sigamos firmes na luta pela EJA, esperando por esse chão!

REFERÊNCIAS

- ABREU-JÚNIOR, J. M. **Os processos de acesso e permanência nos cursos PROEJA do IFRJ: entre percalços, demandas e potencialidades.** 2017. 228p. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- ALVES, T. **Saberes e fazeres dos professores: a educação profissional técnica de nível médio, na modalidade Educação de Jovens e Adultos.** 2018. 288 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2018.
- ARROYO, M. G. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. *In: Alfabetização e cidadania, Revista de Educação de jovens e adultos*, São Paulo, n. 11, p. 11-25, 2001.
- ARROYO, M. G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. *In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A. G. C.; GOMES, N. L. (org.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.* Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.
- ARROYO, M. G. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. *In: SOARES, L. (org.). Formação de educadores de jovens e adultos.* Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-32.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BERGSON, H. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1999.
- BRAGA, E. S. O. **Análise de pesquisas que tratam das Resoluções de Problemas amparadas pelas Novas Tecnologias no Ensino da Matemática.** 2017. 86 f. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2017.
- BRAGA, E. S. O.; SOUZA, F. N.; BARREIRA, J. P. **Canal de matemática da EJA IFRJ CDUC.** [S. l.: s. n.], 2019. 79 vídeos (395 min). Publicado pelo canal

Matemática da EJA IFRJ CDUC. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/MonitoriadeMatemáticadaEJA>. Acesso em: 08 jun. 2022.

BRAGA, E. S.; BARREIRA, J. P.; SOUZA, F. N.; BARCELOS, L. A. P. V.; SILVA, V. G. E.; ALVES, P. F. M. A.; PONTE, E. O.; CIPRIANO, M. S.; SANTOS, V. A.; NICOMEDES, L. I. **MathNews**. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Matemática da EJA IFRJ CDUC. Disponível em: <https://youtu.be/2B1RxKgb66c>. Acesso em: 01 jul. 2022.

FONSECA, M. C. F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos: Especificidades, desafios e contribuições**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

FRANCISCO, L. M.; SOUZA, F. N.; BARREIRA, J. P.; BRAGA, E. S.; FRAGA, V. M. **Linha matemática direta: a matemática da fome**. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Matemática da EJA IFRJ CDUC. Disponível em: <https://youtu.be/IzPqd4iVxIw>. Acesso em: 08 jun. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. S.; VIEIRA, A. R. L. Educação matemática crítica: uma reflexão a partir das narrativas dos professores da educação de jovens e adultos. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL "EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE" (EDUCON)*, 8, 2019. **Anais [...]**. Sergipe: UFS, 2019.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (org.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

GOMES, C. R.; SIQUEIRA, A. C.; BRAGA, E. S. O. Breve exposição e reflexão das atividades do Pibid da matemática de Nova Iguaçu. *In: MENDES, R. M. M.; SALES, J. R. As ações do Pibid da UFRRJ: Pesquisa e Ensino na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Epapers, 2014. p. 123-139.

GOUVEIA, F. P. S. **Projeja e mundo do trabalho: inserção, reinserção e horizonte precário**. 2018. 218 f. Tese. (Doutorado em Políticas Públicas e Formação

Humana) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2018.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

LARROSA, J. Notas sobre narrativa e identidade (A modo de presentación). *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2004, p. 11 - 22.

MIRANDA, A. S.; OLIVEIRA, A. S.; SILVA, F. O.; SOUZA, F. N.; BARREIRA, J. P.; FRANCISCO, L. M.; BARCELOS, L. A. P. V.; FRAGA, V. M.; BRAGA, E. S. O. **Por trás da cortina de fumaça**. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal Matemática da EJA IFRJ CDUC. Disponível em: <https://youtu.be/w9eL9WyyrnR0>. Acesso em: 08 jun. 2022.

OLIVEIRA, E. C.; SCOPEL, E. G. Uma década do Proeja: sua gênese, balanço e perspectivas. **HOLOS**, [s. l.], v. 6, p. 120- 144, out. 2016. ISSN 1807-1600.

PAIVA, J.; MACHADO, M. M.; IRELEND, T. (org.). **Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea 1996-2004**, [S. l.: s. n.], 2006. (Livro eletrônico). Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume1_eja_uma_memoria_contemporanea_1996_2004.pdf. Acesso em: 08 jun. 2018.

PASSEGGI, M. C. Memorial de formação. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. C.; VIEIRA, L. F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. p. 1 - 7.

SANTOS-MARQUES, I. B. A. **Práticas de letramento na EJA**. Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1967>. Acesso em: 25 de jun. de 2022.

SOUZA, E. M. F.; DOURADO, L. S. Memorial de formação como gênero do discurso: produto de trocas interacionais em contextos de formação continuada. **Macabéa-Revista Eletrônica do Netlli**, Bahia, v. 3, n. 2, p. 37-56, 2015.

SOUZA, F. N.; BARREIRA, J. P.; PEREIRA, R.; BITENCOURT, E.; DUTRA, G.; BRAGA, E. S.; FRAGA, V. M.; RÔÇAS, G. **O valor do R\$0,01**. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Matemática da EJA IFRJ CDUC. Disponível em: <https://youtu.be/m21BhvjFGyA>. Acesso em: 08 jun. 2022.

SOUZA, M. C. R. F.; FONSECA, M. C. F. R. **Relações de gênero, Educação Matemática e discurso**: enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

VIANA, S. S. **Integração curricular**: efeitos nas relações e práticas na Educação de Jovens e Adultos. 2017. 196 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

(RE) MEMORAR: A AVENTURA DE VIVER NOVAMENTE

ALTEMAR DOUGLAS BEZERRA DE AZEVEDO SILVA

Orientadora: Profa. Izabel Cristina de S. Nunes

O presente trabalho acadêmico tem por objetivo em primeiro lugar cumprir uma exigência institucional para conclusão do curso de especialização Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA. Apesar desse caráter “burocrático obrigatório”, trata-se de uma “aventura” interessante, ao mesmo tempo que exigente; fazer recordar algo da nossa própria vida, desde a nossa infância aos dias atuais. Com a rapidez em que vemos passar o tempo, torna-se algo complexo conseguirmos recordar acontecimentos memoráveis dentro do nosso ano vigente, imagine de décadas. Sendo assim, vejo-me adentrar numa atividade acadêmica desafiadora, ao mesmo tempo em que reconheço que é um exercício de memória gratificante.

Tomando como referência alguns autores que serão citados ao longo deste trabalho, poderei subsidiar de fora mais densa a discussão sobre a importância da produção do memorial descritivo enquanto produção acadêmica. Sendo assim, poderei enfatizar a

escrita biográfica, não somente como muitos acreditam ser, somente uma contação de histórias, reduzindo-a apenas a uma simples narrativa, mas considerando sua importância. A escrita de si tem seu traço formador, pois promove a reflexão das experiências vividas, bem como as transformações que tivemos ao longo do nosso percurso existencial.

O curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), pós-graduação *lato sensu*, na Modalidade de Educação a Distância, foi desenvolvido pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec/MEC), em parceria com Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus de Educação a Distância (EaD), com uma visão institucional, baseada na compreensão da educação como uma prática social e na função social do IFRN. Em consonância com a função social, o curso se compromete a promover formação continuada de profissionais alinhada com os valores fundantes da sociedade democrática, com os conhecimentos referentes à compreensão da educação como uma prática social, com o domínio dos conhecimentos específicos, os significados desses em diferentes contextos e a necessária articulação interdisciplinar.

O Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), pós-graduação *lato sensu*, na modalidade a distância, contribui para a elevação da qualidade da educação pública em várias regiões do Brasil, o curso formará um Especialista, que será capaz de contribuir com a formação humana integral e com o desenvolvimento socioeconômico da região, articulado aos processos de democratização e justiça social (IFRN, 2018).

A proposta do curso de especialização em PROEJA, tem por objetivos gerais: desenvolver um curso de Especialização para docentes e gestores na perspectiva de uma formação continuada de profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional (presencial e a distância) articulada à EJA, nas redes federal, estadual e municipal, por meio da formação continuada de gestores, professores, tutores da EaD e técnicos educacionais e contribuir com a formação dos professores a distância, visando dar um novo foco ao ambiente de aprendizagem virtual nas redes federal, estadual e municipal.

Dentre seus objetivos específicos, podemos aqui destacar alguns de seus principais: proporcionar unidades de ações quanto a métodos e técnicas gerenciais, administrativas, pedagógicas e didáticas para as escolas públicas federais, estaduais e municipais que ofertem cursos de formação profissional em toda e qualquer modalidade integrada à EJA; possibilitar momentos de reflexão e debate acerca da forma como se gerencia e pratica a educação profissional pública no Brasil, com vistas a instituição de novos modos de práticas educacionais direcionadas ao público específico que aprende uma profissão integrada à EJA; colaborar para a implementação democrática, participativa e socialmente responsável de programas e projetos educacionais, bem como identificar na gestão democrática ferramentas que possibilitem o desenvolvimento de estratégias, controle e organização, em especial, do Proeja (IFRN, 2018).

O percurso itinerário da especialização tinha uma proposta voltada com formação em dois perfis, sendo eles, gestão e didática. A estrutura curricular ofertada contou com uma base científica e tecnológica comum em seus três primeiros módulos e um quarto específico, para a formação de docentes e gestores para atuarem

nas ofertas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (IFRN, 2018). Ao longo do curso, optei seguir o perfil de didática, por entender que seria mais significativo para minha prática em sala de aula na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Este trabalho tem como proposta central narrar as experiências vivenciadas ao longo do processo de formação, observando a relevância deste curso de especialização para minha atuação docente, elencando os momentos de aprendizagens, as dificuldades encontradas, tudo sob uma visão crítica e reflexiva. Mesmo se tratando de uma produção “aparentemente” fácil, tem sido um grande desafio, sendo a primeira vez em toda minha vida acadêmica que estou produzindo algo com este gênero textual.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Falar um pouco sobre quem sou eu é uma grande oportunidade, ao mesmo tempo é algo desafiador. A narrativa da minha história de vida, remete-me a lembranças e inspirações que oportunizam momentos de reflexões e saudades, tentarei fazer da melhor forma possível ao longo deste momento.

Nasci aos 26 de novembro de 1985 na cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba, onde vivi 10 anos. Sou o quarto filho do casal João Alexandre da Silva e Dinalva Bezerra Azevedo Silva.

Até os dois anos e onze meses de idade meu desenvolvimento ocorreu normalmente como de qualquer criança, todavia, no ano de 1988, já com três anos de idade, fui acometido por uma doença chamada meningite. Lembro-me que estava na fazenda dos meus avós maternos, na cidade de Bom Jesus, Estado do Rio Grande do Norte quando apareceram os primeiros sintomas. Prontamente

fui levado ao hospital pela minha mãe, ao ser observado, a médica plantonista, Dra. Maria Zilda, suspeitou logo de início, e sem rodeios fez o encaminhamento para o Hospital Maria Alice Fernandes onde fui internado. Ali, naquele dia, iniciava-se um longo processo que poderia ter culminado em sequelas na minha vida, comprometendo a minha saúde, conseqüentemente, eu não estaria neste momento realizando esta produção acadêmica.

Todavia, com as bençãos de Deus, tratamento e acompanhamento dos médicos cheguei na condição de receber alta ao término de 30 dias internado. Minha mãe conta que o médico chamou-a para conversar e relatou a possibilidade de eu ter ficado com seqüela auditiva ou mental, pois segundo ele, ao chamar meu nome eu não respondia. Sendo assim, ele pediu que ela o fizesse naquele momento. Estava eu ali no meio de outras crianças e sem a ver, ela me chamou, imediatamente eu olhei para sua direção e corri aos seus braços. Um fato curioso observado pelo médico e por sua equipe é que eles sempre me chamavam pelo primeiro nome, Altemar, e não pelo segundo, onde todos assim me chamam até hoje, Douglas. Com minha reação de atender ao ouvir minha mãe chamar, foi descartada a possibilidade de sequelas.

Após minha saída do hospital, retornamos para minha cidade de origem. Lá iniciei um novo processo, havia recomendações de ser inserido em escola pública para melhorar meu processo de socialização, como também, criar autonomia, “na expectativa de cair e ter que levantar”, isto porque, nas escolas privadas existia a concepção de muita proteção em relação às crianças, e elas não conseguiam desenvolver suas habilidades de defesa diante dos desafios. Assim, ingressei na Educação Infantil após essa doença, alguns médicos afirmavam que seria um aluno com poucas chances de desenvolver as competências de leitura e escrita. Minha mãe

sempre foi uma pessoa de muita fé e mesmo assim me matriculou no Jardim I. Todos os dias estava lá comigo na escola onde passava longas horas esperando meu período de adaptação. Para alegria de todos e principalmente de minha mãe, caminhei por toda a educação infantil e aos poucos estava lá, dominando o universo da eterna e incansável aprendizagem.

Ingressei na primeira série do Ensino Fundamental em Capina Grande na Escola Santa Teresinha, era a escola dos meus sonhos. De família católica e sempre muito apaixonado pelos santos da Santa Igreja, aquela linda imagem enorme no pátio da escola me fascinava. Os momentos de orações e algumas aulas de prática religiosa me deixavam muito feliz. Inevitavelmente, precisei deixar esta escola no ano posterior, pois minha mãe não estava mais com condições de subsidiar meus estudos. Não me recordo bem em qual escola fiz a 2ª série.

No ano de 1995, viemos para o Estado do Rio Grande do Norte, deixando para trás a cidade de minhas origens. O motivo da mudança foi por questões familiares, vindo morar na cidade de Bom Jesus, devido à idade avançada dos meus avós maternos, minha mãe tomou a decisão de cuidar dos seus pais. Ingressei então na Escola Estadual Natália Fonsêca, onde fiz a 3ª e 4ª séries. Concluindo assim, o ensino fundamental anos iniciais.

Na sequência, como não existia mais de 5ª a 8ª série, fui matriculado na Escola Estadual João Alves de Melo, onde cursei desde o ensino fundamental anos finais ao ensino médio. Ao longo da minha formação do ensino médio houve muitas falhas por causa da falta de compromisso dos governos estaduais: professores não habilitados por áreas específicas lecionavam qualquer disciplina — para as turmas não ficassem sem docentes —, e algumas delas, como língua inglesa, deixei de estudar durante o ano todo.

Em 2002, estava eu, concluindo o ensino médio sem saber o que fazer. Prestei o vestibular da UFRN, mas não obtive sucesso. Com um ensino médio muito defasado foi bastante complicado concorrer para o curso almejado. Daí, fiz minha inscrição para o curso de Licenciatura em História.

Agora, vou relatar o motivo do meu desejo de ser professor. Sou neto de professora, minha avó Julita Bezerra, que já era professora aposentada na Paraíba e, ao vir para a cidade de Bom Jesus, ocupou os cargos de primeira Secretária de Educação da cidade, tendo sido também diretora da Escola Municipal Alice Garcia Freire. Filho de professora, minha mãe começou a lecionar em algumas escolas do Estado da Paraíba desde seus 15 anos. Naquela época as pessoas iniciavam cedo. Meu tio, Carlos era proprietário de uma escola privada no Estado da PB e aqui no Rio Grande do Norte, ocupou o cargo de diretor da Escola Municipal Alice Garcia Freire.

Lembro-me como se fosse hoje, usava um quadro do lado inverso, pedia a minha irmã para assistir as minhas aulas. As vezes ela não queria, mesmo assim, eu ficava brincando de escolinha sozinho. Aquilo me fascinava. Meu sonho era ser professor. No ano de 2003, por incentivo da minha mãe, fiz o vestibular da Universidade Potiguar - UNP e ingressei no curso de Licenciatura em Letras - Português e suas respectivas literaturas. Ao chegar na universidade, em meu primeiro dia de aula, lembro-me que era mês de fevereiro de 2003, lá estava eu um sonhador buscando um futuro ainda incerto. Não sabendo ao certo se teria condições financeiras de concluir o curso.

Abrirei aqui um parêntese para contar algo que mais me doeu “na alma”, e, posso assim dizer das minhas memórias, nunca será apagado. No 3º período, minha mãe não teve mais condições de

pagar meu curso de Letras, e eu tive que abandoná-lo. Chorávamos eu e ela abraçados sem saber o que fazer para nosso sonho não ser interrompido. Não encontramos saída, tive que abandonar. Mesmo diante de todo esse sofrimento, existia um outro maior. Aqui na minha cidade existia um transporte escolar, tipo “besta” como chamávamos, e caso anunciasse a desistência do curso, automaticamente perderia minha vaga, sendo assim, entraria outra pessoa em meu lugar. Não poderia perder essa vaga, pois já tinha conseguido com uma amiga que era irmã do genro do prefeito da cidade. Daí então, começava minha angústia de vida, todos os dias ia para a faculdade, só que a faculdade era o supermercado Hiper Bompreço. Hoje, ele nem existe mais. Sempre que vou a Natal e passo por lá, tenho em minhas memórias esses momentos de tristeza. Ficar rodando dentro de um supermercado entre lágrimas na espera do meu retorno à universidade.

Após o término do primeiro semestre do 3º período consegui retornar, pois minha mãe, com muito sacrifício, conseguiu quitar a dívida. A luta só começava, ainda faltavam muitas mensalidades a quitar. O sonho sempre foi maior diante desses desafios. Naquela época, o valor da mensalidade do curso era de R\$ 250,00. Após esse período consegui um estágio remunerado na Escola Estadual João Alves de Melo, escola que fui aluno por muitos anos. Quanta felicidade voltar aquele lugar como professor. Éramos estagiários, porém como havia grande déficit de professores devido à falta de concurso público, atuei como professor titular. Lecionei várias disciplinas, iniciando com História e Geografia. Lia muito, preparava minhas aulas com muito carinho. Aquilo para mim era fascinante, parece que estava vivendo um sonho. Vestia minha melhor roupa, carregava aqueles livros em meus braços com o maior orgulho. Não liberava cedo nenhum minuto. Na hora do

toque já estava na porta da sala de aula. Nunca recebi uma falta. Todos me respeitavam como o professor exemplar.

Os anos se passaram concluí minha primeira graduação no ano de 2007. O dia da formatura foi marcado por um momento de não acreditar que aquilo estava acontecendo. Um jovem desempregado saindo do interior para cursar em uma instituição privada, enfrentando vários obstáculos ao longo da jornada acadêmica, mas no final tudo deu certo. No ano de 2009, fui convidado para trabalhar em um cargo comissionado na Secretaria Municipal de Educação na parte de coordenação de projetos e programas do Governo Federal. Era um trabalho de muita responsabilidade, mas graças a Deus consegui cumprir com tudo que me era dado de tarefas. No ano de 2010 com a saída do Secretário de educação, fui convidado pelo Gestor Municipal para assumir a titularidade da Secretaria. Na hora do convite veio uma mistura de medo e alegria, todavia não hesitei em responder positivamente e poder contribuir para a melhoria da educação da minha cidade. Foi uma década à frente da pasta, muitos desafios, incompreensões da classe, no entanto, em cada decisão tomada eu tinha a certeza de que algo era pensado para melhoria da comunidade, visando também o nosso maior alvo: a aprendizagem das nossas crianças, adolescentes e adultos.

Também tivemos momentos de realizações, resultados positivos, melhorias em nosso campo educacional. Assim, no ano de 2020, deixei a Secretaria de Educação, pois fui chamado para uma missão que considero a mais desafiadora da minha vida, tornar-me o Secretário de Saúde da minha cidade. Como nunca fui de negar um pedido quando sou convocado e visto como capaz de realizar o serviço, assumi em primeiro de março de 2020 a Secretaria de Saúde Municipal. A partir daí, uma nova história

profissional, ficando para trás tantas histórias em minha memória como Secretário de Educação.

Inicialmente, peguei todo o processo do período de pandemia, parecia um pesadelo na minha vida, mesmo assim, Deus me fortaleceu e estou aqui ainda com este grande desafio, até o dia que me seja confiado.

Na minha trajetória acadêmica fiz outras graduações, dentre elas posso citar: Letras habilitação Língua Espanhola, Licenciatura em História, Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Geografia. Conclui várias especializações, não cabe aqui nomear, pois seria uma lista mais complexa. E por fim, fiz meu mestrado na área de Educação, trabalhando como tema de dissertação a interdisciplinaridade.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/ PROEJA

Sou professor desde meus 18 anos de idade. Lembro-me como se fosse hoje, fui contratado pela Prefeitura Municipal de Bom Jesus para lecionar a disciplina de Matemática para as turmas de 5ª série. Os alunos tinham grandes dificuldade em resolução de problemas. Inclusive na época existiam muitos que estavam fora da faixa etária para a série cursada. A escola sempre defendia a ideia de remanejá-los para a Educação de Jovens e Adultos. Nas discussões sobre esse assunto sempre fui contra, pois isto não levaria a resolução dos casos. Todos os anos eram muitos alunos reprovados nessas turmas. A transição do discente de uma turma onde só existia um professor polivalente para uma série onde praticamente cada disciplina era ministrada por um professor diferente, acabava gerando maior confusão na aprendizagem

desse público recém chegado. Era preciso compreender um pouco desse universo.

A partir daí me veio a vontade de lecionar para alunos da EJA, ao mesmo tempo em que não me via como um professor identificado para esse perfil. Uma modalidade de ensino com seus estereótipos, conhecida como sendo “composta” por alunos incapazes de aprender de forma plena, alunos sem vontade de estudar, tendo como principal objetivo fazer carteira de estudante para acesso a transporte mais barato, dentre outros. Esses fatos me chamavam atenção e me fazia refletir se aceitava lecionar a este público.

Os anos se passaram e já professor efetivo da rede estadual, fui chamado para ministrar aulas nesta modalidade pela primeira vez. Em primeiro momento argumentei com a direção e coordenação pedagógica o meu receio de ensinar as estas turmas, ao mesmo tempo me mostrei aberto ao diálogo. O diretor da Escola me explicou que caso não aceitasse as turmas, seria necessário meu deslocamento para outra escola, pois não haviam turmas suficientes no ensino médio regular para completar minha carga horária. Diante do exposto, aceitei o desafio. Era o ano letivo de 2016.

Na época, em pleno exercício de minha profissão estava eu a desfrutar dessa nova experiência. Consegui perceber também que o público, claro, tinha muitas dificuldades. Alguns estavam a décadas sem estudar. Por diversos motivos, dentre os que mais citavam eram de se tornarem pais/ mães muito cedo, precisarem parar os estudos para sustentar suas famílias. Sempre adaptava os conteúdos e as metodologias aos conteúdos. A maioria das atividades eram direcionadas para serem feitas em sala de aula, dificilmente eles conseguiam realizá-las em casa. Afirmavam não disponibilizar de tempo fora da escola. Alguns tentavam evadir,

sempre mandava um recado por algum colega, ou pedia o contato do Whatsapp para conversar sobre seu retorno. Conversava com os outros professores, alguns eram muito resistentes, afirmando que desistiam por falta de interesse. Antes eu pensava assim também. Quando vamos atentamente observando os fatos que eles nos relatam, os contextos de cada um, passamos a ter um outro olhar. Precisamos entender a educação não somente como transmissora de conteúdos, mas é preciso pensar nos pilares da educação. Eles nos conduzirão a uma nova dimensão educacional, voltada também para a humanização do cenário educacional. Trazer os fatores externos da aprendizagem para a escola, os problemas socioeconômicos e emocionais, a vulnerabilidade social, sem essas considerações, não estaríamos de fato fazendo educação.

Com base nessa experiência exitosa e transformadora para mim, veio-me o desejo de ingressar no curso de especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrado à Educação de Jovens e Adultos, ofertado pelo renomado Instituto Federal, aonde já tinha feito minha Licenciatura em Letras Espanhol. Existia um processo seletivo e com base no edital, logrei êxito em ser selecionado.

Na inscrição fiz opção por ênfase na parte de didática, pois existia também opção que seria a de Gestão. Sendo meu desejo desenvolver um maior aprofundamento para lecionar, fiz a escolha certa. O primeiro período trabalhado era o de ambientação ao Moodle e fundamentos da EAD. Como já tinha sido aluno de outros cursos na modalidade à distância, não tive nenhum tipo de dificuldade. De todas as disciplinas ministradas, a que posso considerar mais significativa foi Produção de Textos Científicos, ministrada pela professora Dra. Ivoneide, uma professora muito

didática e voltada para os interesses da produção qualificada dos textos científicos.

O material produzido para a disciplina foi muito bem elaborado e nos ajudou bastante para compreensão e ter uma maior preocupação ao escrever textos para o outro, principalmente quando se tratava de texto de cunho científico. Posso aqui evidenciar alguns autores citados na produção do material didático desta disciplina. De acordo com Cervo e Bervian (2022), o autor precisa ter muito cuidado ao realizar sua produção, ela não poderá gerar nos leitores múltiplas interpretações. Tal situação comprometeria ao máximo a produção do autor. Portanto, ao produzir os textos acadêmicos, devemos sempre revisá-los, a fim de cumprir essa função tão significativa da escrita, levar de fato a mensagem ao público para o qual foi criada. Quando aqui falamos de uma linguagem simples e clara, não significa em nenhum momento, torná-la coloquial ou vulgar, mas sim, precisa e objetiva.

Passamos também por disciplinas muito importantes para uma melhor compreensão das políticas públicas da Educação de Jovens e Adultos, dentre elas podemos aqui citar as que se integram ao universo da educação profissional. O aluno da EJA, é aquele que busca uma capacitação profissional. Na maioria das vezes ele já está inserido no mercado, mas se faz necessário esse aprofundamento para materialização dos conhecimentos. Mesmo como professor já de um certo tempo, pagamos a disciplina de noções de didática. Perpassamos pelas tendências pedagógica já estudadas em cursos anteriores, mas a professora, em suas atividades avaliativas, sempre nos solicitava uma abordagem sobre a EJA. Uma das atividades apresentadas na primeira unidade da disciplina era um quadro comparativo que destacava aspectos da vida e obra de Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Herbart e as contribuições de cada uma

deles para a educação. Em uma atividade em que foi solicitada a produção de um plano de aula (fictício) para uma turma de EJA, obtive uma boa nota, apenas fui chamado atenção pelo fato de ter abordado de forma superficial como seria a avaliação dos discentes, esquecendo quais seriam os métodos utilizados: frequência, escrita, oralidade, dentre outros. No demais, meu plano contemplou todos os aspectos solicitados. Ao final de cada período, tínhamos um Seminário Temático, considerava um importante espaço para refletirmos sobre as disciplinas e seus professores. No segundo período passamos a ver um grupo de disciplinas mais voltadas para o contexto de normas, avaliação, planejamento e avaliação da EJA. Neste período a disciplina que mais gostei foi Práticas de Letramento, onde teve como formadora a professora Ivoneide Bezerra. Acredito ter me chamado mais atenção esta disciplina em virtude de ser uma dos grandes desafios para o professor da EJA, trabalhar leitura, interpretação e escrita para este público alvo. Estudamos ao longo das disciplinas importantes autores que discutem muito as práticas de letramento, dentre eles, lembro-me de Kleiman, Freire, Marques, e outros.

A disciplina também cursada no 2º período chamada de Tecnologias aplicadas a EP integrada a EJA, um dos desafios é inserir o público desta modalidade nas tecnologias. Muitos fazem uso de celulares, mas não sabem bem como utilizá-los. A discussão através do material didático nos trouxe muitos subsídios para uma prática reflexiva como professor da EJA.

No final do 2º período, obtive uma indesejada reprovação. Infelizmente devido ao acúmulo de trabalho na vida cotidiana, fui surpreendido por ter perdido os prazos em uma disciplina, lembro que foi a Gestão da Educação à distância. Com o advento do novo período houve a oferta novamente da disciplina e consegui

cumpri-la de forma satisfatória. Assim, caminhei para a reta final do curso, entrando no terceiro período com um número mais reduzido de disciplinas, pois era o momento do mais esperado TCC, no formato de memorial de formação. Mais uma vez fui reprovado por não ter cumprido o prazo da escrita do TCC conforme cronograma estabelecido pela Coordenação do curso. Minha tutora a professora Izabel, a qual faço uma menção honrosa, foi muito prestativa em me enviar várias mensagens de incentivo via *Moodle* para conclusão naquele momento, mas infelizmente não foi possível por motivos de saúde. Em algum momento de nossas vidas, precisamos nos cobrar em relação a nossa saúde e mentalmente diante de tantas atividades exercidas, o nosso corpo e mente precisam de um tempo para descanso. Parar um pouco a correria do dia a dia e pensar sobre como está a nossa saúde mental. E assim fiz, decidi dar uma pausa e felizmente a coordenação do curso me proporcionou uma nova oportunidade para a conclusão do curso.

Diante disto, sou sempre um defensor da causa de proporcionar aos nossos discentes uma nova oportunidade, esse tipo de educação rígida já não cabe dentro do nosso modelo educacional. É preciso sempre rever nossa prática em sala de aula. Como estamos lidando com esses jovens em nossas salas de aula? Serão nossas práticas uma das grandes causadoras do alto número de evasão na EJA? É preciso sentar e refletir junto à comunidade escolar. Caso, sim, quais seriam as alternativas para avaliar o Projeto Político Pedagógico da Escola, onde neste momento todos tenham a participação ativa e possam opinar de forma consciente e reflexiva para a construção de um cenário educacional mais inclusivo.

O conjunto das disciplinas aqui já mencionadas, somadas as demais que integram a grade curricular desta especialização,

leva-me a reflexão da importância das mesmas ao longo do percurso formativo. Cada uma das disciplinas possuía sua temática específica, mesmo assim sempre existiu uma relação harmoniosa entre elas. Em nenhum momento tive a percepção da chamada “ gaveta ” de disciplinas, onde são colocadas em caráter divisório, sem existir correlações. Diante do exposto, percebi enquanto docente a importância cada vez mais de se trabalhar a interdisciplinaridade em minhas práticas pedagógicas, principalmente nesse público alvo e necessitado de uma formação integral.

A interdisciplinaridade permite a integração curricular, estabelecendo uma comunicação entre as disciplinas, sendo assim, não interfere nos interesses de cada área, ao contrário, auxilia na aquisição do saber, na construção do conhecimento de maneira significativa, possibilitando evidenciar as relações existentes entre os assuntos e a sua importância para a prática de maneira generalizada.

O curso de especialização que ora estou concluindo, ao longo de seus períodos nas ofertas pedagógicas, ofereceu-me, oportunidades de compreender de que o educador precisa fazer o caminho, mas também, saber andar nele, junto, ou seja, “ sua função é servir de mediador da educação; da aprendizagem de todos, seja na escola propriamente dita, seja no bairro, no sindicato, na fábrica, no partido, na comunidade de base ” conforme afirma Coelho (XXXX *apud* Vianna, 2000, p. 72).

Não poderia deixar aqui de mencionar o nosso grande mestre da educação brasileira e exemplo para todo o mundo, o grande Paulo Freire, citado por muitos professores ao longo de diversas disciplinas. Seus pensamentos me influenciam e me incentivam a persistir trilhando os caminhos da Educação de Jovens e Adultos, nesta grande jornada na compreensão

de que juntos, alunos e professores (as), seremos capazes de construir saberes. E ao final de tudo, todos aprendemos e ao mesmo tempo ensinamos também.

De acordo com Freire (1998, p.25)

[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção [...]. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que as conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém...

Ao encerrar este capítulo que considero como muito importante dentre deste corpo do memorial de formação. Sinto-me extremamente satisfeito em reconstruir a história da minha vida acadêmica neste trabalho científico e perceber que as nossas vidas, as nossas histórias também são consideradas importantes. O espaço da academia nos permite ser construtores de histórias concretas, cheias de experiências vividas na íntegra ao longo de um determinado tempo em vários espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar até aqui para mim está sendo um momento muito significativo enquanto professor atuante na Educação de Jovens e Adultos, como já dito anteriormente, antes como um profissional resistente a lecionar nesta modalidade de ensino, agora como um apaixonado por ela. Todo esse processo foi possível a partir desta formação em nível superior. O contato com as disciplinas, seus professores, tutores, o desenvolvimento das atividades voltadas para a EJA, permitem-me afirmar que “carrego uma bagagem”

de muitos conhecimentos. Estes, não apenas para minha formação intelectual individual, mas sim, para compartilhar com os colegas professores e mais ainda para minha prática em sala de aula.

A produção deste memorial de formação, foi também algo muito desafiador, pois nunca tinha feito uma escrita sobre minhas memórias. No início fiquei bem perdido e não tinha muito como pedir ajuda de professores e colegas, era precisa falar de mim. Portanto, a escrita deste memorial me proporcionou refletir sobre minha vida, bem como minha trajetória acadêmica ao

longo deste curso e o alargamento do entendimento desta modalidade de ensino. Na condição de leitor-produtor, sinto-me extremamente realizado com esta produção que terá sua relevância e quem sabe, poderá ser subsídio de reflexão para acadêmicos estudantes do tema para futuro objeto de discussão.

Ao longo de todo meu trabalho, procurei de maneira sucinta, enfatizar a importância desta especialização em Didática de Jovens e Adultos, suas contribuições para minha formação pessoal e prática como docente. Também foi possível reviver um pouco da trajetória acadêmica e experiências que carrego na minha “bagagem” como pessoa, profissional, docente e discente sempre em busca de novos conhecimentos para a melhoria da qualidade de ensino aprendizagem. Foi uma aventura fantástica e desafiadora!

Por fim, quero aqui expressar que este curso me proporcionou novas reflexões e irá corroborar para entender que trabalhar com o público da Educação de Jovens e Adultos-EJA, é estar junto, participar ativamente da vida de cada um(a) deles(as), levá-los(as) a tomar consciência cada vez mais dos seus direitos e deveres numa sociedade ainda tão desigual. É preciso essa conscientização para o exercício da cidadania, a busca por dias melhores e a contribuição para o desenvolvimento do nosso país.

REFERÊNCIAS

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 28. edição. São Paulo: Cortez, 1998.

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto pedagógico do curso de especialização em práticas assertivas em didática e gestão da educação profissional integrada à educação de jovens e adultos**. Natal: IFRN, 2018.

VIANNA, H. M. **Avaliação Educacional**: teoria, planejamento, modelos. São Paulo: IBRASA, 2000.

MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA DE UMA PEDAGOGA

ANNE MICHELINE CAVALCANTI DO RÊGO DUTRA

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Vieira de Melo

Quando iniciei o curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à EJA com ênfase em Didática pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN na modalidade educação à distância, eu me deparei com o requisito para o trabalho final: um memorial de formação. Inquietou, provocou e me fez iniciar pesquisas e leituras sobre esse gênero textual que até o momento inicial do curso era desconhecido por mim.

Logo no módulo 1 do curso, na disciplina Produção de Textos Científicos, iniciei os estudos sobre o gênero e realizei as primeiras escritas como atividade avaliativa da disciplina. O papel dos professores Leoneide e Luciano nas orientações veio a corroborar com a escrita final do trabalho.

Entre tantas reflexões, estudos das demais disciplinas, execução das atividades acadêmicas e profissionais, escrever sobre minha trajetória é utilizar das minhas próprias experiências para melhorar minha prática docente.

Como educadora sei a relevância em valorizar as experiências da vida dos estudantes, e ter minhas próprias memórias registradas é a eternização do percurso acadêmico, profissional e pessoal narrado por mim dentro de uma visão crítica-reflexiva. Conforme Carrilho (2010, p. 19) “o memorial tem como finalidade descrever a trajetória estudantil e profissional do autor (aluno) de forma reflexiva, através de um relato crítico do seu percurso mostrando fatos e acontecimentos [...]”.

Essa condição de autora faz imergir a autorreflexão e a ressignificação do meu papel na docência utilizando a minha história para nortear minhas reflexões acerca da minha vida profissional. A narrativa significa autoconhecimento, resgate da memória afetiva, valorização de todo caminho percorrido para chegar aqui e estímulo para continuar na busca por uma educação de qualidade, pela equidade no processo de ensino-aprendizagem e sendo legitimadora da importância do papel do educador. Sobre o memorial de formação Carrilho (2010, p. 124) “a partir de uma reflexão sobre o seu percurso de vida estudantil e profissional, analisem e reconstruam suas práticas pedagógicas”.

Escrever o memorial de formação ‘Memórias da trajetória de uma pedagoga’ é fazer uma retrospectiva do meu percurso da vida estudantil, desde as doces lembranças do jardim da infância até os desafios da vida acadêmica, foram essas construções de conhecimentos, troca de experiências, frustrações, aprendizagens, amizades, vivências e incentivos que recebi ao longo dos anos que me fizeram chegar a profissão que exerço atualmente com tanto apreço, dedicação e entusiasmo, pois acredito no poder transformador da educação, mesmo diante da realidade e dificuldades enfrentadas por nós educadores. Nesta escrita compreendi que não me tornei professora com a conclusão da graduação, mas fui

sendo construída ao longo da minha vida, cada ensinamento e conteúdo estudado embasou minhas escolhas.

Segundo Josso (2002, p. 31), “as experiências, de que falam as recordações constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhe ensinou, mas o que se aprendeu experientialmente nas circunstâncias da vida”. Buscarei nesta narrativa contextualizar meus relatos com a experiência formativa obtida no curso de especialização.

O curso de pós-graduação *lato sensu*, modalidade à distância, ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, com 480 horas visa implementar mudanças na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional presencial e a distância interligada à Educação de Jovens e Adultos nas redes federal, estadual e municipal por meio da formação continuada de gestores, professores, tutores EAD e técnicos educacionais conforme o Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC, 2018). As experiências com o curso e a modalidade EaD trouxeram grandes contribuições para meu crescimento profissional.

Estudar sobre a EJA/PROEJA me leva a refletir sobre a necessidade e a importância de espaços de discussões sobre as políticas públicas que possibilite aos estudantes acesso, permanência e profissionalização. Desmistificando que a educação de jovens e adultos é apenas uma educação reparadora àqueles que estão em distorção idade/série. Assim como, a partir dos conteúdos abordados nas disciplinas, vi a importância e a necessidade de formação continuada para gestores e professores.

Para melhor compreensão este memorial está dividido em 4 capítulos. A introdução tem como objetivo apresentar a estrutura do memorial. O segundo capítulo, intitulado “Vida e formação, uma narrativa autobiográfica”, aborda sobre meu percurso estudantil.

No terceiro capítulo, minha formação e experiência profissional na EJA, destaco minha experiência formativa no curso de especialização e a relação com meu trabalho. O 4º e último capítulo trata das minhas considerações finais sobre o que aprendi com a escrita do memorial.

O memorial estabelece uma relação intrínseca e dialógica entre a minha formação ao longo de toda vida estudantil e minha atuação profissional, considerando as citações de autores que fundamentaram a escrita como Freire (1987), Carrilho (2010) e Nóvoa (1997) entre outros que influenciaram minha formação pessoal e profissional norteando minhas ações como professora, coordenadora pedagógica e atualmente gestora escolar na rede pública municipal na cidade de Limoeiro - PE.

VIDA E FORMAÇÃO: UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

“Somente quem assume sua história de vida tem condições de ver nela a realização de si mesmo. Assumir responsavelmente uma biografia significa, em primeiro lugar, adquirir clareza sobre quem queremos ser” (Habermas, 2012). Eu me chamo Anne Micheline, nasci em Limoeiro, cidade pernambucana localizada na região do agreste setentrional, a 77 quilômetros da capital, no dia 07 de janeiro de 1980. Sou filha de Maria José Cavalcanti, professora e de Adelson Barbosa, já falecido. Tenho dois irmãos, Anderson Michel, policial militar, e Adelma Fernanda, professora. Segundo os relatos da minha mãe, sou guerreira desde o tempo que estava em seu ventre, pois com três meses de gestação, minha mãe passou por uma delicada cirurgia de apendicite, que segundo os médicos era de risco. Cirurgia realizada, mais seis meses de gestação e eu

cheguei ao mundo para trilhar meu caminho e escrever minha própria história.

Desde cedo sempre estive em contato com livros, aulas e escola. Sendo a irmã mais velha e tendo a minha mãe professora como exemplo, minha brincadeira preferida era “escolinha”, momento em que eu utilizava as sobras de seus materiais para “brincar de dar aulas aos meus irmãos e as bonecas”, depois passando a ser a brincadeira com os colegas da rua onde eu residia. Tive uma infância saudável e feliz, onde podíamos brincar na rua, sem uso das tecnologias.

Iniciei minha via estudantil em 1983, aos 3 anos de idade, na turma do maternal no jardim da infância de uma escola da rede privada. Recordo-me que a escola incentivava o brincar indo além da prática do cuidar, assunto que atualmente é tão discutido na educação infantil, segundo Kuhlmann (1998, p. 128), “no jardim, as atividades já estavam previamente organizadas em sequências fixas. As atividades repetidas diariamente instituíam tanto para as crianças como para os adultos uma regularidade”.

No ano seguinte, 1984, mudei de escola e continuei o jardim da infância numa escola religiosa, onde a diretora e algumas professoras eram irmãs, da Congregação Franciscanas de Maristella. Nesta referida escola estudei até concluir a 6ª série em 1992. Era uma escola ampla com áreas verdes e que, dentro da sua proposta pedagógica, buscava educar para a vida.

Por ser uma escola religiosa, anualmente o tema da Campanha da Fraternidade era trabalhado de maneira interdisciplinar.

Fazendo um paralelo com teorias e estudos sobre educação infantil, compreendi que o brincar, o faz-de-conta e a coordenação motora já eram conteúdos explorados, talvez não tivesse a visão pedagógica e a consolidação dos referenciais teóricos, já que era

comum ouvir de alguns professores e pais que as crianças no jardim da infância não aprendem nada, só brincam. Hoje, com minha formação acadêmica, compreendo que o lúdico era estimulado, porém, por falta de formação, não era visto como parte do processo de aprendizagem e como quando a criança não recebe tais estímulos, isso afeta seu desenvolvimento cognitivo e motor. Para Santos (1997), a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural.

Assim, numa escola de freiras, fui alfabetizada e fiz todo o primário. Algo que me marcou bastante nessa época foi o estímulo à leitura. A escola possuía uma ampla biblioteca com diversos títulos, onde semanalmente podíamos fazer o empréstimo de livros. Todas aquelas estantes me deixavam fascinada e rapidamente eu preenchia a ficha de empréstimo, ampliando assim meu vocabulário e conhecendo diferentes gêneros textuais.

Minha mãe, que também é professora, hoje aposentada, foi minha inspiração, trabalhava numa escola da rede estadual, lecionava geografia e complementava sua carga horária na biblioteca da escola. Sendo seu expediente na biblioteca à noite, muitas vezes eu frequentava seu trabalho só para auxiliar na arrumação das estantes, ver os livros que eu não conhecia. E sempre havia um título novo que me chamava a atenção.

Quando fui cursar a 7ª série no ano de 1993 passei a estudar numa escola pública estadual, Escola Professora Jandira de Andrade Lima, mesma escola que minha mãe lecionava. Lá permaneci até concluir o 2º grau — magistério —, curso que habilitava o estudante a exercer a função de professora, em 1997. Sendo filha de professora, desde cedo fui estimulada a seguir a referida profissão.

Foi durante o curso do magistério com as professoras das disciplinas de didáticas e estágio supervisionado que me apresentaram pensamentos de Emília Ferreiro, Piaget e Paulo Freire, despertando em mim a paixão pela Educação. Especialmente pela turmas dos anos iniciais.

Nos anos de 1998 a 2002, fiz estágios, contratos e substituição de professores, no início do ano 1999 assumi minha primeira turma de alfabetização numa escola da rede privada no meu município. Foi uma grande experiência poder alfabetizar 20 crianças.

Sendo muito jovem e um pouco decepcionada com o retorno financeiro da profissão de professora, desisti da área educacional e quis conhecer a área comercial e contábil. No ano de 1999, retomei os estudos no curso técnico em Contabilidade e, no período de 2003 a 2009, trabalhei em uma concessionária de motos. Iniciei como telefonista, passei para auxiliar administrativo de consórcio, encarregada do departamento de consórcio, em seguida departamento pessoal e fiscal. Adquiri bastante experiência, principalmente em atendimento ao cliente, que é uma tarefa desafiadora.

Em 2003 me casei, e por um tempo decidi me dedicar ao trabalho e ao casamento. No ano de 2006, nasce minha primeira filha, Lorena. Foi minha realização pessoal, minha alegria diária, um sonho realizado e junto com ela nasceu também uma mãe. Foi com assim que descobri o amor incondicional. Ela me ensina a cada dia a ser melhor como pessoa e a ampliar minha visão do mundo. É uma filha dedicada, estudiosa e de personalidade forte.

No ano de 2009, mudei de emprego e comecei a trabalhar em um escritório contábil, iniciei no departamento fiscal e depois assumi o departamento pessoal, nesse período, incentivada por uma amiga, resolvi prestar vestibular para o curso de Pedagogia numa faculdade privada na cidade onde resido. Fui aprovada na

1ª colocação e assim voltei a estudar e conhecer as novas teorias, métodos de alfabetização, avaliação, PCNs e os estudiosos, principalmente Paulo Freire. Seus estudos e livros foram norteadores para meus próprios estudos e escrita de artigos em eventos acadêmicos.

No período em que eu estava estudando a graduação, trabalhando em um escritório contábil e com uma filha pequena, decidi estudar para me preparar para concurso público na área em que optei por formação. Assim, no ano de 2011, participei do certame no município em que resido, conseguindo aprovação em 2º lugar para o concurso de professores de anos iniciais na zona rural. Para mim, foi um momento de grande alegria conseguir aprovação em um concurso público.

Saí do escritório contábil e, em fevereiro de 2012, tomei posse e assumi minha primeira turma do 3º ano do ensino fundamental com 17 alunos numa escola da zona rural no município de Limoeiro - PE. Foi um desafio voltar a lecionar, mas junto vieram expectativas, vontade de colocar em prática tudo que estava aprendendo na faculdade. Eu me dediquei com entusiasmo, planejava aulas, atividades e materiais didáticos para que minhas aulas fossem dinâmicas e atrativas. Tive a alegria de trabalhar com excelentes profissionais que estavam dispostos a colaborar com uma professora iniciante.

Nesse primeiro ano, o maior desafio foi me adaptar a inclusão de alunos com deficiência. Como professora iniciante, recebi três alunos com deficiências diferentes e precisei aprender na prática como desenvolver as atividades com eles e para eles, embora o assunto fosse discutido na sala de aula da graduação, senti que não recebi as orientações básicas necessárias para a preparação das atividades adaptadas, e foi na prática e com minha curiosidade que fui estudando e experimentando as atividades pesquisadas na internet.

“cabe a ele, a partir de observações criteriosas, ajustar suas intervenções pedagógicas ao processo de aprendizagem dos diferentes alunos, de modo que lhes possibilite um ganho significativo do ponto de vista educacional, afetivo e sociocultural” (Prado; Freire, 2001, p. 5).

No ano de 2013, concluí minha graduação na Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA com a defesa da minha monografia “Bibliotecário e professor: parceiros na formação de alunos leitores” (2013). Com a minha paixão por biblioteca escolar e a consciência sobre a importância de estimular o hábito da leitura, pude observar e compreendi que a biblioteca é um espaço pouco valorizado e explorado, e geralmente tem à frente um profissional readaptado ou que aguarda a aposentadoria. Partindo desses questionamentos, o tema “Biblioteca Escolar” foi escolhido para meu trabalho de conclusão de curso na graduação de Pedagogia. De acordo com o Manifesto da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar, (IFLA, 1999, p. 2) “professores e bibliotecários ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação”.

Logo após a conclusão da graduação, iniciei o curso de especialização na Faculdade Escritor Osman da Costa Lins, em Gestão Escolar e Supervisão Pedagógica, concluindo em 2014 com o artigo “Políticas públicas para a biblioteca escolar: limites e possibilidades para o incentivo à leitura e à pesquisa” (2014). Optei por essa especialização por acreditar que se faz necessário que o profissional tenha conhecimento na área e se aproprie de teorias básicas que possam subsidiar seu trabalho e por almejar muito exercer a função de coordenadora pedagógica. Ainda é

uma realidade nas escolas da rede municipal que a maioria dos profissionais que ocupam o cargo de gestor e coordenador não tenham formação específica na área.

Depois que retomei os estudos, não quis mais parar. Estou sempre participando de formações continuadas e fazendo cursos de aperfeiçoamento, principalmente na modalidade EAD, por permitir a flexibilidade dos horários de estudo. A formação do professor é um processo contínuo, e para Nóvoa (1997, p. 26), “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando”.

Concursada e deicida a seguir carreira na educação, decidi estudar e me especializar em diferentes segmentos da educação. No ano de 2014 concluí o curso Técnico em Biblioteca, curso subsequente que realizei de forma semipresencial ofertado pelo governo do Estado de Pernambuco.

Assim, ao longo desses anos no município lecionei em turmas dos anos iniciais do ciclo de alfabetização, fui coordenadora escolar no programa Mais Educação, depois coordenadora pedagógica de anos iniciais, professora da EJA, nesta particularmente foi uma experiência incrível e despertou em mim mais interesse em estudar Paulo Freire.

Em 2015, exercendo a função de coordenadora pedagógica de uma escola da rede municipal, participei de um concurso de projetos pedagógicos promovido pelo DETRAN-PE com o tema “Educação no Trânsito”, consegui o 3º lugar na classificação geral, considero um fato importante no meu percurso de formação, pois foi necessário estudar, planejar e orientar minha equipe de professores para essa execução, o que resultou na classificação em nível estadual.

Como o professor normalmente tem mais de um vínculo, no decorrer desse tempo também trabalhei com contratos temporários em cursos para jovens pelo SESI, SENAI, cursos profissionalizantes e na EJA/MÉDIO pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

Em 2017 participei de uma seleção para a vaga de coordenadora pedagógica em uma Organização da Sociedade Civil - OSC, Obra Social Santa Isabel que trabalha com atendimento pedagógico e acolhida no contra turno escolar à crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, aprovada na seleção passei a desempenhar concomitante ao trabalho da prefeitura essa função.

É um trabalho gratificante pois, me identifico com atividades de cunho social e é nesses espaços que fortalecemos as lutas por políticas públicas de garantia de direitos básicos aos cidadãos. Nesse mesmo ano também concluí o curso de Técnico em Secretaria Escolar, ofertado pelo governo do estado, curso subsequente que realizei de forma semipresencial.

Nesse período da minha vida já estava me sentido realizada profissionalmente e decidida a continuar meus estudos, porém tive que adiar os planos, pois em 2018 Deus me concedeu mais uma graça: nasceu meu filho, Filipe Henrique. Não foi planejado, mas foi recebido com muito carinho e amor, completando assim a minha família e me deixando uma mulher plenamente realizada na vida pessoal. Hoje uma garotinho sapeca e inteligente que me enche de alegria e me motiva a continuar na luta.

Atualmente exerço a função de gestora escolar na escola municipal João Heráclio Duarte na cidade que resido, a escola oferta Anos Iniciais, Finais e EJA, atendendo em torno de 400 alunos distribuídos no turno da manhã, tarde e noite e exerço a função de coordenadora pedagógica na Obra Social Santa Isabel - OSSI que

atende crianças entre 05 e 12 anos em situação de vulnerabilidade social. Assim, passo o dia a dia inserida em espaços educacionais, trocando experiências e buscando fazer o meu melhor sempre. No início do ano de 2021 iniciei a Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à EJA com ênfase em Didática - EJA/PROEJA, um curso que desde seu início me fascinou pelo fato de apresentar as possibilidades e ferramentas voltadas para a educação profissional integrada a EJA. Pois,

[...] o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer (Brasil, 2000, p. 56).

Ao final de 2021, o desafio para continuar o caminho da especialização se tornou ainda maior, pois iniciei outra especialização também no formato EAD, Especialização em Psicomotricidade, por ser a última turma conforme a Lei nº 13794/2019. A partir de janeiro de 2023, a regulamentação da profissão se dará apenas aos portadores de diploma do curso de graduação ou que tenham concluído o curso de especialização antes da referida data. Mais uma vez, não perdi a oportunidade de estudar um conteúdo que desperta em mim interesses, pois é permitido trabalhar com as diversas faixas etárias ajudando no processo de aprendizagem.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/ PROEJA

“É pensando a prática de hoje, ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (

Freire, 1996). Minha primeira experiência com a Educação de Jovens e Adultos foi em 2016 numa escola da rede estadual no município de Limoeiro - PE na turma de EJA médio. Em 2017 assumi uma turma na rede municipal, 1ª fase, foi uma experiência incrível, pois era para alfabetizar, a maioria dos estudantes da turma eram idosos e precisei me adequar a essa realidade, mas a cada avanço dos estudantes e a determinação daquelas senhoras e senhores me fazia levantar diversos questionamentos quanto as políticas públicas para a EJA nas cidades do interior do estado, pois sabemos que esse público diversificado da EJA requer ações pontuais e sobre as políticas para a alfabetização dos idosos.

A profissionalização na EJA não acontece na esfera municipal, também se faz necessário ampliar a oferta da EJA dentro das comunidades, principalmente para atender aos idosos, aqui no município eles querem ser alfabetizados e os entraves acontecem principalmente com as etapas da escolarização, por vezes é necessário um período maior dedicado ao processo de alfabetização deste público. Para os jovens que são estudantes da EJA seria uma possibilidade de oportunizar além da formação a profissionalização, visto que a maioria não tem condições para se deslocar à capital em busca de formação em instituições federais.

No ano de 2021, assumi a gestão da escola onde lecionei na EJA na turma da 1ª fase. Foi uma satisfação voltar à escola e encontrar alguns alunos estudando. A escola fica em uma comunidade onde parte dos moradores não concluíram os estudos; e alguns

estudantes a quem lecionei expressavam desejo de continuar os estudos, mas não continuaram porque, no momento, a escola só ofertava 1ª e 2ª fases. Por esses motivos, nós nos articulamos junto à Secretaria Municipal de Educação e ampliamos a oferta para a 3ª e 4ª fases. O estímulo, a garra e a determinação em aprender desses estudantes que estão na faixa etária entre 50 e 70 anos me faz acreditar no poder transformador da Educação e assim continuar minha missão.

Em 2022, assumi a gestão de outra escola municipal, João Heráclio Duarte, onde, além do ensino fundamental, também são atendidos estudantes da EJA, e no turno da noite são ofertadas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª fases. Nessa escola, o público da EJA é bem diversificado. A baixa frequência e a evasão são as dificuldades que identifiquei na escola para as turmas da EJA.

As experiências com os cursos profissionalizantes SENAI, SENAC e com a docência na EJA foram os estímulos necessários para pleitear a uma vaga na formação voltada para EJA/PROEJA, uma vez que, estar numa gestão escolar requer rever conceitos, trocar experiências, ter fundamentação que irá nortear meu trabalho. Embora que, optei por ênfase em didática, mas os conteúdos estudados me ajudam na gestão da escola.

Dentro deste meu itinerário formativo, fiz a opção pela ênfase em Didática, por me identificar com a prática docente, outro ponto relevante é a possibilidade de trazer para a sala de aula da EJA trabalhar as habilidades e talentos dos alunos, que acaba ficando em segundo plano. Para Bastos (2009, p. 13), “prevê-se que o docente estimule os alunos a estudar e que preste atendimento aos que apresentem ritmos diferenciados de aprendizagem, incluindo os de educação especial inseridos em turmas regulares”.

Quando iniciei o curso de especialização, pude agregar gradativamente o conhecimento técnico a toda prática e realidade que temos do ensino na EJA. Fazendo uma análise com os conteúdos estudados, a partir das minhas observações os conteúdos trabalhados nas turmas de EJA seguem de forma sistemática e mecânica, faltando mais contextualização, percebemos práticas infantilizadoras, precariedade de recursos materiais e a falta de um laboratório de informática acabam limitando o trabalho dos professores.

Partindo desse contexto e na atividade da disciplina Práticas Pedagógicas na Educação Profissional Integradas à EJA junto a minha colega de turma que também é a coordenadora da escola que trabalho elaboramos um projeto pedagógico que será aplicado no 2º semestre.

Trata-se de um projeto interdisciplinar voltado para o tema Educação Ambiental, que será realizado com as turmas de 1ª a 4ª fase da Educação de Jovens e Adultos sob orientação dos professores e equipe gestora da escola. Será construído um viveiro de mudas no espaço escolar, onde os alunos produzirão mudas de pés de limão, árvore que originou o nome da cidade, e que, posteriormente, serão doadas para plantio nas outras escolas do município.

A ideia desse projeto surgiu a partir da observação de que em nossa cidade há pouquíssimos pés de limões, e com esse projeto poderemos manter viva e preservada a história da nossa cidade, como também servir de incentivo para os alunos da EJA no que se refere ao empreendedorismo na fabricação e venda de produtos feitos à base de limões, assim servindo de fonte de renda para os mesmos.

O PROEJA foi criado para integrar a Educação Profissional à Educação de Jovens e Adultos no Brasil, pelo Decreto N.º 5.478

de 2005, nas instituições federais de educação tecnológica, que além de garantir um percentual de vagas destinada aos ingressos, garante formação inicial e continuada de trabalhadores e educação profissional técnica de nível médio (BRASIL, 2005). Sendo a proposta para as instituições federais, como residuo numa cidade do interior do estado e não havendo institutos federais a EJA médio é ofertado pelas escolas da rede estadual.

Vale ressaltar que, a abordagem do PROEJA sobre o currículo integrado implica questões sociais e princípios educativos e tecnológicos, não se trata meramente de uma educação profissional, tecnicista, “abandona-se a perspectiva estreita de formação para o mercado de trabalho, para assumir a formação integral dos sujeitos, como forma de compreender e se compreender no mundo (Brasil, 2007, p. 43)”.

A educação profissional e tecnológica, comprometida com a formação de um sujeito com autonomia intelectual, ética, política e humana, exige assumir uma política de educação e qualificação profissional que não vise adaptar o trabalhador e prepará-lo de forma passiva e subordinada ao processo de acumulação da economia capitalista, mas, sim, que esteja voltada para a perspectiva da vivência de um processo crítico, emancipador e fertilizador de outro mundo possível (Moura, 2006, p. 10).

O curso me trouxe várias reflexões como a necessidade de práticas pedagógicas inovadoras, integradoras e democráticas. A importância do diálogo com os estudantes para despertar neles o sentimento de pertencimento ao espaço escolar, nesta perspectiva, o diálogo e a valorização da relação humana é um trabalho coletivo, para Libâneo, (2012, p. 448), “o contexto social e político, a construção de relações sociais mais humanas e justas e a valorização

do trabalho coletivo e participativo”, são necessários no processo educacional dos estudantes da EJA.

Compreender que a modalidade da EJA possui particularidades e especificidades requer do profissional ações, reflexões e um trabalho diferenciado, considerando os objetivos da EJA e a função social da modalidade de ensino e da escola foram pontos elencados e discutidos nas disciplinas do curso.

Na perspectiva da pedagogia libertadora, a educação deve estar voltada para a formação plena do ser humano, conforme Freire (2002, p. 193), “não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos direitos à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser”.

A minha experiência junto aos estudantes da EJA me mostra que o público é bem diversificado, quanto à faixa etária, condição social, aspectos religiosos e culturais. As turmas são formadas por trabalhadores formais e informais, desempregados, donas de casa, pessoas com deficiência, e é justamente essa diversidade que me encanta, pois esses estudantes trazem em comum o desejo de superar as condições de vida, terem autonomia e as mulheres especificamente, buscam empoderamento, pois a maioria sofre diversas violências domésticas e veem no estudo e na formação profissional uma oportunidade para resgatar a dignidade.

Vejo que, considerar as experiências de vida dos estudantes da EJA é valorizar o conhecimento empírico, na perspectiva de uma educação construída na coletividade, de maneira dialógica, conforme Freire (1987, p. 68) elucida que “os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Com a conclusão da especialização e minha experiência com a EJA, estou construindo meu perfil do profissional para a

EJA/PROEJA e considero importante a formação continuada, uma vez que o processo formativo deve ser contínuo e permanente. De acordo com Nóvoa (1992, p. 10), “ser professor obriga a opções constantes, que cruzam à nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser”.

Foram as leituras das obras de Freire, iniciadas no curso do magistério, que despertaram em mim tanto interesse pela EJA, e na especialização pude aprofundar meus conhecimentos e refletir sobre a importância da interiorização do PROEJA, pois no momento atual é crescente a procura pela EJA, e cada vez mais o público é formado jovens e adultos em idade de serem inseridos no mercado de trabalho. Nesse sentido, “para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se)” (Freire, 1980, p. 33-34).

Faz-se necessário voltar às discussões para a ampliação e a oferta da modalidade PROEJA, e a formação dos profissionais da educação de jovens e adultos. Conforme parecer CNE/CEB nº11/2000 do art. 8, que cita a importância da formação de professores para a EJA:

Com maior razão pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim, esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com essa parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente

que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer. (Brasil, 2000, p. 56).

A especialização nos norteia quanto à estigmatização da EJA como uma educação assistencialista ou reparadora, é preciso que novas posturas sejam adotadas em sala de aula e nas gestões, se adequando a realidade e experiência de vida dos estudantes, contribuindo para a formação educacional, social e política.

As funções reparadora e equalizadora, por meio das quais o Parecer CNE/CEB N. 11/2000 atribui o caráter de fazer cumprir o dever do Estado para assegurar o direito de todos à educação, reduzindo a desigualdade entre os que a tiveram e aqueles aos quais o acesso foi interditado, associa-se à terceira função, a qualificadora. Esta função, segundo o Parecer, revela o verdadeiro sentido da EJA, compreendida na perspectiva da formação para o exercício pleno da cidadania, por meio do desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo de cidadãos participativos, conscientes de seus direitos sociais e de sua compreensão/inserção no mundo do trabalho, entendido como elemento fundamental ao processo de omnização de homens e mulheres e de produção cultural (Brasil, 2007, p. 42).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da especialização foi desafiador e ao mesmo tempo tornou-se um refúgio, o momento pandêmico que o mundo enfrentava, onde a cada dia aumentava o medo e a insegurança, o isolamento social passou a fazer parte de nossas vidas, então passei a buscar formas de ocupar o tempo com atividades diversas, o

estudo passou a ser a ponta de esperança que em breve poderíamos voltar a nossa rotina normal na vida e no trabalho.

Como sempre tive interesse pela Educação de Jovens e Adultos não poderia perder a oportunidade de cursar a especialização, principalmente por ser ofertada por uma instituição federal na modalidade EAD e ser sobre EJA/PROEJA. Uma vez que, para as pessoas que moram em cidade do interior como eu, as opções de estudo acabam sendo limitadas e algumas vezes nos deslocar para a capital torna-se inviável, principalmente pela pouca disponibilidade de tempo e alto custo financeiro. Um processo formativo como este, permite aos profissionais da educação atribuir sentido as políticas públicas educacionais e ver os estudantes da EJA como sujeitos de transformação social.

Vejo como significativo conhecer e ter estudado sobre a importância da educação integrada para os jovens e adultos, foi por meio da leitura dos materiais que conheci a finalidade do PROEJA, que se trata de um Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica para Educação de Jovens e Adultos, ou seja, foi uma política pública que busca ofertar aos jovens e adultos que deixaram de estudar, desta forma o ensino médio na modalidade EJA articulado à Educação profissional oportuniza a esses estudantes a inserção ao mercado de trabalho. Assim, eles têm a oportunidade de receber a educação formal e uma qualificação profissional de nível técnico.

E eu no meu papel de agente de transformação, de educadora que busco a cada dia deixar minha contribuição na educação, vejo que se faz necessário estarmos em constante busca por conhecimento e atualizando as nossas informações. Como vimos da disciplina Administração e planejamento a importância de termos conhecimento e participação na construção do PPP, bem como

traçar planos de ação que visem pontuar as causas que interferem na aprendizagem da EJA e as ações a serem executadas como na disciplina de políticas públicas para EJA/PROEJA que nos permitiu debruçar sobre o PNE e fazer um paralelo com o Plano Municipal de Educação.

No decorrer do curso tive a certeza que fiz a escolha certa, os conteúdos abordados em cada disciplina trouxeram grandes contribuições para minha vida profissional e a formação enriquecerá meu currículo. A nível municipal são poucos professores que possuem especialização em EJA ou PROEJA.

Durante todo o curso foi promovido vários momentos de troca de experiências e reflexões, com a conclusão da especialização posso afirmar que, ampliou minha compreensão e entendimento sobre a educação de jovens e adultos. Hoje me sinto mais capacitada para atuar nesta modalidade de ensino, pois me trouxe incentivo e esclarecimento para que eu possa continuar na busca de aprimorar minha prática docente.

Cada disciplina estudada me levou a pensar sobre a importância do professor da EJA passar por uma especialização específica sobre a EJA. Estudar os documentos, leis e diretrizes e as práticas do professor provocaram a sensibilização e os sentimentos de querer compreender e ajudar os estudante da EJA a superar os desafios do processo de ensino aprendizagem.

Sobre a escrita do memorial, relembrar fatos e acontecimentos da minha vida pessoal, acadêmica e profissional me fez perceber que o processo de construção aconteceu como uma engrenagem, uma ação embasou a outra e assim pude fazer minha escolha profissional e exercer minha função. Não foi uma escrita fácil, falarmos sobre si mexe com sentimentos, traz boas lembranças mas, nos faz viajar por momentos difíceis, durante toda a escrita

a cada acontecimento narrado era necessário uma pausa para refletir, recordar o momento e por vezes segurar as lágrimas não foi possível.

Pude concluir que, a partir das minhas experiências profissionais, por estar na educação e abraçar a causa a especialização veio para nortear meus pensamentos e continuar na luta por uma educação de qualidade, principalmente para aqueles que constantemente têm seus direitos negados. Luto por uma educação pública de qualidade e o curso me mostrou as possibilidades de continuar nesse processo e me mostrou que, a formação para os profissionais na modalidade EAD é um caminho que pode contribuir para o crescimento pessoal e profissional. É através da educação que vamos conscientizar e emancipar os oprimidos.

Embora não sendo um percurso fácil além da vida profissional e pessoal tive que me dedicar ao curso, foram dias de abnegações, ausência nos encontros da família e amigos, noites de sono e fins de semana de dedicação em tempo integral, as leituras e estudos dos materiais, na certeza de que posso ser a voz que pensa e repensa a EJA/PROEJA dentro e fora da escola e, que posso contribuir para que jovens e adultos se coloquem no mercado de trabalho, ajudar a reduzir o número de evasão escolar nessa modalidade de ensino e segui firme a formação. Como a minha meta de vida é não perder tempo e adquirir conhecimentos sigo sempre atenta as oportunidades.

REFERÊNCIAS

BASTOS, J. **O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/ MG 2009.**

Mestrado em educação – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <http://www.Biblioteca.pucminas.br/teses/EducacaoBastosJA1.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos.** Brasília, DF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Documento base da educação profissional técnica de nível médio integrado ao ensino médio.** Brasília, 2007.

BRASIL. PROEJA - Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. **Documento Base.** Brasília: 2007.

BRASIL. Lei nº 13.794 de 03 de janeiro de 2019. Lei da regulamentação do psicomotricista. **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 2019.

BRASIL. **Decreto N.º 5.478 de 24 junho de 2005.** Institui, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/D5.478.html. Acesso em: 12 maio 2022.

BRASIL. **Decreto N.º 6.095 de 24 de Abril de 2007.** Estabelece diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6095.htm. Acesso em: 10 jul. 2022.

CARRILHO, M. F. P. As estratégias interativas do professor tutor na construção do memorial de formação. **Revista de humanidades,** n. 11(28), 2010, ago/

dez. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/osj/index.php/mneme>. Acesso em: 01 jun. 2022.

FREIRE, P. O Homem e Sua Experiência / Alfabetização e Conscientização. *In*: FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980, p. 13-50.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina**. Editora: Unesp, 2. edição revista, 2002.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo – vol. 2**: sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Manifesto IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**. Tradução de Neusa Dias de Macedo. São Paulo: IFLA, 1999. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2022.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2002.

KUHLMANN JR., M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LIBÂNEO, J. C. **Educação Escolar: Política, estrutura e organização**. O sistema de organização e gestão da escola: teoria e prática. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MOURA, D. H. **EJA: A formação técnica integrada ao ensino médio**. Boletim Salto para o Futuro, n. 16, Brasília, MEC, p.3-23, 16 set. 2006. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 29 jun. 2022.

NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Portugal, Porto: Editora: Porto, 1992.

NÓVOA, A. (coord). **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 1997.

PRADO, M. E. B. B.; FREIRE, F. M. P. A formação em serviço visando à reconstrução da prática educacional. *In*: FREIRE, F. M. P.; VALENTE, A. (orgs.). **Aprendendo para a Vida**: os Computadores na Sala de Aula. São Paulo: Cortez, 2001.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Especialização em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA)**, 2018. Disponível em: <https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/course/view.php?id=4732>. Acesso em: 27 jun. 2022.

SANTOS, S. M. P. **O lúdico na formação do Educador**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

APÊNDICE A

POEMA: VIDA DE EDUCADORA

Uma história fascinante
Aqui eu vim contar
É sobre uma verdadeira amante
Da arte de ensinar

Menina estudiosa e sonhadora
Os livros, sua paixão
Brincava de professora
E “ensinava” com dedicação

Filha de educadora
Viu na mãe inspiração
E a menina desbravadora
Escolheu o campo da educação

Durante a vida acadêmica
Muito estudo e dedicação
E com essa dinâmica
Descobriu que ensinar é sua vocação

Entre números, livros e letras
Em muitos despertou o prazer de aprender
Na simplicidade corriqueira
Ela aprendeu a ser

Que ser educadora é divino
Transformador e esperançoso
Traz nas mãos o ensino
E no peito um coração audacioso

Trabalha com menino
Adolescente e até idoso
Discute empoderamento feminino
Num trabalho minucioso

Ela sonha em mudar o mundo
Por isso trilha na educação
Com pensamento fecundo
Alimenta sua paixão

A educação é assim
Se faz na construção diária
É como cuidar de um jardim
Cada planta é única e necessária

A todos que por ela passou
Sua palavra é gratidão
Por tudo que a ensinou
Aqueceu seu coração

E aos que irão encontrar
Prazer
Educar é sua nobre missão.

Autora: Anne Micheline

IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE EM FORMAÇÃO: RESSIGNIFICANDO POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

ANTONIO ALEX DAYSON TOMAZ

Orientadora: Profa. Helenice Lopes Barbosa

Este trabalho consiste numa narrativa crítica e reflexiva sobre o processo de formação ocorrido durante o Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Natal Zona Leste.

Para isso, elaborou-se um memorial de formação que, segundo Prado e Soligo (2007) é “um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período”.

Teixeira *et al.* (2010) destacam que a formação docente não se limita aos cursos e vivências que o professor participou, mas a abrange toda a história de vida do professor. Passeggi (2010)

também destaca que no memorial de formação, o autor tem a oportunidade de refletir sobre a importância que as pessoas, os fatos e os acontecimentos narrados contribuíram para sua formação intelectual e profissional.

Assim, o objetivo deste trabalho é refletir e discutir de forma crítica algumas experiências vividas e aprendizagens ocorridas que contribuíram para a construção da minha identidade docente na EJA/Proeja ao longo da vida e deste curso de pós-graduação *lato sensu* oferecido pelo IFRN.

O Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/PROEJA, do IFRN, Campus Natal Zona Leste, iniciou a oferta de turmas em agosto de 2018 na modalidade à distância.

Com uma carga horária total de 480 horas, são oferecidos dois itinerários formativos, um com ênfase na Didática e outro com ênfase na Gestão. Os dois itinerários possuem 19 disciplinas distribuídas em 4 módulos. Os três primeiros módulos são comuns aos dois itinerários e abrangem respectivamente à Qualificação em Educação de Jovens e Adultos, Qualificação em Organização e Gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos e Qualificação em Educação a Distância para Educação de Jovens e Adultos.

O quarto e último módulo é específico para o itinerário formativo escolhido, tendo a Qualificação em Didática da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos para aqueles que optaram por uma formação com ênfase em Didática, e Qualificação em Gestão da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos para aqueles que escolherem uma formação com ênfase na Gestão.

Conforme o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), o objetivo geral dessa ação formativa é oferecer um curso de especialização para docentes e gestores que atuam na Educação Profissional Articulada à Educação de Jovens e Adultos.

Entre os objetivos específicos, destaca-se o de contribuir para a construção de uma educação mais democrática, participativa e socialmente comprometida, além de oferecer ao professor estudante a oportunidade de refletir e debater sobre sua ação docente, contribuindo para mudanças nas práticas curriculares e pedagógicas da formação profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos.

Pierro, Joia e Ribeiro (2001) apontam a necessidade de superar a ideia de que “a função prioritária ou exclusiva da educação de pessoas jovens e adultas é a reposição da escolaridade perdida na “idade adequada”, destacando assim que a educação de jovens e adultos deve também visar atender as diversas necessidades formativas que as pessoas necessitam ao longo de sua vida, sendo para isso necessário a existência de políticas de formação flexíveis que contemplem as diversas dimensões do indivíduo na sociedade.

Assim, a integração entre a Educação Profissional e a Educação de Jovens e Adultos é fundamental, sendo para isso tão necessário e importante a oferta de cursos de formação de professores que possibilitem o trabalho docente nessa modalidade.

Ao finalizar este curso no itinerário formativo com ênfase em Didática, tenho a oportunidade de escrever um memorial de formação que pretende refletir sobre o processo de construção de minha identidade docente, analisando a influência de pessoas, acontecimentos, leituras e experiências não só nesta ação formativa, mas ao longo dos anos que já vivi.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Sou filho de uma professora, formada em pedagogia, que nasceu na cidade de Sobral, Ceará, e que veio para a capital cearense em busca de emprego.

Nasci em um sábado, 20 de novembro de 1982, no Hospital Batista, localizado na cidade de Fortaleza, Ceará.

As recordações mais antigas que guardo da minha infância são aquelas do período da pré-escola.

Em 1986, quando eu tinha 4 anos de idade, minha mãe mudou-se para a residência, onde há 35 anos tenho a satisfação de viver com ela e minha irmã em Fortaleza, Ceará. O desenvolvimento da criança no meio familiar, inicialmente com os pais, é essencial para a inserção do indivíduo na sociedade e nos espaços de aprendizagens formais. Assim, antes mesmo de entrar na escola, minha mãe me ensinou a escrever meu nome, a identificar cores, posições direita e esquerda, dentre muitas outras coisas.

Meus pais sempre acreditavam no poder transformador da educação. Com esforços e apoio deles, que precisaram de abrir mão de muita coisa para que eu estudasse o ensino fundamental e médio em colégio particular e, posteriormente, conseguisse ingressar numa universidade pública.

As melhores recordações que tenho do período escolar foram as que vivi no Ensino Fundamental, em uma escola dirigida por padres que tinha em seu Projeto Político Pedagógico o objetivo de formar seus alunos para a vida. Foi lá que estudei desde o período do jardim I, até a conclusão do ensino fundamental.

Refletindo sobre a formação que tive nessa escola, embora fosse baseada em um ensino tradicional, hoje percebo o quanto

essa escola contribuiu para o desenvolvimento de valores e atitudes humanas que repercutem até hoje em meu modo de agir.

Dentre tantos momentos e professores que me marcaram nesta escola, destaco quando o professor de ensino religioso da 4ª série do ensino fundamental propôs, com a aprovação dos pais dos alunos, uma visita ao aterro sanitário de Fortaleza, antigo lixão do Jangurussu, hoje desativado.

Lembro-me que foi uma experiência marcante, à medida que subíamos o aterro, encontrávamos “favelas” construídas em cima do lixão e víamos famílias com crianças catando lixo naquele aterro no meio de urubus e caminhões que despejavam lixo. E depois de escutar os relatos de algumas dessas famílias, nossa turma resolveu fazer uma campanha para arrecadar alimentos para ajudar algumas dessas famílias.

Essa atividade proposta pelo professor de ensino religioso foi muito importante, pois ajudou a desenvolver a solidariedade entre os alunos e possibilitou um momento de reflexão sobre os problemas que existiam na sociedade, além de propiciar o protagonismo dos estudantes, quando nos organizamos para realizar a campanha de arrecadação de alimentos.

Essa atividade é um exemplo de como a pedagogia da problematização, defendida por Paulo Freire, pode contribuir para os protagonismos dos estudantes e desencadear mudanças nos indivíduos e na sociedade, pois segundo Freire (1970, p. 46) o educador deve propor aos estudantes, “através de certas condições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no risível intelectual, mas no nível da ação”.

O colégio oferecia oportunidades de participação em diversas atividades extracurriculares, como por exemplo, natação, escolinha

de futebol, vôlei, basquete, karatê, teatro, música, jornalzinho da escola, feira de ciências, entre outras.

Destaco, também, que, no Colégio Redentorista, os alunos não eram avaliados por nota, mas por conceitos. Assim, existiam 3 conceitos, NO (lia-se “eni ó”), B e MB, que significavam: não observável (NO), bom (B) e muito bom (MB).

Além dos conceitos NO, B e MB, os boletins apresentavam também os seguintes resultados: não autônomo, quase autônomo, e autônomo, conceitos que fui compreender apenas quando ingressei na universidade.

Em busca de uma escola que preparasse para o ingresso em uma universidade, em 1998, mudei de escola, passei a estudar em um colégio que preparava o aluno para o vestibular, foi lá onde cursei e concluí todo o ensino médio.

Nessa nova escola, a primeira coisa que precisei compreender foi o que significava e como se calculava o resultado de uma nota 3, 5, 7, 8 ou 9,5. Se antes, um MB já era suficiente, agora eu desejava uma nota 10 em meus boletins, pois representava o resultado máximo que eu poderia atingir. O diferencial desse Colégio foi que ao final do ensino médio realmente me senti preparado para o vestibular, apesar de sempre me senti insatisfeito por não ter um tratamento tão humanizado quanto o que havia na outra escola.

Em 2004, ingressei no curso de graduação Licenciatura em Ciências Biológicas, ofertado pela Universidade Federal do Ceará. Ter uma formação na área do ensino me ajudou a desenvolver um olhar mais crítico e reflexivo sobre os processos de ensino-aprendizagem ocorridos nos espaços formais de ensino.

Se por muito tempo, considerei que a escola que avaliava por conceitos estava muito atrasada ao não utilizar a mesma forma de avaliação usada no vestibular, ao cursar as disciplinas

da licenciatura e depois de conhecer diversas metodologias de ensino e teorias da aprendizagem, pude rever e refletir melhor sobre o processo de avaliação escolar e a considerar que aquela avaliação por conceitos foi a mais apropriada com a proposta de formação da escola.

Destaco também, que na universidade tive a oportunidade de conviver com pessoas, com pluralidades de ideias e de saberes diversos que enriqueceram meu processo de formação. A autonomia e a autorresponsabilidade no processo de aprendizagem são outras atitudes que pude desenvolver ao longo do curso de graduação, destaco por exemplo, que havia um professor que deixava os alunos fazerem a prova sozinhos em sala de aula, e ninguém ousava “pescar” ou “colar”, o que representava um exercício de maturidade para muitos. Em 2008, ocorreu minha colação de grau em Ciências Biológicas, a partir de então, minha preocupação maior era conseguir um emprego.

Meu primeiro emprego foi no IBGE, trabalhando no setor administrativo durante o Censo de 2010. No IBGE, que tive a oportunidade de conhecer diversas rotinas da administração pública, como por exemplo licitação, gestão de materiais, e comunicações oficiais.

Em 04 de fevereiro de 2011 ingressei, como servidor público, na Secretaria de Acessibilidade da UFC, onde atualmente trabalho. Foi na Secretaria de Acessibilidade que tive a oportunidade de enriquecer de forma bem diversificada saberes e práticas profissionais não só na área administrativa, mas também na área da educação.

Aprendi muito ao fazer parte de um grupo de trabalho que pensa e implementa políticas de acessibilidade e inclusão na

área da Educação, e ao conviver e conhecer pessoas com diversas condições de deficiência.

Em 2014, conclui uma especialização em Administração Pública ofertada pelo Centro Universitário Estácio do Ceará. Durante essa especialização, tive a oportunidade de conviver com outros profissionais, o que foi uma experiência bastante enriquecedora.

Acredito que aprendizagem é um processo contínuo, que ocorre em diferentes momentos, de diferentes formas, com diferentes pessoas, e em diferentes ambientes e culturas. Desejando contribuir e participar de forma mais ativa na área da educação, seja na pesquisa, no ensino ou na extensão, em 18 de março de 2021, iniciei o Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/PROEJA, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Natal Zona Leste.

Como será visto na próxima seção, este curso trouxe riquíssimas contribuições no contínuo processo de construção de minha identidade docente.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Fundamentos da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos foi uma das primeiras disciplinas cursadas no Módulo I desta especialização. Nessa disciplina, além de ler sobre a história e a base legal da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, conheci os

princípios norteadores de um currículo integrado e os principais aspectos técnicos, éticos e políticos necessários para formação do educador que atua na Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos.

Conforme consta no Documento Base do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) publicado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2007, o trabalho dever ser o princípio educativo desta modalidade de educação.

O aprendizado que tive nessa disciplina provocou em mim uma série de reflexões sobre o papel da educação, principalmente para o público da Educação de Jovens e Adultos. Percebi o quanto é importante considerarmos os diversos contextos que cada aluno está inserido e que o processo de ensino-aprendizagem precisa está associado ao mundo do trabalho e principalmente contribuir para transformações sociais na vida dos indivíduos.

Segundo Frigotto (2001), uma vez que o trabalho constitui a natureza humana de cada indivíduo na sociedade, ele é além de um direito um dever, devendo, por tanto ser aprendido e socializado desde os anos iniciais. Assim, contrapondo-se à visão mercadológica de uma educação profissional voltada apenas para a formação de mão-de-obra, Frigotto defende uma visão ontológica do trabalho que promova a emancipação do indivíduo, devendo, portanto, a educação também ter esse compromisso.

Destaco também que a Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, representou um avanço para a Educação de Jovens e Adultos ao reconhecê-la como uma modalidade de educação voltada para aqueles que não concluíram o ensino fundamental e/ou médio na idade própria, reconhecendo também a necessidade de sua articulação com a

educação profissional e a importância da educação e da aprendizagem ao longo da vida.

Outra disciplina muito importante foi Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional”. Nessa disciplina destaco a realização de uma atividade que me motivou, a partir da leitura do Plano Municipal de Educação de minha cidade, refletir sobre a existência de políticas nacionais e locais de integração entre a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Profissional e Tecnológica, bem como o acompanhamento da implementação dessas políticas. Foi muito importante conhecer as metas propostas para essa modalidade de educação e saber em quais documentos elas estavam registradas, pois me motivou a procurar acompanhar o andamento dessas políticas e a ter uma visão mais engajada e comprometida com a transformação social a partir da educação.

Na disciplina de Didática refleti sobre alguns conceitos e teorias da Didática que já havia aprendido durante meu curso de licenciatura em Ciências Biológicas, porém desta vez, tive a oportunidade de refletir com um olhar voltado para o público da Educação de Jovens e Adultos.

Ler novamente sobre as diversas tendências pedagógicas, as concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem e a função social do ensino contribuíram para que eu percebesse a Educação como algo político e social, sendo, portanto, intencional, carregada de motivos e justificativas. Essa reflexão crítica sobre o papel da escola na sociedade é necessária não só durante os processos formativos, mas também durante a prática profissional do educador. Isso representa para mim uma mudança de paradigma na minha prática profissional, pois a partir do momento que reflito sobre

meu próprio agir, reflito também sobre meu papel na sociedade e sobre qual o meu compromisso com a educação.

Entre tantas leituras realizadas nesta disciplina, destaco a obra “Educação e Mudança” de Paulo Freire, um dos autores que continuo a admirar e cuja leitura foi fundamental nesse processo de formação.

A respeito da importância desse olhar crítico e reflexivo do professor sobre si e sobre a sociedade, Freire (1989, p. 10) afirma:

Não é possível um compromisso autêntico se, àquele que se julga comprometido, a realidade se apresenta como algo dado, estático e imutável. Se este olha e percebe a realidade enclausurada em departamentos estanques. Se não a vê e não a capta como uma totalidade, cujas partes se encontram em permanente interação. Daí sua ação não poder incidir sobre as partes isoladas, pensando que assim transforma a realidade, mas sobre a totalidade. É transformando a totalidade que se transformam as partes e não o contrário.

Assim, percebo que refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos e sobre a Educação Profissional e Tecnológica é também refletir sobre os objetivos das políticas educacionais e sobre o público atendido por elas, e principalmente refletir sobre os anseios dos atores envolvidos e/ou excluídos do processo de construção dessas políticas.

Outra disciplina importante foi Organização e Normas Aplicadas à Administração, Planejamento e Avaliação Institucional. Nessa disciplina, busquei aprofundar leituras sobre a elaboração de Projeto Político-Pedagógico democrático e participativo.

Conforme Loures e Freitas (2019), o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola deve ser um instrumento que abranja o pluralismo

de ideias e de concepções pedagógicas que contribuam para que o aluno desenvolva suas competências e habilidades.

Porém, expandindo a compreensão do PPP para além de suas finalidades pedagógicas, Nascimento, Nascimento e Lima (2020, p. 124) afirmam que:

Em consequência disso, há que se considerar que o Projeto Político Pedagógico deve trazer na sua intencionalidade marcas atinentes aos modos de ver e entender a realidade social, aspectos humanizadores e educacionais dos gestores das políticas públicas, dos gestores escolares, dos educadores, da comunidade escolar de um modo geral, em consonância com os anseios e interesses de seus integrantes.

Assim, pensando no público abrangido pela Educação de Jovens e Adultos, aprendi que na construção do PPP não se deve desprezar a realidade social existente de cada indivíduo, ou seja, a escola não pode estar alheia aos anseios da sociedade e de seus indivíduos, principalmente aos anseios dos excluídos, aos desejos daqueles que buscam na escola uma oportunidade de inclusão social, de inclusão no mundo do trabalho, desejos daqueles que acreditam no poder transformador da educação.

Outra disciplina importante neste curso de especialização foi Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional Integrada à EJA. Além das leituras realizadas nessa disciplina, destaco uma atividade onde a professora propôs que eu me imaginasse como coordenador pedagógico e que elaborasse um plano de ação a ser implementado em uma escola que oferecia Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional.

Nessa atividade tive a oportunidade de refletir como colocar em prática saberes e conhecimentos que eu estava desenvolvendo ao longo do curso. Além disso, compreendi o quanto é importante

a atuação do coordenador pedagógico na escola de forma que ele possa não apenas contribuir na elaboração do projeto pedagógico da escola, mas também acompanhar esse projeto durante toda a execução de forma colaborativa e participativa com todos.

Já na disciplina Práticas de Letramento na EJA refleti sobre a função social do letramento, a pedagogia crítica e a importância dos gêneros discursivos para o processo de inclusão do indivíduo na sociedade, o que me permitiu compreender que minhas práticas pedagógicas como professor precisam estar contextualizadas com a realidade de cada indivíduo em sala de aula a fim de que a escola seja um espaço que possibilite transformações sociais na vida do aluno, conforme afirma Freire (1970, p 37):

Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Daí que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos de uma realidade.

Na disciplina Tecnologias Educacionais aplicadas à Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos destaco o aprendizado que tive sobre o uso de metodologias ativas de aprendizagem e como desenvolver projetos de aprendizagem com Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs).

Ainda existem desafios para o uso de TDICs no ensino, principalmente na escola pública, como por exemplo, destaco a falta de infraestrutura da escola, a falta de formação adequada dos professores e a exclusão digital de muitos alunos. Mas apesar desses desafios, ao fim dessa disciplina, fiquei mais motivado a usar TDICs e metodologias ativas de aprendizagem, como por

exemplo, a pedagogia por projetos e a aprendizagem baseada em problemas.

Esses desses desafios foram também motivos de reflexão na disciplina Gestão da educação a distância. Foi nessa disciplina que aprofundi diversos conhecimentos sobre a educação a distância, uma modalidade educacional tão importante como a presencial. Percebi que, desde sua concepção, os cursos planejados para funcionarem a distância possuem características próprias que precisam ser consideradas como por exemplo, infraestrutura, ambientes virtuais de aprendizagem, equipe pedagógica especializada e estratégias pedagógicas diferenciadas.

Na Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, a Educação a Distância (EaD) pode também representar uma possibilidade para a escola ou para o aluno. Isso porque, nessa modalidade educacional, o aluno tem mais autonomia e flexibilidade para organizar e conciliar seus estudos com outras atividades do seu dia, como por exemplo o trabalho e a família.

Assim, uma vez que a EaD possui especificidades próprias, percebi o quanto é importante formações contínuas que possibilitem o professor também atuar na nessa modalidade, principalmente, utilizando os mais diversos recursos tecnológicos disponíveis e apropriados com a realidade de seus alunos e da comunidade em torno da escola.

Considero que também foram muito relevantes as contribuições da disciplina Planejamento Educacional em EaD para Educação de Jovens e Adultos, pois permitiu que eu desenvolvesse conhecimentos e habilidades necessários para planejar, de forma efetiva e coerente com o público-alvo, aulas e encontros presenciais em cursos de educação profissional na modalidade EaD.

Ao pensar nos desafios existentes para promover a inclusão de jovens e adultos por meio da educação profissional é necessário também destacar as importantes leituras sobre os princípios da andragogia propostos por Knowles (1980) e a educação problematizadora de Freire (1970) que permitiram ressignificar minha prática docente.

Knowles (1980) defendia que o processo de ensino-aprendizagem para adultos precisava corresponder as características próprias desses aprendentes, como por exemplo a necessidade de perceberem o motivo do aprendizado que deve estar relacionado ao contexto de vida do indivíduo, além da importância da prática, da experiência e da resolução de problemas para o processo de aprendizagem.

Em Freire (1970) encontrei os pressupostos necessários para que a educação tenha um papel transformador e libertador para o indivíduo na sociedade, por meio de uma educação problematizadora que possibilite que educando e educador aprendam juntos, refletindo sobre a realidade e a percebendo de forma crítica e autêntica as relações existentes no mundo, partindo das vivências não-escolares.

A disciplina Didática e avaliação da aprendizagem aplicada à Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos permitiu que eu realizasse profundas reflexões sobre meu processo de formação docente e a construção de minha identidade profissional como professor.

Compreendi que a formação docente é um processo contínuo e que não ocorre apenas nos ambientes formais de ensino, como por exemplo nos cursos de licenciatura, pedagogia, capacitação ou aperfeiçoamento oferecidos pelas instituições de ensino. Diversos outros saberes, vivências e experiências culturais, sociais e profissionais

vivididos em situações, momentos e lugares diversos, desde o início de meu convívio social, ainda criança, no meu primeiro dia de escola até a idade adulta contribuíram para a formação de minha identidade docente.

Romper com a pedagogia tradicional ainda é um grande desafio para muitos professores e escolas, pois certamente muitos já vivenciaram como aluno ou professor a experiência da pedagogia tradicional que certamente também influenciou a construção de nossa identidade docente.

A leitura do conto “Quando a escola é de vidro”, da autora Ruth Rocha (1986), ajudou-me a refletir de forma crítica e construtiva sobre a organização do trabalho didático do professor em sala de aula, que se materializa pelo plano de aula com os objetivos, conteúdos, metodologias, estratégias, recursos e processo avaliativo. Percebi o quanto é importante que cada componente do plano de aula seja pensado de forma contextualizada com a realidade e experiências sociais, econômicas e culturais de cada aluno, pensando também em corresponder às expectativas desse aluno que busca retornar à escola ou que pela primeira vez frequenta uma escola, sendo para isso necessário saber dialogar, ouvir, respeitar e valorizar as experiências vividas por cada um.

Por fim, a disciplina Práticas pedagógicas na Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos permitiu conhecer o desenvolvimento de práticas educacionais voltadas para essa modalidade educacional e refletir ainda mais sobre o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Considero que foi muito relevante para a resignificação da minha prática docente uma atividade proposta nessa disciplina que solicitava uma análise crítica de um plano de aula de minha

autoria. Essa foi uma oportunidade ímpar que permitiu que eu refletisse ainda mais sobre meu fazer docente.

A análise crítica e reflexiva realizada nessa atividade proporcionou que eu consolidasse reflexões e aprendizados ocorridos ao longo deste curso e me motivasse a enfrentar desafios que ainda precisam ser superados para uma participação mais engajada e comprometida com uma educação transformadora que nos convida para um diálogo, uma reflexão e uma ação transformadora, conforme defendia Freire (1989, p. 26):

Na ação que provoca uma reflexão que se volta a ela, o trabalhador social irá detectando o caráter preponderante da mudança ou estabilidade, na realidade social na qual se encontra. Irá percebendo as forças que na realidade social estão com a mudança e aquelas que estão com a permanência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, ao longo de todo este Curso de Especialização oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) tive vários momentos relevantes de aprendizado com os professores, tutores e colegas. Por meio de atividades, leituras, vídeos, palestras, diálogos e vivências desenvolvi conhecimentos, habilidades e atitudes importantes para atuar de forma mais assertiva na Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos.

As reflexões e debates gerados pelas leituras e atividades propostas durante o curso ressignificaram o meu papel como docente e meu compromisso com uma educação transformadora

que oportunize o protagonismo dos alunos como autores de suas próprias histórias.

A escrita deste memorial representou também um desafio, pois, para fazer o registro escrito, precisei revisitando lembranças de processos formativos vividos desde a infância, passando pela adolescência, a graduação e a atuação profissional. Assim, foi também um processo de autoavaliação bastante construtivo que me permitiu identificar oportunidades e desafios no âmbito da prática docente.

Por fim, esse olhar reflexivo e crítico sobre o aprendizado ocorrido neste curso e ao longo de minha vida possibilitou revelar novos significados para minha identidade docente que repercutirão em toda minha vida pessoal, acadêmica e profissional, pois a aprendizagem será sempre um processo contínuo, vivido socialmente, nos mais diversos ambientes, por meio do diálogo, da reflexão, da escuta e da troca de experiências com o outro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Casa Civil, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 15 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - Proeja. **Documento base**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970. 107 p.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989. 46 p.

FRIGOTTO, G. Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, SC, v. 19, n. 1, p. 71-87, jan. 2001. Trimestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8463/7770>. Acesso em: 24 jun. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE (IFRN), Campus Natal Zona Leste. **Projeto Pedagógico do Curso Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/ PROEJA do Campus Natal**. Natal: IFRN, 2018. 92 p. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/ensino/cursos/cursos-de-pos-graduacao/lato-sensu/especializacao-em-praticas-assertivas-em-didatica-e-gestao-da-educacao-profissional-integrada-a-educacao-de-jovens-e-adultos-na-modalidade-de-educacao-a-distancia/view>. Acesso em: 16 jun. 2022.

KNOWLES, M. S. **The modern practice of adult education: from pedagogy to andragogy**. New York: Cambridge, 1980.

LOURES, D. A. M.; F., V. G. Projeto político pedagógico como instrumento de gestão democrática: uma análise do município de Mendes-RJ. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, TO, v.6, n.9, p. 77-87, 18 jul. 2019.

Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1461>. Acesso em: 15 jul. 2022.

NASCIMENTO, F. J.; NASCIMENTO, R. C.; LIMA, M. S. L. O projeto político-pedagógico como princípio orientador das práticas escolares. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 29, n. 2, p. 119-141, 30 jul. 2020. Quadrimestral. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/52963>. Acesso em: 29 jul. 2022.

PASSEGGI, M. C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. *In*: PASSEGGI, M. C.; SILVA, V. Batista da (org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. Memorial de Formação - quando as memórias narram a história da formação... *In*: PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (org.). **Porque Escrever é Fazer História: revelações, subversões, superações**. Campinas, SP: Alínea, 2007. Cap. 2. p. 45-59.

PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedes - Centro de Estudos Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 21, n. 55, p. 58-77, nov. 2001. Quadrimestral. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/44R8wkjSwvn8w6dtBbmBqgQ/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 12 jun. 2022.

ROCHA, R. M. L. Quando a escola é de vidro. *In*: ROCHA, R. M. L. **Este admirável mundo louco**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.

TEIXEIRA, L. R. M. *et al.* As narrativas de professores sobre a escola e a mediação de um Grupo de Pesquisa-Formação. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [s. l], v. 2, n. 3, p. 121-135, 18 dez. 2010. Quadrimestral. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfpf/article/view/22>. Acesso em: 30 jun. 2022.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS INTEGRADA À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

HYLLO NADER DE ARAÚJO SALLES

Orientadora: Profa. Me. Liana Barcelos Porto

O presente trabalho discorre sobre a formação de professores, para a atuação na Educação de Jovens e Adultos (EJA) integrada à Educação Profissional (EP). Constitui-se de memorial de formação, isto é, pertence a um gênero textual, no qual, de modo geral, segundo Guilherme Prado e Rosângela Soligo (2005), educadores tornam públicas as suas opiniões; as suas inquietações; as suas experiências; as suas memórias; de forma circunstanciada e analítica. Tal memorial de formação fora desenvolvido no âmbito da Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA/PROEJA), pós-graduação *lato sensu*, na modalidade de Educação a Distância (EaD), referente à área de Educação (Código 70800006 – CAPES/CNPq), ofertada pelo Instituto

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), campus Natal Zona Leste.

A Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da EJA/PROEJA forma especialistas com dois perfis diferentes, uma vez que há dois itinerários formativos: um com ênfase em didática; e, outro, com ênfase em gestão. A formação ocorre em quatro módulos, sendo que o módulo I “Qualificação em Educação de Jovens e Adultos”, o módulo II “Qualificação em Organização e Gestão da Educação Profissional integrada à EJA” e o módulo III “Qualificação em EAD para EJA” constituem a base comum de ambos os itinerários. Já o módulo IV é distinto, de acordo com a ênfase: se for em didática, o quarto módulo é “Qualificação em Didática da Educação Profissional integrada à EJA”; e se for em gestão, o último módulo é “Qualificação em Gestão da Educação Profissional integrada à EJA”. O itinerário formativo é escolhido, previamente, no momento da seleção pública, para a especialização. A carga horária total do curso é de 480 horas (640 h/aulas), sendo 450 horas (600 h/aulas) destinadas às disciplinas e 30 horas (40 h/aulas) a um trabalho de conclusão do curso, a duração é de dezoito meses (IFRN, 2008).

De acordo com o projeto político pedagógico do curso, são alguns de seus objetivos: a instrução de formadores visando a consolidação das políticas afirmativas que possibilitam o atendimento da demanda da educação de jovens e adultos, ou seja, que possibilitem uma formação humana integral para os jovens e adultos; o oferecimento de formação continuada de profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da EJA/PROEJA, tanto presencial quanto à distância, nas esferas federal, estadual e municipal; com foco em ambiente virtual de aprendizagem (IFRN, 2018).

Na Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da EJA/PROEJA, percorri o itinerário formativo com ênfase em didática, no polo de Pelotas - Rio Grande do Sul, campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense, entre março de 2021 e julho de 2022.

Portanto, o presente memorial de formação tem por objetivo a sistematização, de forma circunstanciada e analítica, das experiências vivenciadas ao longo do processo de formação de professor, para a atuação profissional na EJA e/ou PROEJA, sobretudo, uma reflexão sobre o papel e importância do curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da EJA/PROEJA do IFRN. Sua confecção revelou-se em um grande desafio, por ser um momento de transformar as experiências de formação vividas, num texto em suporte escrito, constituindo-se em um exercício de intensa reflexão e, conseqüente, formação.

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

De acordo com o poeta Waly Salomão (1996), “a memória é uma ilha de edição”. A subjetividade, inerente ao ser humano, implica interpretações diversas, de fatos e acontecimentos, em diferentes épocas da história. O fato de a narrativa autobiográfica encontrar-se alicerçada na memória, “a escrita sobre si”, faz com que tenha sua validade científica questionada por diversos investigadores (Oliveira; Satriano, 2017). Independentemente das discordâncias acadêmicas, concorda-se com Abrahão (2003) no que diz respeito à definição do campo científico:

A pesquisa autobiográfica — Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais — não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas,

história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Esta, é o componente essencial na característica do(a) narrador(a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliar na compreensão de determinado objeto de estudo (Abrahão, 2003, p. 80).

Tarefa sisífica para alguns. Para outros, entretanto, instrumento científico de inigualável eficácia em Ciências Humanas, visto que a escrita de si leva a rememoração, reflexão e, consequentemente, desconstrução e construção de uma nova identidade: “a narrativa não relata às experiências de forma fidedigna [...], mas sensibilizada, crítica e reflexiva” (Martins, 2014, p. 5).

É a partir de tais pressupostos que, talvez de forma ainda tímida, início a narrativa que segue, buscando narrar e refletir sobre as minhas particularidades e integralidades na mais tenra infância. Vim ao mundo em 08 de outubro de 1988, na cidade de Cruzilha, em Minas Gerais, pois a cidade onde meus pais residiam, Bom Jardim de Minas, não possuía hospital. Em 1995, iniciei meus estudos nas Minas Gerais, na Escola Municipal Balão Mágico, em Bom Jardim de Minas, com a querida professora Jacinta Lopes. Jacinta, a mestra que me ensinou às primeiras letras, depois acompanhou-me da primeira à quarta série, já no Colégio Municipal João XXIII, e marcou profundamente a minha vida: exemplo de paciência, afeto, dignidade e empatia. Numa cidade de pouquíssimos habitantes, Jacinta era unanimidade entre as crianças, que disputavam sua atenção através de presentes e dedicação aos estudos. A minha mãe era pedagoga e minha tia professora de matemática. Isso me aproximava de Jacinta e me deixava contente. Felizes foram as minhas primeiras letras! Quando, enfim, cheguei ao Colégio Nossa Senhora Aparecida nos idos de 2000 e, teria a

possibilidade de ser aluno de todas as minhas tias, professoras do Estado de Minas Gerais, tive um grave problema de saúde que me levou para um grande centro urbano, Juiz de Fora - Minas Gerais, onde tive contato pela primeira vez com o ensino privado e uma nova e difícil realidade. Tudo era novo para mim e os problemas de saúde impediram-me de participar de atividades lúdicas e uma socialização tardou a ocorrer. Assim, findei o ensino fundamental com uma grande frustração, dores físicas e emocionais, que escrevia diariamente em inúmeros cadernos. Por que escrevia? Naqueles anos, ainda sem qualquer conhecimento filosófico aprofundado, talvez intuísse aquilo que mais tarde encontraria explicitado por Michel Foucault: “a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em força e sangue. Ela se torna, nos próprios escritos, um princípio de ação racional” (Foucault, 2014, p. 152).

Reencontrei-me quando, em 2003, fui admitido no Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Longe da cama, adaptado aos centros urbanos, de volta ao ensino público, tive possibilidade de experimentar e compartilhar realidades muito diversas, além de tecer uma nova realidade. O Colégio de Aplicação João XXIII provocou uma verdadeira inflexão em minha vida, pois ao cursar o ensino médio num laboratório de formação de professores, defini-me pela docência, tive contato com a Iniciação Científica Júnior, sendo bolsista do professor doutor Edson Rainer, físico. Fora, sem dúvida, uma experiência incrível!

Em 2007, ingressei na Universidade Federal de Juiz de Fora, no Instituto de Ciências Humanas (ICH), na graduação em História, com o intuito de tornar-me docente, seguindo os passos daqueles mestres que tanto me ensinaram ao longo da minha formação. Pela escola federal: sentimento de gratidão. Ao longo da graduação, dediquei-me à pesquisa, como bolsista de Iniciação Científica

do Professor Doutor Angelo Alves Carrara e à docência, um verdadeiro retorno à casa, como estagiário do Colégio de Aplicação João XXIII-UFJF.

Ingressei no mestrado, em 2012, sob orientação do professor Doutor Angelo Carrara, aprofundando-me ainda mais na pesquisa. Ainda durante o Mestrado, voltei para a escola federal, na qual cursei o ensino médio, como professor substituto. Agora, aprendia com meus alunos, refletia sobre a minha prática pedagógica, numa trama extremamente difícil: assumir um lugar de “protagonista” num espaço tão carregado de sentimentos e memórias que variavam da alegria à superação. Eram meus mestres de outrora, agora colegas de trajetória... Evidentemente, era grande a insegurança. Refletia muito sobre o que pensavam das opiniões do menino que há pouco corria pelos corredores da escola.

Ingressei no doutorado, na Universidade de São Paulo, no ano de 2014. Então, enviado para realizar pesquisas fora do país em 2016, deixei à docência momentaneamente. Ruptura produtiva! Foi um período em que me aproximei de mim e da docência, compreendendo que a pesquisa não me afastava da mesma, muito pelo contrário.

Retornei à sala de aula no ano de 2019, quando aprovado no concurso para professor efetivo do Estado da Bahia. Mais uma vez, uma nova realidade, um novo mundo a ser desvendado. O doutorado acabou sendo interrompido, ao tempo em que aumentava o interesse pela educação de jovens da zona rural, quilombolas, assentados e indígenas do Extremo Sul da Bahia, uma vez que o Colégio Estadual Eunice Jerônimo de Oliveira, no qual lecionei, atende nove comunidades, de diferentes localidades.

Entre medos, perdas e alegrias da descoberta desse novo mundo, entre rupturas e continuidades, creio que algo não se

perdeu em meu percurso profissional: a busca por uma formação permanente, capaz de atender às necessidades de todas e todos os adolescentes e adultos com os quais partilho conhecimento diariamente: em 2021, retornei para o Doutorado, agora na Universidade Federal de Ouro Preto (lembrei-me que desde a infância não me adapto aos grandes centros) e fui selecionado para participar da Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à EJA.

Em 2022, fui removido para a Colégio Estadual do Campo de Serra Grande (CECSG), localizado no distrito de Serra Grande, pertencente ao município de Uruçuca, na Regional Litoral Sul, permaneço atuante na EJA, mas agora na minha nova unidade escolar, que ainda luta por firmar a sua identidade de Escola do Campo.

Assim, continuo firme na tentativa de buscar uma formação sólida e plural, único meio capaz de minorar a disparidade educacional que ainda existe no Brasil, ainda que a minha ação ocorra no pequeno espaço da minha vila, ou seja, estão restritas a unidade educacional de atuação e dizem respeito ao comprometimento com a prática docente e, conseqüentemente, a formação continuada.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/ PROEJA

Como já dito, em 2019, quando retornei à sala de aula do ensino básico como docente, no Colégio Estadual Eunice Jerônimo de Oliveira, no distrito de São José de Alcobaça, no município de Alcobaça, localizado no extremo sul da Bahia, pela primeira vez ministrei o componente curricular História, para os alunos do

Tempo Formativo III, Eixo VI da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Estado da Bahia, referente ao ensino médio.

Desde o primeiro contato com a turma, houve uma sensibilização pelos desafios postos aqueles discentes para concluírem seus estudos referentes ao ensino médio. Ao passo que senti a necessidade de aperfeiçoar a minha formação, para responder de forma satisfatória aos desafios postos pela EJA.

Em 2020, mal começara o ano letivo, e as atividades presenciais no Estado da Bahia foram suspensas em março. A pandemia de COVID-19, causada pelo vírus SARS-COV-2, havia chegado. As condições sanitárias favoráveis para um retorno presencial demorariam 18 meses para chegar, a retomada na modalidade híbrida ocorrera em julho de 2021, e o retorno 100% presencial em outubro daquele mesmo ano.

Fora no quadro da pandemia de COVID-19, que a necessidade de aperfeiçoamento profissional fez-se mais sentida do que nunca, e, nesse mesmo momento, fui selecionado para cursar a Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA/PROEJA). Oportunidade ímpar: primeiro, por se tratar de um curso de média duração (18 meses) em ambiente virtual de aprendizagem (AVA), uma vez que a modalidade do curso é da educação à distância (EaD); segundo, por ter escolhido a ênfase em didática, para aperfeiçoar a minha práxis pedagógica, especialmente, na Educação de Jovens e Adultos.

Um grande desafio posto, para mim, foi a organização do tempo, isto é, o planejamento do meu tempo: para o estudo dos materiais propostos; e para o cumprimento do cronograma de atividades. Esta experiência, levou-me a uma reflexão sobre o

andamento das atividades dos meus discentes e, conseqüentemente, um olhar mais sensível para as demandas deles.

Já possuía certa familiaridade com a plataforma Moodle, por ter entregado um ou dois trabalhos pela plataforma nos idos da graduação em licenciatura em História na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mais recentemente, participei do Curso de Formação de Gestores (2019) da Secretária de Educação do Estado da Bahia (SEC Bahia) e da formação.

Ensino Híbrido na Prática (2020), oferecido pela parceria SEC Bahia e Sincroniza Educação, ambos na modalidade EaD, via plataforma Moodle, e de curta duração. Todavia, ainda que tenha tido essas experiências, a disciplina “Fundamentos de EaD e Ambientação Virtual” fora muito útil para descortinar diversas funcionalidades no Moodle, que haviam passado despercebidos até o momento. Também, o papel das tecnologias digitais no espaço escolar, sua contribuição para uma maior autonomia e democratização do ensino (Niskier, 2000).

Outro grande desafio fora refletir sobre a formação docente, de modo geral, e, em particular, para a atuação na EJA e/ou PROEJA na Era do conhecimento mediado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), não é uma discussão nova (Buzato, 2006). Porém, no momento crítico da pandemia de COVID-19, tornou-se imperativo tal reflexão, uma vez que todos nós fomos convocados a lançar mão das TICs para ministrar nossas aulas, seja no modelo virtual ou híbrido. Pude fazer essas reflexões, de forma sistematizada, na disciplina “Gestão da Educação a Distância”.

A inserção na chamada sociedade do conhecimento, calçada no acesso à informação dinâmica e flexível, com a democratização da internet, tornou o acesso à informação mais fácil; por outro lado, tornou imperioso o desenvolvimento da capacidade de interpretação

dos múltiplos dados disponíveis na rede, ou seja, de transcender do dado para o conhecimento (Sena Neto, 2020).

No quadro pandêmico dos últimos dois anos, tal desafio tomou proporções inimagináveis. Portanto, na atualidade, a figura do professor segue sendo central, não bastando o domínio de competências tecnológicas, sendo fundamental, na verdade, uma prática pedagógica capaz de promover uma leitura crítica das informações disponíveis (Jonassem, 2007).

Nesta perspectiva, há tempos, segundo Buarque (2006), o grande desafio é formar esse novo professor, isto é, transmutá-lo em um educador capaz de desenvolver processos educacionais difundidos a partir utilização das TICs no processo de ensino aprendizagem. Ainda segundo o autor, cinco questões ainda são desafiadoras à formação de educadores. Seriam elas: (i) o uso dos novos equipamentos, devido o constante e acelerado aperfeiçoamento dos hardwares disponíveis; (ii) a dinâmica do conhecimento, referente a forma como os saberes rapidamente se tornam obsoletos e a necessária atualização constante; (iii) a presença da mídia, os educandos não são mais considerados “tábulas rasas”, possuem saberes que são construídos fora dos espaços formais; (iv) a ausência da família, a falta de acompanhamento dos educandos por seus responsáveis implica em sérios problemas de aprendizagem; (v) o precoce conhecimento dos alunos, que desde cedo estão em contato com diferentes hardwares, acessando múltiplos dados e produzindo saberes (Buarque, 2006). No entanto, ainda creio que a maior dificuldade para a formação de um professor, ou se preferir, de um educador, ainda resida no domínio básico dos saberes de referência, pois, sem estes, não é possível o desenvolvimento de práticas pedagógicas que viabilizem, por parte do educando, uma interpretação crítica dos dados disponíveis. Neste sentido,

extrapolo, aqui, as conclusões de Pinsky e Pinsky (2015) sobre o ensino de História e formação de professores, para a formação de educadores, de modo geral. Enfim, ao professor é necessário um tanto de erudição e domínio dos saberes de referência.

A transposição didática, isto é, a transmutação de um saber científico acadêmico em um saber escolar, que, neste processo, torna-se uma entidade própria, não correspondendo a simples “vulgarização” do saber científico (Bittencourt, 2008). Por si só, já é um processo extremamente complexo e, no caso da Educação a Distância (EaD) ainda mais desafiador, sobretudo, se pensando para a Educação de Jovens e Adultos.

No contexto EaD com foco na EJA, portanto, num ambiente dinâmico e dialógico, o material didático, que cumpra com seu papel de facilitador da transposição didática e atenda as especificidades da modalidade de ensino, deve atender a alguns princípios como, por exemplo, o emprego de linguagem dialogada, isto é, em tom de conversação, clara, e concisa; o uso de ilustração para facilitar a retenção do saber; a interface dos materiais devem ser atrativas para o leitor, considerando o conhecimento prévio do educando; possibilitar um espaço de revisão/recapitulação dos objetivos de aprendizagem, o que requer um conhecimento prévio da estrutura do curso. Para tudo isso funcionar, em diferentes suportes (impresso, visual, áudio), há a necessidade do trabalho de uma equipe multidisciplinar, que estará atenta as especificidades de cada suporte (Sena Neto, 2020).

Por isso, para mim, a disciplina “Tecnologias Educacionais aplicadas à Educação Profissional integrada à EJA” fora fundamental para alargar meu arcabouço de ferramentas pedagógicas, para o uso tanto nas aulas presenciais quanto à distância. Permitindo-me uma profunda mudança na minha práxis pedagógica.

Ainda, no que diz respeito a formação docente, como pudemos discutir na disciplina “Didática e Avaliação da Aprendizagem Aplicada a Educação Profissional integrada à EJA”, diversos autores apontam que os saberes da docência são plurais e oriundos de múltiplas fontes, que interferem diretamente na atuação destes profissionais, sendo as histórias de vida; a vivências no contexto escolar; a formação acadêmica; as experiências profissionais e a interação com pares as principais fontes de saber na construção da identidade profissional do professor (Martins; Barros, 2020).

Portanto, todo o processo formativo e de vivência do docente contribui para a sua formação profissional e, de certa forma, molda a sua identidade enquanto docente. Segundo Pimenta (2007), o conhecimento historicamente construído; os saberes pedagógicos; e a experiência (tanto pessoal quanto profissional) são basilares para o exercício da docência. No mesmo sentido, Nóvoa (2009) chama à atenção para a formação inicial docente e a inserção dela numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida, sendo os primeiros anos de exercício profissional fundamentais, além do contínuo acompanhamento, supervisão e avaliação do profissional, incentivando a figura do professor reflexivo, colaborativo, cuja formação baseia-se na investigação.

No caso do docente que atua na EJA, sua identidade profissional não só precisa estar em construção, isto é, em contínuo aperfeiçoamento, o que, na verdade, se espera de todo docente. Entretanto, devido as especificidades desta modalidade de ensino, ou seja, aos sujeitos atendidos por ela, a identidade profissional do docente precisa, necessariamente, possuir certa identificação com a EJA, uma vez que “a aprendizagem do jovem e do adulto implica uma atuação viva no ensino, pois a sua própria vida pode

ser pré-requisito para uma nova aprendizagem que venha a ser assimilada/acomodada” (Martins; Barros, 2020, p. 63).

Tal atuação viva diz respeito ao planejamento do trabalho pedagógico para a EJA, ou para Educação Profissionalizante (EP) integrada à EJA, pois a aprendizagem mediada pela ação didática requer planejamento, isto é, a articulação entre os objetivos de ensino; o conteúdo; o método; e a avaliação, para atingir situações concretas de didática. Sendo necessário ter especial atenção aos princípios norteadores do planejamento de aula: flexibilidade; coerência; objetividade; ordem sequencial; caráter participativo (Martins; Barros, 2020).

Neste sentido, a coordenação pedagógica desempenha um papel fulcral na construção da proposta pedagógica na escola, de modo geral, ao ser a articuladora/gestora da proposta, mobilizando um olhar da comunidade para as especificidades do público atendido, como pude discutir na disciplina “Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA”. Tal articulação é essencial para a construção do projeto pedagógico, sem a qual não se constrói algo que os indivíduos se sintam sujeitos e pertencentes aquele projeto, que por isso mesmo é também político, como bem apontou Gadotti (1998).

Numa escola que atende a EJA e/ou PROEJA, esse papel articulador da coordenação pedagógica se faz ainda mais necessário, sobretudo pelo direito de ser diferente desse público, o que acarreta ter ainda mais especificidades, como bem observou Mamona (2015), a heterogeneidade de sujeitos nessa modalidade: o jovem; o adulto e o idoso. Por isso, o projeto político pedagógico (PPP) precisa partir da caracterização do público a que irá atender, para que seja construída uma proposta que contribua para o processo de ensino-aprendizagem, atendendo a expectativa desses discentes.

Logo, o diálogo com o público atendido deve ser um dos princípios do PPP da escola da EJA e PROEJA, uma vez mais, evidente o papel fundamental da coordenação em articular esse processo de escuta, seguindo a máxima da ação-reflexão-ação, contemplando, assim, nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) dos componentes curriculares; nos planos de ensino as especificidades do público da EJA, tendo no horizonte o trabalho como princípio educativo e o currículo integrado, isto é, pensar a formação do ser humana na sua integralidade.

Por fim, mas não menos importante, na disciplina “Práticas Pedagógicas na Educação Profissional integrada à Educação de Jovens, Adultos”, foi possível refletir sobre minha prática cotidiana, ao analisar um plano de aula de minha autoria preparado para a EJA. Pude constatar que, regularmente, planejo minhas aulas a serem ministradas, tendo clareza quanto aos objetivos de aprendizagem. No entanto, nem sempre transmito aos meus discentes esses objetivos com clareza ao início de cada sequência didática, o que seria um aspecto a aperfeiçoar.

Quanto ao conteúdo, busco sempre relacionar ao cotidiano dos discentes, ainda que, por vezes, seja esse o esforço mais hercúleo. Metodologicamente, encontro-me num processo de construção doloroso e conflituoso, sentindo-me, em certas ocasiões, extremamente limitado, quase desprovido de criatividade e muito afeito ao conteúdo (conhecimentos de referência), por entender que os discentes só poderão desenvolver uma postura crítica, se houver uma base para alicerçar o seu julgamento. Todavia, considero que levo em conta o tipo de conteúdo, para buscar uma forma mais adequada, visando favorecer a aprendizagem dos meus discentes, e encontro-me, sempre, aberto ao contínuo processo de reflexão-ação

reflexão, procurando adaptar o plano de aula ao desenvolvimento concreto da aula em sala.

Fruto da constatação narrada, venho aplicando questionários com o objetivo de melhor compreender o universo dos discentes: tempo dispendido à leitura de textos impressos; quais os textos impressos; tempo dispendido no acesso à internet; quais os sites acessados; formas de acesso (periféricos utilizados); quais textos de História que foram lidos, e mais interessaram aos discentes; qual a metodologia utilizada na escola que acreditaram ser mais eficiente, entre outros. Assim, tem sido possível uma mudança de conteúdo e metodologia, fortalecedora de vínculos afetivos e aprendizagem, impacto da Especialização no chão da escola. Dito de outra forma, em consonância com Freire (2016), não me restrinjo ao conhecimento dos alunos, mas parto dele na tentativa de nossas construções, docente e discentes inacabados.

Sobre os recursos didáticos, procuro sempre dar materialidade/concretude ao conteúdo trabalhado, valendo-me sempre dos recursos disponíveis na unidade escolar e criando tantos outros através do Moodle, que ficam disponíveis para acesso nas horas vagas. Os discentes têm respondido bem à construção de conhecimento através da “dinâmica Fórum”, expondo ideias, opiniões, palavras-chave, sobre assuntos que serão abordados em sala de aula. Dentro de uma perspectiva freiriana, creio transitar para uma prática docente crítica, conhecendo melhor às realidades dos discentes e relacionando o conteúdo às mesmas (Freire, 1996). Por fim, mas não menos importante, a avaliação, procuro fazer dela, sempre, um momento de dupla reflexão, isto é, apurar se meus discentes realmente aprenderam; e avaliar o meu desempenho enquanto docente. Por vezes, refazemos as avaliações para podermos perceber o que eles desenvolveram e, depois, explorar toda

a sua potencialidade. De um modo geral, exponho com clareza o processo de avaliação para eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de sistematizar a experiência formativa neste memorial, de forma circunstanciada e analítica, permitiu-me uma reflexão rigorosa, radical e de conjunto do percurso desses 18 meses de formação na Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Percebendo como os conhecimentos construídos ao longo do curso impactaram no meu universo educacional, isto é, na minha prática pedagógica diária no chão da escola. Diante de todo o exposto, nas páginas anteriores, creio que os objetivos da Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, com ênfase em didática, foram alcançados, uma vez que a experiência e discussão nas diferentes disciplinas permitiram a instrução de formadores visando a consolidação das políticas afirmativas que possibilitem o atendimento da demanda da educação de jovens e adultos, isto é, a uma formação humana integral, tanto na modalidade presencial quanto à distância.

Por fim, mas não menos importante, refletir sobre a formação de professores, seja para a atuação no ensino regular ou então para a atuação na EJA e/ou PROEJA, presencial ou EaD, é sempre uma atitude desafiadora. No entanto, ao longo do percurso, com o esforço reflexivo é possível encontrar soluções para minorar os desafios postos. Sem sombra de dúvidas, um dos caminhos possíveis é a formação continuada e a reflexão-ação-reflexão. Este foi o caminho que tomei e procurei relatar, de forma circunstanciada e analítica, nas páginas anteriores.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223/pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BUARQUE, C., Formação e invenção do professor no século XXI, (Palestra), *In: SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO*, 2006. Disponível em: https://www.sinpeem.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=481&friurl=-05062006--Formacao-e-invencao-do-professor-no-seculo-21-. Acesso em: 6 mar. 2022.
- BUZATO, M. K. Letramentos digitais e formação de professores. **Anais do III Congresso Ibero Americano EducaRede**. São Paulo: CENPEC, 2006, p. 1-7.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Volume V: Ética, sexualidade, política. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. Projeto político-pedagógico da escola cidadã. *In: BRASIL*. Ministério da Educação e do Desporto. **Salto para o futuro: construindo a escola cidadã, projeto político pedagógico**. Brasília, 1998.
- JONASSEN, D. H. **Computadores, Ferramentas cognitivas: Desenvolver o pensamento crítico nas escolas**, Porto: Porto Editora, 2007.
- MAMONA, S. S. C. **Especificidades da EJA: um conhecimento necessário à formação de professores**. 2015. Disponível em: http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/6438.pdf. Acesso em: 01 out. 2021.
- MARTINS, F. I. B. B.; BARROS, R. B. **Didática e avaliação da aprendizagem aplicada à educação profissional integrada a EJA**. (Livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020.

MARTINS, R. M. Narrativa na formação de educadores: uma experiência com as alunas de pedagogia envolvendo ambiente virtual de aprendizagem. **Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores**. Livro 2. Fortaleza: Ed. UECE, 2014. Disponível em: [http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/NARRATIVAS%20NA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DE%20EDUCADORES%20UMA%20EXPERI%C3%8ANCIA%20COM%20ALUNAS%20DE%20PEDAGOGIA%20ENVOLVENDO%20AMBIENTE%20VIRTUA L%20DE%20APRENDIZAGEM.pdf](http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/NARRATIVAS%20NA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DE%20EDUCADORES%20UMA%20EXPERI%C3%8ANCIA%20COM%20ALUNAS%20DE%20PEDAGOGIA%20ENVOLVENDO%20AMBIENTE%20VIRTUA%20L%20DE%20APRENDIZAGEM.pdf). Acesso em: 20 abril. 2020.

NISKIER, A. **Educação à distância**: a tecnologia da esperança. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

NÓVOA, A. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

OLIVEIRA, V. M.; SATRIANO, C. R. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta. **Revista Linhas Críticas**. Brasília, DF, v.23, n.51, p. 369-386, jun. 2017 a set. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8231>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PIMENTA, S. G. P. (org.). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. São Paulo, Cortez: 2007.

PINSKY, J.; PINSKY, C. B. Por uma História prazerosa e consequente. *In*: KARNAL, L. (org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. *In*: PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (orgs.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. Campinas: Graf, 2005. p. 45-60.

SALOMÃO, W. Carta aberta a John Ashbery. *In*: SALOMÃO, W. **Algarvians**. 1996.

SENA NETO, B. G. **Gestão da educação a distância**. Natal: IFRN, 2020.

PORTÃO DOS SONHOS: UM MEMORIAL SIMBÓLICO DA MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

JERRY ADRIANE DA SILVA BEZERRA

Orientadora: Profa. Valeska Limeira Azevedo Gomes

Este trabalho de conclusão de curso da pós-graduação *Elato sensu* é pré-requisito para a obtenção do título de Especialista do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Natal Zona Leste, na modalidade de Educação a Distância - EaD.

Ele se constitui como gênero discursivo memorial de formação, o qual relata vivências da minha trajetória no referido curso, que teve início em 18 de março de 2021 com uma aula, denominada Aula Inaugural. E, como lhe é próprio, este memorial tem o objetivo de narrar as minhas vivências acadêmicas e sociais, antes e durante a Especialização, apontando subjetividades e reflexões que visam a relação dessas vivências com a minha formação acadêmica, bem como na minha atuação profissional na

Escola Estadual João Tertulino Lopes, situada em Itajá - RN, onde trabalho como servidor público e estou vinculado diretamente ao cotidiano escolar.

Sendo assim, penso ser de grande importância legitimar o conceito do gênero memorial de formação, a fim de compreendê-lo e nortear o trabalho com a configuração essencial e característica dele. Para Gaspar *et al.* (2011), o memorial consiste na escrita de si, em que se narra de forma descritiva e reflexiva a própria trajetória de vida e de formação.

Como podemos observar, esse gênero permite descrever as experiências pessoais e refletir sobre elas e seu curso, construindo aprendizagens significativas com e a partir de tudo o que foi vivenciado. Essa trajetória formativa já começa pela inclinação prévia aos temas da didática que em mim existem.

Sou fascinado pela didática e admiro muito os professores didáticos, sendo eu um aspirante a ser um professor assim. Logo, a minha escolha do itinerário para o curso em Práticas Assertivas, com ênfase em Didática da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, foi justamente a ênfase em “Didática”, pois entendo que a qualidade do ensino aprendizagem passa essencialmente por esse crivo. Dessa forma, eu poderia crescer profissionalmente, como ajudar outros profissionais em formações didáticas a também se aperfeiçoarem na docência.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Meu nome é Jerry Adriane da Silva Bezerra, sou natural de Santo Antônio do Salto da Onça, no agreste potiguar, tenho 41 anos, sou casado e pai de dois filhos: Benjamim com onze anos e Yasmim com quatro anos. Atualmente, resido em Assú/

RN. Profissionalmente, sou pedagogo e trabalho no exercício da profissão na função de apoio pedagógico da Escola Estadual João Tertulino Lopes em Itajá/RN. Além de pedagogo, também tenho formação na área teológica e exerço a função de ministro religioso do segmento evangélico, pastoreando uma igreja Batista na cidade de Assú.

A minha infância foi determinante no meu processo de formação cidadã, profissional e confessional. Sempre gostei de estudar e de aprender, pois era bastante responsável nas atividades estudantis. Não tinha muito apoio, é verdade, pois meus pais eram analfabetos, o que, naturalmente, impedia qualquer tipo de ajuda nesse sentido, ainda que quisessem. Naquela época (ano 2000), as oportunidades eram escassas e longínquas, resumiam-se àqueles que tinham poder aquisitivo para ir ao encontro delas, o que não era o meu caso.

As condições de vida eram difíceis demais. Havia muita limitação e privação, mas, por outro lado, havia solidez psicológica, emocional e força de vontade para vencer. Os obstáculos eram um motivo a mais para buscar vencer, e eu via na educação um meio de transformação social, sobretudo a minha transformação, e eu estava certo, pois, apesar de todos os obstáculos, tenho vencido, de modo que tudo que sou ou tenho, devo a minha formação. Explicarei melhor a seguir.

Durante o período de escolarização, eu via na educação e no conhecimento a esperança de mudar de vida, de obter melhores condições e qualidade de vida. Nesse sentido, faço questão de dizer que sempre estudei em escolas públicas. Sou fruto da escola pública orgulhosamente. Aprender as primeiras letras e fazer as primeiras leituras são experiências que adquiri no chão da escola pública com professores vocacionados, aos quais devo tudo que

sou, pois, sem eles, eu não teria conseguido. Em diversas ocasiões, eles assumiram papéis que estão além da profissão, verdadeiros aios da vida, orientando ou motivando ao sucesso.

São muitos professores e professoras que trago na minha galeria mental de formação, que, como uma colcha de retalhos, cada um deles teceu com seus saberes. Esta prática me lembra Freire, quando argumenta sobre o fazer docente, ele diz que

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convence definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (Freire, 1996, p.11).

É justamente sobre esses saberes que reconheço existirem nos professores que me lecionaram. Eles não transferiram conhecimento, mas se colocaram na posição de mediadores, possibilitando uma construção pessoal, empírica e intransferível. Eles apresentavam possibilidades de emancipação intelectual.

O que dizer das tias Carminha, Maria José, Marinalva e Aparecida, minhas professoras do ensino fundamental na escolinha Santa Verônica, em Nova Cruz-RN, as quais me ensinaram com esmero e dedicação, que, por sinal, era perceptível até mesmo para uma criança, prova cabal que jamais foram, nem serão esquecidas da minha memória, desde criança.

A escolinha Santa Verônica era um anexo do Educandário Nossa Senhora do Carmo, em Nova Cruz/RN, a qual era uma escola privada — a mais cara e mais conceituada da cidade — mas que destinava vagas às crianças carentes no anexo da chamada Escolinha Santa Verônica, que não podiam custear as mensalidades

do educandário. Essa distinção era muito evidente, a começar pelo diminutivo “escolinha”. Por quê, se ela era uma grande escola?

Embora houvesse uma aparente indiscriminação, no entanto, era explícita a segregação nos pormenores. Ali, no anexo, estudavam os mais pobres; enquanto lá, estudavam os mais ricos da cidade. Por outro lado, os professores eram os mesmos, e isso fez toda a diferença. A discriminação era clara, desde a entrada à escola, pois seu portão era estreito, enquanto o da “outra” escola era largo, com escadarias, onde os pais paravam seus carros e os filhos adentravam por ali. Pois bem, cresci vendo essa cena diariamente, cresci desejando entrar por aquele portão, era o portão dos meus sonhos!

Eu cresci com essa diferença de formação no caráter, na solidez psicológica que fortalece para o enfrentamento das adversidades, nas trajetórias experimentadas, mas que seriam acentuadas no mundo adulto porvir. Aprendemos com aqueles professores a sermos desbravadores, aprendemos a perseverar, aprendemos a aprender. Essas memórias estão presentes comigo e jamais deixarei que se percam.

A alegria de descobrir a leitura e ler escritos nas paredes, nas placas de trânsito, nos livros, são memórias preciosas que não se diluem com o tempo. O regozijo de aprender os números, de saber contar de um a cem e de calcular o troco do pão na padaria não tem preço. Foram descobertas fundamentais que contribuíram significativamente na minha formação enquanto pessoa e estudante.

Os anos se passaram e vieram novos desafios. Eu pensava comigo mesmo: quando terminar o ensino médio, o que fazer? Trabalhar, mas no quê? Qual seria o rumo a tomar? Lembro que essa transição não foi fácil. Não me encontrava no serviço informal, não tinha profissão, não tinha perspectivas. Como foi dito

anteriormente, as oportunidades eram distantes, as condições também. Acabei enveredando muito cedo a ajudar meu pai no comércio de venda de peixe na feira livre. Não poucas vezes fui, sozinho, vender os peixes, e foi aí que apliquei o conhecimento adquirido na matemática, vender, calcular, negociar. Aprendi, também, a falar sem inibição, o que contribuiu significativamente para o meu fazer profissional no futuro.

Voltando à questão da escassez de oportunidades daquela época, não se pode dizer o mesmo dos dias atuais, pois, hoje em dia, existem faculdades, institutos e campus avançados em vários lugares. Também existe a modalidade de ensino à distância, que permite estudar ultrapassando essas barreiras geográficas. Porém, nos anos de 1990, predominava a dificuldade e as inovações atuais não existiam. É preciso que se faça esta observação.

Dias melhores viriam quando fui direcionado a cursar Teologia em Natal/RN. Novos horizontes se abriram. Terminei o curso de Teologia e fiquei residindo e exercendo o ofício pastoral na capital. Finalmente, eu estava próximo das oportunidades e algumas barreiras já haviam sido ultrapassadas. Nesse tempo, durante o governo do Presidente Lula, surgiu uma política de apoio com bolsas de estudos para alunos que sempre estudaram em escolas públicas, a saber, o PROUNI (Programa Universidade para todos), cujo critério de ingresso era através do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Não perdi tempo, fiz o ENEM, inscrevi-me no PROUNI e fui contemplado com uma bolsa de estudos em uma universidade privada. Surpreendentemente, eu, aquele aluno pobre, sem condições de acessar a educação privada, estava estudando no mesmo cenário que os ricos estudavam mais uma vez.

Fui selecionado para o curso de Pedagogia; não poderia ter sido melhor, pois nesse curso me encontrei, me identifiquei.

Acredito que, no meu subconsciente, estavam as memórias, os exemplos, o amor e a dedicação dos mestres que eu tive o prazer de ter na minha escolarização. Na verdade, fui escolhido, porque eu sempre quis ser professor. Acho uma arte saber ensinar bem. Fui cativado pela arte de ensinar, não só pelo ato de ensinar, mas em ensinar bem, com maestria. Sou fascinado por isso. Nesta ótica, o curso de Pedagogia traz esse diferencial, além de abranger, no campo profissional, diversos seguimentos da sociedade onde o pedagogo possa atuar.

Lembra-se do “portão dos meus sonhos” citado anteriormente? Permito-me voltar e concluir essa história. Finalmente, eu consegui entrar por aquele portão. Anos atrás, fiz um concurso para a Prefeitura de Nova Cruz-RN, fui aprovado e convocado para trabalhar. Era início do ano letivo e fomos convocados para a Jornada Pedagógica que teria sua abertura em um evento na quadra poliesportiva da Escola Nossa Senhora do Carmo.

Chegando lá, me passou um filme na memória. Olhei para o portão e sua escadaria, respirei fundo e fui, sentindo o cheiro da vitória, de um sonho simbólico longínquo, mas que, agora, era realidade. Ninguém sabia do significado de estar entrando na escola, somente eu e Deus sabíamos. Não era Jerry que estava entrando ali. Por ali, entravam a dignidade, a democracia do ensino de qualidade, um retalho docente que formou um cidadão com direitos e deveres, sobretudo, com dignidade.

A revolta da discriminação se transformou em disposição para a luta, o sonho se tornou em realidade. Lá dentro, encontrei e reconheci a professora Aparecida. Fui ao seu encontro, apresentei-me e lhe contei que havia sido seu aluno. Agradei por tudo e falei que era um vitorioso, fruto do seu trabalho. Ela me olhava

incrédula, mas se lembrando daquele aluno da década de 1980, franzino, e acreditando que se formava ali um vencedor.

E as vitórias não param por aí. Durante o exercício das minhas atividades profissionais me surgiu a oportunidade de fazer esta especialização que, para mim, é outra grande vitória. Esse curso é um instrumento que tem dado continuidade a minha formação continuada. Adquirir novos conhecimentos, conhecer novas estratégias e desenvolver novas reflexões a partir das leituras realizadas foram de grande relevância para continuar nossa carreira e buscar a excelência na docência.

Com certeza, obtive novas competências e habilidades as quais me ajudarão a ser para outros o que um dia alguém foi para comigo. Estou muito feliz com tudo que vivenciei e aprendi. Tenho a sensação de estar realizando mais um sonho na minha vida: o sonho de levar outros a também sonharem e adentrarem pelos seus “portões dos sonhos” através da educação, para que deixem de ser apenas sonhos e se tornem realidades.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/ PROEJA

A fim de considerar a minha trajetória de formação profissional no curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - EJA/PROEJA, é que, nesta seção, farei considerações as minhas memórias formativas, apresentando algumas disciplinas, seus objetivos e professores formadores, bem como a relevância do material didático significativo disponibilizado na plataforma do curso.

A sistematização estrutural do curso está dividido em quatro módulos de estudos, contemplando disciplinas afins ao itinerário de formação, quer seja com ênfase em Didática, quer seja com ênfase em Gestão, com exceção do quarto módulo, pois diferencia a pauta formativa, conforme a ênfase escolhida pelo aluno.

Sendo assim, no último módulo, o aluno que escolheu o itinerário Didática, cursará disciplinas com este enfoque; já o aluno que escolheu a ênfase em Gestão, cursará disciplinas com ênfase em gestão da educação. Contudo, de modo geral, resalto a qualidade do material formativo produzido, pois eles foram de uma clareza conceitual, de fácil compreensão, propõe ser uma síntese, mas é tão profundo, objetivo e, ao mesmo tempo, detalhado. Epistemologicamente, contribuiu profundamente para o nosso crescimento profissional.

Muito embora não atue como profissional na docência da EJA, trabalho diretamente com os docentes dessa modalidade de ensino, com os quais me deparo e compartilho constantemente das suas angústias oriundas dos desafios do fazer docente no dia a dia. Um curso como este nos ajuda a subsidiar os docentes, apontando, refletindo e criando possibilidades pedagógicas para vencer os desafios práticos próprios da modalidade. Compartilho, pois, reflexões sobre as disciplinas que me chamaram mais a minha atenção no sentido prático do meu fazer profissional com os docentes.

As disciplinas Fundamentos de EAD e Ambientação Virtual e Tecnologias Educacionais aplicadas à Educação Profissional integrada à EJA, trouxeram muitas contribuições práticas para o uso de ferramentas tecnológicas na educação. Essas contribuições vieram justamente em um período no qual a educação estava fazendo uso das Tecnologias de Informação e Comunicação devido

à pandemia da COVID-19. Foi fundamental compreender o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação nos processos de ensino e aprendizagem na modalidade à distância e aplicá-los ao mesmo tempo na prática profissional.

A esse respeito, Soares (2002, p. 4) afirma: “é que estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica — os computadores, a internet.

Apesar do trabalho de Soares, conforme citação acima, tenha vinte anos de publicação, percebe-se que as tecnologias vêm numa ascendente indispensável no processo metodológico do ensino-aprendizagem. Essa ascendência alcança seu ápice a partir da pandemia da COVID-19, na qual nos vimos forçados a nos distanciarmos fisicamente e nos aproximarmos virtualmente, especialmente no contexto dos processos de ensino-aprendizagem. Essa experiência é, na prática, a aplicação do conceito de EaD, tal qual está posto por Almeida (2020):

De forma objetiva, Educação a Distância é uma modalidade de ensino que funciona por meio de um processo educativo sistemático e organizado, o qual tem como característica fundamental a separação físico-espacial entre professores e alunos, que interagem de lugares distintos através de meios tecnológicos diversos que possibilitam uma interação bidirecional, ou seja, uma interação de dupla via. (Almeida, p. 24)

Como podemos observar no conceito de EaD de Almeida, os meios tecnológicos são uma ferramenta indispensável para a concretização do ensino à distância. Se outrora as tecnologias eram introduzidas como possibilidade no processo educativo, agora, porém, elas foram solidificadas e se tornaram indispensáveis.

Ainda de acordo com Almeida (p.42 *apud* Guadamuz, 1997, p.30), “o uso das TIC tem causado grandes mudanças em diversos setores do cenário mundial. Uma dessas mudanças diz respeito ao paradigma do fazer educacional, principalmente no âmbito da “transmissão de informações pelo ensinante para a construção do saber pelo usuário”.

Nesse sentido, a nossa prática profissional no contexto escolar também teve que ser adaptada. Buscamos aprender a usar as ferramentas tecnológicas que pudessem ajudar na continuidade das aulas remotas. Aprendemos e ensinamos a utilizar os aplicativos de vídeo com chamadas em grupo (Zoom, Meet, WhatsApp); a escola virtual de aprendizagem disponibilizada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte (SIGEDUC); o Google Classroom; o Youtube, dentre outras ferramentas.

Essas mudanças foram significativas e contribuíram nesse contexto específico, como também se estabeleceram como uma prática metodológica dinâmica e permanente a partir de então.

Outra disciplina que destaco é Fundamentos da Educação Profissional Integrada à EJA, por trazer uma reflexão histórica e propor uma solução prática para a EJA, que precisa ser repensada e proposta pelo poder público, a saber, um currículo integrado que envolva a profissionalização e a educação formal.

Vale salientar, ainda, as contribuições da disciplina Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional, a qual alinhou os objetivos com esta, em ambas, aprendi e fui convencido que a proposição de um currículo que contemple a educação formal e a educação profissional é uma excelente proposta para se obter sucesso na educação de jovens e adultos.

Entretanto, esse processo de mudança perpassa pela profissionalização docente. Sobre essa concepção, Imbernón (2001, p. 30) argumenta que “Existe, é claro, um conhecimento pedagógico especializado unido à ação e, portanto, é um conhecimento prático, que é o que diferencia e estabelece a profissão e que precisa de um processo concreto de profissionalização”.

Observamos que Imbernón (2001) defende que o profissional docente deve possuir um conjunto de conhecimentos necessários ao exercício da profissão, afora suas subjetividades, esses conhecimentos emergem na prática para a prática, num processo contínuo de profissionalização. É justamente esse processo contínuo de profissionalização que não pode se restringir ao contexto pedagógico somente.

Durante os estudos dessa disciplina, pude despertar para esse princípio, o de que é necessário um currículo integrado que fomente tanto os docentes quanto os discentes. Nesse sentido, trago a defesa de Baracho e Nóbile (2020, p. 120), sobre a necessidade de um currículo nessa dimensão:

Diante desses aspectos, defendemos a formação de professores para a Educação Profissional e para a EJA, na perspectiva de um currículo integrado, como um requisito importante e necessário para fortalecer a atual política de expansão, interiorização e democratização dessas modalidades educacionais, EPT e EJA, no sentido de sua efetivação com qualidade social, produção de conhecimentos e valorização docente.

Podemos observar que essa mudança envolve a escola, mas não depende somente dela para ser implantada e efetivada. É preciso que instâncias maiores repensem esse processo a partir dessa perspectiva. Esta é, verdadeiramente, uma proposta que o governo deveria levar a sério. Quanto ao que podemos fazer no

contexto escolar, é possível repensar e mudar a nossa metodologia, apontando e incentivando por meio de conteúdos e atividades que impulsionem os alunos, numa perspectiva para além de ler e escrever.

Ademais, podemos firmar parcerias com outras instituições, públicas ou não, para colaborarem nesse processo formativo e profissionalizante. Elaborar projetos pedagógicos e minicursos profissionalizantes associando-os aos componentes curriculares. Firmar parcerias com a iniciativa privada, fomentando o estágio assistido na aprendizagem de alguma atividade profissional, dentre outras coisas.

Sequencialmente, destaco a disciplina que fornece subsídios teóricos e práticos para a compreensão do processo de ensino-aprendizagem, sendo, por isso, de fundamental importância para garantir os resultados formativos que se almeja alcançar, me refiro à Noções de Didática. A abordagem do conteúdo dessa disciplina perpassa pela concepção de aluno que se quer formar, inclusive, pela função social do ensino e a concepção sobre os processos de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, está totalmente fundamentado e fundamentando o fazer docente para alunos da modalidade EJA.

Para uma orientação didática para o público EJA, nada melhor do que dialogar as obras de Paulo Freire. Ele é defensor nato de uma formação docente que valoriza as experiências do sujeito inseridos no seu processo de formação, a fim de que ele de per si seja o agente construtor do seu próprio saber. Nessa perspectiva, o autor afirma que “é preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se com sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar

não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 11).

As palavras de Freire resumem bem o fundamento de uma educação ativa, na qual o educando seja protagonista e construtor dos seus saberes, mediados pela condução docente. É nesse processo de construção do saber que se requer do professor a solução para as dificuldades de aprendizagens surgidas. Esses problemas podem ser a ponte para um diagnóstico, como também o embrião do surgimento de estratégias que possibilitem uma intervenção solucionadora. Corroborando esse pensamento freiriano, Schön (2000, p. 38-39) enuncia:

Em casos como esses, o profissional experimenta uma surpresa que o leva a repensar seu processo de conhecer-na-ação de modo a ir além de regras, fatos, teorias e operações disponíveis. Ele responde àquilo que é inesperado ou anômalo através da reestruturação de algumas de suas estratégias de ação, teorias de fenômeno ou formas de conceber o problema e inventa experimentos imediatos para testar suas novas compreensões. Ele comporta-se mais como um pesquisador tentando modelar um sistema especializado do que como um “especialista” cujo comportamento é modelado.

Como podemos observar, diante dessas experiências do inesperado e do não saber, é que surge o saber. São em casos inesperados e instáveis que surge a oportunidade que leva o profissional a refletir. E essa reflexão é o novo design do perfil do professor para o ensino e a aprendizagem dentro dessa proposta de Schön.

Em consonância com esse perfil de profissional docente, Imbernón (2001, p. 15) defende que é necessário “formar o professor na mudança e para a mudança por meio do desenvolvimento de capacidades reflexivas em grupo, e abrir caminho para uma

verdadeira autonomia profissional compartilhada [...]”. Mudança é a palavra-chave. Logo, o processo de ensino não pode ser estático. Os planejamentos também não. Os aspectos extraordinários não minimizam, nem excluem, o planejamento didático do professor. A didática, portanto, favorece um planejamento que traz consigo a concepção de aluno, bem como sobre a função social do ensino e, sobretudo, do aluno que se quer formar.

Nesta disciplina aprendemos sobre a importância e os elementos constitutivos de um bom planejamento. Isso me possibilita uma melhoria na minha prática profissional junto aos professores com os quais trabalho. Aprendi a fundamentar melhor o planejamento, elencando e pontuando devidamente, as partes imbricadas desse plano. A esse respeito, para Fonseca (2020, p. 88), “o professor consciente do processo educativo e que aspira a desenvolver um bom trabalho pedagógico com base na Didática, quando entra na sala de aula, sabe o que pretende realizar e aonde quer chegar, isto é, ele tem em mente, ainda que de forma implícita, os objetivos que quer atingir”.

Podemos ver a grande importância da didática no processo educativo e sua função teórica e prática no trabalho profissional docente. Fonseca também associa esta relação (2020, p. 78), pois compreende que “o professor tem como papel principal garantir uma relação didática entre ensino e aprendizagem através da arte de ensinar, pois ambos fazem parte de um mesmo processo”.

Conjuntamente com a disciplina Noções de Didática, destaco as contribuições de Práticas Pedagógicas na Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Esta disciplina nos faz refletir sobre as práticas educacionais na educação profissional integrada à EJA, visando contribuir com o professor, no planejamento, na execução e na avaliação de atividades didáticas, tendo

consciência do seu papel como mediador no processo de ensino aprendizagem. Isso se materializa quando fomos orientados a desenvolver, como pré-requisito de avaliação, um projeto interdisciplinar aplicado à integração da proposta do curso.

Sendo assim, o desafio de construir um Projeto Interdisciplinar nos ajudou a aprender concretamente, imersos nos elementos fundamentais de um projeto pedagógico. A realização de um projeto interdisciplinar gera a atividade coletiva e cooperativa, permitindo ao estudante vivenciar múltiplas relações com o exterior e afirmar-se vivenciando a experiência positiva do confronto com os outros e experimentando a solidariedade, pois eles executam suas atividades

interagindo e comprometendo-se com os colegas e o trabalho (Martins; Barros, 2020, p. 35).

Parece que, cada vez mais, a realidade da educação requer do professor a solução para as dificuldades de aprendizagens e problemas inerentes à educação. Tais problemas podem ser a ponte para o diagnóstico de dificuldades educativas e para a criação de estratégias que possibilitem uma intervenção solucionadora para esses conflitos, através do ensino por projetos como uma ferramenta pedagógica coadjuvante e eficaz.

É justamente na atuação pedagógica escolar e extraescolar que o professor conduz as práticas da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos. Para Libânio, essas duas esferas não são divergentes, mas campos de atuação distintos, pois,

A escolar envolve as atividades propriamente docentes, do ato de ensinar; a de especialistas, desenvolvendo atividades de supervisão, coordenação, administração e gestão escolar, dentre outras; e, ainda, atividades pedagógicas para escolares, atuando como instrutores, técnicos, em associações populares, na educação de adultos, etc. (LIBÂNIO, 2008, p. 58).

Entretanto, as esferas de atuação docente no contexto EJA/PROEJA requerem uma especificidade de ensino intrínseca. Martins e Barros (2020, p. 91, *apud* Martins, 2018) apresentam uma entrevista com professores que lecionam no PROEJA do IFRN sobre as estratégias de ensino para esse público:

a) Levantamento de conhecimentos prévios – importância de identificar os conhecimentos prévios dos estudantes, para depois fazer as intervenções pedagógicas adequadas em sala de aula; b) Caracterização dos referentes culturais do estudante – necessidade de conhecer o estudante, a sua comunidade, o seu meio de vida e seu contexto social que oferecem as bases para uma práxis transformadora, tendo como subsídio os dados recolhidos das visitas e de suas conversas com os estudantes; c) Atividades de orientação prática – em que se associam os conteúdos às experiências da vida e do trabalho; d) Planejamento das aulas – em função do conhecimento prévio do estudante e de suas vivências experienciais.

Saliento os resultados das letras “c” e “d”. Confirma que esse público necessita de algo mais prático, funcional, aplicativo à vida e ao trabalho. Penso que este é o grande desafio para a Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos que irei enfrentar no meu fazer profissional. Entretanto, já sabemos que caminho percorrer: o caminho da praticidade.

Essas foram as disciplinas que, na minha ótica, contribuíram significativamente com propostas práticas para a EJA. Propostas que apontam caminhos para superação dos desafios de um público-alvo que, por si só, já traz motivos para não querer estudar e para desistir, contudo, esses caminhos trazem possibilidades de um novo tentar, um novo caminhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-me um pouco estranho falar de si mesmo em um trabalho acadêmico. Ao mesmo tempo, é prazeroso compartilhar, sem censura, o que aprendi e ressaltar durante o curso. Desde o início da especialização, a minha expectativa e anseio era que ele me traria ferramentas e me ajudaria na solução de problemas e desafios da prática pedagógica no contexto da modalidade EJA/PROEJA. De fato, não me enganei. Adquiri conhecimentos teóricos e práticos que contribuirão para a minha atividade profissional junto aos professores dessa modalidade de ensino, visando aperfeiçoar o processo de ensino rumo ao sucesso individual dos alunos e, por conseguinte, institucional com a escola.

O curso trouxe benefícios valiosos para a prática pedagógica, apontando caminhos viáveis, plausíveis de se caminhar, próprios da pedagogia de Freinet, aplicados à pedagogia de Paulo Freire. Desta forma, considero que o caminho a ser percorrido na EJA é mais do que uma teoria, é um método formativo possível de instigar um público com necessidades sócio emocionais específicas e tão carentes de oportunidades.

Nesse sentido, na construção desse texto, muitas vezes, via-me como personagem e, ao mesmo tempo, autor do texto, pois os meus desafios de vida são compatíveis com a realidade aqui refletida. Logo, a tessitura desse texto, muitas vezes vai refletir uma experiência de vida de alguém que aprendeu a caminhar, e, ao caminhar, que o caminho é a educação.

Ao concluir este curso, percebi a necessidade de mudanças. O poder de decisão de algumas dessas mudanças sobressaem o âmbito escolar, mas, outras, podem e devem começar a partir da realidade cotidiana da escola. Com este curso aprendi a importância

de um bom planejamento pedagógico. Um plano alinhado ao perfil do aluno que temos na EJA/PROEJA, a mudança começa por aí.

Também despertei para praticar a pedagogia de projetos com esse público escolar. A pedagogia de projetos é uma ferramenta metodológica que nos permite trabalhar com os alunos diversas problemáticas com temas afins, quer sejam curriculares, transversais ou profissionalizantes. Faremos o possível para buscar parcerias que possam tornar essa ideia uma realidade. Aliado a isso, efetivar um plano de letramento digital para os alunos da EJA/PROEJA, de modo a garantir autonomia tecnológica e capacitação para o trabalho. Subjetivamente, estas são algumas expectativas que nutrem o desejo de contribuir para a minha atuação profissional, junto aos professores e docentes, para melhoria e aperfeiçoamento da escolarização/profissionalização dos alunos da modalidade EJA/PROEJA.

Nas minhas considerações finais, gostaria de, mais uma vez, abrir meu coração. A produção deste trabalho me deu a oportunidade de despertar memórias e sentimentos, recordações marcantes outrora perdidas, guardadas comigo que, agora, posso compartilhá-las e eternizá-las. Eu me senti valorizado, senti a minha história de vida ser valorizada, senti-me sujeito político do meu próprio saber, autônomo na forma de pensar e expor as minhas ideias e impressões, senti-me ator principal de uma história dramática com final feliz. Aos meus Professores e Professoras, só tenho gratidão, e, posso dizer, sou um retalho pedagógico, fruto de uma junção de cada um(a).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. F. C. **A modalidade EaD: limites e possibilidades** (livro eletrônico). Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/307655/mod_resource/content/2/Livro_1_Unid_1.pdf. Acesso em: 12 jul. 2022.

ARAÚJO, M. F.; GASPAR, M. M. G. S.; PASSEGI, M. C. Memorial – Gênero textual (Auto) biográfico *In*: ANAIS do VI SIGET. Anais do SILEL, v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. UFRN, 2011.

BARACHO, M. G.; NÓBILE, V. C. **Fundamentos da educação profissional integrada à EJA** (livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020.

DOURADO, L. S. O memorial de formação: notas sobre estilo de um gênero discursivo. *In*: Anais do SILEL, v. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

FONSECA, C. M. F. **Noções de didática** (livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, na modalidade a distância (Pós-Graduação Lato Sensu)**. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/353178/mod_resource/content/1/ppc_Esp e_Praticas_AssertivasEdu_EJA.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, F. I. B. B.; BARROS, R. B. **Práticas pedagógicas na educação profissional integrada à educação de jovens e adultos** (livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020.

SCHÖN, D. **Educando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVA, A. N. B.; ALMEIDA, E. F. C. **Tecnologias Educacionais Aplicadas à Educação Profissional integrada à EJA** (livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020.

SOARES, M. **Novas Práticas de Leitura e Escrita**: Letramento na Cibercultura. Acesso em: 11 jul. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SANTOS-MARQUES, I. **Notas sobre a produção escrita do gênero discursivo memorial de formação**. Disponível em: https://ead.ifrn.edu.br/ava/academico/pluginfile.php/353137/mod_resource/content/2/MEMORIAL-NOTAS-DE-AULA.pdf. Acesso em: 01 jul. 2022.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS SOBRE A TRAJETÓRIA IDENTITÁRIA DE UM DOCENTE EM CONSTANTE FORMAÇÃO

WENDELL PENHA SIMÕES MACHADO

Orientadora: Profa. Cleuneide Rodrigues de Souza.

Começar a escrever um memorial de formação, gênero discursivo e autobiográfico, é muito mais que uma etapa de reflexão sobre o processo de formação. Nele posso narrar, dialogar e contar histórias importantes da minha trajetória e, sendo o narrador posso também ser o protagonista da escrita, escrevendo uma biografia abordando a minha vida escolar, acadêmica e profissional, apresentando os entrelaçamentos entre elas, mostrando como somos resultado de tudo que vivemos. Esse percurso começa e caminha pelo conhecimento da leitura do mundo e da palavra, pois como bem disse Freire (1989, p. 7), “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. [...] aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Este memorial de formação foi elaborado para formalizar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), etapa final da pós-graduação *lato sensu*, Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), com Ênfase em Gestão, ofertada na modalidade de Educação à Distância (EaD) pelo Campus Avançado Natal - Zona Leste do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). A referida pós-graduação teve início em março de 2021, em 11 (onze) polos/municípios, localizados em 10 (dez) estados do país, dentre eles o polo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) do município de Salvador/BA no qual cumpri minha jornada de formação.

Essa formação teve como objetivo geral desenvolver uma educação de qualidade na perspectiva de uma formação continuada para gestores, professores, tutores da Educação a Distância (EaD), além dos técnicos educacionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional, tanto na modalidade presencial como a distância, articulada à EJA, nas esferas federal, estadual e municipal. O curso teve, também, uma abordagem que buscava envolver os estudantes em sua própria formação continuada na modalidade EaD, de modo que nos levasse a refletir sobre as contribuições das tecnologias educacionais da informação e comunicação à nossa prática pedagógica e de gestão.

Nesse sentido, cumpre observar que a principal motivação para que eu cursasse esta formação foi a necessidade de adentrar ainda mais na educação profissional integrada a EJA, principalmente por estar atuando como gestor da educação profissional em uma rede estadual pública de ensino, onde a oferta tem sido expandida ao longo dos anos. O desafio é grande, porém com a formação consegui ampliar os conhecimentos e me preparar melhor

para atuar junto a um público que tanto necessita de olhares atentos e sensíveis que busquem conhecer a realidade e a necessidade de cada turma, curso, escola e município que realiza a oferta para jovens e adultos, que buscam retomar seus processos formativos, buscando melhores oportunidades.

Dessa forma, me proponho nesse trabalho realizar um resgate histórico da minha trajetória estudantil, acadêmica e profissional dialogando com Freire (1989, 1996, 1997), Buarque (2012), Jonassen (2007), dentre outros teóricos que dialoguem com os tópicos tratados ao longo do trabalho. Quero ainda destacar contribuições que foram significativas para a construção da minha identidade profissional de educador.

Para tanto, este Memorial está dividido em quatro capítulos: o primeiro é introdutório onde contextualizo o trabalho e informo qual gênero será utilizado para condução do processo de escrita; no segundo, faço uma narrativa autobiográfica sobre a minha trajetória, com os caminhos que conduziram meu processo estudantil, acadêmico e profissional, onde relato os aspectos mais relevantes do percurso e faço a conexão com as disciplinas cursadas, mostrando o quanto significativas foram para o meu processo de formação e contribuíram para ressignificar minha atuação como docente e como gestor; no terceiro capítulo, apresento algumas reflexões sobre a formação e a minha experiência profissional na EJA/PROEJA, buscando analisar e refletir toda a minha trajetória na escola e no processo de gestão. No quarto capítulo, trago minhas considerações finais sobre o trabalho, contextualizando o período em que o processo ocorreu, junto com a pandemia do Coronavírus (COVID-19), que mudou completamente nossos planejamentos e rotinas, e como participar do curso foi importante para me preparar para entender este novo momento, buscando relacionar o

que foi aprendido na formação com as necessidades e os desafios do processo de educar.

Assim, quero aqui ressaltar o quanto esta experiência da escrita reflexiva da minha trajetória acadêmica e profissional, por meio do memorial de formação, contribuiu para continuidade da minha jornada pessoal e profissional, principalmente na atuação junto a educação de jovens e adultos em um estado cuja a população tanto necessita. Apreendi que a perspectiva de escrever sobre si para o outro é uma forma de aprender e ensinar, assim como, ensinar é aprender, conforme Cosson (2014, p 27), “ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro”, assim, se escrevo sobre minhas vivências de forma reflexiva dou ao outro o “poder” de refletir a partir da leitura do meu mundo para que o mundo desse outro, também se ressignifique. Nesse ínterim, eu também me torno o “outro” quando no processo de leitura de outros trabalhos do gênero memorial de formação, eu refleti sobre outras experiências e sobre as minhas.

Enfim, espero não somente atender aos requisitos desse trabalho, como critério de avaliação, mas também tornar os conhecimentos adquiridos nesta formação uma prática constante em sala de aula e na gestão escolar.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Meu nome é Wendell Penha Simões Machado, sou capixaba de nascimento (Vitória, ES), mas moro em Salvador, no Estado da Bahia, por escolhas da vida. Sou católico, casado com Clécia e pai de Bento e Maria. Sou filho de Wilca — que já está na eternidade

— e Milton, que escolheu meu nome inspirado no goleiro do seu time do coração, o Fluminense do Rio de Janeiro, e na tradição do “W” na família da minha mãe (Wilca, Wides, Wiron, dentre outros). Tenho uma irmã, Léia, que veio antes de mim e um irmão, Wilber, que veio bem depois de mim.

Sou Pedagogo, graduado pela Universidade Federal do Espírito Santo, com muito orgulho, por ter trilhado minha formação do Ensino Fundamental à Graduação, em instituições públicas, formação essa que apresentarei a partir de agora.

Os primeiros contatos com a escrita foram em casa com minha mãe, Wilca, que era muito preocupada com o letramento dos filhos, dizia que os filhos tinham que chegar na escola sabendo, pelo menos, “escrever o nome”, então lembro-me de várias vezes, aos cinco anos de idade, sentar-se com ela na porta da cozinha de casa para fazer os primeiros rabiscos.

Tínhamos na nossa comunidade, o Bairro da Gurigica, atualmente “Nossa Senhora da Consolação”, em Vitória, no Espírito Santo, uma experiência similar ao que hoje chamamos creche, íamos todas as tardes para a sede social do “Botafogo Futebol Clube”, um clube amador local, para brincar e experimentar um pouco mais das letras, tudo muito lúdico e desprezioso.

No ano de 1981 pela primeira vez, eu entrava em uma unidade escolar, a “Escola de 1º Grau Professor João Bandeira”, escola pública, no meu bairro, mais precisamente na minha rua, era só descer a ladeira, menos de cinco minutos de caminhada, para cursar o que era chamado de pré-primário. Nesta Escola permaneci da pré-escola até a 4ª Série do primeiro Grau, hoje chamado de Ensino Fundamental.

No ano de 1982 cursei o 1o. ano na turma “1ª A” com a Professora Antônia, onde comecei a ler e escrever com mais fluidez.

No ano seguinte, 1983, agora no 2º ano, com a Professora Conceição, na turma “2a. C”, onde lembro de ter perguntado por que estava na turma “C”, e a professora me disse que era porque era a turma dos mais bagunceiros da escola, não fiquei muito feliz com a resposta, mas é sem dúvida, o ano em que tenho lembranças de ver muita bagunça em sala de aula, acredito que a professora estava certa.

Em 1984, cursei o 3º ano, com a Professora Maria Ângela, na turma “3ª B”, ano em que lembro dos concursos de “melhor aluno da escola”, eu queria ganhar, mas minhas notas não impressionavam tanto assim. No ano de 1985, cursei o 4ª ano, com a Professora Ângela Maria, na turma “4ª A”, ano em que os professores viviam nos dizendo que no ano seguinte seria diferente, que teríamos vários professores, e que eles iriam nos “arrochar” e teríamos que estudar muito para “conseguir passar de ano”.

No ano de 1986, um novo ciclo se iniciava, uma nova escola, “Escola de 1º e 2º Graus Carlos Xavier Paes Barreto”, um novo bairro, saio da Gurigica para a “Praia do Suá”, que de praia só tinha o nome, mas que ampliava nossa caminhada para quase 30 minutos de casa para a escola. Lá, iniciando na 5ª Série, começa um novo tipo de ensino, com vários professores diferentes, numa dinâmica de várias disciplinas, cada uma com professores específicos, difícil, porém superada. Em 1987, o primeiro grande desafio, quase fiquei reprovado na 6ª Série, porque não conseguia fazer “equação de 1º Grau”, minha irmã me ajudou e consegui superar.

No ano de 1988, cursando a 7ª Série, foi que adquiri meu primeiro livro, “A Hora do Amor”, do escritor Álvaro Cardoso Gomes, que a Professora Celeste da disciplina de Português, indicou, e toda a turma conseguiu comprar, a livraria entregou na escola e lemos juntos, a cada semana um capítulo de uma história que nos fascinava, pois tratava de questões que estávamos vivendo.

Uma lembrança muito presente deste período do Ensino Fundamental é da Professora Maria do Carmo, da disciplina de História, minha professora favorita de todos estes anos, ela levava o jornal do dia para sala de aula e contextualizava o que estava acontecendo no mundo, no país, no Estado e no município, falando de tudo que influenciou cada fato e os desdobramentos históricos, um exemplo que levo comigo pela vida inteira.

Em 1989, na 8ª Série tive a experiência da única reprovação da minha jornada escolar, ocorrida por total desinteresse da minha parte, pois ia para a escola, mas preferia ficar no pátio, campos e quadras que, para mim, naquele momento eram muito mais interessantes. No ano seguinte, 1990, fui aprovado e finalmente finalizei o 1º. Grau, atual Ensino Fundamental.

No ano de 1991 iniciei mais uma etapa da educação básica, o 2º Grau, agora chamado ensino médio, na mesma escola que cursei a última parte do 1º Grau, porém agora estudando no turno noturno, pois devido a minha reprovação na 8ª Série, minha mãe tinha dito que eu precisava trabalhar pela manhã e estudar à noite, pois ela não iria “criar vagabundo”, as palavras duras me ajudaram a refletir e continuar minha jornada de formação. Iniciei, portanto, o curso técnico em contabilidade integrado ao ensino médio, no turno noturno, já com a experiência de trabalhar durante o dia e estudar à noite. Cursei de 1991 a 1994, era para terminar em 1993, mas devido à greve dos professores, só terminou na metade de 1994. O curso era muito interessante e ajudou muito na minha formação, pois interagia com pessoas de várias idades, que buscavam o ensino noturno como forma de completar a educação básica para melhorar suas carreiras profissionais e traziam diversas questões do dia a dia que me ajudavam a compreender muitas situações ocorridas na sociedade.

Em 1994, ingressei no exército brasileiro, devido ao serviço militar obrigatório. Em 1995 comecei a atuar profissionalmente no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, ainda na área administrativa, mas tendo os primeiros contatos com a educação profissional por meio dos cursos de iniciação, qualificação e aperfeiçoamento profissional, me referindo a nomenclatura que a instituição utilizava. A Lei nº 11.741 de 2008 (Brasil, 2008), que alterou a Lei nº 9.394/1996 (Brasil, 1996), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, atualizou a nomenclatura destes para cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional.

Neste período começa o interesse para atuar na educação, principalmente na educação profissional que eu via mudar a vida de tantas pessoas que passavam pelos cursos do SENAI, mas sabendo que não seria fácil voltar aos estudos, pois não tinha condições de passar no vestibular da Universidade Federal, extremamente segregador e concorrido, que não dava oportunidade para o estudante oriundo da rede pública estadual, nem condições financeiras de pagar pela formação na única Faculdade particular que tinha na minha região, isso tudo adiou um pouco a continuidade dos meus estudos, até que em 1999, apelando para cursos privados, chamados, pré-vestibulares, finalmente eu consegui ser aprovado no vestibular e finalmente iniciar meu processo de graduação.

No mês de agosto do ano de 2000, iniciei minha trajetória na Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Fui aluno da 1a. turma de Pedagogia do turno noturno da UFES, um marco histórico e um desafio para quem já estava atuando há cinco anos em uma instituição de Educação Profissional, o SENAI, agora em uma nova unidade escolar que

ofertava também cursos técnicos de nível médio subsequentes ao ensino médio. Isso me ajudou a trazer para a Universidade vários questionamentos que eu tinha sobre o processo de formação profissional, principalmente sobre a articulação do ensino médio com os cursos técnicos de nível médio, nas formas integrada, concomitante ou subsequente, dentre outros questionamentos e debates que ocorriam ao tempo que meu processo de formação seguia seu curso. Estive vinculado ao SENAI por 20 anos, de 1995 a 2015, período de muitas mudanças na legislação educacional que trata da educação profissional, isso contribuiu muito para minha atuação como educador.

Devido a minha experiência já relatada, fui convidado em 2017 para atuar como gestor na Secretaria da Educação do Estado da Bahia - SEC, especificamente na Superintendência da Educação Profissional e Tecnológica - SUPROT, onde venho tendo a oportunidade de vivenciar a realidade de uma Rede Estadual Pública de Ensino, participando e ajudando a deliberar sobre a oferta e desenvolvimento de cursos técnicos de nível médio, inclusive cursos integrados ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos, que na Rede Estadual tem a sigla de PROEJA, devido ao Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, que deu origem a oferta. A Rede Estadual da Bahia tem o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, como oferta de cursos técnicos de nível médio, o que pressupõe o trabalho como princípio educativo, e não como formação para o exercício do trabalho. Entendo que esta experiência pode auxiliar o estudante a se tornar sujeito de sua própria história, profissionalizar-se para exercer seu trabalho de forma ética, autônoma e crítica.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E A EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA EJA/ PROEJA

Ao relembrar minha trajetória pessoal e profissional, comentei sobre o SENAI, onde atuei de 1995 a 2015. Quando cito o SENAI, falo sobre uma instituição privada brasileira de interesse público, originalmente concebida para qualificação profissional dos trabalhadores da indústria, criada pelo Decreto-Lei nº 4.048 de 22 de janeiro de 1942 (Brasil, 1942), em sintonia com as Leis Orgânicas Industrial (Decreto-Lei nº 4.073, de 1942), Comercial Setor Terciário (Decreto-Lei nº 6.141, de 1943) e Agrícola (Decreto-Lei nº 9.613, de 1946), que também tratavam do processo de qualificação profissional, conforme apresentado na disciplina “Fundamentos da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens, Adultos”, no primeiro módulo da formação que me ajudou a compreender a concepção histórico-crítica da Educação Profissional e Tecnológica - EPT e da Educação de Jovens e Adultos - EJA, a partir da década de 1940 a 1980 e os fundamentos, do ponto de vista da legislação, da EJA e da EPT correspondente aos anos de 1940 a 1980 no Brasil, destacando as características essenciais dessas áreas de conhecimento.

Minha primeira experiência na educação profissional foi com a formação inicial e continuada ou qualificação profissional, que conforme previsto no Art. 12 da Resolução CNE/CP 01/2021:

deverão desenvolver competências profissionais devidamente identificadas no perfil profissional de conclusão, que sejam necessárias ao exercício de uma ocupação com identidade reconhecida no mundo do trabalho, consideradas as orientações dos respectivos Sistemas de Ensino e a CBO (Brasil, 2021).

O público que busca qualificação profissional geralmente é o mesmo público que busca a EJA, que é a modalidade de ensino destinada a jovens e adultos “que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria”, conforme Lei nº 13.632/2018 (Brasil, 2018), que em sua maioria trabalham durante o dia e realizam o processo de formação no turno noturno, buscando melhores oportunidades no mundo do trabalho, porém com muitas dificuldades de leitura e escrita, praticamente analfabetos funcionais, conforme explica Perez (2022, p. 1), “indivíduos que, embora saibam reconhecer letras e números, são incapazes de compreender textos simples, bem como realizar operações matemáticas mais elaboradas.”

Silva e Guerra (2014, p. 9) mostram que:

educandos, que tiveram mais uma oportunidade, aliaram-na aos seus sonhos e objetivos de vida, buscaram com determinação e interesse enfrentar todas as barreiras que estivessem impedindo sua independência, sua busca pelo saber e por dias melhores.

Na mesma pesquisa apresentada, Silva e Guerra (2014), explicitam, ao longo do trabalho, que estudantes que frequentam a EJA deixaram de estudar por questões socioeconômicas, a maioria começou a trabalhar cedo; quanto menor a classe social a qual pertencia mais cedo a evasão escolar aconteceu; por questão familiar, como casamento; e por irresponsabilidade, aliada com o desinteresse pela educação.

No processo dessa formação conheci muito da trajetória da educação profissional e da educação de jovens e adultos, principalmente na disciplina “Políticas Públicas para Educação de Jovens e Adultos Integrada a Educação Profissional Presencial e à Distância”, que me apresentou e me levou a discutir as políticas

públicas formuladas e implementadas para a Educação de Jovens e Adultos, integrada à Educação Profissional e Tecnológica de forma a colaborar na formação de gestores, docentes e técnicos para atuarem numa proposta de oferta de educação integrada com essas duas modalidades educacionais.

Estudamos os marcos políticos e regulatórios da EJA e da EPT e, assim, conheci alguns marcos como as Conferências internacionais de Adultos (CONFINTEAs), os Fóruns Mundiais de Educação Profissional e Tecnológica e os Planos Nacionais de Educação (PNEs) (2001-2011) e (2014-2024). Revisitei as características e concepções das políticas educacionais sob a ótica dos Decretos (Decreto 2.208/1997, Decreto 5.154/2004 e Decreto 5.840/2006), bem como os desafios políticos e pedagógicos da oferta de cursos integrados, a análise histórica dos principais programas e projetos destinados à profissionalização de jovens e adultos no Brasil, a partir da década de 1990, além das principais ações de qualificação profissional e social e, em seguida, os Programas de qualificação profissional e elevação de escolaridade, como o PROEJA, Programa Nacional de Inclusão de Jovens - ProJovem, Programa Brasil Profissionalizado, Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC, PRONATEC EJA.

Como experiência profissional, tenho atuado no PRONATEC desde 2018 na SEC, tanto com qualificação profissional quanto com cursos técnicos de nível médio. O PRONATEC foi criado pelo Governo Federal por meio da Lei nº 12.513/2011 (Brasil, 2011), com a finalidade de ampliar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira. A formação me ajudou a compreender como estes programas federais foram concebidos, desenvolvidos e executados ao longo dos anos.

Uma das disciplinas que mais me identifiquei no curso foi a “Coordenação do Trabalho Pedagógico na Educação Profissional integrada à EJA” que estudamos no módulo II, pois atuei durante muitos anos como Coordenador Pedagógico de cursos técnicos subsequentes ao ensino médio. Na Disciplina discutimos o papel da coordenação pedagógica na construção do trabalho pedagógico na educação profissional integrada à EJA e na mediação das relações interpessoais na escola, bem como os aspectos históricos e legais que marcaram a constituição do profissional coordenador pedagógico na escola, além do seu papel, como mobilizador, articulador e mediador, na articulação da proposta pedagógica da escola, da EJA e/ou do PROEJA.

No Módulo III tivemos a disciplina “Gestão da Educação à Distância”, onde tive a oportunidade de estudar os processos de gestão da EAD em seus diversos aspectos como os modelos de gestão, as equipes multidisciplinares, a infraestrutura e a avaliação na EAD, compreender os modelos de gestão necessários ao processo de ensino e de aprendizagem mediado pela Tecnologia da Informação e Comunicação, conhecer as funções de cada sujeito participante da equipe multidisciplinar na oferta de cursos EaD, bem como refletir sobre as condições necessárias para o desenvolvimento de projetos pedagógicos por meio das tecnologias digitais, além de analisar os condicionantes para o desenvolvimento de planos de formação por meio da EAD.

De acordo com Buarque (2012, p. 146), os principais desafios para a formação de educadores para a EJA na era do conhecimento mediado pelas tecnologias da informação e comunicação - TICs, são as seguintes: “o uso dos novos equipamentos, a dinâmica do conhecimento, a presença da mídia, a ausência da família e o conhecimento precoce e a priori dos alunos”.

Todo esse conteúdo ministrado ao longo do curso foi importante para refletir a minha experiência vivida na SEC, que por meio da SUPROT, implantou, no ano de 2020, durante a pandemia do Coronavírus (COVID-19), a oferta de cursos de formação inicial e continuada dos programas federais PRONATEC e “Qualifica Mais/Emprega Mais” na modalidade EAD.

No Módulo IV, tivemos a disciplina “Gestão da Educação Profissional e da EJA”, que nos apresentou os conceitos e fundamentos da gestão educacional, os principais tipos de gestão educacional: técnico-científico ou funcionalista, democrático-participativa e autogestionário. Vivenciar este conteúdo me ajudou a compreender a gestão da educação como processo de direcionamento e mobilização capazes de sustentar e de dinamizar o modo de ser e de fazer das escolas, visando realizar ações conjuntas, associadas e articuladas, pensando no objetivo comum da qualidade do ensino e aprendizagem e seus resultados. Isso tudo impacta diretamente no que se entende por planejamento e desenvolvimento da educação e da escola e, nisso, implica aprofundamento sobre a natureza de cada instituição educativa, bem como, suas finalidades e as prioridades institucionais, os processos de participação e decisão, em âmbito nacional, nos sistemas de ensino e nas escolas.

Acredito que na gestão educacional democrático-participativa, a organização parte da coletividade de sujeitos, os quais compõem a escola, considerando as diferentes intenções, interesses, objetivos e relações no contexto em questão. Assim, os processos organizacionais das escolas são complexos e, às vezes, até contraditórios, por isso nunca serão neutros, mas construídos através da participação democrática de professores, estudantes e demais membros da comunidade escolar.

Todo esse conteúdo tem me ajudado muito, pois atualmente vivo a experiência de ser gestor na SUPROT da SEC, onde temos a oferta de cursos técnicos integrados ao ensino médio, integrados ao ensino médio na modalidade de jovens e adultos (PROEJA), concomitantes ao ensino médio e subsequentes ao ensino médio, além da oferta de cursos de formação inicial e continuada (FIC) vinculadas ao PRONATEC, nas formas presenciais e à distância, onde tenho atuado diretamente no processo de expansão dos cursos técnicos para todos os municípios do Estado, priorizando a oferta PROEJA e, assim, visando gerar oportunidades de formação profissional que busquem também a recuperação/elevação da escolaridade dos estudantes. Cada novo curso é dialogado pensando na realidade de cada Território de Identidade, Município, Escola e comunidade envolvida, buscando criar ofertas que possam atender aqueles que mais precisam com condições de acesso, permanência e sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do Coronavírus (COVID-19) que vivemos desde o início de março de 2020, nos trouxe diversos desafios, reflexões, mas também oportunidades, como foi vivenciar a realização de um curso de Especialização em Práticas Assertivas em Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN.

No meio de tantas incertezas, participar de um processo de formação tão gratificante me ajudou a entender que o momento difícil ia passar e que precisava me preparar para esse novo momento da sociedade, pois sabia que a pandemia aumentou ainda mais o

abismo social da sociedade brasileira e quem vivencia o processo da educação precisa entender este novo momento.

Sabemos que a pobreza do nosso povo aumentou, que o acesso às tecnologias não são para todos, mas sabemos que a tecnologia, quando acessível, ocupou o lugar que antes era dos livros e das revistas, o telefone celular ganhou um protagonismo que nenhum outro equipamento ocupou na história, com a possibilidade de um simples clique você poder assistir vídeos, ouvir áudios, ler escritos, conversar com pessoas, dentre tantas outras utilidades que nos fazem ser monopolizados por aquele pequeno aparelho. Vivemos o desafio de ser educadores neste novo tempo e saber utilizar a tecnologia a serviço do processo de formação.

Na disciplina “Tecnologias Educacionais aplicadas à Educação Profissional integrada à EJA” conheci os conceitos e elementos constitutivos das tecnologias educacionais para o processo de ensino e aprendizagem, com vistas a percebê-las como instrumento para a melhoria da qualidade desse processo. Conheci também as tecnologias e as metodologias ativas de aprendizagem, além de artefatos tecnológicos digitais, tais como, aplicativos, computação em nuvem e outros meios tecnológicos aplicados à ação pedagógica.

Tudo isso para nos ajudar a implementar projetos de aprendizagem utilizando tecnologias digitais da informação e comunicação, pois um dos desafios que enfrentamos e enfrentaremos é a constante evolução dos equipamentos possíveis de serem utilizados para as aulas. Outro desafio é a dinâmica do conhecimento no que se refere à dinamicidade do saber, onde os conhecimentos ficam rapidamente obsoletos, então cabe ao educador acompanhar a velocidade e a agilidade da informação e, a sua consequente transformação em conhecimento.

A presença da mídia também se mostra um desafio no que se refere ao fato de o estudante da escola atual viver uma infinidade de elementos externos à sala de aula, os quais constroem parte do seu próprio saber, que se amplia e se complementa a cada momento. Outras dificuldades que enfrentamos para formação de educadores para a EJA na era do conhecimento mediado pelas tecnologias da informação e comunicação – TICs são a falta de experiência dos professores com EAD e a adequação da metodologia de ensino para a oferta EAD.

Buarque (2012, p. 157) nos mostra que mesmo imerso em toda a tecnologia disponível, “o professor continua sendo o centro do processo pedagógico”, visto que ele, agora, poderá conduzir sua sala de aula com um expressivo número de estudantes, todos conectados. No entanto, Jonassen (2007, p. 76) enfatiza não ser suficiente o professor desenvolver competências tecnológicas, mas, sobretudo, “desenvolver competência pedagógica capaz de realizar uma leitura crítica das informações que, muitas vezes, estão difusas na internet”. Conforme Buarque (2012, p. 145) o que vemos é que o professor terá de se reformar, reinventar-se, ele precisa ser capaz de oferecer o máximo de recursos a seus estudantes.

Como afirma Freire (1996, p. 21), “educar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Vivenciar esse processo de formação me reconectou com meu papel de educador no posicionamento como mediador dessas diversas linguagens e oportunidades educativas.

Creio que a questão fundamental diante de que devemos estar, educadoras e educadores, bastante lúcidos e cada vez mais competentes, é que nossas relações com os educandos são um dos caminhos de que dispomos para exercer nossa intervenção na realidade a curto e a longo prazo. Neste sentido e não só neste, mas em

outros também, nossas relações com os educandos, exigindo nosso respeito a eles, demandam igualmente o nosso conhecimento das condições concretas de seu contexto, o qual os condiciona. Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem Freire, .

Atualmente no processo de gestão da educação profissional da rede estadual pública do estado da Bahia, reafirmo que esta formação me ajudou a continuar conduzindo meu trabalho, buscando contribuir na criação de possibilidades para a construção e produção de conhecimentos por aqueles e aquelas que nos buscam e precisam tanto da nossa mediação para o sucesso de sua jornada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. F. C. **Fundamentos da EAD e ambientação virtual** (Livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1932>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- BARACHO, M. G.; NÓBILE, V. C. **Políticas públicas para educação de jovens e adultos integrada à educação profissional**. Natal: IFRN, 2020. (Livro eletrônico). Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1935>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- BARACHO, M. G.; NÓBILE, V. C. **Fundamentos da educação profissional integrada à EJA** (Livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1934>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- BEZERRA, Edneide da Conceição. **Coordenação do trabalho pedagógico na educação profissional integrada à EJA** (Livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1966>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 13.632, de 06 de março de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida., Brasília, DF, 2018.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP 01/2021**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2021.
- BUARQUE, C. **Formação e invenção do professor no século XXI**. In: LITTO, Frederic; FORMIGA, Marcos (org.). Educação a distância: o estado da arte, São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.
- CAVALCANTE, I. F. **Produção de textos científicos**. Natal: IFRN, 2020. (Livro eletrônico). Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1933>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FONSECA, C. M. F. **Noções de Didática** (Livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1936>. Acesso em: 30 jun. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

JONASSEN, D. H. **Computadores, ferramentas cognitivas**: desenvolver o pensamento crítico nas escolas. Porto: Porto Editora, 2007.

MOTTA, T. C. **Gestão da Educação Profissional e EJA** (livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/2094>. Acesso em: 30 jun. 2022.

PEREZ, L. C. A. **"Analfabetismo funcional"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/analfabetismo-funcional.htm>. Acesso em: 08 jul. 2022.

QUEIROZ, R. S. P. **Teorias, planejamento e práticas de projetos curriculares pedagógicos**. Natal: IFRN, 2020. (Livro eletrônico). Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/2093>. Acesso em: 30 jun. 2022.

ROCHA, F. A. F. **Organização e normas aplicadas à administração, planejamento e avaliação institucional**. Natal: IFRN, 2020. (Livro eletrônico). Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1965>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SANTOS-MARQUES, I. B. A. **Práticas de letramento na EJA**. Natal: IFRN, 2020. (Livro eletrônico). Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1967>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SENA NETO, B. G. **Gestão da educação a distância**. Natal: IFRN, 2020. (Livro eletrônico). Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1969>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SILVA, A. N. B. **Planejamento educacional em EaD para EJA** (Livro eletrônico). Natal: IFRN, 2020. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1970>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SILVA, A. N. B. **Tecnologias Educacionais Aplicadas à Educação Profissional integrada à EJA**. Natal: IFRN, 2020. (Livro eletrônico). Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1968>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SILVA, M. I. M. S.; GUERRA, M. J. **Os impactos da escolarização tardia na EJA: um desafio a ser vencido na vida de adultos das camadas populares**. Congresso Internacional de Educação e Inclusão. Campina Grande-PB, 2014.

SOBRE OS ORGANIZADORES



OTÁVIO AUGUSTO DE ARAÚJO TAVARES

Possui Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1979) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2000). Atualmente é aposentado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN (IFRN) e da Universidade Federal do RN. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Básica integrada com a Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, Educação Superior e Reconhecimento de saberes para certificação profissional, a partir da experiência em cinco países da Região do Mercosul, como consultor da Organização dos Estados Americanos - OEA, exercendo a função de Coordenador na Região do Cone Sul do Projeto denominado "Gestión y Certificación Escolar para la Formación y Acreditación de Competencias Laborales y Claves en el II nivel de la educación secundaria". De janeiro de 2012 até

março de 2017, foi Coordenador Geral do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego / PRONATEC/Bolsa Formação no IFRN na oferta de cursos de Formação Inicial e Continuada, em doze unidades no âmbito do RN. A partir de dezembro de 2017 assumiu a Coordenação Geral do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada a EJA na modalidade EaD no Campus Zona Leste – EaD do IFRN. O curso está sendo desenvolvido em 26 polos no Brasil com um total de 800 alunos e objetiva preparar servidores federais, estaduais, municipais e da rede privada, para atuarem com competência em docência e gestão na EJA, tendo sido finalizado em 2022. A realização do curso foi feita em parceria com o MEC/SETEC e a FUNCERN, sendo esta como gestora dos recursos. Integra também, o Conselho Estadual de Educação do RN, já tendo feito parte durante sete anos, em funções de confiança na SEEC/RN, como Assessor Técnico e de Planejamento, Secretário Adjunto da Educação e Secretário de Estado da Educação, no período correspondente aos anos de 2007 a 2010. Atualmente se encontra novamente integrando o Conselho Estadual de Educação do RN.



MARIA ADILINA FREIRE
JERÔNIMO ANDRADE

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2002), Mestre em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN (2016). Doutora em educação pelo programa de pós-graduação em educação do IFRN, na linha de pesquisa História, Historiografia e Memorial da Educação Profissional. Atualmente é pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Atua na área da educação principalmente nos seguintes temas: PROEJA, Currículo, Educação Profissional, história das instituições escolares.



JOSÉ ROBERTO OLIVEIRA SANTOS

Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais na UFRN. Atualmente é professor de Sociologia e diretor do Campus Avançado Natal - Zona Leste do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área da Educação e Antropologia da Religião, atuando com os temas: preconceito e intolerância religiosa, educação étnico-racial, formação de professores, educação profissional e tecnológica na modalidade EAD. Atuou na Coordenação Geral do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada a EJA na modalidade EaD no Campus Zona Leste – EaD do IFRN, no período de 2021 a 2022.



PATRÍCIA CARLA DE MACÊDO CHAGAS FARIA

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Mestre em Educação pela UFRN, na linha de pesquisa de Práticas Pedagógicas e Currículo. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Minho, área de Desenvolvimento Curricular. Professora de Didática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte IFRN, no Campus Avançado Natal - Zona Leste. Atua como docente do eixo didático-pedagógico, desenvolve estudos e pesquisas nas áreas de formação de professores, pesquisa autobiográfica, educação a distância e Educação de Jovens e Adultos. Atuou na Coordenação Pedagógica do Curso de Especialização em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada a EJA na modalidade EaD, no Campus Zona Leste – EaD do IFRN, no período de 2019 a 2022. e-mail: patricia.chagas@ifrn.edu.br



IVONEIDE BEZERRA DE ARAÚJO SANTOS-MARQUES

É professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN); professora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL/UFRN). Possui doutorado em Estudos da Linguagem pela UFRN e Pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas/Unicamp sob a supervisão da Profa. Dra. Angela Bustos Kleiman. É membro fundadora do Cátedra Paulo Freire no RN, do Comitê gestor de alfabetização e letramento na EJA (SEEC/RN), dos grupos de pesquisa “Letramento e etnografia” (UFRN); “Letramento do professor” (Unicamp/SP) e líder do Grupo de pesquisa “Letramentos Educação e Identidade” (IFRN), atuando, principalmente, nos seguintes temas: ensino de Língua Portuguesa; alfabetização; letramentos, formação de professores, Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Tecnológica e Educação a Distância. e-mail: lvoneide.bezerra@ifrn.edu.br



Composto na

CAULE DE PAPIRO GRÁFICA E EDITORA

Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite

Pitumbu | Natal/RN | (84) 3218 4626

cauledepapiro.com.br

 editora
CAULE DE PAPIRO®

ISBN 978-65-5477-064-4



9 786554 770644 >

